



**UFAM**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA  
NA AMAZÔNIA - PPGSCA**

**TESE DE DOUTORADO**

**REDES SOCIAIS DIGITAIS: USO, POTENCIALIDADES E  
FRAGILIDADES NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE  
ADOLESCENTES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE MANACAPURU  
NO AMAZONAS**

**JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ**

MANAUS -AM

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA**  
**NA AMAZÔNIA - PPGSCA**

**JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ**

**REDES SOCIAIS DIGITAIS: USO, POTENCIALIDADES E**  
**FRAGILIDADES NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE**  
**ADOLESCENTES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE MANACAPURU**  
**NO AMAZONAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas como requisito básico para obtenção do Título de Doutora na Linha de Pesquisa Redes, Processos e Formas de conhecimento.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Odenei de Souza Ribeiro

MANAUS-AM  
2022

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Queiroz, Joristela de Souza  
Q3r      Redes sociais digitais : uso, potencialidades e fragilidades na  
construção identitária de adolescentes escolares no município de  
Manacapuru no Amazonas / Joristela de Souza Queiroz . 2022  
247 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Odenei de Souza Ribeiro  
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. Internet. 2. Redes sociais. 3. Adolescentes. 4. Identidade. I.  
Ribeiro, Odenei de Souza. II. Universidade Federal do Amazonas  
III. Título

JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ

**REDES SOCIAIS DIGITAIS: USO, POTENCIALIDADES E  
FRAGILIDADES NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE  
ADOLESCENTES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE MANACAPURU  
NO AMAZONAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas como requisito básico para obtenção do Título de Doutora na Linha de Pesquisa Redes, Processos e Formas de conhecimento.

BANCA EXAMINADORA

---

Profº Dr. Odenei de Souza Ribeiro – Orientador  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Presidente

---

Profº Dr. Harald Sá Peixoto Pinheiro  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Membro da Banca

---

Profº Dr. Michel Justamand  
Membro da Banca  
Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

---

Profº Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos  
Membro da Banca  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

---

Profº Dr. Nilton Paulo Ponciano  
Membro da Banca  
Instituto Federal do Amazonas - IFAM

*Ao Homem que transpirava Amor, meu Pai José Ribamar mendes de Queiroz (**In memoriam**). Ele foi de um tempo de respeito e de mais crença no futuro.  
À minha mãe por ser fortaleza e espírito de luta em todos os dias de minha vida.  
Ao esposo, Messias Furtado, por sempre incentivar e apoiar incondicionalmente, o meu crescimento, colaborando na realização de sonhos.  
Aos meus filhos, Jayanne, Paula, Max, Jaiandra e João que trazem luz e alegria à minha vida, elementos fundamentais para a paz de espírito.  
Aos meus netos Diego, Ana, Gustavo, Marcos e Maria por me fazerem curiosa e buscar na ciência do amor minhas explicações.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é a ação mais leve deste trabalho e ao mesmo tempo a de grande responsabilidade, pois o feito da tessitura destes escritos se deu de forma tão coletiva que é quase improvável que não cometa algum deslize.

Por tudo dai graças, pois esta é a vontade de Deus a vosso respeito, em Cristo Jesus (1 Ts 5, 18). Então, primeiramente, agradeço a **DEUS** pela permissão divina da existência e da inexplicável força para continuidade de lutas, mesmo encontrando intempéries em tempos tão sombrios.

À **Universidade Federal do Amazonas** por permitir que sonhos se realizem, contribuindo com a construção científica e a potencialização da inovação do conhecimento por meio da pesquisa.

Ao meu orientador Professor Doutor **Odenei de Souza Ribeiro** pela cumplicidade deste feito que, de modo sereno e sensível, ajudou-me a ajustar as velas do barco. Parceria é via de mão dupla e sua ajuda foi fundamental na referenciação desta composição e nos ajustes de argumentações.

À Banca de Exame de Qualificação formada pelos Doutores: **Iraildes Caldas Torres, Harald Sá Peixoto, Michel Justamand**, que de forma tão magnífica, partilharam saberes, abrindo estradas de indagações, mas ao mesmo tempo, direcionando caminhos mais seguros na caminhada.

A todos os companheiros de jornada do Curso de Doutorado Sociedade e Cultura na Amazônia, de modo especial: **Jamesclay, Erika, Alessandra, Lupuna e Daniela**, com eles, dividi angústias, ideias e esperanças e, quando no meio do caminho quis esmorecer e desistir, eles estenderam as mãos motivando-me a continuar.

E, não por fim, mas enfim, ao esposo **Messias Furtado**, por ter sido tão paciente, tão companheiro e compreensivo nos momentos de ansiedade e impaciência. Ele foi fundamental à garantia do meu bem-estar emocional, com palavras de otimismo e orgulho da minha luta, deixando isso bem claro e evidente. Sim, isso é amor, “E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria”. (Bíb. 1 coríntios, 13:1)

## EPÍGRAFE

### *Anjos Tronchos*

*Uns anjos tronchos do Vale do Silício  
Desses que vivem no escuro em plena luz  
Disseram: Vai ser virtuoso no vício  
Das telas dos azuis mais do que azuis  
Agora a minha história é um denso algoritmo  
Que vende venda a vendedores reais  
Neurônios meus ganharam novo outro ritmo  
E mais, e mais, e mais, e mais, e mais  
Primavera árabe  
E logo o horror  
Querer que o mundo acabe-se  
Sombras do amor  
Palhaços líderes brotaram macabros  
No império e nos seus vastos quintais  
Ao que revêm impérios já milenares  
Munidos de controles totais  
Anjos já mi, ou bi, ou trilionários  
Comandam só seus mi, bi, trilhões  
E nós, quando não somos otários  
Ouvimos Schoenberg, Webern, Cage, canções  
Ah, morena bela  
Estás aqui  
Sem pele, tela a tela  
Estamos aí  
Um post vil poderá matar  
Que é que pode ser salvação?  
Que nuvem, se nem espaço há?  
Nem tempo, nem sim, nem não  
Sim, nem não  
Mas há poemas como jamais  
Ou como algum poeta sonhou  
Nos tempos em que havia tempos atrás  
E eu vou, por que não? Eu vou, por que não? Eu vou  
Uns anjos tronchos do Vale do Silício  
Tocaram fundo o minimíssimo grão  
E enquanto nós nos perguntamos do início  
Miss Eilish faz tudo do quarto com o irmão*

Caetano Veloso

## RESUMO

O estudo trata-se de uma Pesquisa Empírica Exploratória com Abordagem Qualitativa, foi desenvolvido com alunos e professores do Ensino Fundamental de uma Escola Pública do Município de Manacapuru no Amazonas, especificamente, com ênfase em adolescentes “plugados na internet”, inseridos nas mais diferentes plataformas de redes sociais digitais. Os estudos da Teoria da Complexidade de Edgar Morin (2008), auxiliaram de forma veemente nesta composição, justamente, pela abertura à abordagem multidisciplinar e multirreferenciada para a construção deste conhecimento, que entende os fenômenos como totalidade orgânica, porém compreendendo que vivemos as incertezas, indeterminações e aleatoriedades que direcionam a uma “mistura de ordem e de desordem”. Assim, o pensamento complexo é entendido como essencialmente, o pensamento que incorpora a incerteza e é capaz de conceber a organização. Objetivou-se investigar a influência das redes sociais virtuais na mudança de comportamento e construção de identidades adolescentes. Nos propusemos a identificar interesses e hábitos de navegação nestes espaços, relacionando aspectos subjetivos que os predispunham ao uso intensivo das redes, observando também como a referida escola pública utiliza os recursos da internet no ambiente de aprendizagem, verificando o uso, as potencialidades e fragilidades. Duas frentes de trabalhos paralelos e simultâneos foram integradas na Pesquisa de Campo: uma na escola e outra, no espaço virtual. Por se tratar de estudo relacionado à análise do processo de interações em comunidades virtuais, o método fundamentado por Cristine Hine (2000) da Etnografia Virtual, subsidiou à coleta de dados, pois permitiu responder algumas questões no que diz respeito ao ciberespaço, com abertura para utilização de procedimentos em uma combinação de técnicas variadas que propiciaram imersão profunda no ambiente investigado, tratado por meio de Análise de Conteúdo, exemplificada por Bardin (2009). Buscar aprofundamento teórico nesta temática é, sem dúvida, uma condição necessária de quem vive no espaço amazônico, pois tem sido muito recorrente sua identificação como algo distintamente descontextualizado à vida dos que aqui vivem. Geralmente, muitas interpretações são estereotipadas e associadas às representações e à imagem da floresta como se ela fosse um elemento inferiorizado e à parte das modificações no mundo. Os referenciais confundem a ideia de urbanização e/ ou modernização da região, aumentando o paradoxo de entendimento do que foi, é ou está se construindo. Atrrelados a esta contextualização e realidade amazônica, o entendimento é de que os indivíduos são considerados seres biológicos e culturais, complexos por natureza e, por tal fato, importa-nos pensá-los, a partir da complexidade humana, portanto mergulhar nos estudos sobre identidade requereu a compreensão de sua incompletude, do seu devir, de sua complexa construção e subjetividade. Sendo assim, o pensamento complexo foi embalado pela postura epistêmica, aqui, entendida como práxis que se constitui num novo modo de fazer ciência. Entender a realidade pressupõe ultrapassar preconceitos, interpretar por diferentes áreas do conhecimento, pois as cidades na região Amazônica não são só natureza, elas são socialmente produzidas no tempo e no espaço, são realidades concretas, produzidas por relações sociais determinadas historicamente por gente que faz e se refaz a cada instante vivido, nos lugares onde os portos das beiras dos rios interligam a cidade e a floresta estão pessoas à margem, mas também à luz do seu tempo.

**Palavras-chaves:** internet; redes sociais; adolescentes; identidade.

## ABSTRACT

The study is an Exploratory Empirical Research with a Qualitative Approach, it was developed with students and teachers of Elementary School of a Public School in the Municipality of Manacapuru in Amazonas, specifically, with an emphasis on teenagers "plugged into the internet", inserted in the most different digital social networking platforms. The studies of Edgar Morin's Theory of Complexity (2008) strongly helped in this composition, precisely by opening to a multidisciplinary and multi-referenced approach to the construction of this knowledge, which understands phenomena as an organic totality, but understanding that we live with uncertainties, indeterminacy and randomness that lead to a "mixture of order and disorder". Thus, complex thinking is understood as essentially, the thinking that incorporates uncertainty and is able to conceive the organization. The objective was to investigate the influence of virtual social networks on behavior change and the construction of adolescent identities. We set out to identify interests and browsing habits in these spaces, relating subjective aspects that predisposed them to intensive use of networks, also observing how the aforementioned public school uses internet resources in the learning environment, verifying the use, strengths and weaknesses. Two parallel and simultaneous work fronts were integrated in the Field Research: one in the school and the other in the virtual space. As it is a study related to the analysis of the process of interactions in virtual communities, the method founded by Cristine Hine (2000) of Virtual Ethnography, subsidized the data collection, as it allowed to answer some questions regarding cyberspace, with openness to use of procedures in a combination of varied techniques that provided a deep immersion in the investigated environment, treated through Content Analysis, exemplified by Bardin (2009). Searching for theoretical depth in this theme is, without a doubt, a necessary condition for those who live in the Amazonian space, since its identification as something distinctly decontextualized to the lives of those who live here has been very recurrent. Generally, many interpretations are stereotyped and associated with representations and the image of the forest as if it were an inferior element and apart from changes in the world. The references confuse the idea of urbanization and/or modernization of the region, increasing the paradox of understanding what was, is or is being built. Linked to this contextualization and Amazonian reality, the understanding is that individuals are considered biological and cultural beings, complex by nature and, for this fact, it is important for us to think about them, from the human complexity, therefore delving into studies on identity it required an understanding of its incompleteness, its becoming, its complex construction and subjectivity. Thus, complex thinking was shaped by the epistemic posture, here understood as praxis that constitutes a new way of doing science. Understanding reality presupposes overcoming prejudices, interpreting through different areas of knowledge, because cities in the Amazon region are not just nature, they are socially produced in time and space, they are concrete realities, produced by social relations historically determined by people who make and it is remade at each lived moment, in the places where the riverside ports connect the city and the forest there are people on the margin, but also in the light of their time.

**Keywords:** internet; social media; teenagers; identity.

## RESUMEN

Pensar en los desafíos del siglo actual y la modernización del proceso de aprendizaje en diferentes sectores es pensar en tecnologías, educación a distancia, interacción humano-computadora. El trabajo es una Investigación Empírica Exploratoria con Enfoque Cualitativo. Fue desarrollado con estudiantes y docentes de Enseñanza Básica de una Escuela Pública del Municipio de Manacapuru en Amazonas, específicamente, con énfasis en los adolescentes que están “enchufados a los medios”, con acceso a internet, insertados en las más diversas plataformas de redes sociales virtuales, cuyo objetivo fue investigar qué tipo de influencia han venido ejerciendo las redes sociales virtuales en el cambio de comportamiento y la construcción de identidad. Identificamos intereses y hábitos de navegación en las redes sociales, relacionando aspectos subjetivos que predisponen al uso intensivo de las redes, observando cómo la escuela pública utiliza los recursos de internet en el ambiente de aprendizaje, donde verificamos uso, fortalezas y debilidades. Se integraron dos frentes de trabajo paralelos y simultáneos en la Investigación de Campo en la escuela y en el espacio virtual. Como se trata de estudios relacionados con el análisis del proceso de interacciones en comunidades virtuales, proponemos el método basado en Cristine Hine (2000) de Virtual Ethnography, ya que nos permitió responder algunas preguntas sobre el ciberespacio. Así, los procedimientos de la etnografía virtual nos llevaron a una combinación de variadas técnicas que proporcionaron una inmersión profunda en el ambiente investigado, tratado a través del Análisis de Contenido, ejemplificado por Bardin (2009). La búsqueda de profundidad teórica sobre este tema es, sin duda, una condición necesaria para quienes habitan el espacio amazónico, pues en los últimos años ha sido muy recurrente su identificación como algo netamente descontextualizado de la vida de quienes aquí habitan. , muchas interpretaciones son estereotipadas y asociadas a las representaciones e imagen del bosque como si fuera un elemento aparte. Durante mucho tiempo y hasta el día de hoy, nos han “injertado” metáforas típicamente engrandecedoras e ilusionistas respecto a la descripción de la Amazonía. Ideas como la Tierra de El Dorado, Jardín del Edén, Pulmones del Mundo, entre otras místicas, vinculadas a temas regionales y rurales. Las referencias confunden la idea de urbanización en la región, aumentando la paradoja de entender qué fue, está o está siendo construido. Vinculado a este contexto y realidad amazónica, la comprensión de que los individuos son considerados seres biológicos y culturales, complejos por naturaleza y, por ello, es importante que los pensemos, desde la complejidad humana. Comprender la realidad supone superar los prejuicios, interpretarla a través de diferentes áreas de conocimiento, porque las ciudades de la Amazonía no son solo naturaleza, son producidas socialmente en el tiempo y el espacio, son realidades concretas, producidas por relaciones sociales históricamente determinadas por las personas que las hacen y las se rehace en cada momento vivido, en los lugares donde los puertos a orillas de los ríos conectan la ciudad y la selva.

**Palabras clave:** internet; redes sociales; adolescentes; identidad

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Cibercultura.....	64
Figura 2 - Porcentagem da população mundial total que usa a internet - 2019.....	80
Figura 3 - Valor médio gasto por dia usando a internet em qualquer dispositivo, em horas e minutos - 2019.....	80
Figura 4 Tipos de dados que contemplam o Big Data.....	119
Figura 5 - Postagens dos adolescentes nos meses iniciais de 2020.....	124
Figura 6 - Média Móvel de Mortes 2022.....	127
Figura 7 - Postagens dos adolescentes nos meses finais de 2020.....	128
Figura 8- Estatística de Carla Zambelli .....	157
Figura 9- O fascínio.....	215
Figura 10 - Perfis nas Redes Sociais de Ativistas Indígenas.....	223

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Escravos do Facebook.....	46
Imagem 2- Olhando para Frente.....	47
Imagem 3- O olhar virtual .....	50
Imagem 4- Prisioneiro .....	52
Imagem 5- Olhos vidrados .....	53
Imagem 6- geração "net" .....	99
Imagem 7- Bebê no celular.....	101
Imagem 8- Perfil de um usuário do Facebook.....	112
Imagem 9 - Interface do Instagram.....	112
Imagem 10- Interação.....	115
imagem 11- Vozes .....	122
Imagem 12 - Filtros do Instagram .....	125
Imagem 13- A conexão em ilhas .....	150
imagem 14- Internet na veia .....	153
Imagem 15 - Provocativas .....	162
Imagem 16 - Jovem segura celular ao lado da namorada.....	166
Imagem 17- Secretaria da Escola .....	181
Imagem 18- Aplicação de Questionário aos alunos .....	182
Imagem 19 - Apresentação do Projeto de Tese aos professores - TCLE .....	183
Imagem 20 - Professores fazendo entrega de apostilas com conteúdo didático.....	192
Imagem 21 - Naiá .....	208
Imagem 22 - Naiá encanta-se por Jaci, a Lua.....	208
Imagem 23- Naiá vê o brilho da Lua nas águas .....	209

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Usa a internet com que frequência? .....	93
Gráfico 2 - Como costuma realizar suas pesquisas escolares? .....	96
Gráfico 3 - Qual a rede social que você utiliza preferencialmente? .....	110
Gráfico 4 - Opção de privacidade com relação às postagens nas redes sociais digitais.....	120
Gráfico 5 - Motivo para que os dados privados estejam com configuração pública.....	121
Gráfico 6 - Você já sofreu alguma espécie de constrangimento nas redes sociais? .....	164
Gráfico 7- Representação dos professores sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação em Sala de Aula.....	174
Gráfico 8 - Representação dos alunos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação em Sala .....	175
Gráfico 9 - Percepção dos professores com relação às dificuldades nas aulas remotas.....	188
Gráfico 10 - Gráfico do Inep – Percentual de escolas públicas do Brasil que realizaram aulas ao vivo mediadas -2020.....	199

## LISTAS DE SMART ART

Smart Art 1- Princípios-guias” para pensar a complexidade de acordo com Edgar Morin (1999) .....	31
Smart Art 2 - Síntese da Utilização da Etnografia Virtual .....	88
Smart Art 3 - Motivação para uso da internet - preferências.....	108
Smart Art 4 - Conjunto Categorical de Estudo .....	193

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Parâmetros da Pesquisa – IDEB observado .....	73
Tabela 2 - Distribuição por faixa de Idade e Gênero - Turmas .....	90
Tabela 3 - Distribuição por faixa-etária e sexo – População-Amostra (efetiva) .....	91
Tabela 4 - Frequência de Acesso às redes sociais on line .....	105

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Expectativa dos alunos com relação à escola.....	77
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente

**CETIC.BR**- Comitê Gestor da Internet no Brasil

**FAPEAM** – Fundação de Amparo e Pesquisa do Amazonas

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IDEB** – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

**INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

**PCE** - Programa Ciência na Escola

**PNADE** - Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios

**PPGSCA** – Programa de Pós- Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia

**TIC** - Tecnologias da Informação e Comunicação

**UEA** – Universidade do Estado do Amazonas

**UFAM** – Universidade Federal do Amazonas

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>TIMELINE I - CONECTADOS À REDE: FIOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>27</b>
1 SOB O VIÉS DA COMPLEXIDADE, AS CONEXÕES CATEGÓRICAS .....	27
1.1 <i>A identidade sob o olhar da complexidade .....</i>	28
1.2 <i>O universo da representação dos símbolos: interação e construto identitário .....</i>	41
1.3 <i>Cibercultura: um campo aberto de comunicação e interações culturais .....</i>	58
2 NA TRILHA DO LABIRINTO, A PESQUISA.....	68
2.1 <i>Dois campos de estudos, dois mundos: Off e On.....</i>	72
2.1.1 <i>Campo off-line - a Escola e seu mundo real.....</i>	72
2.1.2 <i>Campo on-line – o espaço virtual .....</i>	78
2.2 <i>O trabalho de campo sob o olhar da Etnografia Virtual .....</i>	84
2.3 <i>Plugados na “net”, adolescentes como sujeitos da pesquisa .....</i>	89
2.3.1 <i>A captura na rede e os espaços virtuais preferidos .....</i>	104
2.3.2 <i>Exposição, posicionamento e rastros digitais.....</i>	116
<b>TIMELINE II – A REVOLUÇÃO DAS TÉCNICAS E O PROCESSO DE “COLONIZAÇÃO DIGITAL” .....</b>	<b>130</b>
1 ENTRE A TÉCNICA E A VIDA SOCIAL: A CULTURA DIGITAL .....	130
2 OS ALGORITMOS COMO INSTRUMENTOS DE VIGILÂNCIA E MANIPULAÇÃO DO COMPORTAMENTO .....	142
3 BREVE OLHAR SOBRE A TEORIA DO FILTRO-BOLHA – ELI PARISER.....	147
4 PERFIS FALSOS E CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE FALSIFICADORA: FAKEMANIA .....	152
5 A CULTURA DO CANCELAMENTO E O MERCADO DA INFLUÊNCIA DIGITAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.....	159
<b>TIMELINE III – REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS: USO POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES NA PANDEMIA .....</b>	<b>167</b>
1 NOVAS TRIBOS: A INTERAÇÃO PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA.....	167
2 AULAS REMOTAS: A RESILIÊNCIA NA PANDEMIA .....	180
3 OS MÚLTIPLOS DESAFIOS ELENCADOS AOS PROFESSORES .....	186
4 A DESIGUALDADE QUE DEMARCA A FALTA DE ACESSO.....	194
<b>TIMELINE IV – O IMAGINÁRIO HÍBRIDO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS RECONTADO ALEGORICAMENTE NA LENDA DA VITÓRIA RÉGIA.....</b>	<b>204</b>
1 O SABER LENDÁRIO COMO UM ELO CULTURAL DA IDENTIDADE .....	204
2 VITÓRIA- RÉGIA, A LENDA.....	207
2.1 <i>Vitória-Régia, a alegoria.....</i>	209
2.2 <i>Naiá encanta-se por Jaci (a lua): o fascínio pelas redes sociais virtuais.....</i>	214
2.3 <i>Naiá deseja ser estrela para brilhar no céu: a corrida por engajamento .....</i>	217
2.4 <i>Naiá adoece: o vício.....</i>	218
2.5 <i>Na constelação das águas, Naiá se transforma em estrela: O protagonismo nas redes .....</i>	219
<b>CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>225</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>230</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>243</b>

## INTRODUÇÃO

A Educação e as Tecnologias, são dois campos que, desde há muito tempo, mantêm diálogo, por vezes, tensos ou mais interativos. Esse campo não é neutro, tampouco é novidade, daí o fato de intelectuais como Celso Antunes (2016)<sup>1</sup>, Zygmunt Bauman (2013)<sup>2</sup>, Pedro Demo (2007)<sup>3</sup>, Lèvy (1993)<sup>4</sup> e outros, trazerem à discussão o tema de forma tão prolongada e incisiva, relacionando à uma necessidade de “reinvenção” da educação para utilização de uma “nova linguagem” em um campo aberto de possibilidades, por meio das tecnologias da informação e comunicação.

Na atualidade, buscar alternativas sobre diferentes formas de ensinar usando aparatos tecnológicos, se tornou a tônica, haja vista, a necessidade de distanciamento social, ocasionada pelo difícil e desesperador período, vivenciado na Pandemia do Corona Vírus -19, uma doença infecciosa que se alastrou pelo mundo por meio de contaminação viral do SARS-Cov-2. No Brasil, tivemos a confirmação do primeiro caso, em fevereiro de 2020, quando fez sua primeira vítima.

É importante contextualizar em que momento se deu esta investigação, até para que se tenha um reflexo do desvio operante em que ela se configurou. Em tempos muito difíceis, amplificados pelo medo e insegurança diante da realidade sombria. Vimos de certa maneira, o mundo agonizar, enquanto a ciência a todo custo buscava respostas para tantas incertezas.

Orientados pela Organização Mundial da Saúde – OMS, fomos impactados pelo distanciamento social, enquanto os veículos de comunicação disseminavam diferentes estratégias e cuidados higiênicos para não contrair o vírus. Nas mais diferentes esferas de trabalho, a tecnologia da informação e comunicação acabou sendo uma saída para minimizar os impactos e, com a educação, não foi diferente.

---

<sup>1</sup> ANTUNES, Celso. **Educar em um mundo interconectado**: um livro para pais e professores. Petrópolis- RJ: Vozes, 2016.

<sup>2</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**: conversas com Ricardo Mazzeo; tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

<sup>3</sup> DEMO, Pedro. **O porvir**: Desafio das linguagens do século XXI. Editora IBPEX, Curitiba, 2007. R. Tobias de Macedo Junior, 319. 82010-340 Curitiba, PR.

<sup>4</sup> LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: ed.34, 1993.

O ensino **híbrido**, ou *blended learning*, tem sido uma das alternativas da Educação do **século 21**, pois com o distanciamento social, orientado pela OMS, no período pandêmico, a modalidade híbrida permitiu o ensino presencial com restrições e o ensino *online* aconteceu integrando a Educação à Tecnologia por meio da Internet. No Brasil todo esse processo de mudança tornou-se significativo, pois representou uma fase de grandes alterações sociopolíticas e econômicas, influenciando o homem e, particularmente, sua forma de organização e de posicionamento diante das coisas e do mundo. O mundo mudou.

O acesso à internet foi popularizado de uma maneira inimaginável, permitindo comunicação e interação até mesmo nos locais mais remotos do planeta, todavia, apesar do crescimento exacerbado, os estudos demonstram que ainda há muitos lugares que não foram inseridos no mundo digital, o fato pode estar atrelado aos diferentes fatores que dificultam o contato, dentre eles, a desigualdade social, problemas de ordem econômica e política estão associados à questão da exclusão digital, colocando os mais pobres e os moradores de áreas rurais mais afastadas em grande desvantagem.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (2021), a pandemia da Covid-19, já impactou os estudos de mais de 1,5 bilhão de estudantes em 188 países, o que representa cerca de 91% de estudantes do planeta. Com a inserção rápida e sem planejamento prévio, professores e alunos tiveram que aderir ao ensino à distância e aulas remotas por meio virtual, o que deixou em muitos lugares a evidência de deficiência em algumas questões como: a falta de suporte tecnológico e ferramentas, preparo aos professores que não foram capacitados para lecionarem à distância. A falta de acesso à internet aos alunos foi atenuante, exacerbando ainda mais as lacunas educacionais.

A expansão intensiva do uso das tecnologias de interatividade digital amplia os contextos relacionais das crianças e dos adolescentes, abrindo possibilidades ilimitadas de experimentações que modulam comportamentos e a construção de novos saberes dos quais não temos controle, por conta da desterritorialidade e das informações para “além-mar”, instantâneas e globalizadas.

Diante do contexto exposto, importa-nos ressaltar fatos que revelam sintomas desta mudança cultural relacionada ao uso das tecnologias, o que aponta para a necessidade de aprofundamento no campo de estudo. São questionamentos que afloram com a angústia

observada, no decorrer da prática docente diária, justamente, com o público infanto-juvenil, marcada por dúvidas e incertezas diante de tanta “novidade”. O desconhecimento de fontes potencialmente relevantes e relacionadas aos métodos e formas para utilização dos aparatos tecnológicos com foco na aprendizagem, têm produzido insegurança na possibilidade de inserção das redes digitais como recurso pedagógico na escola, o que culmina para interpretações incompletas e restritas sobre este assunto.

As redes de relações e interações por modo virtual emergem e se desenvolvem indissociáveis, se analisarmos a utilidade em rotina diária é possível identificar o quanto muitas pessoas estão “dependentes” deste recurso, mas é preciso, mais do que nunca, estar consciente deste movimento, pois são aplicativos para redes bancárias, para compras, planos de saúde, para interação, para o ensino-aprendizagem, enfim, tantos que acabam de alguma maneira, conduzindo a um caminho de dependência, viciante.

As motivações para esta investigação surgiram ainda no ano de 2010 e, continuamente em 2011, com a iniciativa da primeira experiência como professora pesquisadora do Programa Ciência na Escola - PCE, financiada pela Fundação de Amparo e Pesquisa da Amazônia – FAPEAM. Os projetos objetivavam adentrar neste mundo até antes desconhecido, de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, o foco estava voltado para a utilização destas ferramentas na rede digital *on-line*. A ênfase foi dada à investigação da internet como instrumento auxiliar da aprendizagem de alunos de 8º ano do Ensino Fundamental, o que possibilitou descobrir novos caminhos e métodos para a educação por meio virtual, através da utilização de hipertextos nos mais diferentes sites de pesquisa.

“Lembro de forma nítida, a primeira vez que tive acesso à internet, fui motivada justamente, pelos alunos, que naquele momento, na hora do recreio corriam para pegar vagas em uma <sup>5</sup>*Lan House*, uma espécie de estabelecimento comercial em que havia a disponibilização de alguns computadores com acesso à internet, cujos valores para utilização eram cobrados por minutos. Bom, por certo, tive muita dificuldade no início, mas foi algo prazeroso, o que me levou a utilizar cada vez mais para pesquisar sugestões de novas aulas,

---

<sup>5</sup> Um estabelecimento comercial onde, à semelhança de um cibercafé, os usuários podem pagar para utilizar um PC com acesso à Internet e a uma rede local.

exercícios e a logar<sup>6</sup> com os hipertextos nas aulas interativas. Foi aí, então, que descobri o *Orkut*<sup>7</sup>, uma plataforma bem dinâmica que nos permitia ir além das fronteiras, conhecer pessoas de vários lugares do mundo, postar, comentar fotos, colocar *emojis* sorrindo, chorando, tristes e outras carinhas nas quais expressávamos uma espécie de sentimento virtual, era como se fosse um ‘novo’ mundo paralelo a nossa “vida real”.

Em 2013, ao adentrar no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, o desafio era ir além, no sentido de verificar a importância da internet dentro do contexto educativo, o que resultou na construção de um espaço na *Web*<sup>8</sup> para o trabalho em grupo com alunos e professores da escola ao qual trabalhava. Passei a interagir com alunos, dos anos finais do Ensino Fundamental, através do blog criado ainda no Projeto de Iniciação Científica, onde as aulas eram trabalhadas também com textos e hipertextos e disponibilizadas no Blog “Educar é a nossa meta!”.

Neste Blog postávamos além das aulas, as atividades, ações que eram realizadas na escola e os projetos desenvolvidos. Como resultado, evidenciou-se, que grande parte dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, pertencentes à escola pública investigada, tinha acesso à internet, por meio de aparelhos celulares ou, em sua maioria, acessando nas *Lan Houses*, entretanto, poucos a utilizavam para pesquisas em sala de aula ou de cunho direcionado à sua aprendizagem, ficando, pois, as redes sociais virtuais com maior número de usuários em seu dia a dia, com acesso bastante frequente em diferentes aplicativos e sites de relacionamentos como *Orkut*, *Msn* e já com inserção no *Facebook*<sup>9</sup>, uma rede que surgiu no Brasil em 2011 e que alcançou ao final deste mesmo ano, mais de 845 milhões de usuários.

Diante dos resultados e, pela necessidade de ampliar a compreensão e dar continuidade às pesquisas relacionadas ao uso da internet na caminhada acadêmica, submeti

---

<sup>6</sup> Etimologicamente, a palavra logar vem do inglês log+ar, que significa ter acesso à área reservada de um site ou programa de computador através de um login, com nome de usuário e senha; fazer login, acessar, entrar.

<sup>7</sup> Criado por Orkut Buyukokkten, ex-aluno da Universidade de Stanford e lançado pelo Google em janeiro de 2004, o software é uma espécie de conjunto de perfis de pessoas e suas comunidades. (Recuero, 2004, p. 7)

<sup>8</sup> Um sistema de informações ligadas através de hipermídia (hiper ligações em forma de texto, vídeo, som e outras animações digitais) que permitem ao usuário acessar uma infinidade de conteúdos através da internet. (Léxico.pt/web/)

<sup>9</sup> Criado no dia 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, alunos da Universidade de Harvard, é maior rede social virtual do mundo, nela é possível criar um perfil pessoal ou uma Fan Page, e interagir com outras pessoas conectadas ao site, através de trocas de mensagens instantâneas, compartilhamentos de conteúdos e as famosas “curtidas” nas postagens dos usuários.

uma proposta de investigação ao processo de seleção do Doutorado Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, *Linha de Pesquisa 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos*, voltada para um estudo, com adolescentes de uma escola pública de Ensino Fundamental, no entanto, com a possibilidade de ir além nas investigações e dar consistência à fundamentação, buscando novos elementos.

Por certo, entendemos a relevância desta pesquisa, uma vez que temos acompanhado o processo de aperfeiçoamento dos aparatos tecnológicos e a adesão de muitas pessoas interagindo e inserindo-se no mundo virtual, num processo marcado por críticas e contradições, onde a dependência da internet, destaca-se em alguns estudos como um dos maiores problemas de saúde pública em expansão atualmente.

Em 2019, foi feito um dos mais importantes levantamentos sobre o acesso às tecnologias da informação e comunicação, realizada pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br), vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil, onde constatou-se que três de cada quatro brasileiros, acessam a internet, o que equivale a mais ou menos 134 milhões de pessoas, um número bastante significativo, no qual muitos estão inseridos. A frequência de uso é de 90% de acesso todos os dias, 7% pelo menos uma vez por semana e 2% pelo menos uma vez ao mês, os recursos são utilizados para envios de mensagens, vídeo chamadas pelos mais diferentes aplicativos como *WhatsApp, Facebook, Skype, Instagram*, entre outros.

Mais de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos, são usuários de internet no Brasil, conforme Relatório da União Internacional de Telecomunicações -2021 / Tics-2021. Apesar desses novos estudos apresentarem informações sobre a dependência da internet, identificamos que se trata de um problema novo e crescente, necessitando de maior compreensão da comunidade científica.

Fica evidente que, existem muitas questões a serem consideradas, e aqui ressaltamos a inquietação quanto a desvendar: Q<sup>1</sup> Que tipo de influência as redes sociais virtuais vem exercendo na mudança de comportamento e construção de identidades de adolescentes escolares? Q<sup>2</sup> Quais as principais redes sociais virtuais estão sendo mais utilizadas por eles para a interação e comunicação? Q<sup>3</sup> Os professores e adolescentes da escola investigada

conseguem identificar as potencialidades e fragilidades do uso das redes sociais virtuais no ambiente de aprendizagem?

Estas e tantas outras questões têm sido pautas de debates teóricos que precisam ser engendrados dentro de uma ampliação rigorosa e científica e, por este motivo nos embrenhamos em uma caminhada investigativa complexa, cujo objetivo principal foi investigar a influência das redes sociais virtuais na mudança de comportamento e construção identitária de adolescentes com idade escolar entre 13 e 17 anos de uma escola pública do município de Manacapuru -Amazonas, especificamente com intuito de identificar os interesses de navegação dos adolescentes, relacionando aspectos subjetivos que os predispõem ao uso intensivo nas redes sociais digitais e, associado a isto, observar e mapear as principais potencialidades e fragilidades encontradas pelos professores e alunos com relação ao uso das redes sociais na internet.

Por meio de pesquisa empírica exploratória nos empenhamos, com inspiração nos estudos da Teoria da Complexidade de Edgar Morin (2008), justamente, pela abertura à abordagem multidisciplinar e multirreferenciada para a construção do conhecimento, buscamos, portanto, abordar os fenômenos como totalidade orgânica, porém compreendendo que vivemos as incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios que direcionam a uma “mistura de ordem e de desordem”. Assim, o pensamento complexo é entendido como essencialmente, o pensamento que incorpora a incerteza e é capaz de conceber a organização.

A ideia foi pesquisar, comprovar ou rejeitar hipóteses, seguindo os princípios de dois paradigmas clássicos que nortearam o trabalho de campo: observações empíricas-quantificáveis e adequadas para tratamentos estatísticos e o outro derivado da área humanística com ênfase em informações holísticas<sup>10</sup>, qualitativas e com abordagens interpretativas, cujo propósito foi tentar compreender a influência das redes sociais virtuais na mudança de comportamento e construção de identidade de adolescentes escolares.

---

<sup>10</sup> A palavra holística foi criada a partir do termo holos, que em grego significa "todo" ou "inteiro". O holismo é um conceito criado por Jan Christiaan Smuts em 1926, que o descreveu como a "tendência da natureza de usar a evolução criativa para formar um "todo" que é maior do que a soma das suas partes". Neste sentido, a busca por entender o fenômeno ou a realidade por completo.

O campo *off-line*<sup>11</sup> definido foi uma escola pública, localizada no município de Manacapuru- Amazonas, com critério de inclusão partindo de um universo total de 123 alunos de três turmas de 9º ano do Ensino Fundamental - turno vespertino, nos quais os sujeitos foram inseridos por amostragem estratificada (idade/série/sexo/acesso às redes). perfazendo ao final, 54 alunos aptos a participarem da pesquisa. Neste interim, por estabelecerem relações com os fins da pesquisa, professores e pais tiveram espaço na investigação, no entanto, não como foco principal, pois a amostra principal foram adolescentes escolares e, aqui, vamos lembrar desses “diferentes” de outrora, definidos como “novos estudantes” tão bem descritos em suas características por Michel Serres (2015) no livro Polegarzinha “plugados na mídia”, com acesso à internet, inseridos nas mais diferentes plataformas de redes sociais virtuais.

Por se tratar de estudos relacionados à análise do processo de interações em comunidades virtuais, adotamos o método fundamentado por Christine Hine (2004) da Etnografia Virtual, pois permitiu responder algumas questões relacionadas ao ciberespaço e seus múltiplos espaços. A inserção na investigação como etnógrafa ajudou a entender os fenômenos digitais por meio das experiências autênticas no campo de pesquisa.

Do ponto de vista legal, citamos a Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 5º, atendendo aos fundamentos éticos e aos padrões científicos pertinentes, devendo ser consideradas as características individuais, sociais, econômicas e culturais da pessoa ou grupo de pessoas participantes da pesquisa e as abordagens metodológicas aplicadas. Citando o respeito devido à dignidade humana que exige que toda pesquisa se processe com Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que, por si e/ou por seus representantes legais, manifestem a sua anuência à participação na pesquisa. Submetemos o protocolo à revisão ética com toda documentação solicitada pelo Sistema CEP/CONEP, considerada a natureza e as especificidades da pesquisa, lançada na Plataforma BRASIL para análise e monitoramento do Sistema CEP/CONEP, sendo aprovada sem óbices éticos.

O trabalho foi organizado em uma sequência reflexiva na qual foi denominada de *Timeline*, uma espécie de Linha do Tempo, para apresentar as ideias não de forma linear, mas

---

<sup>11</sup> Neste caso, o termo offline é usado para especificar quando a pessoa está desconectada da internet, ou seja, quando uma pessoa não pode receber mensagens ou acessar a rede.

dentro de uma perspectiva dialógica, organizada de modo a facilitar a compreensão, afinal nesta composição a estratégia não é em si um meio de ação, mas a arte da ação viva. Na verdade, faz parte do desafio do pensamento complexo e possibilita um novo olhar sobre o objeto de estudo. “Não é possível pensar a complexidade sem pensar de maneira dialógica” (Morin et al. 2003, p.36)

Na *Timeline I*, apresento os fios metodológicos que me conduziram na pesquisa, não de forma fechada, mas deixando claro que existiu um ponto de partida, uma trilha íngreme, por isso, a construção não é fincada sobre uma rocha de certeza, mas calçada em uma linha de raciocínio que facilitou a caminhada epistêmica.

Sob o viés da complexidade apresento as principais conexões categóricas que se entrelaçam a todo instante no decorrer do trabalho de forma indissociável com a perspectiva de identidade e comportamento, num processo de retroalimentação, na tentativa de integrar e religar saberes por meio do diálogo com os diferentes campos de produção do pensamento. A verdade não é só verificação empírica, mas parte do olhar sistêmico com clareza, que concebe a contradição e as incertezas como ponto de partida ao conhecimento dos fenômenos.

A *Timeline II*, traz uma discussão bem atual sobre toda essa mudança que vem acontecendo no mundo com relação a revolução das técnicas e o movimento voltado, de certa, forma, para uma espécie de “colonização digital”. Nesta lógica, a abordagem gira em torno dos processos e movimentos para captação de sujeitos por meio de mecanismos pensados, exclusivamente, para influenciar comportamentos.

As reflexões se dão em torno da criação dos diferentes “organismos vivos” que visam objetivamente, personalizar por meio de sinais dados pelos usuários-adolescentes, que nem sempre percebem como as plataformas digitais estão programadas e retroalimentadas por cada like, comentário em publicações, ou alerta de notícias que são capitadas nas redes. O “capitalismo de vigilância” cunhado por Zuboff, (2021) <sup>12</sup>é abordado como uma reivindicação unilateral da experiência humana nas redes como matéria-prima gratuita para tradução em dados comportamentais. Há pessoas que trabalham justamente para alimentar o cérebro dos

---

<sup>12</sup> ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Rio de Janeiro-RJ: Editora Intrínseca Ltda. Edição digital, 2021.

usuários, essas respostas transformam-se em algoritmos e estes são transformados numa espécie de filtro que depois pode retroalimentar reações, modificando, por fim, comportamentos individuais e coletivos.

Na *Timeline III*, nos debruçamos sobre as potencialidades e fragilidades das redes sociais digitais, especificamente, com foco voltado para o uso delas como ferramentas no processo ensino-aprendizagem. Aqui, adentramos em discussões sobre a democratização do acesso, dificuldades dos professores e alunos, principalmente, pela situação imposta pela pandemia da Covid-19, cuja necessidade de desempenhar o papel à distância, exigiu uma reformulação de estratégias, planejamento e uma postura aberta para o novo, mesmo em condições desfavoráveis.

A revolução digital tem cumprido um importante papel no cenário da comunicação, embora, ela contenha ruídos, não se pode negar que por meio da internet há, uma diminuição de distância que cruza fronteiras, assim, na *Timeline IV*, nossos estudos enveredam para o entendimento de que as evoluções dos meios comunicativos colaboram para a mobilidade de povos distintos e suas culturas, incrementando as trocas, intersecções, sobreposições e hibridizações. Por meio de linguagem literária, trago uma analogia do tempo presente em que a internet desponta como uma espécie de contágio viral da humanidade, relacionando o fenômeno das redes sociais digitais à uma narrativa contida no imaginário popular amazônico, recontado por meio da Lenda da Vitória Régia, cujo enredo aponta para ideia de magia, sedução e encantamento.

É importante dizer que a inspiração para este capítulo foi a partir de observações de determinado sujeito da pesquisa, que de forma ímpar, contribuiu com reflexões acerca da utilização das novas tecnologias dentro de um contexto bem singular, não cristalizado no tempo, que traz à tona a discussão de Fraxe et. al (2009) sobre o homem amazônico que apesar de buscar manter suas práticas tradicionais, recebe influências diversas da sociedade urbana, criando novas estruturas sociais por meio do ciberespaço.

Recontar a Lenda da Vitória Régia dentro de uma narrativa que concebe e sustenta a ideia de que os povos da Amazônia não estão isolados no tempo e no espaço é concordar com a ideia de que, para além da realidade, a estrutura de linguagem, permite a criação original da religião de saberes.

E, não por fim, mas em breves palavras, apresento ao final do trabalho, considerações acerca da produção desta Tese de Doutorado, esperando que ela, mais do que um elenco de intenções, se constitua numa chamada à construção de novas ideias e concepções com relação aos indivíduos, tão contraditórios, ambivalentes e complexos por natureza e, por isso, exige de quem busca compreendê-los, o não reducionismo. Ainda assim, é preciso que se entenda que será sempre um mistério para nós mesmos. Morin (2015, p. 259) salienta que, “Estamos no começo da aventura humana, enquanto a ameaça se aproxima”.

Entendemos que há necessidade de adequações neste novo tempo, em que as tecnologias fazem parte do contexto e que exigem dos profissionais uma compreensão maior, em relação aos mecanismos ideológicos que influenciam novos perfis na sociedade, com o aumento de usuários e, conseqüentemente de acesso ao ciberespaço. Há um movimento internacional de crianças e adolescentes experimentando avidamente as redes sociais, sem controle e de forma desterritorializada, modificando e construindo comportamentos por meio até de induções muito perigosas, deixando-os vulneráveis.

A pretensão é que esta produção de conhecimento científico, seja socialmente relevante, ao mundo acadêmico com referências significativas para o desenvolvimento de novas pesquisas nesta área do conhecimento, que no nosso entendimento, urge por estudos específicos e amplos, referentes a esta corrida desenfreada de mudanças no modo dos indivíduos se relacionarem com os outros e consigo mesmo, diante das novas tecnologias, especificamente, as virtuais.

## TIMELINE I - CONECTADOS À REDE: FIOS METODOLÓGICOS

*[...] complexidade não é solução, mas, problema, desafio e, como tal, nos instiga ao enfrentamento, mais do que superação.*

Izabel Petraglia

*Ninguém pode basear-se, hoje na sua pretensão ao conhecimento, numa evidência indubitável ou num saber definitivamente verificado. Ninguém pode construir seu conhecimento sobre uma rocha de certeza.*

Edgar Morin

### 1 SOB O VIÉS DA COMPLEXIDADE, AS CONEXÕES CATEGÓRICAS

A opção pela pesquisa conduz a um caminho com encruzilhadas que nos levam a fazer escolhas e, por certo, estas não podem se dar de formas aleatórias, mas com base em reflexões e num processo de idas e vindas constantes, cujas situações práticas necessitam de diretrizes efetivas que determinam o caminho a ser seguido. A forma de aproximação ao objeto de investigação vinculou-se a uma visão intercultural, tensionada por sensibilidades que trouxeram em seu bojo, questões referentes à construção de identidades plurais e híbridas, que ajudam a configurar o multiculturalismo crítico e, dentro dessa perspectiva teórica, as identidades são compreendidas como construções em espaços amplos e abertos.

No último século o mundo passou por profundas transformações resultantes em grande parte do avanço científico e tecnológico sem precedentes na história. Graças a esse desenvolvimento, que aqui é chamado de advento tecnológico, a sociedade vê surgir novos produtos e serviços com uma velocidade espantosa, fortalecendo os sistemas de produção e o capitalismo.

Ao recordar dos estudos feitos para esta composição, vem na memória o ano de 2019, em que me debruçava para fazer o estado da arte do trabalho e, no construto, foi possível identificar um enredo vasto de categorizações no eixo da pesquisa, as linhas de pensamento se estendiam para um campo imaginário de indagações e suposições infindas, a

delimitação de categorias, permitiu esmiuçar, algo que antes, parecia bem mais distante e, por certo, bem diversificado, principalmente porque “[...] a natureza e as sociedades amazônicas nunca deixaram de ser complexas ou de gerar complexidade, talvez o conhecimento produzido sobre a região é que tenha, na maioria das vezes, ocultado essa complexidade em detrimento de uma fragmentação marcadamente disciplinar [...]” (HOLANDA, 2019, p.23)

Sendo assim, para início de conversa, visto que a pesquisa não se encerra aqui, trataremos exaustivamente de dialogar com o foco voltado para as categorias: *identidade, cibercultura e o interacionismo simbólico*, o virtual na internet é o nosso campo e as categorias serão direcionadas em função dialógica ao contexto educativo de adolescentes escolares, situando – os como sujeitos da contemporaneidade “que mantém fixo o olhar no seu tempo” (AGAMBEM, 2009, p.62),

### 1.1 A identidade sob o olhar da complexidade

*Quando eu te encarei  
Frente a frente  
Não vi o meu rosto  
Chamei de mau gosto o que vi  
De mau gosto, mau gosto  
É que Narciso acha feio  
O que não é espelho  
E a mente apavora  
O que ainda não é mesmo velho  
Nada do que não era antes  
Quando não somos mutantes [...]*

Caetano Veloso

Mergulhar nos estudos sobre *identidade* requer a compreensão de sua incompletude, do seu devir, de sua complexa construção e subjetividade. As identidades estão intimamente vinculadas à classe social, gênero, etnia, raça, sexualidade, idade, além de outras categorias presentes nas relações sociais. Pinheiro (2021, p. 8) diz que: “A identidade não é uma quinta essência permanente em si mesma, mas um aspecto parcial da realidade, passiva de transitoriedade, dotada de precariedade, sedenta por multiplicidades, portanto sujeita a finitude e temporalidade de tudo que é humano”.

É desafiador buscar compreender a identidade humana sem reducionismos, onde os indivíduos aqui, são entendidos como seres inacabados, e constituídos ao longo de toda sua vida, em processos de socialização desencadeados por meio da complexa rede de relações sociais estabelecidas entre os indivíduos durante a vida. Conforme Morin (2011, p.115) “A compreensão humana comporta não somente a compreensão da complexidade do ser humano, mas também a compreensão das condições em que são forjadas as mentalidades e praticadas as ações.” De acordo com Petraglia (2022, p.1), “O pensamento complexo é um tipo de pensamento, oriundo dessa teoria, que questiona o paradigma da razão e a ciência como único modo de interpretar a realidade. Busca religar os conhecimentos dispersos e integrar cultura científica e cultura humanística”.

Dentro desta perspectiva para os estudos, nos debruçamos na composição de embasamentos teóricos de diferentes autores, de acordo com o princípio da construção identitária, especificamente, de adolescentes dentro do contexto amazônico, cujos indicadores sociais mostram que nesta região estes, encontram-se vulneráveis às mais variadas formas de violência, incluindo o abuso, a exploração sexual, o trabalho infantil e o homicídio.

As questões de vulnerabilidades são apontadas em documentos oficiais, como relatórios publicados pelo Fundo das Nações Unidas para Infância, cujos parâmetros, segundo dados de 2018, apresentam análises referentes a pobreza na infância e na adolescência no Brasil. A estimativa foi feita em cima de questões relacionadas aos direitos básicos, muitas vezes, violados, cujas análises de gravidade dessas violações se constituem em desigualdades, distribuídas em meio a essa população.

Atrelados a esta contextualização e realidade amazônica, o entendimento de que os indivíduos são considerados seres biológicos e culturais, complexos por natureza e, por tal fato, importa-nos pensá-los, a partir da complexidade humana, lançando mão de vastas teorias, dentre elas, a Teoria da Complexidade ou Pensamento Complexo, que foi tratada aqui de forma íntima com às questões desenvolvidas por Edgar Morin em seu trabalho: *O método*. Seus estudos sobre a complexidade baseiam-se em princípios, que, por sua vez, estão em interação mútua e, investigar sobre esta ótica, pressupõe romper com o pensamento simplificado e fragmentado, forjado já há muito tempo. Afinal, “Que quimera é o homem?”

Somos um mistério para nós mesmos e, assim Morin (2015) segue afirmando que o homem é um “desconhecido” muito mais pela "malciência" do que pela própria ignorância, conhecer mais é abrir caminhos para compreender menos os seres humanos, pois suas identidades são múltiplas e variáveis em consonância com cada indivíduo, único e dotado de construções históricas ímpares. Morin (2011, p.114) “A compreensão complexa do ser humano não aceita reduzir o outro a um único aspecto e o considera na sua multidimensionalidade”.

Será preciso ver se há um modo de pensar, ou um método capaz de responder aos desafios da complexidade. Não se trata de retomar a ambição do pensamento simples, que é a de controlar e dominar o real. Trata-se de exercer um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar. (MORIN, 2015, p.6)

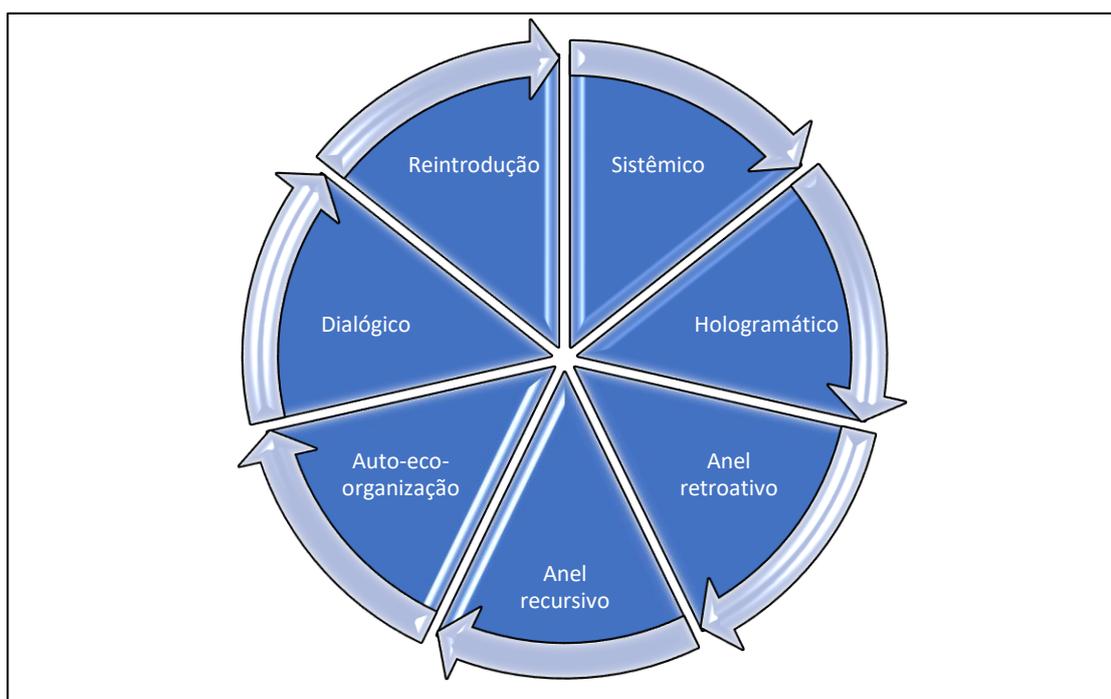
Lançar mão da Teoria da Complexidade de Edgar Morin, pressupõe buscar elementos para compreensão de sua contribuição para a formação de princípios éticos, por meio de uma “consciência planetária” em que os indivíduos possam perceber-se como parte integrante do mundo, dialogando com os saberes “O ser humano, como ser reflexivo e autogerador de sentido, experimenta sua ontologia na compreensão de sua relação criativa com o Outro, tanto o outro-eu como o outro-humano e o outro-ser vivo”. (PILZ, 2012, p.5)

De outro modo, não se entenderá esta complexidade, senão pela concepção do homem integrado sob a articulação dos mais diferentes saberes, descompartimentando as ciências, sob o viés da singularidade e, principalmente, subjetividades humanas. “Conhecer o humano não é expulsá-lo do universo, mas aí situá-lo”. (Morin, 2015, p.25). Temos firmado os conceitos da existência da objetificação de uma pedra, da vida em latência de uma planta que existe e vive e do homem para além desses aspectos existenciais, uma vez que ele tem consciência de sua existência. Assim, Morin (1999) propõe sete “princípios-guias” para pensar a complexidade, eles são interdependentes e ao mesmo tempo complementares:

- a) Sistêmico (o todo é mais do que a soma das partes),
- b) Hologramático (o todo está em cada parte),
- c) Ciclo retroativo (a causa age sobre o efeito e vice-versa),
- d) Ciclo recorrente (produtos também originam aquilo que os produz),

- e) Auto-eco-organização (o homem se recria em trocas com o ambiente),
- f) Dialógico (associação de noções contraditórias) e de
- g) Reintrodução do conhecido em todo conhecimento.

Smart Art 1- Princípios-guias” para pensar a complexidade de acordo com Edgar Morin (1999)



Fonte: Adaptação da pesquisadora com base em estudos na obra o Método 5 – Morin (1999)

A máxima socrática “conhece-se a ti mesmo” é identificada como um desafio, principalmente, na contemporaneidade, cujas mudanças são aceleradas e carregadas de influências externas, das quais somos enxertados pelos mais diferentes vetores e com rapidez instantânea de informações, o que foi ontem pode não ser mais há minutos, são as TICs- Tecnologias da Informação e do Conhecimento impregnando e desestabilizando os ambientes, com fatos, relatos e boatos.

Estamos exaustos, existe um sentimento de falta de sentido e finalidade de existência, verdades desmoronam constantemente, as incertezas dominam espaços fortalecidos e sustentados por visões ocidentais na modernidade. Para Bauman (1999) os sintomas de cansaço, exaustão e sensação de desordem na vida contemporânea, representam uma espécie de manifesto às representações expelidas pela “ambivalência”. Sobre o termo, o autor afirma:

A ambivalência, possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, é uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar. O principal sintoma da desordem é o agudo desconforto que sentimos quando somos incapazes de ler adequadamente a situação e optar entre ações alternativas. É por causa da ansiedade que a acompanha e da conseqüente indecisão que experimentamos a ambivalência como desordem – ou culpamos a língua pela falta de precisão ou a nós mesmos por seu emprego incorreto. [...]. Classificar, em outras palavras, é dar ao mundo uma estrutura: manipular suas probabilidades, tornar alguns eventos mais prováveis que outros, comportar-se como se os eventos não fossem causais ou limitar ou eliminar sua causalidade. (BAUMAN, 1999, p. 09)

Nossas referências e estruturas estão sendo abaladas pelo confronto, nada do que foi é ou permanece o mesmo, nossas construções individuais conflituam com o que se espera de nós e o que se almeja em desejo. As identidades confrontam ideais e padrões antes estabelecidos. O desconforto existencial, alertado por Bauman (1999), manifesta-se em situações ambivalentes, não é uma especificidade da contemporaneidade, mas é inerente a própria lógica de estruturação do processo civilizatório ocidental moderno. Neste sentido, a ambivalência torna-se condição existencial constitutiva do humano, para Bauman (1999), ela caracteriza-se como uma espécie de reverso da ordem,

[...] como o anúncio incômodo, constrangedor, carregado de incertezas, mas necessário, da insustentabilidade, da irrelevância das verdades, certezas e sentidos universalizantes e ordenadoras sobre a existência, impregnados pela proposta civilizatória ocidental moderna frente à inexplicável pluralidade e multiplicidade das forças que compõem o mundo, o universo da existência, nas quais o homem encontra-se inserido como apenas mais um participante. (BAZZANELLA, 2012, p.37)

Dialogando com Stuart Hall (2011), constatamos que ele coloca em questão a “identidade”, como elemento desestabilizador do mundo social, em que o indivíduo, apresenta-se agora, de modo não mais unificado e estável e, assim, a chamada “crise de identidade” surge ampliando as mudanças e deslocando estruturas que abalam as antigas referências sociais. Essas “[...] transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito”. (HALL, 2006, p. 9)

Diante da afirmativa, o autor faz referência às concepções de identidade em momentos, nos quais Hall (2011) define com a caracterização dos diferentes tipos de sujeito: a) no iluminismo, centrado e unificado, cujo núcleo era interior e permanecia até o fim de sua existência; b) o sociológico onde emerge a complexidade diante do mundo moderno, forjado nas relações de interação com os outros; c) o pós-moderno o que culmina no sujeito histórico que assume diferentes identidades. Do sujeito do iluminismo ao sujeito sociológico existe uma ponte que leva ao sujeito pós-moderno, é a diferença entre o sujeito, que outrora percebia que possuía uma identidade unificada e estável, e atualmente, fragmenta-se, constituindo-se por diversas identidades.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p.12)

Nossas discussões principais neste trabalho, giram em torno da construção da identidade pessoal de adolescentes de um município do Amazonas, marcado por contradições socioculturais, econômicas e políticas bem peculiares, resultantes do processo histórico de expansão da cultura europeia que dinamizou a formação regional nacional como parte do processo global. Ressaltamos que qualquer pretensão ou contribuição nos estudos em torno dessa temática, requer o reconhecimento de toda ambiguidade que o termo identidade exige, afinal, “O método da complexidade não tem por missão recuperar a certeza perdida e o princípio Uno da Verdade. Deve, ao contrário, constituir um pensamento que, em vez de morrer, alimente-se da incerteza” (MORIN, 2011, p. 24)

Difícilmente, conseguiríamos entender este processo de construção de identidade na fase adolescente, sem compreender os diferentes aspectos psico-biológicos que compõem as transformações pelas quais os indivíduos passam desde a mais tenra idade, justamente, porque de certa forma, influenciarão nestas construções que se forjam também por meio de fatores externos e, aqui, fazemos referência às constantes e rápidas mudanças na contemporaneidade que ajudam a transformar hábitos, costumes e comportamentos, de um modo geral.

Na Teoria Psicossocial de Erik Erikson (1972) o período a adolescência é uma passagem de uma fase a outra, ou seja, uma transição entre a infância e a idade adulta e deve ser considerada uma fase importante, pois as transformações são evidentes em seus aspectos biopsicológicos, os quais são nosso campo de observação e análise, uma vez que correspondem a latência do ser em sua formação e, de acordo com Ministério da Saúde (BRASIL, 2007) a adolescência é marcada, principalmente, por mudanças fisiológicas que evidenciam essa transformação com condições específicas nos indivíduos.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei no 8.069 de 13/07/90) considera adolescentes aqueles entre 12 e 18 anos de idade, é um período que tem grande importância no processo de crescimento e desenvolvimento humano, as alterações físicas e biológicas oriundas da puberdade estão relacionadas as de âmbito psicossocial-cultural. Em diferentes publicações de pesquisas, salienta-se que, ao menos no Brasil, não existem limites cronológicos rígidos para delimitar o início e o fim desta fase do ciclo vital do indivíduo. Por aproximadamente, 10 anos em média, adolescência é caracterizada por mudanças emocionais e físicas desencadeadas por hormônios, principalmente, durante a fase da puberdade, período que dura em média 4 anos.

Nesse interim é a tomada de consciência de um novo espaço no mundo, inserção em uma nova realidade que dão origem a conceitos conflituosos e perda de determinadas referências (COSTA, 1999; IBGE, 2016). Cohn (2005, p.22), ressalta a importância de partirmos da compreensão histórica da infância, uma vez que “os direitos da criança e a própria ideia de minoridade, não podem ser entendidos senão a partir dessa formação de um sentimento e de uma concepção de infância”

É preciso destacar que existem diferentes concepções sobre “infância” ou “infâncias”, pois o termo não fecha em si mesmo, justamente por ser tão peculiar, de contextos, espaços e tempo, pois expressa as diversas culturas nas quais as crianças estão inseridas e estas se manifestam em suas vivências, conforme estas peculiaridades. É o que ressalta Friedmann (2012, p.23) “As crianças já nascem inseridas em uma determinada cultura na qual vão desenvolver competências pessoais e adquirir conhecimentos prévios e historicamente definidos de um outro grupo social”.

Conforme Fontes (2005, p.88) “[...] a história da infância no Brasil é confundida com a história do preconceito, da exploração e do abandono, pois, desde o início, houve diferenciação entre as crianças, segundo sua classe social, com direitos e lugares diversos no tecido social”. Infelizmente, no Brasil as histórias sociais infantis e de adolescentes são marcadas por desigualdades, exclusão e dominação.

Apesar da multiplicidade de interações, durante suas vivências e relações estabelecidas com outras instituições sociais no decorrer de seu desenvolvimento, cada uma possui uma natureza singular que a caracteriza como ser que sente e pensa o mundo de um jeito muito peculiar onde impõe por fim suas visões de mundo, constituindo-se como pessoa que tem anseios e desejos e própria identidade. Morin (2012, p. 85) enfatiza que “Cada idade tem as suas verdades, suas experiências, segredos. Mas nossa concepção simplista da identidade mascara que essa diferenciação pode traduzir-se por extraordinárias modificações da personalidade”.

A formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais, interpessoais e de fatores culturais, não começa nem termina com a adolescência, acontece em um processo que dura toda a vida, amplamente inconsciente para o indivíduo. De acordo com Erikson (1972) este processo acontece num período de oito estágios de desenvolvimento que vão do nascimento até a morte. Em cada um deles, há uma função que assume uma vertente positiva e uma negativa na vida e, na adolescência, há momentos de reflexões que poderão gerar a famosa “crise na adolescência”. Por Erik Erikson (1972) os estágios estariam divididos da seguinte maneira:

- Estágio 1: Confiança x Desconfiança – (até um ano de idade – oral sensorial) ...
- Estágio 2: Autonomia x Vergonha e Dúvida – (18 meses a 3 anos - Muscular- Anal) ...
- Estágio 3: Iniciativa x Culpa – (3 a 6 anos – Locomotor- Fálico) ...
- Estágio 4: Construtividade x Inferioridade – (dos 6 aos 12 anos - Latência) ...
- Estágio 5: Identidade x Confusão de Papéis – (Marca o período da puberdade – Adolescência)
- Estágio 6: Intimidade x Isolamento – (Aproximadamente 21 a 40 anos- jovem adulto)
- Estágio 7: Generatividade e Estagnação – (30 a 60 anos – adulto)
- Estágio 8: Integridade e Desespero – (A partir dos 60 anos – Maturidade)

A identidade é entendida nesta concepção como o resultado das relações entre as dimensões biológica e social, elas vão se justapondo, através da vivência do indivíduo ao longo dos anos. Durante o período adolescente, há identificação de uma crise decorrente do processo de construção da identidade e projeções futuras correlacionadas à sua visão de mundo e suas vivências. Corroborando com isso, Hall (2006) enfatiza que:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo., através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". (HALL, 2006, p. 38)

Erikson (1972) ressalta a necessidade que o adolescente tem frente às suas transformações decorrentes deste período da vida, cujo anseio por encontrar um papel no seu meio social, traz a possibilidade de provocar uma confusão na identidade. A abordagem do conceito de adolescência é marcada por uma identificação bem comum, onde o termo apresenta-se como marcadores de “instabilidade”, “crise”, “desassossego”. “desequilíbrio”, entre outros. Aristóteles os considerava "apaixonados, irascíveis e inclinados a se deixarem levar por seus impulsos" (Kiell, apud Newcombe, 1999). Platão advertia quanto ao uso de bebida alcoólica antes dos 18 pois "não se pode colocar fogo no fogo" (Platão, apud Newcombe, 1999).

Partindo destas referências históricas de representação social da adolescência, pode se inferir que ela passou a ser vinculada a um período de incertezas, caracterizado pelo que se poderia comparar a um espaço fronteiro de instabilidade entre o período infantil e o adulto, pelos quais a adolescência será permeada por confrontos até chegar à fase adulta. Para Prioste (2013, p.21) “Durante a fase da adolescência o sujeito encontra-se mais vulnerável aos imperativos forjados pela cultura”. Calligaris (2000, p. 9), ao refletir sobre a adolescência:

Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos,

adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século 20, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial.

Evelyn Eisenstein, Professora-doutora da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCM/UERJ), apresenta uma definição de adolescência como um “[...] período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive”. (EISENSTEIN, 2005, p.5)

Diante do exposto, convém citar Morin (2012), pois ele entende a cultura como maior emergência da sociedade humana, pois trata-se de “um capital cognitivo e técnico (práticas, saberes, savoir-faire regras); por outro lado, um capital mitológico e ritual (crenças, normas, interdições, valores), para o autor “[...] A cultura é, no seu princípio, a fonte geradora/regeneradora da complexidade das sociedades humanas. Integra os indivíduos na complexidade social e condiciona o desenvolvimento da complexidade individual.” (2012, p. 166) A relação indivíduo-sociedade, nesta perspectiva é múltipla, conforme as expectativas das sociedades e suas épocas.

Assim, contemporaneamente, Bauman (2005) compreende que a identidade de cada pessoa passa a ser líquida, fluida e inconstante, adaptando-se às formas sociais ou mudando com o passar dos tempos, o indivíduo pode adotar diferenciados tipos de papéis ou até mesmo, descartá-los a qualquer momento, como se fosse uma troca de roupa. O pertencimento e a identidade não possuem a solidez eterna, mas sim, a finitude de um mecanismo que exerce um poder de transformação contínua, Ribeiro; Siqueira (2007) enfatizam que a contemporaneidade tem sido marcada pela abertura de possibilidades que proporcionam um contexto de “relações fluídas”, e elas são marcadas pela “alta reflexividade das identidades e das relações com o outro”.

É uma luta, uma guerra discursiva e legitimadora de um consenso, de uma “naturalização” das relações. As identidades são construídas no interior das relações de poder, nas disputas, nos campos de força entre a legitimação e a não legitimação, entre a identidade hegemônica e a identidade subalterna, num jogo de anunciação e aceitação da “verdade” historicamente construída. (MONDARDO, 2009, p.13)

Com base nestas afirmativas, as identidades não são neutras, pois expressam nosso modo de ver e de nos posicionar diante da vida e do mundo, tornam-se problemáticas e frágeis porque lidam frequentemente com muitos paradoxos, por isso Bauman (2005) justifica a reação liquefeita, pois as identidades, “[...] não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”, (BAUMAN, 2005, p.17). “[...] a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” (HALL, 2002, p.11).

A identidade é a construção do eu, ocorre dentro de um contexto sócio-histórico, em um processo que não é inerte ou sólido, mas existe em constante mudança e movimento, o caráter liquefeito, sua fluidez e volatilidade, constitui o traço mais explícito da singularidade de nossa modernidade, a despeito de qualquer outra evidência, temos claro, as constantes e vertiginosas mudanças relacionadas ao avanço da tecnologia e comunicação. Por meio de uma discussão ontológica Maheirie (2012) fala sobre isto:

A constituição da identidade tem a marca da ambigüidade, da síntese inacabada de contrários, daquilo que é individual e coletivo, daquilo que é próprio e alheio, daquilo que é igual e diferente, sendo semelhante a uma linha que aponta ora para um pólo, ora para outro. A utilização do conceito de identidade nos permite desvelar os indivíduos, grupos ou coletividades, localizá-los no tempo e no espaço, “identificando-os” como estes e não outros, mesmo em metamorfose. (MAHEIRIE, 2012, p. 42).

Caminhamos com um novo cenário onde os espaços virtuais são campos efetivos de atuações e a internet desdobra-se como espaço de realidade que permite a fácil entrada e saída de sujeitos que assumem inúmeras identidades ou reforçam a construção da já existente. Neste espaço virtual, abrem-se campos para o exercício da criatividade, para o alcance fácil de informações e, principalmente a comunicação, é o encontro diário diante de paradoxos e ambivalências. Bauman (2005), assim como Hall (2001), consideram a identidade em relação à “diáspora”, e aí ele faz referência à sua experiência de vida, afirmando que as “comunidades”, entidades que definem as identidades, são resultados de vida e de destino, justamente, por observar o fato quando Ihe foi negada (identidade polonesa) em que teve que

escolher sua identidade de pertencimento, a inglesa). “Identidade” significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular:

E, no entanto, a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades [...]. Essa nova característica das comunidades faz surgir o termo “comunidades-cabides” (BAUMAN, 2003, p. 21): comunidades líquidas, passageiras e voltadas para os interesses individuais. (MORESCO; RIBEIRO, 2015, p. 175)

Identidade e diferença são o resultado de uma produção simbólica e que traduzem o pertencimento e o não pertencimento, a inclusão e a exclusão, cuja relação não deixa de ser uma “relação de poder. “[...] a identidade é um problema em meio à crise, ao deslocamento, à incerteza. Por isso, o anseio em falar sobre identidade é um sintoma da pós-modernidade (MERCER, 1990) que se propaga contemporaneamente. Mas, nem sempre foi assim. Bauman (2005, p. 22-23) relembra que, antes do século XX, os debates acerca da identidade eram “unicamente um objeto de meditação filosófica.

Assim, de acordo com, Moresco & Ribeiro (2015) é fundamental discutir a identidade na perspectiva de compreender, como o conceito se estabelece e permeia as práticas, “[...] em busca de identificações e legitimações de acordo com os diferentes processos históricos e sociais contemporâneos. Chega-se à perspectiva de que a identidade é formada por diversas representações e significações híbridas, como um processo enunciativo resultante de várias vozes e histórias ressonantes”. (MORESCO; RIBEIRO, 2015, p. 168)

Em um mundo individualizado em excesso, as identidades tornam-se “ambíguas”, é o que Bauman (2017) destaca, pois estão diante de realidades que expõem o “sonho e o pesadelo”, tão perto e ao mesmo tempo, tão longe, indivíduos conectados com milhões de amigos e ao mesmo tempo, sozinhos, isolados num quarto, recebendo referenciais de beleza, pátria, valores, consumo, enfim. “Num ambiente de vida líquido - moderno, as identidades talvez sejam, as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da *ambivalência*”. (BAUMAN, 2017, p.38).

É também um processo de identificação poderoso na estratificação, pois sua dimensão global hierárquica divide e diferencia, são dois polos desconfortáveis, oponentes, de um lado os que conseguem constituir e articular sua identidade mais ou menos à sua própria vontade e de outro,

[...] se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros. [...] Identidades que se estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam [...]”. (BAUMAN, 2017, p.38)

Sobre a singularidade é mister destacar que, até hoje, tem-se o entendimento de que toda população viva, inclusive a unicelular, os indivíduos são por excelência diferentes, únicos, até mesmo os que possuem um genótipo idêntico e, suas construções são historicamente e socialmente diferenciadas. “Cada indivíduo detém, portanto, como traço constitutivo de individualidade, ao menos uma minúscula, mas inexorável diferença que o torna original no meio de seus congêneres” (MORIN, 2011, p. 173). Ele segue dizendo ainda:

A individualidade do indivíduo não é somente descontinuidade, eventualidade, risco atualidade; não é apenas singularidade, originalidade, diferença, relativamente, aos outros indivíduos, inclusive congêneres e semelhantes; não é unicamente a individualidade do organismo e do comportamento. A individualidade do indivíduo reside também no ser e na existência de si mesmo. (MORIN, 2011, p. 177)

Diariamente, nos encontramos à frente de “paradoxos e ambivalências existenciais”, a possibilidade de interagirmos com inúmeras personalidades, deixam latente o preceito da dúvida de nossas capacidades, personas, localização de tempo, espaço e formas de compreender quem somos, quem queremos ser, mas o fato não é uma especificidade da contemporaneidade, apenas inerência da própria lógica de estruturação do processo civilizatório ocidental moderno, fazendo passagem e deixando sua contribuição na construção de identidades, num processo de encantamento e desencantamento.

## 1.2 O universo da representação dos símbolos: interação e construto identitário

*Nós moldamos nossas ferramentas, e então nossas ferramentas nos moldam.*  
Marshall McLuhan

*Não sois máquinas, homens é que sois!*  
Charles Chaplin

As representações simbólicas são em potencial, elementos construídos no itinerário de desenvolvimento histórico do homem, elas são por excelência, um reflexo daquilo que ele produz e reproduz em sua mente. Eis, a complexidade de se buscar entender a relação dos indivíduos com os objetos, justamente, pela subjetividade e ampla possibilidade de interpretações que cada um insere à sua compreensão dos fenômenos. “Esta é a razão pela qual a investigação local exige também muita estratégia, invenção e, se quer ser ciência, também deve ser arte” (MORIN, 1995, p. 185).

Este é o ponto de partida para aquilo que está além do trivialmente exposto, os indivíduos e a sociedade atribuem graus de valoração às coisas que os rodeiam: anéis, o sol, um lago, artefatos, o fogo; e depois do plano inicial passasse logo a um estágio posterior presente desde nossos antepassados mais rudimentares, ou seja, o imaterial, o simbólico configurando assim a camada suprassensível carregada de subjetividade. (Araújo e Junior, 2012, p.92)

Em seu ensaio *Viagem na Irrealidade Cotidiana*, Humberto Eco (1984) comenta sobre o caráter arquetipo ilusório destas representações simbólicas, dentro desta nova realidade das redes virtuais, por exemplo, são identificadas ilusões irreais, por meio de recursos técnicos e tecnológicos que geram impressões como se fossem reais, os jogos de games, apresentam cidades, lugares, seres inanimados e outros objetos como parte de quem integra esse virtual, num processo interativo. Castro (1997) dá o nome de pulsão subjetiva inata ao homem, segundo ele é ela que possibilita a construção da relação interativa entre o imaginário e seus simbolismos com a realidade objetiva do território, o meio ocupado e habitado pelos seres humanos.

A abordagem adotada nesta tese está relacionada às construções interativas permeadas no interacionismo simbólico<sup>13</sup>, dentro da linha de estudos da Escola de Chicago, representada por Blumer<sup>14</sup> (1969), pois possibilita compreender a forma como os atores interpretam a realidade na qual estão inseridos e como estas interpretações podem influenciar o comportamento desses atores.

Considerando-se a complexidade e a pluralidade que são típicas da vida organizacional, evidencia-se que a utilização de uma perspectiva interacionista simbólica em estudos organizacionais possibilita explorar não somente as ambiguidades e contradições, mas também os vários modos de representações, os múltiplos valores e a construção das significações da vida organizacional pelos atores envolvidos (Carvalho, 2010, p.10)

A interação simbólica constitui-se como uma teoria sociológica que mantém relações com a psicologia social e a antropologia, cujo foco principal é o estudo da sociedade baseada na comunicação, influenciada já nos estudos das mídias, correlacionando às correntes do paradigma interpretativo, que buscam estudar as interações sociais do ponto de vista de cada um dos que dela participam. Carvalho (2011, p. 583), enfatiza que “[...] o interacionismo simbólico apresenta um potencial para compreensão de diferentes aspectos da vida organizacional, complementando outras perspectivas teóricas normalmente utilizadas neste campo de estudos”.

Para Blumer (1969) as pessoas constroem o próprio comportamento de forma ativa e contínua, interagindo e, essa incessante construção é uma característica de toda a vida social, esclarece ainda que a natureza do interacionismo simbólico tem como base a análise de três premissas:

---

<sup>13</sup> Essa escola se originou no [pragmatismo](#) americano e particularmente no trabalho de [George Herbert Mead](#), que demonstrou que os egos (self) das pessoas são produtos sociais, sem deixar de ser propósitos e criativos. Outros pioneiros na área foram Herbert Blumer e Charles Cooley.

<sup>14</sup> Herbet Blumer, um estudioso e intérprete de Mead, e criador do termo "interacionismo simbólico", pôs em evidência as principais perspectivas dessa abordagem: as pessoas agem em relação às coisas baseando-se no significado que essas coisas tenham para elas; e esses significados são resultantes da sua interação social e modificados por sua interpretação.

A primeira é que o ser humano orienta seus atos em direção às coisas em função do que estas significam para ele [...]. A segunda é que o significado destas coisas surge como conseqüência da interação social que cada qual mantém com seu próximo. A terceira é que os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho (BLUMER, 1969, p. 2).

É importante, destacar que existem outras correntes teóricas que vieram a dar origem ao Interacionismo Simbólico, suas raízes são muito abrangentes e, como forma de especificar sob o olhar atento dos nossos objetivos específicos, atrelamos nossas discussões refletindo as concepções de Erving Goffman, em sua obra *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (2011) em que o sociólogo, busca interpretar o comportamento dos indivíduos em seu dia a dia, onde o “homem” em sociedade “sempre utiliza formas de representação para se mostrar aos seus semelhantes” (GOFFMAN, 2011) e, a partir de suas representações “metáfora teatral<sup>15</sup>”.

Embora, Goffman (2011), tenha feito suas investigações em uma era anterior a era digital, suas ideias têm sido utilizadas como referência nas pesquisas sociais relacionadas às interações, em função justamente, do crescimento do aspecto interacional que ocorreu a partir da comunicação propiciada pela internet, cujos usuários das redes, mesmo distantes uns dos outros “[...]passaram a realizar um trabalho de apresentação do eu, de preservação de fachada e de manipulação da impressão que desejam projetar de si, tal como acontece nas relações em que os atores se encontram presentes fisicamente”. (MARTINS, 2010, 236)

O caráter imediato da comunicação propiciado pela internet permite que as pessoas escrevam, troquem informações, falem entre si em tempo real. Em sua visão, de certa forma, o efeito instantâneo propiciado pela internet e a possibilidade que oferece para desenvolver uma comunicação visual entre os indivíduos que a utilizam, aproximaram esse meio de comunicação de determinadas características ocorridas na interação face a face. (MARTIS, 2010, p.

---

<sup>15</sup> Permite a compreensão das diferentes identidades a partir da linguagem do teatro em que os papéis sociais desempenhados pelos indivíduos no cotidiano, apresentam-se como múltiplos padrões pelos quais eles e seus produtos são julgados. “E porque esses padrões são muito numerosos e muito difundidos, os indivíduos que são atores vivem, mais do que poderíamos pensar, num mundo moral. Mas, enquanto atores, os indivíduos interessam-se não pela questão moral de realizar esses padrões, mas pela questão amoral de maquinar uma impressão convincente de que esses padrões estão sendo realizados.” (GOFFMAN, 1985, p. 230)

Compreender uma possível relação entre os estudos recentes sobre as perspectivas interacionistas e a cultura, apresenta-se como um desafio, pois ambas estão permeadas por sistemas simbólicos influenciadores que são estruturados para exercerem um poder sobre as pessoas, isto porque são estruturantes, pois existe uma ordem gnosiológica para a construção da realidade, contribuindo fundamentalmente, para a reprodução de nova ordem social em que a cultura sofre interferências, perpetuando uma ordem simbólica, onde aqueles que dela participam são tão manipulados, quanto manipuladores.

Pierre Bordieu (1989) afirma que o poder simbólico é um poder invisível no qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que estão sujeitos a ele ou que o exercem. O poder simbólico acaba, por meio da linguagem escrita e falada, afirmando-se como porta-voz de canais de transmissão de informações dos que “falam” frente aos que “escutam”, legitimando o poder na esfera da mediação aos sentidos da imagem. Com base nesta premissa, Oliveira (2009, p.02) ressalta que, “As relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidas nessas relações e que podem acumular poder simbólico”.

Reconhecer os mecanismos que levam a aceitação do domínio do outro sobre o outro, é uma necessidade básica para o rompimento de amarras de controle social e do círculo vicioso que acentua diferenças, exclui a aceitação natural do pensamento sistêmico, este que fortalece preconceitos com visão holística<sup>16</sup>, estabelecendo divergências difíceis de serem superadas. Sem o rompimento e reconhecimento destes mecanismos, o dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima deste processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável. Oliveira (2009) comenta Bourdieu (2000), em um trabalho sobre a mídia, o campo, a ordem e o discurso: *Molduras do Poder Simbólico*:

[...] é necessário descobrir o poder simbólico onde ele menos se deixa ver, exatamente onde ele é mais completamente ignorado, logo onde poder vir a ser mais reconhecido. O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível passível de ser

---

<sup>16</sup> O holismo é um conceito criado por Jan Christian Smuts em 1926, que o descreveu como a "tendência da natureza de usar a evolução criativa para formar um "todo" que é maior do que a soma das suas partes". Neste caso, a arte de observar, enxergar cada detalhe, e esse olhar é preciso ser desvelado sem julgamentos e muito menos com expectativas, uma visão holística é atingir todas as possibilidades de um fato, e a partir disso, há descobertas fantásticas.

exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (OLIVEIRA, 2009, p. 2)

Com o avanço tecnológico e a possibilidade de diferentes instrumentos midiáticos de comunicação, como “veículos produtores, distribuidores ou portadores de mensagens e informações”, verifica-se um centro eminente de poder que ajuda no processo de criação de opiniões, motivadas e forjadas por fatores socioeconômicos e políticos, é uma espécie de campo de produção simbólica, legitimado na esfera da mediação que dá sentidos às imagens.

A realidade digital está tomando conta e ajudando a redefinir relações, inclusive familiares, a conexão com o mundo é obtida por meio de muitas linguagens, enriquecendo as capacidades e perspectivas e gerando grande territórios de ansiedade, e insegurança diante de um futuro que escapa da compreensão por conta de mudanças tão rápidas e inimagináveis.

E, as imagens por certo, são importantes instrumentos para análises e reflexões, elas são linguagens simbólicas expressas em contextos. Ao longo da pesquisa, buscamos entendimento sobre a linguagem imagética, até por estar atrelada ao rastreamento delas para identificar as múltiplas identidades apresentadas na rede, onde os adolescentes se comunicam por meio das selfies<sup>17</sup>, lives, posters, mensagens elaboradas e copiadas de outros sites e aplicativos, expressando pensamentos, ideias e/ ou emoções. Lyon (2002) citado por Donna (2013, p.34) diz que:

Com as mudanças ocorridas nos padrões de comunicação desde o início do século XIX, as interações entre humanos passaram a ser mediadas por algum tipo de tecnologia. De acordo com o autor, isso possibilitou os relacionamentos mantidos à distância. As relações sociais mediadas, viabilizam a troca de informações ou de conteúdos simbólicos entre indivíduos situados em diferentes tempo e espaço.

Medeiros (2018) em sua pesquisa com adolescentes, intitulada: “Os adolescentes e os aparelhos celulares: visualidades contemporâneas”, evidenciou a importância que os celulares, têm na vida dos sujeitos-adolescentes, os dados comprovaram que, os jovens utilizavam muito

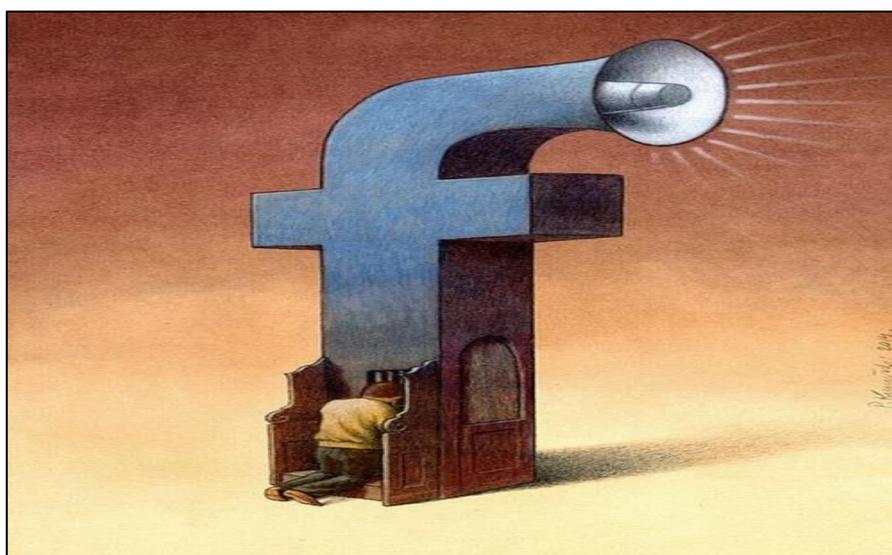
---

<sup>17</sup> Uma fotografia digital (autoretrato) de si mesmo para utilização nas redes sociais.

a câmera fotográfica de seus celulares para registrarem passeios, viagens, encontros e, principalmente, a si próprios em diferentes momentos do cotidiano, é o efeito do poder da imagem.

Sobre isto, ao nos debruçarmos em nossa investigação, encontramos o trabalho de um premiado desenhista e pintor polonês especializado em sátira e crítica, Pawel Kuczynski, graduado no Departamento de Artes Gráficas da Academia de Belas Artes de Poznan e Membro da Associação dos Artistas poloneses. Em várias de suas obras ele apresenta uma crítica sobre a potencial alienação provocada pelas redes sociais, algumas delas estão compartilhadas em todo curso de exposição deste trabalho, por entendermos que expressam o real no imaginário do artista, além de nos dar suporte para análises importantíssimas.

Imagem 1- Escravos do Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/pawelkuczynskiart/timeline/>Acesso: 2021/02

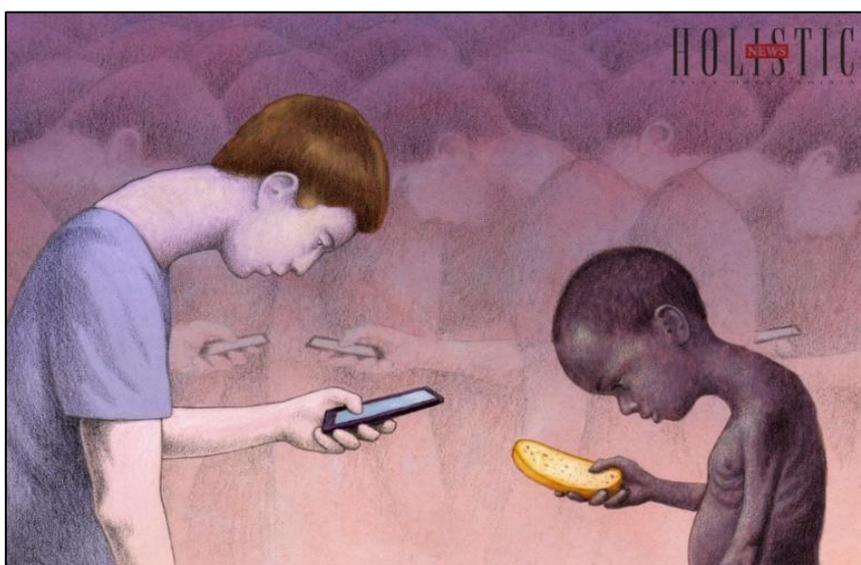
Há silêncio nas formas mais nocivas de violência simbólica em rede virtual, pois conta com a cumplicidade dos que a recebem e dos que a praticam, espalhando no ar diferentes formas de poderio como ordem vigente, em nome de uma cultura global excludente e homogênea. “A arte não diz respeito apenas ao belo. Um dos maiores poderes dela é, justamente, criticar o mundo sem precisar usar absolutamente nenhuma palavra, cruzando assim toda e qualquer fronteira ou limitação de idioma”. (GLETE, 2020).

Por meio de metáfora muitos se expressam, a linguagem implícita ou explícita diz algo, Kuczynski (2015) em entrevista no site LaPalora, falou sobre isto: “A metáfora é uma linguagem universal. Às vezes, uma boa metáfora consegue explicar uma ideia melhor que mil palavras. Então, tento transmitir o que penso sem palavras.” Ele diz ainda que, se considera um ilustrador realista dos nossos tempos surreais, “Sou um observador, e converto em desenhos as minhas observações sobre a condição humana”.

Confesso que ao observarmos todas as suas telas, por meio da Plataforma do Facebook, onde ele mantém sua página, com mais de 554 mil seguidores (10/2021), impressionam os detalhes expressos em sua arte, são ilustrações em forma de críticas e sátiras que nos fazem ficar por horas, imaginando minuciosamente o que expressa, pois cada um lança o seu olhar interpretativo.

O artista apresenta uma crítica ferrenha ao uso das redes sociais e, de modo especial, ao Facebook, o desenhista usa o logotipo da rede social (f) como elemento central em suas obras e, assim, critica as dimensões que são afetadas pelo Facebook, no entanto, faz uso da rede, como um membro, onde divulga suas telas e interage com os seus seguidores. A indagação é: será que ele se dá conta de sua condição pertencente a este mundo virtual?

Imagem 2- Olhando para Frente



Fonte: <https://www.facebook.com/pawelkuczynskiart/timeline/>Acesso: 2021/02

Bom, a imagem acima, por certo, nos remete às diferentes esferas do pensamento, as cabeças curvadas, imersas em mundos adversos, são paradoxos em meio a “nova era de

evolução” científica e tecnológica é a metáfora da dura realidade de adolescentes embrenhados em seus mundos desiguais, é a vida *off e on-line*.

Com os fones ajustados, os caminhantes, ávidos e hábeis em seus smartphones, exibem, de certa forma, indiferença em relação aos espaços, ao tempo e ao lugar, desligando-se da vida “real”, onde a proximidade física não se choca mais com a “distância espiritual”. “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”. (BAUMAN, 2017, p.33)

Em consonância com algumas ideias de Lévy (1994), Manuel Castells (1999) fala de um tempo novo, cujo movimento social e cultural estabelece uma relação de diferentes linguagens com o conhecimento e o saber, apresenta novas formas e possibilidades de se aprender e ensinar, retirando-as dos campos comuns da realidade. “É na ação sobre si e sobre o mundo que o homem procura dominar a sua vida e ultrapassar-se”. (CENATTI, 2013, p.20) Neste caminho os homens constroem diferentes meios e instrumentos dos mais simples aos mais sofisticados e, através de processos criativos, busca continuamente, ultrapassar e transcender seu limite que vai além dos seus físicos. Conforme Cenatti (2013, p.27):

[...] o que diferencia o homem dos demais animais não é somente a sua racionalidade. Na verdade, é a característica de poder transcender-se. Por essa dimensão que lhe é própria ele consegue ser mais do que é agora. O homem transcende a si próprio quando cria os meios para complementar o seu ser inacabado para dar-lhe estabilidade e proteção, igualmente quando cria seu próprio mundo denominado de cultura.

O processo de transcendência não pode ser entendido a partir do homem isolado de seu mundo cultural, pois quando ele se projeta, está para além daquilo que ele é agora, não está desvinculado de sua inserção no processo histórico, das mudanças inerentes do seu tempo, da sua contemporaneidade. “O homem, na medida em que procura prover-se dos meios necessários para a sua sobrevivência e para a realização de si próprio, atinge a História e a transforma”. (CENATTI, 2013, p. 35). Ainda para Cenatti (2013), desde que o homem começou a criar instrumentos para aperfeiçoar, complementar e realizar a sua vida, ele foi transformando sua realidade com o mundo, modificando a natureza e os seus meios culturais e

sociais, passando a produzir socialmente, transcendendo-se como processo no tempo, como um ser histórico que transcende a própria História.

As mudanças contemporâneas relacionadas ao sistema em rede, por meio de computadores, celulares, *ipads*, e outros instrumentos plugados na internet, são exemplos específicos de instrumentos que transformaram as relações, trazendo novas formas de convivência e construção entre os homens. “Em sociedades tecnologicamente avançadas, tecnologia não é um item separado ou um momento separado, é parte do que constitui a nossa sociabilidade” (LYON, p. 8, 2002). Como consequência destas transformações encontra-se a renovação da percepção dos usuários de redes na internet em relação às noções de temporalidade, espacialidade e materialidade, gerando assim a possibilidade de novas construções e utopias (PRADO, 2008, p. 180).

Manter-se em alta velocidade, antes uma divertida aventura, transforma-se em uma tarefa exaustiva. O que é mais importante, aquela incerteza desagradável e aquela confusão aflitiva, das quais você pensava ter se livrado graças a velocidade, se recusam a abandoná-lo. A facilidade do desengajamento e do rompimento não reduz os riscos, apenas os distribui, junto com as ansiedades que exalam, de modo diferente. (BAUMAN, 2017, p. 38)

O mundo virtual tomou conta da vida de muitas pessoas e, as redes sociais, mais do que nunca, fazem parte da rotina, podendo trazer problemas de relacionamento, comunicação e falta de administração do tempo. O mundo passou a ser visto pelas lentes do virtual e, cada um que faz uso dela, vê de modo muito particular, interpreta com base em suas vivências e experiências o que está refletido nela.

As telas dos computadores e smartphones são lunetas para o mundo em movimento, as fronteiras foram alargadas para além-mar, desterritorializadas e os espaços estão abertos para a engrenagem que se avoluma diante das necessidades globais. O conhecimento é produzido numa esfera mundial em que todos os que acessam, fazem parte de sua construção e, daí vamos lembrar dos estudos de Lévy (2007) sobre a grande árvore do conhecimento. De acordo, com Levy & Authier (1995) toda árvore de conhecimento é a representação dos saberes coletivos, ela abrange um retrato da totalidade da sua capacidade nos mais variados campos do saber e por meio da comunicação ela vai construindo laços.

Imagem 3- O olhar virtual



Fonte: <https://www.facebook.com/pawelkuczynskiart/timeline/>Acesso: 2021/02

Dentro deste contexto, de partilha célere de informações, adolescentes inseridos em âmbito escolar, já atuam compartilhando informações, formando conceitos e pré-conceitos, com base no que recebem por meio das redes virtuais que fazem ponte com o mundo. Em uma Conferência do Fronteiras do Pensamento, realizada em 2007, Pierre Lévy, abordou o tema *A comunicação mutante ao longo dos tempos*, comparando a internet à invenção da escrita ajudando a modificar nossos comportamentos, pois segundo ele, o ciberespaço possui “a memória da humanidade”.

A nova ordem mundial tem como principal característica o fenômeno da globalização. Esta pode ser definida como a “intensificação das relações sociais em escala mundial”, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. (SOUZA, 2016, p.51)

Estar conectado tornou-se necessidade tão forte que as pessoas acordam, caminham, e realizam tantas outras atividades, com o celular nas mãos. Em muitos lugares públicos é possível identificar pessoas “plugadas” nos seus aparelhos, grande parte se relacionando virtualmente, com diferentes funções que vão desde a situações que envolve o trabalho, a vida em família, o lazer, a pesquisa entre outras coisas. “O acesso em nível mundial cresceu exponencialmente, e é tão intenso, que a cidade chinesa de Chongqing implantou uma faixa

exclusiva para usuários de smartphones, com intuito de evitar acidentes entre pedestres distraídos que usam o celular enquanto caminham” (Silva, 2015, p.2).

Andy Hargreaves (2003, p.25) é professor de educação, possui expertise em observação de cena cultural contemporânea e, em suas observações destaca cenas corriqueiras de espaços bem comuns:

Em aeroportos e outros espaços públicos, pessoas com telefones celulares equipados com fones de ouvido ficam andando para lá e para cá, falando sozinhas e em voz alta, como esquizofrênicos paranoicos, cegas ao ambiente ao seu redor. A introspecção é uma atitude em extinção. Defrontadas com momentos de solidão em seus carros, na rua ou nos caixas de supermercados, mais e mais pessoas deixam de se entregar a seus pensamentos para, em vez disso, verificarem as mensagens deixadas nos celulares em busca de algum fiapo de evidência de alguém, em algum lugar, possa desejá-las ou precisar delas. (apud BAUMAN, 2017, p.31-32).

A que a vida corrida de muitas pessoas em um processo multitarefado, é um retrocesso, uma vez que, trata-se de um recurso amplamente ligado à vida dos animais em estado selvagem, assim diz, Byung-Chul-Han (2015, p. 18): “A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. [...] Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem” e, continua enfatizando que:

Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu(sua) parceiro(a). Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem no comer nem no copular. O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. (BYUNG-CHUL-HAN, 2015, p.18)

A cena nos espaços públicos é bem peculiar, geralmente, as pessoas estão de cabeças baixas, celulares na mão e desligadas de tudo o que está à sua volta, numa espécie de transe, que os coloca indiferente, inclusive às pessoas que, porventura, possam estar ao seu lado. Nas redes sociais virtuais e diferentes plataformas “[...] as pessoas curtem, comentam,

postam e se divertem com as piadas, vídeos, charges e muitas outras formas de comunicação”. (Silva, 2015, p.2)

Seja qual for a situação, vivemos a angústia não apenas de registrar momentos do cotidiano, mas de compartilhá-los através das redes sociais como se isso fosse fundamental para validar a experiência vivida, isto tem sido evidenciado nas postagens nas plataformas.

Uma imagem bem interessante, retratada na obra crítica de Kuczynski (2015), denominada por ele de “Prisioneiro” nos dá, de repente, uma ideia exata da imagem de muitos jovens aprisionados pelos games ou redes sociais virtuais, por meios de seus smartphones. Eles passam horas a fio, madrugam imersos em aplicativos de jogos virtuais, alguns com direcionamentos para apostas valendo dinheiro, o que pode levá-los ao vício nas plataformas criadas, justamente, para prender a atenção.

Imagem 4- Prisioneiro



Fonte: <https://www.facebook.com/pawelkuczynskiart/timeline/>Acesso: 2021/02

Kuczynski (2015) em mais uma obra denominada “Meu espaço”, chama atenção para os olhos vidrados de uma jovem à tela de um celular, tudo em demasia é prejudicial, é o que os pesquisadores estão apresentando em resultados, nos diferentes países sobre o acesso excessivo das redes digitais. Segundo Senra (2018), em uma matéria enviada a BBC Brasil e San Francisco (EUA), anualmente, têm crescido o número de clínicas de reabilitação, oferecendo tratamentos específicos para jovens que passam até 20 horas diárias encarando telas de cristal líquido.

Imagem 5- Olhos vidrados



Fonte: <https://www.facebook.com/pawelkuczynskiart/timeline/>Acesso: 2021/02

Jaron Lanier (2018), ficou conhecido como um filósofo da computação, ele fez duras críticas às redes, sempre alertando para que todos aqueles que dela fizessem uso, as deletassem pelo mal que elas poderiam causar, “Evito as redes sociais pelo mesmo motivo que evito as drogas”. Escreveu um livro cujo teor apresenta “Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais” o autor se refere à dependência e ao poder que o celular exerce, causando efeito de aprisionamento como gaiola que vai a todos os lugares, os usuários são “animais de laboratório” e, seus dados, são cooptados a cada segundo, identificando alegrias, tristezas, violências simbólicas, entre outras. “Levamos a vida com uma arma de distração em massa no bolso” isto afeta o cérebro e, por consequência nossa forma de viver”.

A grande questão, para Lanier (2018) é o modelo regido pela publicidade e a propaganda que hoje conduz a internet, pois agora de forma maciça por meio de um complexo jogo de algoritmos, busca modificar intencionalmente, a maneira com que as pessoas pensam, agem e tomam decisões, violentando a liberdade de escolha sem que tomem ciência disto, silenciosamente é um “vírus invisível” que entra pelos olhos vidrados, para busca incessante do lucro e do poder pertencente aos poucos que comandam a internet e, com isso, a vida de muitas pessoas.

Interessante os questionamentos apontados por Morin (2012) em sua obra *O Método 5*, pois aguçam reflexões profundas sobre aspectos referentes à liberdade, “A liberdade faz

parte de nosso patrimônio identitário? Dispomos de liberdade? De liberdades? Ele segue afirmando que por conta da subjetividade e determinismo da ciência:

De fato, sofremos limitações de nosso meio natural; somos prisioneiros de nosso patrimônio genético, que produziu e determinou nossa anatomia, nossa fisiologia, nosso cérebro, logo, nossa mente/ espírito; estamos fechados em nossa cultura, que inscreve em nós, desde o nosso nascimento, normas, tabus, mitos, ideias, crenças; estamos submetidos à nossa sociedade, que nos impõe leis, regras e interditos; somos mesmo possuídos por nossas ideias que se apropriam de nós enquanto acreditamos dispor delas. [...] Como dispor de liberdade? (MORIN, 2012, p. 267)

A existência social e o desenvolvimento por meios das técnicas permitiram autonomia aos indivíduos no meio natural, no entanto, a “[...] autonomia do indivíduo humano afirma-se na sua qualidade de sujeito” que se autoafirma e ocupa o centro do seu mundo interior e exterior. “A complexidade da relação entre indivíduo, espécie, sociedade, cultura e ideias é a condição da liberdade. Quanto maior a complexidade da trindade humana, maior a parte da autonomia individual, maiores as possibilidades de liberdade” (MORIN, 2012, p. 279)

Nos sites de relacionamento é possível identificar muitos tipos de violência simbólica, algumas delas, amparadas pela cumplicidade silenciosa dos que a recebem e dos que a praticam. Bourdieu (1989) aborda sobre a violência simbólica como um ato sutil, que impede a liberdade e oculta relações de poder, alcançam não apenas as relações entre os gêneros, mas toda a estrutura social, sendo expressas nas mais diferentes formas de comunicação, a violência simbólica, forjada, em muito, por meio da reprodução do conhecimento de dominação, como se fosse um ato cultural.

Os meios para se comunicar ampliaram a capacidade de troca de informação e comunicação, alteraram a sociedade, formando uma teia de mudanças da condição humana, a internet passou a compor o cotidiano das pessoas ao entrar como hábito cultural para expressar e comunicar formas de ver o mundo, colocar posicionamentos, redirecionar a grupos, entre outras coisas.

[...] temos possibilidades tecnológicas quase que ilimitadas de comunicação com o mundo, mas, no entanto, não conseguimos dialogar com o vizinho. nossa capacidade tecnológica nos permite a comunicação virtual e instantânea com o mundo, com pessoas que nunca conheceremos fisicamente. apesar disto, somos quase que incomunicáveis, sentimos a solidão cada vez mais próxima, presente no nosso dia-a-dia. (BAZZANELLA, 2012, p. 4)

O indivíduo apropriou-se de um número muito grande de informações e, muitas vezes, sem dispor de tempo para processá-las, de forma crítica, participativa e produtiva. Os espaços virtuais, na medida em que modificam as representações de tempo e espaço, mudam também a relação do sujeito consigo e com a construção de sua história, assim, uma das marcas da contemporaneidade é o lugar que a tecnologia ocupa na organização da sociedade e na vida de cada indivíduo, sendo assim, seria irracional buscar compreender o ser humano apenas pelos elementos que o constituem, mas, por suas amplas relações consigo e com o mundo, Morin (2003) comenta na obra *Para Navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*:

Se observarmos uma sociedade, verificaremos que nela há interações entre os indivíduos, mas essas interações formam um conjunto e a sociedade, como tal, é possuidora de uma língua e de uma cultura que transmite aos indivíduos; essas "emergências sociais" permitem o desenvolvimento destes. É necessário um modo de conhecimento que permita compreender como as organizações, os sistemas, produzem as qualidades fundamentais do nosso mundo. (Apud MARTINS; SILVA,

As mídias mantêm estreitas relações com as formas de controle e de violência simbólica, estabelecendo poder sobre as massas e exercitando domínio sobre a opinião pública. A imposição da vontade alheia sobre àqueles a que o poder simbólico submete, separa os que exercem o poder de comunicar e transformar a visão de mundo, daqueles que se colocam na condição de meros consumidores de informação. Carvalho (2021) em um debate sobre “Desafios da globalização em tempos de incerteza”, apresenta argumentos contundentes dizendo que o pensamento selvagem é a célula-tronco do pensamento complexo, não há contraposição ao pensamento domesticado, pois mito e razão são dimensões constitutivas do humano. Nesse sentido, diante das policrises que assolam o sistema-mundo, há a necessidade

de assumir uma racionalidade aberta de construções e desconstruções. Conforme, Achkar (2009, p. 8.161)

A vida real foi totalmente transportada para uma vida imaginária, totalmente virtual, idealizada como a verdadeira vida física nunca poderia proporcionar. É um processo de esquecimento do ser, consistindo num veículo que produz uma experiência irreal, mas efetivamente vivida pelos indivíduos como certa, num ambiente onde no seu interior a existência passa a ser cotidianamente construída, desconstruída e reconstruída.

As formas de vida contemporânea, destacadas por Bauman (2003) se assemelham pela vulnerabilidade e fluidez, as identidades são diversas, temporárias, frágeis nas relações sociais e laços humanos. Em entrevista a uma revista o autor enfatizou que “Os tempos são ‘líquidos’ porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser sólido.” Conforme, Bazzanela (2012, p.16), “[...] deparamo-nos na contemporaneidade com uma infinidade de paradoxos existenciais, alguns dos quais colocando em risco a própria sobrevivência da vida humana e em sua totalidade ambiental”.

Com efeito, pelas lentes do poder moderno, a “humanidade” parece tão onipotente e seus membros individuais tão “incompletos”, ineptos, submissos e tão necessitados de melhoria, que tratar as pessoas como plantas a serem podadas (ou arrancadas se necessário) ou gado a ser engordado não parece ser uma fantasia, nem moralmente odioso. (BAUMAN, 1998, p. 138)

As fake News vêm ganhando espaço no mundo virtual, Allcott e Gentzkow (2017, p.4) definem este fenômeno como “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, podem enganar os leitores”, contribuir para “escuridão e obscurantismo”. As eleições no Brasil já são referenciadas com interferências em seu resultado, em recente pesquisa pela BBC News (2019) foi constatado em monitoramento que nas redes ficaram evidentes as formas de manipulação de massas:

Muita desinformação, como imagens no contexto errado, áudios com teorias conspiratórias, fotos manipuladas, pesquisas falsas; ataques à imprensa tradicional, como capas falsas de revistas e falsa "checagem" de notícias que, de fato, eram

verdadeiras; imagens que fomentam o ódio a LGBTs e ao feminismo; uma "guerra cultural" organizada, com ataques sistematizados a artistas em redes sociais; áudios e vídeos de gente comum ou de gente que se passa por gente comum, mas com identidade desconhecida, dando motivos para votar em um candidato. (Silva, 2019, p.2)

Novas formas de comunicação, interação e organização das atividades humanas, vários recursos estão a todo instante, sendo criados e disponibilizados aos indivíduos desta era digital. No entanto, conforme Bourdieu (1989, p.43) “[...] aquilo que foi criado para se tornar instrumento de democracia direta não deve ser convertido em mecanismo de opressão simbólica”, dito isto, sabe-se que não há controle sobre as redes e compartilhamentos.

É importante destacar que já existem pesquisas com resultados bastante preocupantes com relação à segurança de informações, justamente, porque há um fenômeno de espionagem digital, conhecido pelos especialistas em segurança cibernética como stalkerware,<sup>18</sup> que com a expansão dos dispositivos móveis e da hiperconexão, começou a se tornar mais popular e, com isso, saiu do controle nos últimos anos, Godoy (2021) em artigo publicado no El País, Em 2020, apresentou dados de uma pesquisa feita por uma empresa de segurança cibernética Kaspersky, de que pelo menos 53.870 usuários de celulares em todo o mundo foram secretamente espionados por outra pessoa por meio de seus dispositivos, as vítimas são assediadas em segredo.

As informações são elementos que enfatizam principalmente, um sistema social que se modificou por diferentes fases até chegar a este estágio, pois ao longo dos anos nas sociedades industriais, o escravagista mantinha-se pela exploração escrava e agora, as sociedades priorizam a informação e é através delas que organizam sua produção material e simbólica, representam a dinâmica das relações sociais na cadeia de produção nos mais diferentes segmentos.

Na obra de Zuboff (2021), A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder, encontramos algumas definições a respeito desta força

---

<sup>18</sup> É um software que permite acompanhar e monitorar a atividade de um usuário em um dispositivo inteligente, como um celular, tablet ou computador. O problema desse software é que ele não foi criado especificamente para a espionagem e o assédio, mas para o intercâmbio de dados entre dispositivos de forma mais simples. (GODOY, 2021)

relacionada a uma suposta “[...]mutação do capitalismo marcada por concentrações de riqueza, conhecimento e poder sem precedentes na história[...]”. (ZUBOFF, 2021, p.15), o autor segue ainda em suas definições dizendo que:

A estrutura que serve de base para a economia de vigilância; 5. Uma ameaça tão significativa para a natureza humana no século XXI quanto foi o capitalismo industrial para o mundo natural nos séculos XIX e XX; 6. A origem de um novo poder instrumental que reivindica domínio sobre a sociedade e apresenta desafios surpreendentes para a democracia de mercado [...]. (ZUBOFF, 2021, p.15)

Pressões de natureza competitiva provocaram a mudança, na qual processos de máquina automatizados não só conhecem nosso comportamento, como também moldam em escalas bem constitutivas. Com tal reorientação transformando conhecimento em poder, não basta mais automatizar o fluxo de informação sobre nós; a meta agora é automatizar.

Obviamente, o desenvolvimento tecnológico não dita de forma irreversível os caminhos da vida social, no entanto, sua utilização modifica as formas de sociabilização e, com isso dá, outros rumos, transformando, desviando e criando relações inusitadas do homem com as tecnologias de comunicação e informação, contribuindo para o que alguns teóricos irão chamar de Cibercultura.

### 1.3 Cibercultura: um campo aberto de comunicação e interações culturais

*Da rede de pesca, da rede dos homens que descansam da labuta e dos que navegam nas ondas dos banzeiros. Internautas, navegantes digitais, navegantes do rio, conexões interligadas do homem amazônico contemporâneo.*

Núbia Najjar Dias

Com o advento das tecnologias informacionais de comunicação, estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação e de relações. Por meio híbrido, elas se estabelecem na vida de muitas pessoas, nos locais de trabalho, na vida cotidiana entre amigos

e familiares, na vida econômica, por onde se resolvem tantos assuntos e no lazer com recursos interativos e dinâmicos, nas formas de aprendizagem, enfim. Embora, o acesso a estes recursos não esteja disponível a todos, é notório que as inovações tecnológicas estão arraigadas na sociedade Mundial.

Para Santaella (2003) as novas tecnologias da informação e comunicação modificaram de forma exponencial os relacionamentos dos indivíduos em aspectos distintos como: no trabalho, no lazer, nas formas de gerenciamento em âmbito político, na educação, na economia, entre outras que identificam uma cultura geral com interferências deste novo jeito de interagir com o movimento da cibercultura.

Existe um novo formato se estabelecendo no meio dessas relações e, obviamente, não podemos cometer o equívoco de achar que estas transformações culturais são devidas apenas, ao advento de inovações tecnológicas, porém é preciso que se ressalte que estes novos meios de comunicação e interação, também são responsáveis por mudanças de comportamento e pensamentos. Segundo Santaella (2003) não só nos pensamentos, mas na sensibilidade dos seres humanos, propiciando o surgimento de novos ambientes socioculturais, muitos mediados pela “cultura virtual” ou cibercultura<sup>19</sup>.

Como ponto de partida as perspectivas históricas nos levam aos diversos desdobramentos sociais, históricos, econômicos, culturais, cognitivos e ecológicos da relação do homem com a técnica, os quais nos permitem entender o este processo de construção desta relação simbiótica do homem com a técnica, a priori, é importante apresentar diferentes concepções sobre *cultura*.

Em primeira instância, nunca é demais lembrar que a cultura é uma característica universal de todos os homens. No conceito genérico não existe sociedade sem cultura, ou a cultura sem a sua base na comunidade, a linguagem assume um papel preponderante, posto que a produção simbólica é o cerne universal e básico da cultura humana. “A cultura é singularmente humana no sentido de que só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz

---

<sup>19</sup> Em sua etimologia a palavra cibercultura provém da junção das palavras cibernética e cultura. "Ciber" seria o diminutivo de cibernética, uma ciência voltada para uma tecnologia avançada. Pierre Lèvy (1999, p. 17) quanto ao neologismo, a “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

de desafiar sua realidade e reivindicar um significado mais profundo, à justiça, à liberdade e o bem – seja ele individual ou coletivo.” (Bauman, 2012, p.242).

Em seu livro *Ensaio sobre a cultura* Bauman (2012) discute o termo como um paradoxo em que o conceito possui uma inexorável ambiguidade em função de circunstâncias históricas, por isso distancia-se da possibilidade de ser a arte da adaptação, mas um movimento que pode quebrar as limitações da ordem vigente, onde a criatividade humana, abre caminhos para uma multiplicidade de realidades. “A cultura, portanto, é o inimigo natural da alienação. Ela questiona constantemente a sabedoria, a serenidade e a autoridade que o real atribui a si mesmo” (BAUMAN, 2012, p. 301).

O uso da abstração é muito comum na definição do termo, há de se buscar aprofundamento nas mais diferentes áreas como a sociologia, antropologia, filosofia e outras. Geertz (1989) abordou negativamente a quantidade imensa de definições de cultura, ele entendia que era necessário o desenvolvimento de um conceito que fosse coerente e que tivesse um argumento definido. “Assim, definiu cultura como sendo um "padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida. (GEERTZ, 1989, p.56)

Morin (2012, p. 166) ressalta que “A cultura é, no seu princípio, a fonte geradora/regeneradora da complexidade das sociedades humanas. Integra os indivíduos na complexidade social e condiciona o desenvolvimento da complexidade individual”. Assim, a relação dos indivíduos com a sociedade torna-se hologramática, recursiva e dialógica: hologramática o indivíduo está na sociedade que está no indivíduo; recursiva porque há uma interdependência de produção, entre o indivíduo e a sociedade; dialógica a relação estabelecida entre o indivíduo e a sociedade acontece de múltiplas formas, ao mesmo tempo complementar, antagônica e histórica.

Na perspectiva do pensamento complexo, a cultura é, segundo Edgar Assis de Carvalho (2008, p.2) “[...] um circuito que envolve ordem-desordem-interação-organização. Composta por códigos, padrões-modelo, modalidades de existência, saberes e zonas obscuras.

[...] É instrumento de cidadania democrática a ser posto em movimento em todas as esferas da vida”.

Dito isto, avancemos no sentido de compreender que o surgimento da expressão *cibercultura* não é um termo tão novo quanto muitos supõem, mas com efeito, a engenheira, informata e empresária norte-americana Alice Hilton, fundadora do Instituto de Pesquisas Ciber Culturais (1964) foi a primeira a usar a expressão, para explicar a nova era da automação e das máquinas inteligentes, enfaticamente ela usou o termo para explicá-lo como: “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17).

Com o passar dos tempos o termo foi se justapondo às modificações inerentes aos avanços tecnológicos e a interação humana com os artefatos. Diniz (2008, p. 13) vê a cibercultura como “[...] um produtor próprio, e que se inscreve estruturalmente na informática, na Internet e na Word Wide Web (WWW), por meio de espaços e elementos tanto de produção quanto de veiculação de produtos culturais disseminados na Rede”. Para o autor, ela é um espaço de disseminação e circulação de elementos culturais na rede.

O desdobramento da relação da tecnologia com a modernidade caracterizado pelo domínio de naturezas e formas de interação humana, através da técnica, engendra e faz surgir uma concepção de “nova” cultura, denominada *cibercultura*. Para Lemos (2003, p.11) o termo Cibercultura:

[...] está recheado de sentidos, mas podemos compreender a cibercultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70.

Esta realidade cibernética em que a utilização da internet engendra por todos os campos de produção, dá a sensação de que o futuro que se avizinha não pode ser mais conduzido sem esses aparatos tecnológicos, pois são espaços em potencial de comunicação e interações.

Do ponto de vista sociológico, Norbert Elias (2006, p. 42) destaca que “[...] a experimentação tecnológica normalmente anda lado a lado, desde muito cedo, com experiências relacionadas à organização social”, o que nos remete a refletir sobre os nexos entre a ética da responsabilidade, civilização tecnológica e violência contra a natureza.

Indubitavelmente, os avanços tecnológicos trazem consigo elementos positivos, dada a possibilidade de melhoria da vida humana sob vários aspectos, pois em diferentes frentes, transforma a vida das pessoas, a exemplo disso, o conhecimento científico dotado à medicina, corroborando para diagnósticos cada vez mais precisos de doenças antes tidas como incuráveis. No entanto, destacamos o pensamento do filósofo Hans Jonas de que “O novo continente da práxis coletiva que adentramos com a alta tecnologia ainda constitui, para a teoria ética, uma terra de ninguém” (JONAS, 2006, p. 21).

Existe, um desafio sendo posto à prova aos limites da consciência ética do tempo presente onde tudo caminha para e pelo capital, as redes midiáticas dão conta de seduzir e vender ideias e produtos para o consumo exacerbado. Almeida et al. (2019, p.23) enfatiza, “[...] ou reduz-se a produção e o consumo de mercadorias supérfluas ou o risco da conservação da vida autêntica sobre a biosfera estará comprometida, de modo irreversível”.

E, postulando uma ética da responsabilidade, Almeida et al. cita Hans Jonas (2006) buscando uma compreensão do problema em pauta, dos nexos entre “ética da responsabilidade, civilização tecnológica e violência contra a natureza, a violência é a personagem muda”, sob o olhar sensível de Davi Kopenawa (2015) entendemos que o simples fato de que a técnica é um exercício do poder humano pode ser utilizada para o bem e para o mal, sendo assim,

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivos para sustentar o céu, ele vai desabar.

Se observarmos as diferentes plataformas de interação virtual, constataremos um número elevado de propagandas veiculadas de produtos que estão sendo vendidos no mercado: de beleza, aulas interativas, cursos à distância, roupas, calçados, alimentação e muitos outros distribuídos em plataformas como Instagram, Facebook, Youtube e outras tantas do mercado.

Estamos conectados neste mundo e Lévy (1999) endossa que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e as comunidades virtuais já exploram as potencialidades de forma incisiva na economia, na política e na cultura. A cibercultura não é um marco zero na cultura da humanidade, mas, ao contrário, é a ampliação que ocorre no ciberespaço.

Temos a intenção de aprofundar a discussão amparados pelas ideias de Castells (1999) por tratar a “sociedade em rede” como uma revolução em que se utiliza a internet e seus aspectos incorporados para fomentar o sistema capitalista. Lévy (1998) utiliza a mesma analogia da “rede”, mas para defender a ideia da “inteligência coletiva” seguindo um princípio no qual as inteligências individuais somadas e compartilhadas pela sociedade foram potencializadas a partir da evolução das novas tecnologias de comunicação e interação por meio da internet.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p.17)

Lévy (2015) em seus escritos sobre a *inteligência coletiva* enfatiza a necessidade de evitar o desperdício de riqueza humana que está no seu modo de pensar e projetar coisas para o futuro, em que se vislumbre uma hipótese “utópica” de uma democratização acompanhada por meio de computadores, numa espécie que ele denomina como *ágora virtual*. “As infraestruturas de comunicação e as tecnologias intelectuais sempre mantiveram estreitas relações com as formas de organização econômicas e políticas”. (LÉVY, 2015, p.61)



Esse ritmo acelerado imposto pelo desenvolvimento científico e tecnológico, na busca incessante pelo bem-estar do homem, e porque não dizer, pelo conforto material e pela manutenção do poder, impõe demandas manufaturadas que acabam fazendo parte da rotina humana, geralmente de maneira automática e impensada. (Veraszto, 2009, p.17)

Na contramão, Lanier (2018) apresenta argumentos orientando para que as pessoas deletem suas redes sociais e renunciem ao uso excessivo destes equipamentos tecnológicos, sua ênfase é de que a consciência é o primeiro passo para a libertação do vício. “Os danos à sociedade ocorrem porque o vício enlouquece as pessoas. O viciado vai perdendo gradualmente o contato com o mundo e as pessoas reais. Quando muitos estão viciados em esquemas manipuladores, o mundo fica obscuro e louco.” (LANIER, 2018, p.9).

Então, que inteligência seria esta que imobiliza, segundo Byung-Chul Han<sup>20</sup>? Bem, o filósofo coreano, ataca as redes sociais virtuais por entender que elas nos enquadraram dentro de uma “bolha”, pois nos induzem a encontrar pessoas que pensam iguais a nós, fazendo com que o nosso horizonte de experiências seja estreitado, da mesma forma Eli Pariser corrobora com este pensamento, escreveu sobre sua Teoria do Filtro Invisível.

Byung-Chul-Han diz ainda que há alienação e dominação crescente nas redes “Indignação digital não serve para nada, porque preferimos teclar em vez de agir”. (HAN, 2018, p.6) Os movimentos expressivos nas plataformas não dão conta das redes de manipulação em massa, originárias muitas vezes, por perfis fakes, utilizados inclusive para manipulações de eleições no Brasil em 2014, segundo matéria exibida pela BBC Brasil em Londres em novembro de 2017. “A estratégia de manipulação eleitoral e da opinião pública nas redes sociais seria similar à usada por russos nas eleições americanas, e ela existiria no Brasil, desde 2012”. (GRAGNANI, nov/2017) E, se assim, isto se faz verdade, como ficariam as mentes de adolescentes em meio à tantas formas de manipulação de mentes?

Para Latour e Mazenzie (1991) a utilização das técnicas atuais e os projetos inovadores, são concebidos com base em necessidades de um contexto que envolve uma ordem cultural vigente. Em entrevista à BBC News Mundo, Martin Hilbert, pesquisador

---

<sup>20</sup> Byung Chul Han é um filósofo e ensaísta sul-coreano, professor da Universidade de Artes de Berlim, considerado uma estrela no campo da filosofia e visto como sucessor de pensadores como Roland Barthes, Giorgio Agamben e Peter Sloterdijk. Autor de obras importantes como *A Sociedade do Cansaço*; *A agonia do Eros, No exame, entre outras*.

alemão da Universidade da Califórnia-Davis, nos Estados Unidos, e autor do primeiro estudo que calculou quanta informação existe no mundo ressaltou em entrevista que: “[...] as tecnologias persuasivas funcionam como extensão de nossas mentes, desse diálogo interior que não conseguimos interromper”. (Nov/ 2020) Ainda na entrevista, Hilbert (2020) comentou sobre o aumento da ansiedade relacionando os efeitos à explosão das redes sociais, coincidentemente, a crescente percepção de solidão, de suicídio entre adolescentes, sobretudo entre meninas.

Precisamos entender que esses algoritmos não afetam todos igualmente: buscam os mais frágeis. Se uma menina de 14 anos procura no YouTube um vídeo sobre como comer melhor, o algoritmo logo vai recomendar a ela um vídeo sobre anorexia, porque a experiência diz a ele que isso vai captar a atenção dela. E se ela for frágil, seguirá esse caminho. (Entrevista BBC News-Nov/2020)

Nossos sistemas de comunicações e de trocas de informações mudam frequentemente, as inovações surgem agregando-se à cultura da humanidade, fomentando outras maneiras de pensar, conviver e interagir, modificando assim as relações na sociedade nos mais diferentes campos, alterando o processo de produção de bens materiais, reorganizando o trabalho, os nossos processos cognitivos e, também, a maneira como devemos, percebemos e entendemos o mundo ao nosso redor (LÉVY, 1993).

A rapidez com que as comunidades virtuais vêm avançando, muito se deve, ao menos ao que se sabe hoje, pela adesão em massa de diversas camadas da população, especialmente, por adolescentes e jovens adultos (CASTELLS, 2011), pertencentes às diferentes classes sociais. Castells (1999), argumenta ainda que a internet não é simplesmente um invento tecnológico, mas um meio organizador das sociedades, uma espécie de representação “ideal” de democratização que possibilita em tese o sentimento de liberdade, quem as utiliza pode expor-se em diferentes situações relacionadas ao seu estado de espírito, profissionalmente, culturalmente e afetivamente.

Existe um novo contexto e, de modo bem evidente, com a vivência na Pandemia da Covid-19<sup>21</sup>, que iniciou em 2019, os sistemas em redes foram potencializados e, no momento de distanciamento social, adaptar-se às redes virtuais não foi opção, mas um imperativo para muita gente e, pudemos enfim, ver a expansão do *e-commerce*<sup>22</sup>, uma espécie de comércio eletrônico. Segundo Ventura (2010, p. 18) “O conceito de comércio eletrônico não pode se restringir apenas à compra e venda de mercadorias, porque existe também a possibilidade de se prestar SERVIÇOS por meio de redes eletrônicas de comunicação à distância”. A pioneira desse processo foi a empresa Amazon.com, líder de mercado até os dias atuais”.

E, sobre isto, não podemos deixar de abrir um parêntese para comentar que tem facilitado a vida de muitas pessoas, mas também tem trazido alguns contratempos com relação às fraudes na internet, isso ocorre por ser um modelo de comércio onde se faz todo tipo de comercialização e, alguns sites não têm segurança em suas plataformas eletrônicas, que são utilizadas com computadores, smartphones, tablets etc.

O e-commerce nasceu com o surgimento da internet, e com isso, facilitou todo o processo de compra e venda de muitas empresas que inicialmente, vendiam apenas pequenos produtos e com valores baixos, nesta lista de produtos estavam livros, cds, dvds e etc, mas atualmente, podemos encontrar até os produtos mais caros do mundo, como iates, mansões, aviões, obras de arte, entre outros de luxo.

Com a realidade do isolamento, as pessoas passaram a ficar mais em casa, inclusive em trabalho *Home office*, onde os trabalhadores em suas próprias casas ou em espaços alternativos para realizarem suas funções de trabalho. Por meio da internet o ambiente corporativo ganhou força, trata-se do *Coworking*, uma espécie de espaço onde alguns trabalhadores compartilham o ambiente em parceria, geralmente quando não conseguem montar seu próprio local de trabalho. São novos tempos, novas formas de negociar e, com a pandemia, houve um boom de vendas e negociações, ampliando o lucro de muitas empresas.

---

<sup>21</sup> A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia em curso e, de acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS, o primeiro caso foi reconhecido em Wuhan em dezembro de 2019, trata-se de uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés.

<sup>22</sup> E-commerce é uma abreviação de electronic commerce, ou “comércio eletrônico”, em uma tradução literal. Ele se refere às transações comerciais realizadas totalmente online por meio de equipamentos digitais.

## 2 NA TRILHA DO LABIRINTO, A PESQUISA

*Uma palavra ilumina a minha pesquisa: compreender.*

Marc Bloch

*Devo, pois, indicar previamente e de uma forma não complexa as diferentes avenidas que conduzem ao 'desafio da complexidade'*

Edgar Morin

Para início de conversa, convém que expressemos a concordância sobre o ponto de vista relacionado à pesquisa, a qual nos dispusemos a fazer. De forma simplória, seria a busca por respostas a algo que nos inquieta e instiga à curiosidade de conhecer e, na ciência, encontramos os fundamentos para seguir aliançando e alicerçando conhecimentos. O que nos permite recordar dos escritos de Dyson (2009) sobre a ciência como “aliança de espíritos livres” nas mais diferentes culturas, através dela há rebeldia contra a tirania local que cada cultura impõe aos seus filhos e, Rovelli (2020) corrobora afirmando que: “É preciso ser rebelde para ser um cientista criativo”.

E neste fazer ciência me dispus ao trabalho simultâneo em que a composição da teoria, do método e das técnicas nortearam o caminhar feito com zelo, responsabilidade e foco no que nos moveu, enquanto cientista. Sobre esta condição, Jacques Yves Cousteau instigou: “Afinal o que é um cientista, então? Ele é um homem curioso que olha através de uma fechadura, a fechadura da natureza tentando saber o que está acontecendo”, no entanto, nem sempre com o olhar aleatório, mas vigilante,

[...] vigilante no sentido da atenção, da coerência para pensar o percurso, para tomar decisões, para se encorajar no desafio de estar aberto aos improváveis e imprevistos do processo. Isto nos coloca em um posicionamento diferente dos modelos positivistas, estruturalistas e deterministas de se pensar e se conduzir em pesquisa. [...] (VASCONCELOS; BARROS, 2021. p.66)

Investigar as redes sociais virtuais, seu uso, potencialidades e fragilidades na construção identitária de adolescentes nos direciona a optar pela Pesquisa Empírica Exploratória onde nos baseamos nas observações e na captura de experiências para análises de dados. Diante de tema tão complexo, existe uma necessidade estratégica de optar por uma abordagem qualitativa multidisciplinar para que, haja apreensão das interrelações entre diversas áreas do conhecimento, pois as noções de identidade inseridas nas dinâmicas digitais que constroem os indivíduos na contemporaneidade não podem ser vistas dentro de uma visão reducionista, “Não apenas estamos numa aventura desconhecida, somos habitados pelo nosso próprio desconhecimento” (Morin, 2015, p.293)

E assim, como fios que se interligam para um caminho objetivado, a pesquisa <sup>23</sup>vai se constituindo de forma pragmática. Para Gil (1999, p.42) ela acontece em um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos com o cuidado e atenção, onde a busca pela transdisciplinaridade surge como estratégia dentro dos procedimentos a serem adotados na pesquisa. Edgar Assis de Carvalho (2008, p.20), sobre a transdisciplinaridade, comenta que, “[...] se localiza além das disciplinas, uma atitude teórico conceitual-metodológica assemelhada a uma viagem sem porto definido. Exige conhecimento sedimentado das áreas-tronco do pesquisador, mas vai além delas, para atingir a complexidade de problemas sócio-históricos”.

É importante que se esclareça que a complexidade não tem metodologia fixa, mas de acordo com Morin (1999) o método da complexidade exige um pensamento nos conceitos, sem nunca os dar por concluídos, justamente para romper com as esferas fechadas “[...] para restabelecermos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade” (MORIN, 1999, p. 192)

Por certo, temos que o conhecimento não é linear, histórico e não está isolado do contexto do pesquisador, é produto de contradições que nascem dentro do próprio contexto

---

<sup>23</sup> Os trâmites referentes à ética na pesquisa foram realizados conforme orientações do Comitê Científico, para tanto “O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi informado à Coordenadoria Regional de Ensino de Manacapuru e, posteriormente à Escola onde foi realizada a coleta, após a leitura do documento o diretor prontamente autorizou a realização da pesquisa (Anexo) e para cada um dos alunos foi entregue uma cópia do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido informado aos pais” (Anexo), os alunos levaram o documento para casa para que os pais ficassem cientes dos interesses da pesquisa e para que autorizassem a participação dos seus filhos na mesma.

em que se dá o processo da pesquisa, possibilitando a formulação de novos conceitos e de novas teorias. Corroborando com Edgard Assis de Carvalho (2004, p.3) “O ato do conhecimento envolve intuição, criatividade, fruição, descoberta, escavação, ignorância, sabedoria, contemplação, desordem, loucura, ilusão, excentricidade, erro, desordem, fantasia, transferência, reorganização”.

Investigar as redes sociais digitais localizando e contextualizando seus efeitos em um lugar específico da região Amazônica nos permite analisar como os aparatos tecnológicos vêm alterando os modos de vida locais e criando conexões com o global. A Região Amazônica, como a compreendo, é uma espécie de simbiose da natureza e a sociedade, na sua complexidade, buscamos entendimento sobre a multiplicidade que a compõe, ela constitui o mundo e o mundo a constitui.

Para situar o **local da pesquisa**, convém especificar que o estudo foi desenvolvido em Manacapuru, um município brasileiro do Estado do Amazonas, localizado a 86 km da capital, ele faz parte da Região Metropolitana de Manaus, sendo apontado pelo último censo do IBGE (2020) como a quarta cidade mais populosa do Estado, possuindo cerca de 98.502 habitantes. O principal acesso à cidade é através da Rodovia Manoel Urbano, onde está a Ponte Jornalista Phelippe Daou, dando acesso à capital Manaus.

De acordo com Confederação Nacional dos Municípios – CMN. (2020), o município ocupa uma área de 7 329,234 km<sup>2</sup>, representando 0.4666% da área do estado do Amazonas, 0.1902 % da Região Norte e 0.0863 % de todo o território brasileiro. Manacapuru possui uma temperatura média anual mínima de 24 °C e de 35 °C como média máxima. A vegetação, típica da Região Amazônica, é formada por florestas de várzea e terra firme, tendo ao seu redor um relevo composto por lagos, ilhotes e uma pequena serra.

Para os historiadores a cidade foi fundada em 1786, originou-se de uma aldeia de índios Mura, cuja pacificação teria ocorrido em 1785, se estabeleceram à margem esquerda do Rio Solimões por volta do século XVIII, onde surgiu, a partir daí, a localidade. No entanto, há controvérsias e celeumas literárias e históricas, acerca da origem étnica do suposto aldeamento Mura que teria dado origem à cidade de Manacapuru, inclusive com base em estudos evidenciados à luz dos registros históricos e arqueológicos.

Em um Trabalho de Conclusão de Curso em Arqueologia apresentado à Universidade do Estado do Amazonas, Oliveira (2017) problematiza esta atribuição de exclusividade étnica Mura ao surgimento da cidade de Manacapuru. O autor salienta que por trás desta afirmação histórica há uma negação lógica da possibilidade de pertença de diversas etnias indígenas na região que “[...] foi descaracterizada pela expansão dizimadora, com redução demográfica dos indígenas, e a ocidentalização infligida contra os grupos remanescentes”. E, sendo assim, convém lembrarmos que a ocupação da Amazônia possui evidências que sistematicamente foram apagadas por políticas colonizadoras e que se estendem em referenciais repassados ao longo dos anos de forma mistificadora.

Neste sentido, é preciso tomar cautela com a ideia da unicidade étnica atribuída às origens da Cidade de Manacapuru, pois está igualmente inserida em um contexto político econômico maior que mutilou sociedades indígenas e, por vezes, elide as evidências quanto ao possível povoamento multiétnico. (Oliveira, p.10, 2017)

Ainda sobre este aspecto encontramos em Nogueira (2006) comentários de Marcio Souza, discorrendo sobre os índios Manaós à época da rebelião sob o comando de Ajuricaba, um líder da nação indígena dos Manaós no início do século XVIII, símbolo de resistência e liberdade, “[...] aquela valente nação, além de posições no alto rio Negro e pelo rio Urubu, também se concentrava em diversas malocas pela localidade hoje chamada de Manacapuru [...] Assim, do ponto de vista antropológico e arqueológico, Manacapuru, definitivamente, não é a terra dos índios mura”. (NOGUEIRA, 2006, p. 07).

Manacapuru é carinhosamente conhecida como a Princesinha do Solimões, por sua exuberância e apelido que ostenta desde meados do século XIX. Muitos de seus atrativos naturais são conhecidos nacionalmente, assim como sua tradicional festa popular, o Festival de Cirandas de Manacapuru, o que coloca o município entre os mais visitados por turistas na Amazônia.

O nome é de origem indígena, que deriva das expressões Manacá e Puru. Manacá é uma planta brasileira das dicotiledôneas, da família solanaceae. Em Tupi-Guarani, a palavra *Mana* significa "Flor". Já a palavra *puru* possui a mesma origem, sendo distinto apenas o significado, que quer dizer enfeitado ou matizado. Assim, Manacapuru em Tupi-Guarani

significa Flor Matizada, com possível tradução também do dialeto indígena Mura com o mesmo significado.

Aliás, sobre o Festival de Cirandas, é interessante enfatizar que os vídeos de apresentações dos Festivais já se encontram disponibilizados na internet por meio do Youtube, nas mais diferentes plataformas e aplicativos, possuem milhares de visualizações, o que permite divulgar mundialmente a cultura local.

## 2.1 Dois campos de estudos, dois mundos: *Off e On*

Por nosso estudo estar relacionado às redes sociais virtuais/ciberespaço, utilizamos dois campos de pesquisa, um por meio de inserção em rede de internet (*on line*) e o outro (*off-line*) no campo escola, ambos feitos com alunos matriculados no Ensino Fundamental de uma escola pública estadual, denominada Carlos Pinho, situada no centro da cidade de Manacapuru-Amazonas.

### 2.1.1 Campo off-line - a Escola e seu mundo real

O campo *off-line* aqui é entendido como o espaço no ambiente escolar, não o físico ou o geográfico, especificamente, mas aquele que está para além dos olhares fechados às análises mais profundas, relacionadas ao cotidiano, ao que emerge das relações estabelecidas dentro deste espaço, com as “gentes” que nela diariamente, constroem e remontam suas histórias, suas formas de olhar o mundo.

Optamos por realizar a pesquisa na Escola Estadual Carlos Pinho, ela foi criada pelo Decreto nº 1050 de 28 de janeiro de 1914, recebeu esta denominação em homenagem justa ao grande educador Carlos Pinho que ministrava aulas de matemática e, muito contribuiu com a escola. É importante destacar que esta instituição é a mais antiga da cidade de Manacapuru, possui um alto conceito perante a comunidade e já ganhou vários prêmios estaduais e nacionais.

Os alunos advêm de vários lugares, da estrada, da zona rural, dos diferentes bairros como centro da cidade, até os mais longínquos como São Francisco. São alunos com poder aquisitivo familiar bastante diversificado, alguns com mais recursos, com pais empregados, formados, outros nem tanto, mas com condições para obterem o básico para sobreviverem, há também àqueles que passam necessidades, vivendo apenas de auxílios como bolsa família, bolsa escola e outros.

A escola é tida como referência de bom ensino e qualidade, tem obtido nos últimos anos, subsequentes aumentos em seus índices, e devido aos bons resultados nas avaliações externas e internas, a procura por vagas de matrículas é intensa, justamente, porque a comunidade considera a escola de padrão muito bom em termos de qualidade de ensino.

De acordo com o INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, em 2017, o Índice de Desenvolvimento da Escola foi de 6,7, no Ensino Fundamental I, passando no ano de 2019 para 6,9, porém apesar dos números serem satisfatórios com relação às metas propostas, no Ensino Fundamental II, estes números são menores, pois em 2017 obteve 6,0 e teve uma decrescente para 5,9, conforme mostra tabela abaixo:

Tabela 1 - Parâmetros da Pesquisa – IDEB observado

Ensino Fundamental I					Ensino Fundamental II				
2011	2013	2015	2017	2019	2011	2013	2015	2017	2019
	5.9	7.0	6.7	<b>6.9</b>	4.9	5.4	5.9	6.0	<b>5.9</b>

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep

É interessante enfatizar que a Escola Estadual Carlos Pinho (nosso local de pesquisa), encontra-se na segunda melhor posição na avaliação do INEP, considerando as escolas estaduais do município de Manacapuru – Am, tanto no Ensino Fundamental I, quanto no Ensino Fundamental II, sendo a primeira na classificação, a Escola da Polícia Militar Jamil Seffair, apenas por 0,1 décimo em ambas as modalidades de ensino.

Funciona em dois turnos: Matutino e Vespertino com salas amplas e equipadas com TVs no ponto de acoplar notebooks para que os professores ministrem suas aulas, utilizando diferentes programas e aplicativos. Há na escola uma internet que é paga pelos professores que utilizam dos serviços oferecidos por uma empresa particular, para utilização em pesquisas.

No Projeto Político Pedagógico da Escola consta como eixo norteador, valores como: inovação, parceria e transparência. De acordo com o registro no documento, a instituição busca contribuir na construção de uma sociedade justa, socialmente equitativa e solidária, politicamente democrática, culturalmente pluralista e religiosamente ecumênica, pautada pelos princípios éticos e políticos, onde todos:

- a) Sejam verdadeiramente reconhecidos e respeitados em sua dignidade humana e em suas diferenças;
- b) Tenham a possibilidade de desenvolver as suas potencialidades;
- c) Contribuam para que a autoridade, o saber, os bens naturais e os produzidos pelo esforço comum estejam a serviço do crescimento e sejam partilhados coletivamente;
- d) Tenham a liberdade de pensamento, de expressão e consciência.

A pedagogia histórico-crítica dos conteúdos é ressaltada como norteadora de suas metodologias, justificando que vivemos em uma sociedade competitiva, desigual e injusta, por isto a escola precisa preparar seus alunos para este tipo de realidade, para que tenham mais chances de sucesso profissional e em seus objetivos pessoais e familiares. A expressão *pedagogia histórico-crítica* pode ser traduzida pelo:

[...] desempenho em compreender a questão educacional a partir do desenvolvimento histórico objetivo. [...] o que não é garantido pela natureza tem que ser produzido historicamente pelos homens; e aí se incluem os próprios homens. Podemos, pois, dizer que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. (SAVIANI, 2000, p.56)

A pedagogia histórico-crítica, tem como principal expoente, o professor Demerval Saviani, que considera a pedagogia histórico-crítica como sinônimo de pedagogia dialética<sup>24</sup>, fundamentada no materialismo histórico-dialético (corrente que surge no Brasil na década de 1980), preocupa-se com as demandas educacionais, em especial com problemas que emergem na sociedade brasileira nesse mesmo período, portanto, para a pedagogia histórico-crítica, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 2005, p. 13).

Os professores optaram por adotar o referencial teórico e prático da proposta de educação para o século XXI, sugerida pela UNESCO, centrada nas quatro aprendizagens: 1) Aprender a conhecer (...) que significa aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida. 2) Aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. (...). 3) Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão com o outro e a percepção das interdependências (...). 4) Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez melhor capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. (...).

A partir das referências teóricas, até aqui apresentadas, a expectativa que se têm em relação ao professor da escola, é de sujeito histórico e mediador do processo de construção do conhecimento, caminha na direção da posição defendida pela pedagogia histórico-crítica: o professor deve reunir competência técnica e compromisso político com a comunidade escolar e o ambiente em que está inserido.

A competência técnica se traduz no sentido do domínio do conhecimento de um saber sistematizado e elaborado, ao qual é produzida ao longo de toda a experiência humana, e das formas adequadas de transmitir esse conhecimento. A ideia é que a competência técnica

---

<sup>24</sup> Essa concepção moderna de dialética representa um modo de pensarmos e compreendermos as contradições da realidade e sua permanente transformação, o que parte da prática social e a ela retorna. Além disso, esse posicionamento está ligado a uma concepção teórico metodológica. No século XIX, Marx e Engels adotaram o modelo dialético desenvolvido por Hegel para explicar a evolução da história humana e de seus processos sociais e econômicos. No pensamento de outro filósofo da Grécia Antiga, Heráclito de Éfeso, a dialética também aparece como processo de entendimento das relações históricas.

seja o elemento mediador para realizar o compromisso político que foi assumido teoricamente. “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. (FREIRE, 2011, p.31)

A escola possui uma estrutura física apropriada, que proporciona aos membros da comunidade escolar um ambiente favorável à aprendizagem, identificamos uma biblioteca com acervo variado, um laboratório de informática, salas de aula com Tvs e acesso à data show, equipamento de sonorização que funciona como uma espécie de rádio escola, entre outros.

A participação dos pais nas reuniões ou quando são convocados é bastante satisfatória, no entanto, com relação ao acompanhamento dos filhos nos deveres é relato de grande maioria dos professores, a não participação por “n” motivos, um fator que interfere no rendimento. Conforme Martins (2019, p. 18):

Os desafios e as dificuldades que se estabelecem para famílias e suas crianças na atualidade são inúmeros, afinal, vivenciamos uma época marcada pelo excesso e pela rapidez de informações, juntamente com uma sensação de proximidade e simultaneidade, proporcionada pelos meios tecnológicos de comunicação e pelas redes sociais, que se estabelecem como importante forma de relacionamento e interação entre as pessoas.

Com a aplicação de questionário foi possível identificar por meio de Análise de Conteúdo (Bardin) a expectativa dos alunos com relação à escola, no que diz respeito ao ambiente, a representação frente à comunidade escolar e à construção do conhecimento. Enfatizo que os dados foram coletados não só com a população amostra definida para a pesquisa, mas do universo geral, com todos os alunos das 3 turmas de 9º ano para obter um resultado bem minucioso e aprofundado desta escolaridade.

A unidade de registro definida foi a expectativa dos alunos com relação à escola e, por meio de respostas e incidências, obtivemos as unidades de contexto e variações teóricas que nos levaram a obter as categorias emergentes para traçar um perfil de acordo coma maioria.

Quadro 1 - Expectativa dos alunos com relação à escola

<b>Unidade de Registro</b>	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Variável Teórica</b>	<b>Categoria Emergente</b>	<b>Incidência</b>
Expectativa com relação à escola	Ambiente legal: possui bons profissionais.	Escola, ambiente agradável.	Ambiente produtivo	De 54 -46
	Escola grande.		Liberdade na escola	De 54 – 24
	Possibilidade de fazer amigos.		Relacionamento Positivo	De 54 – 48
	Representação da Escola como instituição com influência na comunidade.	Influência na comunidade	Relação interativa e participativa	De 54 – 47
<b>TOTAL</b>				54

**Fonte:** Pesquisadora realizada no 1º semestre de 2019

As falas dos adolescentes escolares destacam a escola como um ambiente produtivo, alguns afirmam estar nela com a finalidade de aprender algo. Isto significa que os alunos veem a escola como lugar de aquisição do saber escolarizado. No entanto, chama atenção a forma como eles avaliam a interatividade entre a escola e a comunidade, muitos são os relatos, inclusive citando os poucos e raros momentos em que os encontros acontecem. “Nossos pais são chamados para ouvir reclamações de notas, ou pra festas das mães ou outras datas” (fala de aluno X) “Acho que tem coisa que dava pra ser feito na escola como cursos e outras atividades”. (fala de aluno Y)

O vínculo afetivo que o aluno cria com a escola, através de seus professores e seus colegas de turma é imprescindível para que o aprendiz se sinta à vontade, tranquilo e feliz para desenvolver suas habilidades. A educação precisa incentivar as relações sociais, a cooperação, trabalhos em grupos, reuniões e utilizar métodos e didáticas que estimulem o dinamismo e a comunicação. Moran (2004, p.13) destaca:

O afetivo dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades. O homem contemporâneo, pela relação tão forte com os meios de comunicação e pela solidão da cidade grande, é muito sensível às formas de comunicação que enfatizam os apelos emocionais e afetivos mais do que os racionais.

Ninguém consegue aprender nada, inserido em um ambiente hostil, sentindo-se muitas vezes, coagido, na iminência de ser punido, ou ainda, na possibilidade de fracassar. O aluno precisa confiar em si mesmo, em seus colegas e no professor, sem preocupar-se com punições, avaliações, temendo sempre o erro, a escola precisa ser um espaço aberto para o exercício cidadão. “Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária [...]” (FREIRE, 2011, p. 31)

A pesquisa no cotidiano da escola traz muitos desafios, por isso foi necessária uma reelaboração metodológica tão logo se percebia que ela não estava conseguindo dar conta de atingir os objetivos propostos e, assim foi possível aprofundar a compreensão da realidade em sua complexidade, buscando referência na perspectiva dialógica.

### 2.1.2 Campo *on-line* – o espaço virtual

O campo de pesquisa vinculado ao espaço virtual por meio do acesso à internet, contou com a participação efetiva de alunos, inseridos efetivamente nas plataformas digitais *on-line*, cuja obtenção de dados foi praticamente automática. Os alunos – sujeitos da pesquisa foram selecionados com base em critérios relacionados à sua inserção nas diferentes plataformas como: Facebook, WhatsApp, Instagram e, portanto, dentro de uma realidade favorável para análise de perfis pertencentes ao processo interativo de redes digitais,

As redes sociais são um fenômeno que vêm se popularizando exponencialmente e transformando o modo como as relações se estabelecem na contemporaneidade. Diariamente, milhares de pessoas interagem e relacionam-se umas com as outras, formando uma

comunidade conectada e com perfis ativos nos variados aplicativos e sites da internet e, vale dizer que, com a pandemia, os números aumentaram consideravelmente em todas as partes do mundo.

Em 2020, segundo a União Internacional de Comunicações - UIT – éramos em torno de três bilhões de usuários de internet (fixa e móvel), o que significa que cerca de 40% da população mundial acessa de algum modo. Desse percentual, 78% pertencem aos países desenvolvidos e os demais 32% são de países em desenvolvimento, que apesar de alguns fatores dificultarem este acesso, ainda assim, é identificável a crescente utilização da internet para alguns fins necessários como trabalho e educação.

Os números mais recentes, segundo um relatório produzido pelo We Are Social e Hootsuite<sup>25</sup> de janeiro de 2021, apontam um crescimento para 4,66 bilhões de usuários na rede. Curiosamente, o mesmo relatório apresenta a existência de 5,22 bilhões de usuários com dispositivos móveis. Se no planeta existe, segundo estimativas de julho de 2020, uma população global 7,8 bilhões de pessoas, então, mais da metade do mundo está interconectada à rede.

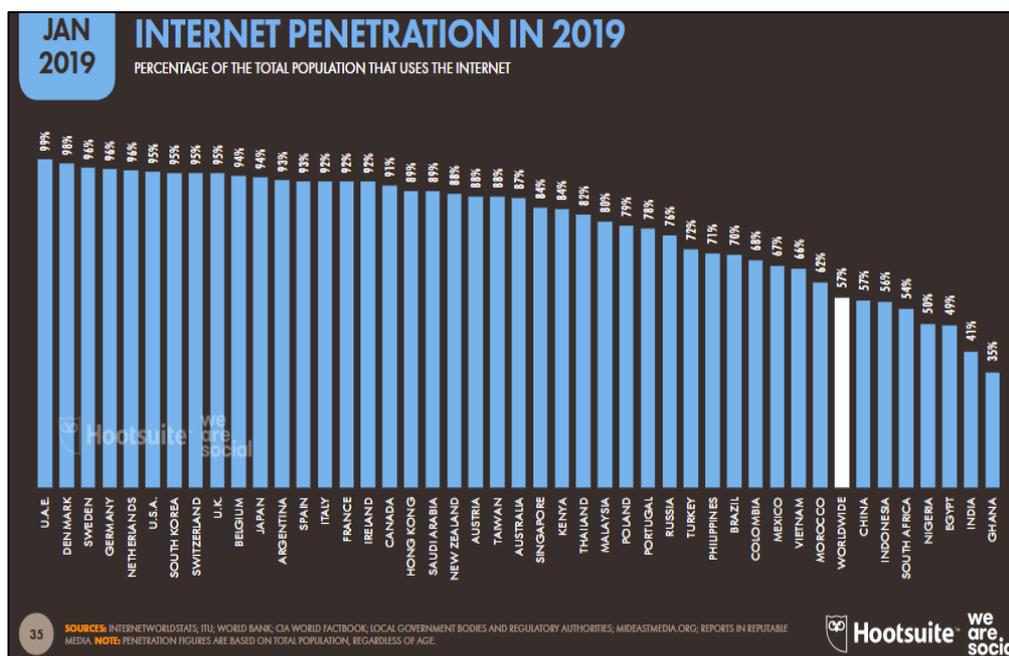
Pesquisadores dessas agências de marketing digital afirmam que a pandemia da Covid-19, trouxe ao mundo não só a devastação de uma geração com morte e sofrimentos à população mundial, mas fomentou mudanças de hábitos e dentre eles, a preponderância do uso da internet na vida de grande parte da população, que acessa para o trabalho, para a aprendizagem, o entretenimento, além de estabelecerem relações comerciais. Este fato foi marcante na questão educacional, uma vez que teve que ser conduzida por meio de instrumentos tecnológicos com acesso à internet.

De acordo com um relatório da ONU, a população mundial aumenta, atualmente, a uma taxa de 1% ao ano. Isso significa que, desde o início de 2020, a população global total aumentou em mais de 80 milhões de pessoas. Segundo estes dados, já são cerca de 5,22 bilhões de pessoas em todo o mundo usando smartphones, o equivalente a 66,6% da população total mundial. Estes dados continuam aumentando gradativamente e o Brasil é um dos países que mais se destaca nesta questão, como pode ser constatado nos gráficos a seguir:

---

<sup>25</sup> *Hootsuite* e *We are social* são duas agências de marketing digital especializadas em mídias sociais com atuação no mundo inteiro. Juntas, elas realizam um dos relatórios mais respeitados do marketing digital.

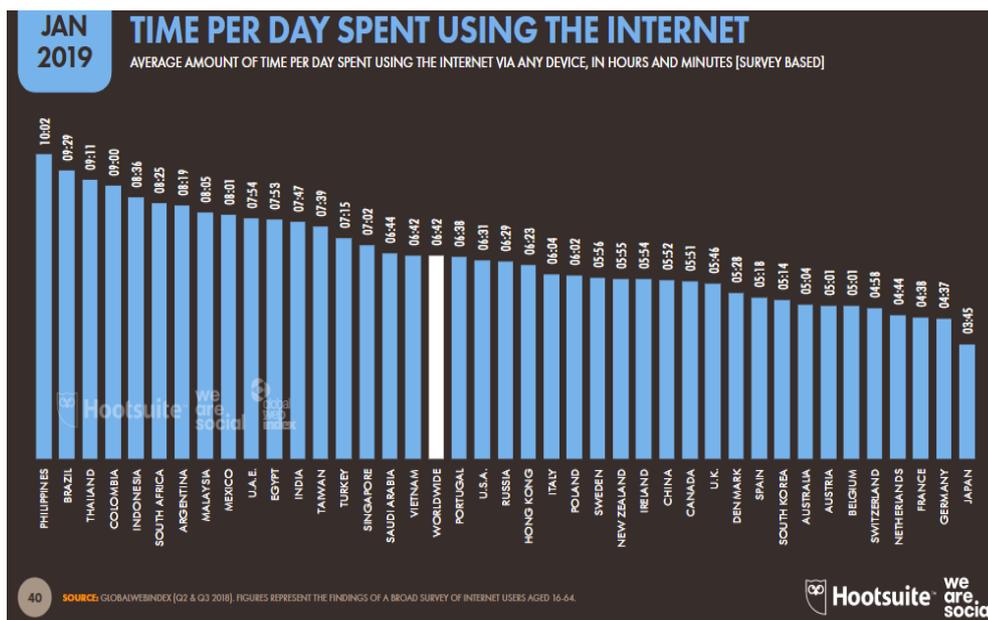
Figura 2 - Porcentagem da população mundial total que usa a internet - 2019



Fonte: <https://blog.pareto.io/publico-digital-hootsuite-we-are-social/> Acesso: 07/06/2021

Desde janeiro de 2020, o número desses usuários aumentou 1,8% (93 milhões), enquanto o número total de ligações móveis (pessoas com vários dispositivos) aumentou 0,9%, de 72 milhões para 8,02 mil milhões em janeiro deste ano, ou seja, é visível a crescente expansão destes equipamentos tecnológicos com acesso as redes virtuais. O tempo gasto na web, por meio de smartphones, é apresentado com um crescimento de 26% para 48%, ou seja, mais da metade da população mundial utiliza para acessar internet e no Brasil, já são cerca de 60% da população, com crescimento anual em média de 13%.

Figura 3 - Valor médio gasto por dia usando a internet em qualquer dispositivo, em horas e minutos - 2019



Fonte: <https://blog.pareto.io/publico-digital-hootsuite-we-are-social/> Acesso: 07/06/2021

É importante destacar que, os resultados da pesquisa são consolidados para o mundo inteiro ou separados para cada país, inclusive para o Brasil e, neste caso, 70% da população brasileira já fazia uso da internet, com 66% deste percentual, acessando as redes sociais. Um valor acima da média mundial, mas que ainda é baixo se comparado com países mais desenvolvidos pelo globo.

Com o aumento, já citado anteriormente, em janeiro de 2021, o número de pessoas usando a Internet no mundo atingiu 4,66 bilhões, um aumento de 316 milhões (7,3%) em relação ao período homólogo. Atualmente, a taxa de penetração global da Internet é de 59,5%. No entanto, o surto da Covid-19 teve um impacto significativo no número de usuários da Internet, portanto, o número real pode ser ainda muito maior.

Convém que façamos uma contextualização deste espaço virtual, dentro do espaço amazônico, pois apesar de todos os avanços e o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos aplicativos, o acesso é ainda um grande desafio, apesar das evidências de esforços no sentido de popularização. A população brasileira está cada vez mais conectada. É isso que mostra a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o levantamento, 82,7% dos domicílios nacionais possuem acesso à internet, um aumento de 3,6 pontos percentuais em relação a 2018.

Em 2018, foi divulgada uma pesquisa através do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, onde o Amazonas aparece com o segundo maior índice de domicílios do Brasil sem acesso à internet por falta de serviço de operadoras. No Estado, 19,3% dos lares não são cobertos com a conexão móvel. Apenas o Acre, com 25,5%, tem situação pior, estas informações constam na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua sobre Tecnologia da Informação e Comunicação.

Como destacado, anteriormente, estamos vivenciando um momento pandêmico desde os meses finais de 2019, até o presente, 2022, fato que evidencia e desnuda diferentes realidades, dentre elas, a que por vezes, foi ignorada no Brasil: a falta de acesso aos meios comunicacionais ligados ao sinal de internet em muitos lugares, com destaque para as regiões mais pobres do país como Norte e Nordeste.

Por conta do isolamento social, tão necessário à não propagação do SARS-COV-19, ficou muito evidente nas pesquisas apresentadas pelos institutos de pesquisa como o IBGE que, o fato do ensino à distância ter sido uma condição para que muitos alunos tivessem as aulas ministradas, mesmo à distância, a questão do sinal da internet de qualidade foi um empecilho para muitas famílias que sem acesso, por meio de esforços tentaram driblar a precariedade, juntamente com a equipe da escola.

Dentre os fatores apresentados como empecilho para este não alcance estão os mais de 46 milhões de brasileiros que não têm acesso, dos quais 45% deles afirmam não terem condições de usufruir porque o serviço é muito caro e para 37% dessas pessoas, a falta de equipamentos como celulares, computadores e outros também são fatores atenuantes. Os dados foram apresentados pelo Centro Regional e Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic) em 2019, a pesquisa ainda indica que:

[...] a cada cinco pessoas, uma afirma que só consegue acessar a internet através da rede emprestada do vizinho. Falando do nível de indivíduo, a gente pode dizer que o usuário de internet no Brasil é predominantemente urbano; escolaridade maior, principalmente médio e superior; tende a ter idade entre 10 e 45 anos; e sobretudo das classes mais altas, A e B. Já quando se trata de renda, entre a população mais pobre, apenas seis de cada dez brasileiros conseguem navegar pela internet”. (Fabio Storino, analista de informações do Cetic-2019)

Os dados fundamentados desta pesquisa são extremamente importantes para compreensão do patamar de desigualdades de acesso, o qual a população brasileira e, especificamente, das regiões norte nordeste estão submetidas. “Se para alguns, mexer em um computador é uma tarefa simples, para 72% dos desassistidos, a falta de habilidade com o equipamento impede o acesso à rede”. (Cetic-2019)

Quando se analisam os dados sob o olhar de recorte e renda, verifica-se que a 57% das pessoas possuem renda de até um salário-mínimo, a principal causa de as mesmas não utilizarem, são os altos preços dos serviços no Brasil, isto também, considerando que 46% disseram não possuir aparelhos como celular e computador. (Cetic-2019)

Menezes & Lopes (2018) expõem a dificuldade de acesso à internet banda larga no interior do Amazonas e suas consequências para a população, os autores abordam sobre o investimento feito para implantação da Praça Digital, em Parintins, um projeto experimental, implantado em 2007, na orla da cidade, que distribuía sinal Wi-Fi gratuitamente. Em 2013, por questões políticas, econômicas e de infraestrutura, o sinal acabou sendo interrompido e o local interditado.

No entanto, em 2014, foi anunciado pelo governador Omar Aziz (na época) que sete municípios do interior do Amazonas deveriam receber sinal de internet com velocidade de 14 MB (megabytes) através da Rede Estadual de Comunicação. O investimento custaria cerca R\$ 9 milhões e beneficiaria os órgãos estaduais e municipais, prefeituras e população das cidades situadas ao longo do gasoduto Coari-Manaus.

Denominadas de Cidades Digitais, o planejamento do projeto iniciou em 2010 por meio da Secretaria Estadual de Inovação, Ciência e Tecnologia (Secti) com a parceria das Telecomunicações Brasileiras (Telebras). O poder de execução ficou ao encargo da empresa de Processamento de dados do Amazonas (Prodam). Elas seriam responsáveis para levar internet aos municípios de Coari, Codajás, Anori, Anamá, Caapiranga, Iranduba e Manacapuru (nosso local de pesquisa).

Tive oportunidade de fazer uso destes serviços em alguns destes municípios do Amazonas, atuei como professora assistente em alguns programas de formação de professores pela Universidade do Estado do Amazonas e, por conta disto, destacada para várias localidades destas Cidades Digitais, verifiquei que em alguns pontos o sinal oscila bastante,

porém nas praças, ou em frente de alguns desses pontos, é comum vermos muitas pessoas com seus celulares, ou (raramente) com seus computadores usufruindo do sinal (bem fraco em alguns locais) que é disponibilizado.

Diante deste contexto, em que se configura um “novo” espaço de comunicação na região, é notório que com o passar dos anos e com a evolução dos aparatos tecnológicos, a dificuldade de acesso, não tem sido empecilho para o crescimento da relação entre as mídias digitais e a sociedade, seja no cotidiano das populações rurais ou das cidades onde a produção audiovisual ganha cada vez mais espaço, todavia, há de se deixar evidenciado, os resultados de pesquisas recentes, sobre as dificuldades de acesso às pessoas que possuem baixa renda e que vivem em localidades distantes.

## 2.2 O trabalho de campo sob o olhar da Etnografia Virtual

A definição de um método a ser adotado nas pesquisas relacionadas à esfera do ciberespaço, por certo, tem sido embate teórico de muitos pesquisadores, a contar a forma de como serão tratados os sujeitos da pesquisa, as informações em seu sentido público e privado, entre outros campos, o que requereu da pesquisadora, “combinações e adequações de métodos elaborados para outros contextos” (BRAGA, 2006, p.156), diferenciados por serem recentes e não reificados de interações mediadas por computadores.

Alguns autores como Kozinets (1997), Hine (2004) e Boellstorff (2008) têm proposto em seus estudos uma apropriação da etnografia tradicional para que sejam feitas adaptações técnicas a este novo ambiente de pesquisa digital, exigindo, portanto, algumas redefinições do método e acrescentando outras possibilidades.

A etnografia é defendida dentro deste campo, justamente por estar atrelada a um trabalho de pesquisa que se dá por meio do contato intenso, cuja necessidade é buscar compreender as relações socioculturais, os comportamentos, ritos, técnicas, saberes e linguagens que estão disponíveis na sociedade em outro espaço, o virtual. Neste campo, as pessoas interagem em ambiente *on line* e estão em contextos sociais diversos, estabelecendo distintas conversas simultâneas.

Com o surgimento da microinformática, por volta dos anos 60-70 e popularização da internet, anos 80-90, ampliou-se o modo de agir, comunicar, produzir, empreender economicamente, entre outras coisas. Os indivíduos, modificaram comportamentos, via outros campos de acesso à informação e conhecimento, passaram a fazer parte de uma cultura, denominada por teóricos como Lèvy (1996) e Castells (2003), como *Cibercultura*.

Neste interim, o método etnográfico para o ambiente virtual vem sendo utilizado por pesquisadores como Braga (2013), Turkle (1996) com as mais variadas denominações como: “etnografia virtual”, “Netnografia”, “Cibermetodologia” e “Ciberetnografia”. Porém, Kozinets (1997) e Hine (2004), têm questionado essa proliferação terminológica, argumentando que é improdutiva a proliferação de tantos neologismos, no entanto, ambos concordam que há necessidade de se adotar uma nomenclatura que especifique e demarque as diferenças existentes entre a etnografia *on-line* e a *off-line*.

O que nos propusemos neste estudo, foi buscar uma associação da etnografia tradicional com a etnografia “virtual”, justamente por estarmos inseridos no campo *off e on-line-escola*, observando alguns aspectos peculiares que não são descontextualizados das interações sociais. Entendemos que nos ambientes virtuais, a noção de espaço é alterada consideravelmente e, conseqüentemente, a de campo, pois nas redes virtuais há uma desterritorialização sem limites, o que não ocorre na perspectiva tradicional da antropologia. De acordo com Cristine Hine:

Una etnografía de Internet puede observar con detalle las formas em que se experimenta el uso de una tecnología. En su forma básica, la etnografía consiste en que un investigador se sumerja en el mundo que estudia por un tiempo determinado y tome en cuenta las relaciones, actividades y significaciones que se forjan entre quienes participan em los procesos sociales de ese mundo. El objetivo es hacer explícitas ciertas formas de construir sentido de las personas, que suelen ser tácitas o que se dan por supuestas. El etnógrafo habita en una suerte de mundo intermedio, siendo simultáneamente un extraño y un nativo (2004, p.17).

Procuramos gerenciar nosso grau de envolvimento, de modo que a atuação fosse adequada e nos permitisse aprofundar o olhar na “nova cultura ciber” e, diante de tamanha complexidade, optamos pela postura de observadora/participante, inserida nas redes digitais, interagindo em plataformas e aplicativos. Tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe,

trabalhamos em função dos objetivos e de cada etapa desenvolvida na pesquisa. Sobre o gerenciamento destas etapas, Hine (2000) foi citada no VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura realizado em novembro de 2013:

O posicionamento como pesquisadora dentro de um ambiente virtual como observadora que também participa destas interações é complicado, pois de certo modo, você acaba vez ou outra, perdendo o foco, pelo envolvimento rápido que o próprio sistema em redes te proporciona, pela dinamicidade, volume de informações e diversas possibilidades. “O envolvimento do pesquisador com a comunidade pode “variar ao longo de um espectro que vai desde ser intensamente participativa até ser completamente não-obstrutiva e observacional” (KOZINETTS, 1997, p.15).

É comum que muitos adeptos das redes sociais virtuais acessem diferentes plataformas para interação, e, sendo assim, tivemos que optar neste método por uma posição de *flâneur*<sup>26</sup>, não aos moldes antigos de “observatórios preguiçosos, mas dentro do que Charles Baudelaire (um dos percussores do simbolismo), propunha já em 1863, quando produziu “ O pintor do mundo”, cuja ideia era fazer com que o observador seguisse o fluxo nômade de seus pesquisados, estando à mercê dos acontecimentos e das circunstâncias.

A postura adotada de flâneur aqui é pensada no sentido de adentrar no movimento deste mundo em conexões, com curiosidade, criatividade, sem preguiça, poeticamente e sem se perder no triunfo do capitalismo de consumo. E para constar deixo aqui em registro, trechos poéticos do que Baudelaire (2013) apresentou como retrato do flâneur, um homem que ao encarar as cidades do século XIX, apaixona-se pela multidão e deseja ver o mundo:

A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos

---

<sup>26</sup> Flâneur - personagem popularizado por Baudelaire que leva a vida observando o burburinho da cidade, em itinerários errantes. “mesmo que ele jogue com a estranheza, com a distância, com o ar blasé como dizia Simmel, ele se encontra na verdade sempre em um ambiente familiar, que ele gostaria de se desfazer. A rua é seu lugar de predileção. Ele está em casa, diga ele o que disser.” (ROBIN, 2009, apud MONET, 2013, p.220).

independentes, apaixonados, imparciais que a linguagem não pode definir senão toscamente. (sem paginação)

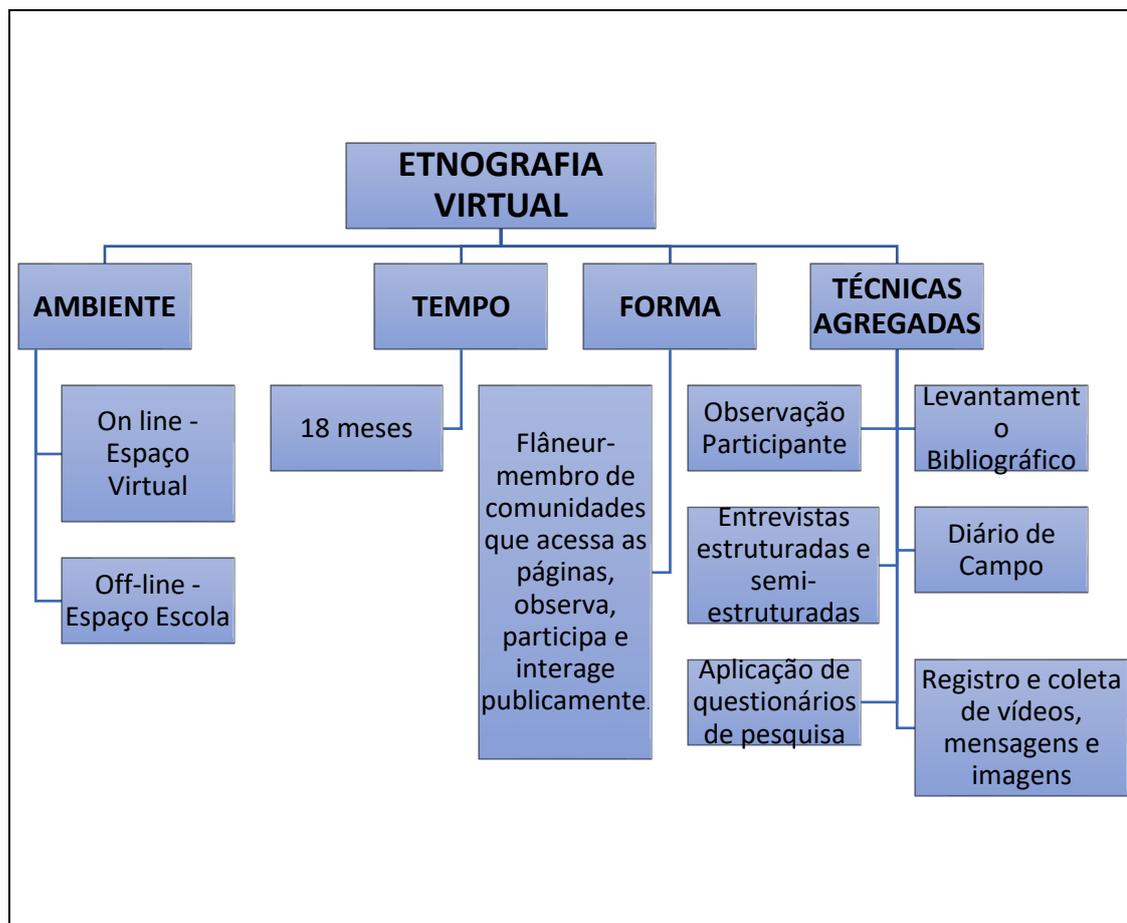
É preciso deixar clara a posição de Flâneur, uma vez que, o transitar por diferentes plataformas possibilita “acompanhar o nomadismo das personas e dos discursos que por eles circulam”. (BENITI, 2010, p 38). *Personas* aqui é identificado como uma referência aos diversos papéis/máscaras que as pessoas são chamadas a adotar nas suas interações cotidianas. De acordo com Mafessoli, nas redes “a pessoa é, acima de tudo, uma máscara. A natureza da pessoa é polissêmica e polifórmica” ao que ele define como *persona*. (MAFESSOLI, 1988, p.141).

Apesar de ser bastante substancial o número de trabalhos encontrados nas plataformas com a utilização do termo “Netnografia”, optamos por referenciar como **Etnografia Virtual**, justamente por entender não como algo que suprime a etnografia, mas que a complementa por estar relacionada a um ambiente diferenciado que é a virtualidade, na qual, as questões éticas dão conta de identificar a pesquisadora, por meio de Termos de Livre Consentimento e Assentimento que corroboraram para autorização e publicação de dados.

Apresento uma sintetização da utilização da Etnografia Virtual, seguindo ritos propostos por Hine (2004) e adotado em prática nesta investigação, no entanto deixo claro, que no caminhar nada foi fechado, mas adaptado às necessidades que as situações complexas exigiram. Percorremos o caminho buscando meios para a auto-organização dentro do “caos”, aqui entendido como a investigação das relações no meio virtual, com agravante de um período pandêmico.

Conforme, Boaventura Santos: “Cada cientista é um todo em si, mas nem por isso, deixa de ser parte de um todo” (1993, p. 123). É o que destaca Morin (1999) sobre este aspecto, pois ele entende que “O todo é mais e menos que a soma das partes e que o todo. As partes são mais e menos que as partes e eventualmente mais que o todo”. Sendo assim, compreender a realidade é também contextualizá-la, observando todos os aspectos relacionados a ela, são estes dados que, somados, formam o todo.

## Smart Art 2 - Síntese da Utilização da Etnografia Virtual



Fonte: A própria pesquisadora/Jan-2020

A imersão em grupos específicos como WhatsApp, Instagram e Facebook (propostos para este trabalho) abre possibilidades efetivas para observações das práticas e vivências de seu público. A partir da análise minuciosa dos dados levantados foi possível obter informações valiosas sobre os usuários, mapear comportamentos nas redes, identificando “padrões” de pensamento sobre determinado objeto, percebendo semelhanças e diferenças nas interações dos usuários e, assim, traçar perfis aproximados para análise.

O processo se deu de forma muito complexa, pois as informações disponibilizadas nas redes virtuais, expandem-se em métricas de palavras, mas nem sempre traduzem o real, portanto, não definem perfis de usuários exatos, mas aproximados. “[...] é correto dizer que aplicar uma abordagem etnográfica à internet requer alguns tipos específicos de criatividade, de modo a ser capaz de detalhar os modos pelos quais as atividades on-line produzem sentido”. (Hine In. Campanella, 2015, p.172)

O caminhar metodológico aberto às inúmeras possibilidades para aquisição de informações exige, imprescindivelmente, questões éticas como autorização no Termo de Livre Consentimento, pois os dados obtidos são relacionados aos aspectos públicos e privados das informações que os sujeitos disponibilizam nas redes virtuais, muitas das vezes, elas tornam-se problemas graves dentro da esfera do ciberespaço, daí ser relevante tomar cuidados específicos, sem óbices éticos.

### 2.3 Plugados na “net”, adolescentes como sujeitos da pesquisa

“Somos de um novo tempo”, assim define João, meu filho de 17 anos, ao conversarmos sobre sua insistência ao fone de ouvido, tela de celular e games. Embora, não pertença ao grupo de alunos selecionados para esta pesquisa, faço dele, um laboratório de observações comportamentais por estar dentro da faixa-etária selecionada para estudos.

Me coloco em certos instantes, não como pesquisadora, isenta, mas no lugar de muitos pais, aos quais tive a oportunidade de entrevistar e conversar francamente sobre *o dilema das redes*<sup>27</sup>. Quem são estes jovens da atualidade? O que esperam da vida diante das telas dos computadores e smartphones? Consideram o uso excessivo, um vício? Eles estão plugados na net. Conforme Nejm (2016), os adolescentes são usuários intensos da Internet, apropriaram-se no dia a dia dos aparatos tecnológicos e estenderam suas interações sociais aos ambientes virtuais “[...] Mesmo com as significativas desigualdades socioeconômicas, podemos considerar que a Internet já faz parte da vida dos adolescentes brasileiros de maneira que não podemos considerá-la um aspecto pontual ou marginal”. (NEJM,2016, p.17)

Por certo há um mundo a ser desvendado e, quanto a isto, já vemos esforços na busca deste entendimento, evidenciando, inclusive, a produção do material que está sendo encaminhado às escolas, como o Livro Didático, fomentando discussões sobre a utilização da internet. Referencio aqui o Livro de Língua Portuguesa, encontrado na escola *Português/Linguagens –9º ano de William Cereja & Thereza Cochar*, no qual oportuniza

---

<sup>27</sup> Título de um documentário exibido pela Netflix onde especialistas em tecnologia e profissionais da área fazem um alerta sobre as redes sociais, afirmando que elas podem ter um impacto devastador sobre a democracia e a humanidade.

textos relacionados ao registro de imagens, como o fenômeno das selfies para as redes sociais- “Posto... logo, existo!” (Coelho,2014)

No livro, encontramos uma contextualização histórica dos modos de engajamento da juventude brasileira nos anos 60, onde a modernização do Brasil e o desenvolvimento das telecomunicações tinham causado o crescimento das cidades e de uma cultura urbana, sintonizada com os acontecimentos políticos, sociais e culturais de outros países, influenciando o que estava sendo produzido no teatro, no cinema, na música, além dos movimentos, rebeliões que contestavam o poder opressor vigente.

Os **sujeitos de nossa pesquisa** são adolescentes inseridos no processo educacional em plena era de desenvolvimento e aperfeiçoamento das tecnologias de informação e comunicação. Eles foram selecionados por amostragem aleatória estratificada, onde utilizamos as categorias: idade, sexo e série, considerado como critério primordial de inclusão: sua inserção e Perfil Ativo em sites de relacionamento como Facebook, Instagram e WhatsApp. “Apesar de o acesso já ser uma realidade para a maioria dos adolescentes, não podemos desprezar as desigualdades nas apropriações, principalmente, de acordo com a renda familiar e a região do país”. (NEJM, 2016, p. 19)

Inicialmente, buscamos traçar o perfil de todos os alunos matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental II, onde aplicamos um questionário com questões abertas e fechadas, identificamos em abordagem quantitativa, o número de alunos por idade e sexo, se tinha acesso à internet e as redes virtuais ou não. Consideramos importantes os dados numéricos, pois eles são aporte para reflexões da identidade/subjetividade dos adolescentes em suas caracterizações nas plataformas virtuais, onde eles interagem e fazem suas publicações. Abaixo, apresentamos em tabela o perfil com a identificação nesta categoria.

Tabela 2- Distribuição por faixa de Idade e Gênero - Turmas

Idade	Sexo		Nº de alunos
	Masculino	Feminino	
13 anos	01	05	06
14 anos	34	24	58
15 anos	21	28	49
16 anos	03	03	06
17 anos	03	01	04
<b>TOTAL (3 turmas de 9º ano)</b>	<b>62</b>	<b>61</b>	<b>123</b>

Fonte: Pesquisadora com base nos dados obtidos na Secretaria da Escola/2019.

A partir daí, definimos nosso público-alvo, dos 123 adolescentes, 54 deles, tornaram-se sujeitos da pesquisa, por estarem com perfil sugerido para investigação, ou seja, adolescentes que acessam as redes sociais por meio da internet e que estavam de acordo em participar da investigação. E, neste sentido, buscamos o direcionamento às categorias de análises.

Na tabela 2, os alunos foram identificados por faixa etária de proximidade de idade, justamente, por suas características serem bem peculiares. Conforme a teoria Psicossocial de Erikson (1976), nestas faixa-etárias (estágio) eles estão em processo de desenvolvimento de sua identidade, podendo sofrer alterações constantes devido a interação social na escola, em casa ou em outros ambientes que costumam frequentar.

Construir uma identidade, para Erikson (1972), implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. O autor entende que identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido. (SCHOEN ,2003, p.107)

O perfil dos adolescentes da pesquisa é de adolescentes assíduos no uso de internet, eles acessam diferentes plataformas, estão inseridos em sites de relacionamentos e expostos às redes sociais como donos de seus feeds,<sup>28</sup> atualizando suas linhas de tempos - *timelines* com fotos, publicações personalizadas, ou compartilhadas por outros participantes deste enlaço virtual. As possibilidades para criação de postagens são muitas, os aplicativos disponibilizam ferramentas variadas que dinamizam a participação nas redes.

Tabela 3 Distribuição por faixa-etária e sexo – População-Amostra (efetiva)

<b>Faixa-Etária</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>N° de alunos</b>
<b>13 anos -14 anos</b>	13	15	<b>28</b>

<sup>28</sup> Feeds são usados para que um usuário de internet possa acompanhar os novos artigos e conteúdo de um site ou blogue sem que precise visitar o site em si. Sempre que um novo conteúdo for publicado, o assinante do feed poderá lê-lo de seu agregador.

<b>15 anos -16 anos</b>	10	12	<b>22</b>
<b>17 anos</b>	03	01	<b>04</b>
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>26</b>	<b>28</b>	<b>54</b>

Fonte: Própria Pesquisadora com base em questionários aplicados

Ainda para completar a fundamentação de alguns dados, selecionamos pais de alunos que se dispuseram a participar da pesquisa, observou-se o critério daqueles pais que possuíam em casa filhos que utilizassem com frequência a internet. Com os pais dentro deste universo foi possível obter informações a respeito do comportamento destes adolescentes em ambiente familiar.

É incrível como as informações são muito peculiares nas diferentes faixa-etárias, os adolescentes buscam isolar-se em um mundo muito só seu, estão alheios às atividades de ajuda domésticas, já não assistem tanto a tv e preferem estar em lugares isolados, muitos que possuem cômodo preferem estar às portas fechadas em seus quartos. Educar num mundo interconectado é um desafio, Antunes afirma que, “As crianças e os jovens de hoje são, em sua essência, iguais às crianças e aos jovens de outros tempos, mas o formato do mundo mudou, mudaram-se as linguagens e até mesmo o cérebro infantil e adolescente nesse novo mundo digital mudou um pouco”. (ANTUNES, 2016, p. 24)

Muitos pais confessam o estresse diário para que eles retomem suas atividades escolares e peguem em seus livros. Na pandemia, relatam “ficou ainda pior”, sempre há a desculpa de que estão cuidando de suas atividades da escola, mas há pais que garantem que não é isso, são subterfúgios para estarem mesmo no celular, “como zumbis”, afirma um.

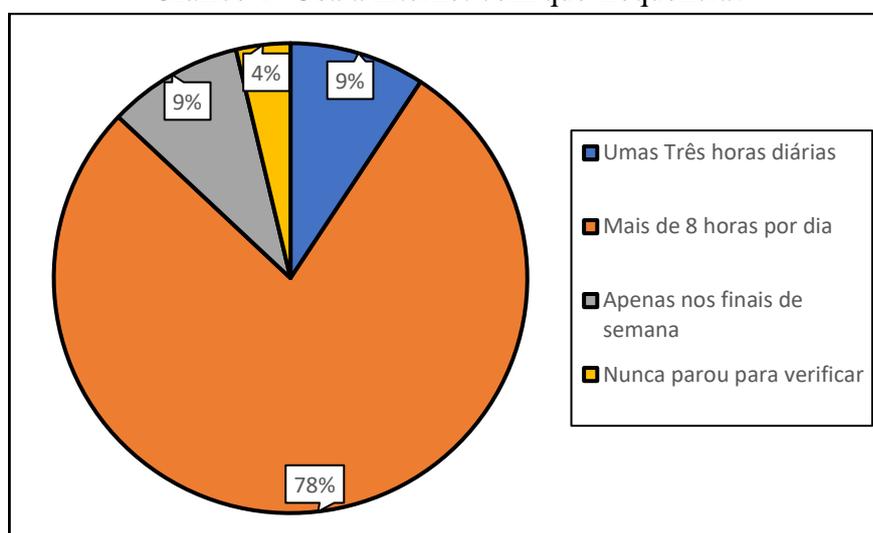
O diálogo para alguns é muito difícil, crescer distante disto desenvolve atrofia, é preciso desenvolver este hábito para que haja equilíbrio nas formas de pensar posicionamentos, refletir sobre erros e acertos. É interessante debater estas questões relacionadas à importância do diálogo familiar, pois se antes já era um desafio, ultimamente, com a atenção dos adolescentes voltadas para troca de assuntos em âmbito virtual com outras pessoas, acaba em muitos casos, ampliando ainda mais o distanciamento entre pais e filhos.

Encontrei Celso Antunes (2016), na plataforma do Instagram, nela, o escritor aborda diferentes assuntos relacionados à educação. Assisti uma *live* (espécie de bate-papo, palestra

virtual com participação de várias pessoas) a respeito do seu livro, cuja temática era sobre: *Educar em um mundo interconectado*, pude ir refletindo o quanto a escola precisa avançar para compreender esta nova linguagem de interconexões. O autor fez uma chamada de atenção para busca de práticas de ensino mais eficazes, uma vez que, há urgência na convivência com estes “nativos digitais”.

No livro estão argumentos sobre o esfriamento das relações entre pais e filhos, professores e alunos, para Antunes (2016) o diálogo, está ficando em segundo plano, ele enfatiza ainda que, escutar é uma arte e que é importante escutar, “Escutar não é a mesma coisa que ouvir”, com o virtual, estamos distantes e perdendo lindos e bons momentos.

Gráfico 1- Usa a internet com que frequência?



Fonte: Dados obtidos por meio de questionário de entrevista/ Própria pesquisadora (2019)

Dos adolescentes investigados, descobrimos que eles chegam a passar mais de 8 horas por dia, são 78%, acessando as plataformas virtuais. Eles madrugam, dormem tarde e acordam tarde, indispostos para outras atividades, 9% deles nunca pararam para verificar, outros 9% passam mais de três horas diárias e 4% deles dizem acessar somente aos finais de semana.

Este comportamento excessivo gera muitos conflitos em casa com seus pais, pois de certa forma, eles confessam distração e omissão em algumas atividades que precisam realizar, são afazeres domésticos que acabam sendo deixados de lado.

Durante as investigações, foram identificados, alguns alunos indígenas que utilizam de forma bem participativa as redes sociais. Eles fazem parte da Comunidade São Francisco de Guiribé, pertencem a etnia Apurinã, na qual é importante dizer que: eles “seguem” parentes, e os acompanham no Instagram alguns perfis que se utilizam da ferramenta para denunciar crimes ambientais e defender seus direitos. Através deles, conheci o perfil “Visibilidade Indígena” para divulgação da arte, cultura educação., amostra das suas condições de vida, entre outras coisas, lutas diárias de diversas comunidades indígenas.

Algumas nomenclaturas foram surgindo no início dos anos 2000 para especificar a atuação de crianças e adolescentes que se utilizavam de aparatos tecnológicos e as redes digitais de forma bem familiarizada, os “nativos digitais” (Palfrey & Gasser, 2011; Tapscott, 1999) e a “geração net” (Prensky, 2001). “Nesta chamada geração de nativos digitais, teriam sido amplificadas as habilidades de comunicação, de pesquisa, de participação e colaboração em rede, representando assim uma geração com novas percepções sobre as relações hierárquicas e até com melhor desenvolvimento cognitivo favorecido pelas TICs. (NEJM, 2016, p.23)

Existe de certa forma, a ideia de naturalização de uma situação que não faz parte de uma realidade comum a todas as crianças e adolescentes, os discursos em torno dos termos levam a uma supervalorização do contexto digital e das diferenças das novas gerações, ao qual nos impulsiona, não a negar totalmente, mas contrapor o determinismo questionando a retórica que reproduz desigualdades, para qual enfatizamos as ideias propostas por Buckingham (2008, p. 15):

Ultimamente, assim como outras formas de retórica de marketing, o discurso sobre 'geração digital' é, precisamente, uma tentativa de construir o objeto sobre o qual se propõe a falar. Isso representa não a descrição do que crianças e jovens são atualmente, mas um conjunto de imperativos sobre o que eles deveriam ser ou o que precisam se tornar. Em certa medida, ele descreve uma minoria de jovens que estão usando ativamente estas tecnologias para fins sociais, educacionais e criativos, ainda que muito provavelmente a maior parte destas pessoas sejam 'suspeitos de sempre', quem já é privilegiado em outras áreas da vida e que tem o uso das tecnologias amparado pelo acesso a outras formas de capital social e cultural.

Em recente leitura do livro *Polegarzinha* do filósofo Michel Serres (2015), encontro uma (das muitas) características destes adolescentes e de suas diferentes relações com o mundo. Eles “não habitam mais o mesmo espaço” (SERRES, 2015, p. 19), por GPS têm acesso a todos os lugares e “circulam, então, por um espaço topológico de aproximações” (SERRES, 2015, p.19), vivem em um não espaço, vivem no topo.

Existe mudança espacial, em outros tempos o conhecimento estava concentrado em lugares parados: livros, dicionários, compêndios, enciclopédias, na escola, na sala de aula, na biblioteca. Atualmente, “[...] todo esse saber, essas referências, esses textos, esses dicionários se encontram [...] distribuídos por todo lugar, na sua própria casa” (SERRES, 2015, p. 26), existe um novo formato “[...] as novas tecnologias nos obrigam a sair do formato espacial inspirado pelo livro e pela página” (SERRES, 2015, p. 41), o espaço agora é virtual.

De acordo com Sibilia (2012), os alunos se relacionam e interagem uns com os outros e com o mundo de uma maneira diferenciada, à luz das tecnologias. Seus aparelhos celulares, têm recursos para mandarem mensagens instantâneas e, ao mesmo tempo, atualizá-las nas redes sociais, com suporte até para escutarem músicas com os fones de ouvido, enquanto conversam entre si. Os alunos com os quais convivemos,

[...] habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. (SERRES, 2015, p. 19)

Na hora do recreio é comum vê-los em frenesi com seus celulares a postos e cabeças baixas, polegares frenéticos e agitados teclam mensagens, perto ou longe, comunicam-se. Os textos receberam abreviações *emojis* (uma espécie de carinhas e personagens que expressam até sentimentos de alegria, tristeza, espanto, entre outros, relacionados à gravação de voz, poupando o usuário de ter que escrever suas mensagens), a linguagem recebeu abreviaturas.

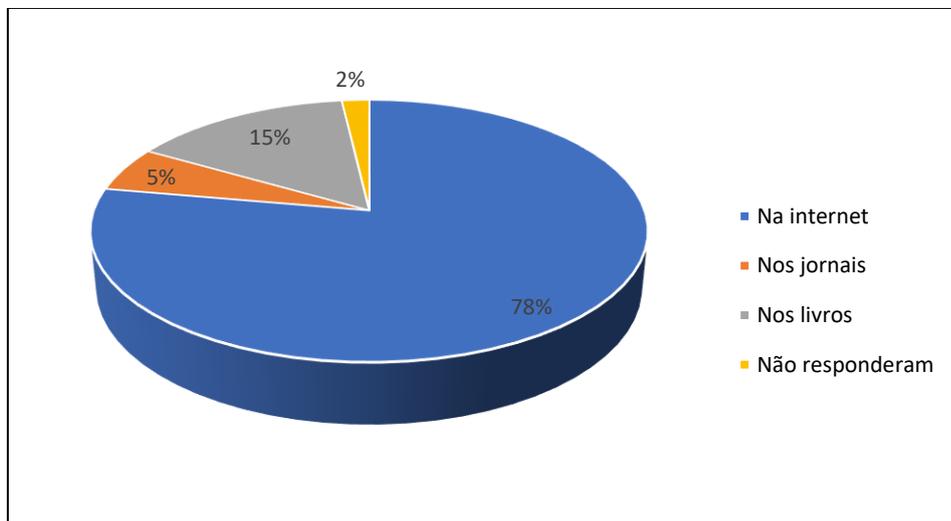
Por meio de entrevista, constatou-se que àqueles alunos que não possuíam computador em casa, mantinham contato com o computador por meio de *lan houses*, alguns

professores solicitam pesquisas via *web* e, estes por conta da necessidade, pagam por horas de pesquisas para fazerem seus trabalhos.

Tivemos a oportunidade de interagir com alguns pais por meio de WhatsApp, o que foi relatado é que por conta da necessidade para utilizar a internet para pesquisa (principalmente por causa das aulas remotas), muitos pais se viram obrigados a adquirirem equipamentos e comprarem pacotes de dados para que os filhos pudessem acompanhar os trabalhos na escola, mas para eles ficou bem evidente que eles utilizavam também para o lazer e diversão.

Quanto aos escolares, vale ressaltar que alguns deles, perguntados sobre como desenvolvem suas pesquisas, alguns afirmaram, utilizar o “Ctrl C e Ctrl V”<sup>29</sup>(copiar e colar). Daí se vê a importância de o professor acompanhar os trabalhos que são feitos pelos alunos, pois não há interesse nenhum em pesquisas onde o aluno não constrói suas próprias ideias com base no que está sendo investigado por ele.

Gráfico 2 - Como costuma realizar suas pesquisas escolares?



Fonte: A pesquisadora com base nos questionários aplicados aos adolescentes escolares – 2020

Destacamos o depoimento do aluno “A” com relação à pesquisa “Quando os professores pedem pra gente fazer uma pesquisa, vamos pra *lan house* e lá nós encontramos

<sup>29</sup>**CTRL C** é um atalho no teclado do computador que significa copiar um elemento, pode ser um texto, uma planilha, ou até uma imagem. Colar (**CTRL + V** ou **Command + V**): a opção colar finaliza o ciclo de copiar ou cortar. Ela utiliza o primeiro item na área de transferência e cola o arquivo no local desejado.

tudo o que procuramos, depois é só imprimir e pronto, mas tem professor que não aceita porque às vezes nós só fazemos copiar (risos)”. Vejam que de acordo com os resultados obtidos nas respostas do questionário aplicado aos adolescentes escolares, 78% deles confirmam ser a internet a maior fonte de pesquisa utilizada para realização dos trabalhos escolares, ficando os livros em segundo lugar com 15% apenas.

Entretanto, chama atenção o que um aluno “B”, de outra sala enfatizou “A internet é importante porque podemos fazer nossas pesquisas e encontrar o que queremos, mas é importante também a gente mesmo fazer nosso resumo, senão a gente não aprende, só copia dos outros”. Podemos então, identificar neste aluno (a), uma preocupação com relação ao uso da internet, pois apesar de propiciar um largo leque de oportunidades para aquisição de informações, ela também pode servir apenas para reprodução de ideias já produzidas por outros, sem questionamento ou contrapontos e, aí vai ser questão de escolha ou orientação. Serres (2018, p.51) comenta a respeito do saber:

A Polegarzinha procura e encontra o saber na sua máquina. De acesso raríssimo, esse saber só se encontrava fragmentado, recortado, dividido. Página após página, classificações estudiosas distribuíam, para cada disciplina, sua parte, sua seção, seus locais, seus laboratórios, sua prateleira na biblioteca, seus créditos, seus porta-vozes e seu corporativismo.

A Polegarzinha nos textos de Michel Serres (2018) acessa tudo com o uso do seu polegar nos smartphones, é uma referência aos jovens que não se desligam do mundo virtual, tendo seu maior companheiro: o celular, por onde são influenciados, através da mídia e “formatados” pela publicidade. A sociedade de seu tempo é uma sociedade do espetáculo, a escola e a universidade são ocultadas, a mídia recebe a função do ensino, propaga informações a todo instante, sem controle do que é propagado.

Com a expansão do acesso e uso da internet, que em termos gerais tende a ser benéfica, para alguns estudiosos do assunto, como Lèvy (2015), Antunes (2016), e outros, porém em meio a tudo isto, há aqueles estudantes que utilizam trabalhos já prontos, encontrados na internet, não para se orientarem ou tomarem ciência de um determinado

conteúdo, mas acabam cometendo plágio, copiando tal qual encontram nos sites, sem nenhuma regra de compartilhamento.

Muitas pesquisas, encontram-se prontas em diferentes sites, os textos estão sendo disponibilizados e, portanto, de fácil acesso. Na internet, há também serviços à pronta entrega, paga-se e os trabalhos podem ser retirados por meio de e-mails e, é bem comum ver propagandas noticiando os serviços. A facilidade demanda de quem utiliza, o cuidado, a ética e a responsabilidade com aquilo que acessa, produz e reproduz, pois o que se propaga passa a ser um vetor de transmissão às outras pessoas.

São comuns as queixas dos professores, sobre pesquisas escolares copiadas na íntegra ou parcialmente, passando a ideia de que a internet vem reforçar uma cultura de copiar e colar que até então era feita de forma rudimentar. Há inclusive, professores que resistem à entrada de equipamentos como telefones e computadores na sala de aula por, acharem justamente que isto pode levar à acomodação, visto que, segundo eles é comum receberem os trabalhos tal qual está na internet, sem nenhuma preocupação do aluno em ao menos fazer suas próprias argumentações.

Alguns desses adolescentes tiveram acesso aos dispositivos tecnológicos, desde a mais tenra idade, o fato facilita e faz com que transitem pela rede mundial de computadores sem nenhuma dificuldade, é impressionante a familiaridade com a utilização dos recursos disponíveis nos equipamentos, desde aos programas que existem nos computadores, aos que estão nos celulares em forma de aplicativos ou disponíveis para jogos. Prensky (2001) nos explica que os nativos digitais apresentam uma intimidade com os meios digitais e possuem a habilidade e competência de realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo. E, de acordo com Dias (2015, p. 29):

Os adolescentes consideram que é fácil usar a Internet e são atraídos por esse universo onde podem experimentar e desempenhar diferentes papéis, assim como estabelecer relações com pessoas que partilham dos mesmos interesses. As redes sociais, um dos modos de uso da Internet, são cativantes, pertencem a um universo em que os papéis são variados e os limites são os da imaginação.

O fato me faz lembrar de cenas bem comuns nos shoppings, parques, restaurantes e outros lugares públicos em que vemos pais disponibilizando aos bebês os seus smartphones para que eles assistam seus desenhos animados ou interajam nos games coloridos e dinâmicos, na verdade, para muitos especialistas, isto tem se tornado um grande problema para as crianças que acabam ficando viciadas e com pouca concentração. Em mais uma obra de Pawel Kuczynski (2015) a arte desvendando simbolicamente o retrato da vida.

Imagem 6- geração "net"



Fonte: <https://www.facebook.com/pawelkuczynskiart/timeline/Acesso>: 2022/02

Na Plataforma do Youtube, você pode encontrar vários vídeos relacionados às crianças que desde bebê, já utilizam com muita desenvoltura os aparelhos eletrônicos para jogos ou assistirem aos seus desenhos. Chama atenção um vídeo com milhares de visualizações por apresentar um bebê com meses de vida se jogando ao chão cada vez que seus pais retiravam o equipamento de suas mãos. O choro é silenciado quando os pais devolvem o telefone, isto, é visto divertidamente pelos pais que ao fundo, soltam gargalhadas. As cenas geraram muitas críticas e estas, foram registradas na parte de comentários da plataforma, na verdade, gerou um debate de pessoas a favor e outras contra, com participação inclusive de médicos, psicopedagogos, psicólogos, entre outros profissionais.

Durante muito tempo, todas as referências que uma criança adquiria era passada de geração a geração por seu clã, mantendo assim a duração e propagação de saberes, realidade ainda presente em sociedades mais distantes deste mundo cibernético. Contemporaneamente,

o que vemos, vem de encontro ao que Lévy (2015) considerou na antropologia do ciberespaço, onde o “coletivo inteligente” é formado por pessoas cujas relações são amplas e abertas a outros grupos, a novos conhecimentos adquiridos em campos amplos de saberes compartilhados, formando, portanto, uma espécie de coletivo inteligente.

Estamos em velocidade, a evolução das ciências e das técnicas nos colocam em consequências diretas com mudanças na nossa vida cotidiana. As crianças estão no seu tempo, ou seja, a geração que nasceu em meio ao desenvolvimento tecnológico e tiveram acesso às tecnologias, mesmo que de forma incipiente e com isso, vão inserindo-se num processo identitário que sofre influências diretas.

Assim, a partir das ideias de identidade social virtual e identidade social real é possível entender, respectivamente, os processos identitários com base em atributos conhecidos e existentes ou em uma expectativa de como seria e como o indivíduo ou grupo deveria ser. Em situações de interação, por exemplo, traços fenotípicos (cor da pele, tipo de cabelo, formato do nariz) podem contribuir para a produção de “identidades reais”; a ancestralidade e a naturalidade, por sua vez, são a base das “identidades virtuais”. (ENNES, 2013, p.74)

Voltando a abordar este termo “nativos digitais”, foi usado em meados do século XX, por Marc Prensky (2001), um escritor da área da educação, justamente, para definir os indivíduos que nasceram e cresceram dentro de uma cultura digital e, por isso, têm facilidades em utilizar as mais variadas ferramentas tecnológicas como vídeo games, celulares, *ipads*, mp3 etc. Esses “nativos”, possuem a capacidade de realizar múltiplas tarefas, o que representa uma das características principais dessa geração, são reconhecidos por sua ousadia diante dos desafios expostos pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

São crianças que tiveram contato com este mundo “novo” de forma bem prematura, eu diria e, que, de certo modo, acaba consolidando um abismo com relação aos “imigrantes digitais”, outro termo definido pelo autor para definir pessoas que desconhecem o funcionamento dos meios de comunicação e tornam-se consumidores passivos. “Então o que faz o resto de nós? Aqueles que não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de nossas vidas, ficou fascinado e adotou muitos ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia são, e sempre serão comparados a eles, sendo chamados de Imigrantes Digitais” (Prensky,

2001, p.2). Neste campo, encontram-se muitos professores, como diria, já pegaram o fio da meada andando. (linguagem figurada)

Imagem 7- Bebê no celular



Fonte: Google – Acesso 22/02/2021

Em 2016, a Universidade de Alberta no Canadá divulgou uma pesquisa realizada com 2400 famílias, alertando aos pais que bebês que passam duas horas ou mais nas telas, como celular, computador, tablet e tv, correm maiores riscos de desenvolverem transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDHA). E o que isto tem a ver com a pesquisa com adolescentes? Tudo!! Pois estas crianças são os futuros adolescentes, jovens, adultos e idosos que estarão daqui há algum tempo conectados às redes virtuais.

Além disso, a pesquisa também apontou que esses pequenos correm maior risco de terem problemas comportamentais. “Acreditamos que isso acontece porque o maior tempo de exposição às telas faz com que as crianças passem menos tempo realizando outras atividades importantes para o desenvolvimento como brincadeiras ao ar livre e até mesmo dormir”, disse o Dr. Piush Mandhane (2016), um dos autores da pesquisa, em entrevista ao jornal britânico Daily Mail.

Há algum tempo, bicicletas, bonecos e carrinhos eram presentes bem cogitados e solicitados pelas crianças, hoje em dia eles têm perdido espaço para celulares, tablets e computadores. A convivência com adultos vidrados neste mundo digital é rotina certa da infância da nova geração, que estão entrando cada vez mais cedo, fazendo uso dessas

tecnologias, muitas vezes, sem nenhuma supervisão dos pais. Para Antunes (2016, p.15), “Foi-se o tempo em que educar crianças e adolescentes representava ações sempre rotineiras em que se aprendia olhando o jeito dos nossos pais [...] Adultos de agora, quando muito, são imigrantes na internet e que sem jeito, tentam conviver com nativos digitais”.

A realidade que temos é de que cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos, são usuários de internet no Brasil, o que corresponde a cerca de 86% do total de pessoas dessa faixa etária no país. Estes dados foram disponibilizados em uma pesquisa TIC Kids Online Brasil no ano de 2018, divulgada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

Este percentual é mais alto do que a média da população em geral [conectada], que está em torno de 70%. Isso mostra que crianças e adolescentes são um público bastante conectado à rede”, disse Fabio Senne, coordenador de projetos de pesquisas do Cetic.br. Segundo ele, há três anos o uso da internet por esse público era 79%. ‘Há um incremento constante no percentual de usuários. E isso tem a ver também com as faixas etárias. Quando se chega na faixa entre 15 e 17 anos, esse percentual é ainda maior que os 86%’. (Agência Brasil- Set/2019)

A pesquisa demonstra que, 3,8 milhões de crianças e adolescentes não tinham acesso à internet por falta, por exemplo, de acesso à rede em casa (8%) ou pela impossibilidade de usar a internet na escola (5%). Segundo Fabio Senne (2019), as regiões Norte e Nordeste são as que menos usam internet no país (75%), enquanto a Região Sul (95%) é o local onde crianças e adolescentes estão mais conectados.

É primordial que tomemos por base, referências destes dados científicos, pois os adolescentes investigados estão dentro destes perfis, cerca de 82% das crianças e adolescentes usuárias de internet relatam usar e ter perfil nas redes sociais, o que corresponde a cerca de 22 milhões de usuários dessa faixa etária no país. “Ela [a pesquisa] traz uma tendência bastante marcante de crianças e adolescentes nesses ambientes. Se a gente olha esse dado por faixa etária, temos quase 97% de crianças e adolescentes usuários de internet, entre 15 e 17 anos,

que possuem perfil na rede social, o que é bastante expressivo”, é o que Luiza Adib, coordenadora da Pesquisa TIK Kids Online 2018, afirma.

As tecnologias digitais são potencializadoras da diversificação dos referenciais simbólicos e imaginários, todavia, não podem ser responsabilizadas unicamente pelas demais condições sócio-históricas que reconfiguram as interações sociais dos adolescentes na atualidade, pois o cenário de mudanças tão rápidas no que concerne às próprias tecnologias produzidas, se dá, a partir de, certa perspectiva econômica-capitalista. Conforme Nejm (2016, p. 27):

As apropriações que os adolescentes fazem dos ambientes digitais nos indicam também que estes são espaços de atualização dos pequenos ritos de passagem, como as experimentações sexuais através da pornografia, a criação de grupos de interesse exóticos, a exposição pública de suas performances desafiando normas sociais familiares, o acesso a conteúdos ilegais, a experimentação da liberdade de interações supostamente anônimas, e a própria autonomia pretendida no gerenciamento de seus perfis, blogs e páginas pessoais.

Neste caso, segundo Nejm (2016), a autonomia é conquistada a partir do momento em que em meio a crescente busca pelo acesso às redes, o adolescente se sente motivado a buscar a liberação dos pais e/ou responsáveis para aquisição do seu primeiro celular, já com o pacote de dados e a autorização explícita para adentrar ao mundo virtual, onde ele pode ser “livre” para expor-se e fazer uma apresentação e exposição de si ao mundo. “A individualização traz, para um número sempre crescente de homens e mulheres, uma liberdade sem precedentes para experimentar, mas também traz uma tarefa sem precedentes de lidar com suas consequências”. (BAUMAN, 2009, 46)

É o espaço onde ele faz suas escolhas e suas consequências nos relacionamentos interpessoais mediados pelas tecnologias de comunicação e interação e, assim o faz. Sobre isto, Morin (2012, p. 267) afirma que “Uma liberdade aparece quando o ser humano dispõe das possibilidades mentais de fazer uma escolha e de tomar uma decisão e quando dispõe das possibilidades físicas ou materiais de agir segundo a sua escolha e a sua decisão”.

### 2.3.1 A captura na rede e os espaços virtuais preferidos

Antes de qualquer coisa, é de grande importância relatar os resultados de uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, por Dana Boyd (2015), pois trata de adolescentes de um outro lugar, mas que traz um paralelo com tudo o que observamos até aqui. Ela afirma que as redes sociais digitais, atualmente, desempenham um papel crucial na vida dos adolescentes, através delas, eles buscam formas e espaços próprios para terem sentido no mundo. Como afirma Boyd, (2015, p. 21) “[...] as interações mediadas dos adolescentes complementam ou suplantam, por vezes, os seus encontros face a face”.

As motivações sociais são bem mais inerentes a esta busca, a tecnologia não é em si o que motiva os adolescentes a utilizá-la, os dispositivos são meios para interagirem socialmente, “[...] a buscarem seus amigos, a socializarem, já que atualmente, a maior parte dos adolescentes que estão há mais tempo na internet, vivem contextos em que não é fácil a socialização no mundo offline e os próprios pais, com medo da violência, não os deixam sair muito de casa”.

A pesquisadora destaca ainda, que há exageros em muitas pesquisas sobre os problemas relacionados a utilização, justamente porque não há um entendimento e diálogo entre eles, os pais e seus professores. A tecnologia não os afasta da aprendizagem, mas que, pelo contrário, poderia ser aproveitada, integrada em novas experiências em ambientes de colaboração, a partir das redes sociais.

Na escola investigada de Manacapuru, no estado do Amazonas, identificamos que a frequência com que os adolescentes acessam à internet é bastante alta, tanto pelos meninos, quanto pelas meninas, um dado bem equiparado, com acesso para 5 ou todos os dias da semana. Com relação ao tempo, já foi dito, que grande maioria passa mais de 8 horas por dia, porém os meninos afirmam que acessam os jogos de seus celulares e computadores ligados às redes sociais, paralelamente, conversam entre si, combinam jogadas pelo WhatsApp, diferente das meninas que estão mais focadas nas plataformas para buscar assuntos diversificados.

A maneira como eles estão interagindo acaba sendo o reflexo das mudanças que estamos vendo na sociedade, são comportamentos sendo modificados, eles estão imersos em

uma cultura digitalizada. “Hoje os adolescentes passam mais tempo dentro de casa, eles têm mais aparelhos tecnológicos à disposição e despendem grande parte de seus dias interagindo com eles. Essa realidade, certamente, influencia a forma como os adolescentes se relacionam entre si e com o mundo que os cerca” (MEDEIROS, 2018, 36)

Com um clique apenas podemos imortalizar momentos com uma fotografia ou com um vídeo, estar por meio de imagens sendo capaz de se aproximar mesmo que por uma ideia de outra pessoa bem distante e, isto, com certeza, contribui para que cada vez mais pessoas utilizem com grande frequência como extensão de suas vidas.

Tabela 4 - Frequência de Acesso às redes sociais *on line*

<b>Quantos dias por semana você acessa redes sociais?</b>	<b>Masc.</b>	<b>Fem.</b>
<b>Final de semana</b>	2	3
<b>3 ou 4 dias na semana</b>	6	5
<b>5 dias na semana</b>	7	8
<b>Todos os dias</b>	11	12
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>28</b>

Fonte: A pesquisadora - 2019

Não podemos ignorar o fato de que eles encontram no virtual uma satisfação sem esforço para todos seus desejos, sem limites da realidade, a alienação do sujeito e de sua própria natureza parece um caminho bem comum, em alguns casos. A possibilidade de poder experimentar ser outros seres, ou estarem onde quiserem, amplia o imaginário e os faz “donos de si e do mundo”, mesmo que seja virtual, esta possibilidade **aos seus olhos**, pode fazer muito bem e, talvez, seja até o fator que os move a estarem com mais frequência, conectados.

O ‘eu’ não é mais simplesmente experimentar diferentes papéis em diferentes situações, em diferentes lugares. A prática de vida das ‘janelas’ [no mundo virtual] é a de um ‘eu’ descentrado que existe em muitos mundos e que experimenta muitos papéis ao mesmo tempo”. (TURKLE, 1996).

Estes adolescentes possuem diversas possibilidades para inserir-se no mundo virtual e a necessidade de afirmação subjetiva e social acaba de certo modo, se efetivando nas amplas formas de linguagem, muitos acabam tornando-se quem querem ser, inclusive com características físicas que mais lhes agradam, onde eles passam a viver um personagem ou seriam de fato, eles mesmos? “Cada idade tem as suas verdades, suas experiências, segredos. Mas nossa concepção simplista da identidade mascara que essa diferenciação pode traduzir-se por extraordinárias modificações da personalidade” (MORIN, 2012, p.85)

Aliás, sobre isto, lembro aqui dos filtros disponibilizados nas plataformas, os mais variados possíveis, dos quais pudemos ter acesso na sua utilização. Na verdade, uma diversão, para os que fazem uso, são personificados com perfis de celebridades famosas e com “padrão de beleza”, cuja maior parte é ocidental, são personagens famosas de novelas, artistas de Tv e cinema, enfim, o estrelato. Gomes e Caniato (2016), citam o entendimento de Boyd (2009) e Rosa Santos (2013),

[...] os adolescentes "recriam-se" em formato digital, incorporando características performáticas que transpareçam uma identidade socialmente desejada. Ao utilizar o *Facebook*, os usuários manifestam seus ideais e sentimentos a partir do conteúdo que publicam e compartilham - nesse sentido, as publicações são associadas à pessoa que as publica. Assim sendo, ao utilizar o *Facebook*, o indivíduo seleciona atributos tendo como critério a maneira que deseja ser visto (Boyd, 2009; Rosa e Santos, 2013).

Os adolescentes inseridos nestes espaços virtuais, obrigatoriamente, criam seus perfis e, não necessariamente, demonstram o que são, inclusive suas imagens, podem ser avatares, podem assumir outras identidades-personalidades, alguns se escondem atrás dos fakes, em contas criadas na internet, muitas vezes, para ocultar identidades reais de usuários. Berardi (2019) afirma que estamos vivenciando uma mudança de percepção corporal cada vez mais informatizada “o corpo do outro nos aparece como signo, como informação”.

Existe uma nova preocupação com este século XXI, ao adentrar na Plataforma do Instagram, cujo espaço é muito utilizado pelos adolescentes da pesquisa, verificamos alguns perfis, por eles identificados como “seguindo”, ou seja, quando eles fazem parte do grupo de seguidores de alguma celebridade ou amigo virtual. Alguns desses perfis são também

crianças, adolescentes, jovens e adultos que se destacam em diferentes performances, como maquiadores, humoristas, com dicas de receitas, exercícios, tem sido bem comum a propaganda dos perfis como formas de ganhar dinheiro rápido e fácil.

Isto tem atraído o público infanto-juvenil, o número de adolescentes dependentes destes equipamentos vem crescendo substancialmente, os dados têm sido apontados nas pesquisas. Em 2018, por exemplo, cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos, já eram usuários de internet no Brasil, o que corresponde a cerca de 86% do total de pessoas dessa faixa etária no país. (TIC Kids Online Brasil 2018).

Não é diferente da realidade encontrada com os escolares investigados, pois eles também ocupam estes espaços virtuais, estão inseridos em muitos lugares ao mesmo tempo, conectados em “espaços desterritorializados”, são capazes de assumirem distintos papéis, e utilizam linguagens diferenciadas daquelas que costumam usar frequentemente em casa ou na escola, a exemplo disso, é frequente o relato de professores, sobre as abreviaturas de palavras serem bem comuns nos trabalhos escolares como: vc (você); tb (também); p/ (para); c/ (com); qnd (quando), entre outras que fogem as regras convencionais.

Sobre a questão da vontade de serem blogueiros, pelo que expõem em suas falas há sempre uma associação à questão da fama, mas muito mais ligada à resolução de problemas financeiros, pois os exemplos dados são que muitos estão ganhando dinheiro nas redes, fazendo propagandas, vídeos engraçados, tutorial de maquiagens e com dicas de jogos. Alguns personagens da cidade de Manacapuru foram citados em suas falas, são jovens com mais de 20 mil seguidores no Instagram e que já despontam como blogueiros fazendo carreira e ganhando dinheiro por meio das plataformas. Há de se destacar que:

Atualmente a idade mínima para obter um perfil nas redes sociais virtuais de acordo com a Classificação Indicativa e Novas Mídias (2014) é de 13 anos de idade; mas na realidade existe uma fragilidade na criação desses perfis online, visto que, o sistema de criação desses perfis pode ser burlado, simplesmente pondo uma idade falsa na hora da criação, e desta maneira o adolescente facilmente terá acesso aos conteúdos de adulto. (NETO e TAVARES, 2019, p. 884-885)

É importante dizer que dos adolescentes investigados, nem todos se veem com este perfil de utilização das redes para este fim, mas apenas para diversão ou algo mais ligado à

sua rotina diária de trabalho escolar ou contatos familiares e amigos. Algumas falas expostas abaixo, referenciam esta breve análise.

### Smart Art 3 - Motivação para uso da internet - preferências



Adolescente A: “Costumo ficar a madrugada toda acessando a internet, vejo de tudo, mas gosto mais do Face, às vezes, só paro quando minha mãe briga comigo”.



Adolescente B: “Geralmente, eu acesso mais para jogar *Free Fire* com meus colegas!”



Adolescente C: “Eu gosto do Instagram e curto muito assistir as piadas do *Carlinhos Maia*” (sobre este, verifiquei que se trata de um fenômeno das redes sociais, uma celebridade com milhões de seguidores)



Adolescente D: "Eu acesso Tik Tok, Facebook, Instagram e gosto de postar fotos e vídeos. Gosto de ver os tutoriais de make."

Fonte: Entrevista com adolescentes escolares – Abril / 2020

Na entrevista realizada com os 54 adolescentes, ao serem perguntados sobre suas motivações para uso da internet e sua inserção nas redes sociais virtuais, as respostas foram muito variadas: Aluno X “Lá é o lugar de muitos amigos”; Aluno Y: “Gosto porque me distraio vendo muitas coisas que gostaria de comprar”; Aluno Z: “Adoro postar minhas fotos; Aluno K: faço vídeos no Tik Tok e já tenho muitas curtidas, quem sabe não viro blogueira!” (risos);

Sobre suas preferências nas redes sociais, é difícil mensurar, pois praticamente todos disseram utilizar mais de uma plataforma e terem os aplicativos já instalados em seus celulares. Porém, ao serem indagados sobre quais não abririam mão, o WhatsApp fica em evidência para a maioria, justamente, por ser entendido por eles como um aplicativo que os oportuniza a interagir com outras pessoas, de grande utilidade, com ele, mantêm diferentes

grupos de relacionamentos que vão desde à escola aos familiares com quem mantém contato. Souza et.al (2014, p. 140) expõe que:

WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Está disponível para smartphones, iPhone, BlackBerry, Windows Phone, Android e Nokia. WhatsApp é um trocadilho com uma expressão da língua inglesa What's Up? (E aí?). A empresa que desenvolveu o aplicativo, no Vale do silício, pensou em criar uma alternativa melhor do que o SMS, pois afirmam que em breve todas as pessoas terão um smartphone

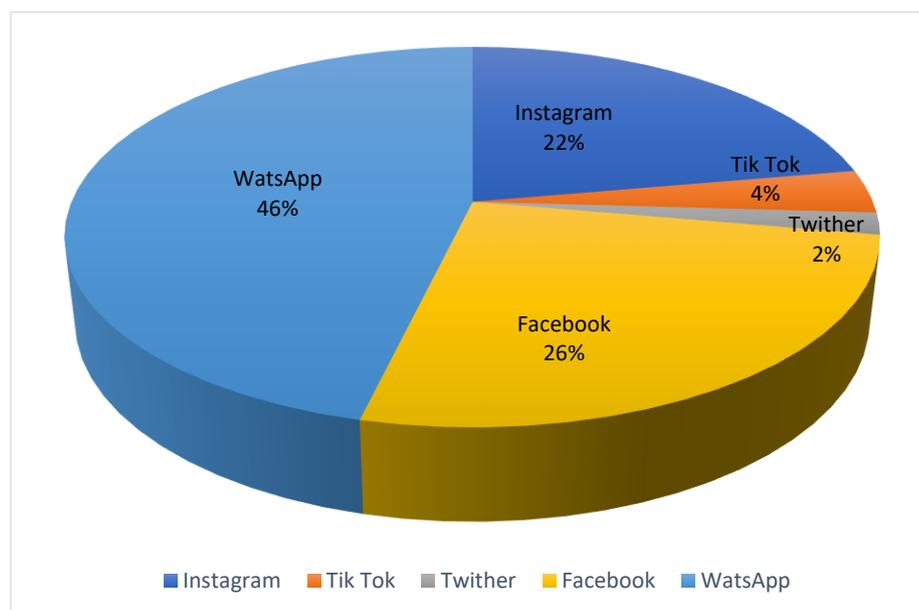
Com relação ao WhatsApp, já existem muitos estudos sobre suas funcionalidades, alguns destacando que esta mídia social pode ser utilizada, tanto como ferramenta de interação, do ponto de vista social e mercadológico, pois é comum a formação de grupos para venda de produtos, entre outras situações mais pessoais e profissionais.

Por meio destas redes os usuários enviam mensagens de voz e textos, fotos, vídeos, emojis e conseguem compartilhar “novidades” e notícias instantâneas. Com base nos resultados obtidos nos questionários aplicados aos adolescentes da pesquisa, evidenciou-se que **42%** deles, utilizam o WhatsApp.

O aplicativo permite fazer chamadas de vídeos com mais de quatro pessoas ao mesmo tempo, pode ser acessado tanto por celular como por *ipads* ou computadores no WhatsApp Web. É baixado gratuitamente em smartphones ou mesmo pelo site da empresa, mas para isso, é necessário possuir conexão com a internet e contatos telefônicos na agenda do celular que possuem o aplicativo.

Nas entrevistas, os adolescentes argumentam que apesar de terem que optar por uma das redes neste momento, eles utilizam várias redes ao mesmo tempo e o gráfico abaixo, foi apenas para identificar a plataforma preferencial de cada um, porém com esta ressalva. Destes investigados, as atividades na internet mais citadas são: assistir vídeos, 63%, utilizar rede social (58%) e trocar mensagens de texto (59%) tudo ao mesmo tempo.

Gráfico 3 - Qual a rede social que você utiliza preferencialmente?



Fonte: A pesquisadora com base nos questionários respondidos/ 2019.

A rede social Facebook é atualmente considerada um fenômeno mundial por sua visibilidade, visitada por milhões de usuários no mundo todo. Na Internet, o número de adeptos tem crescido consideravelmente, nos dados acima, identificamos que 30% dos entrevistados a preferem. Ela representa uma nova forma de estabelecer relações, realizando várias tarefas como: divulgação de produtos, notícias, fatos, o compartilhamento de vídeos, textos, ideias, fotos, imagens e diversão por meio de seus aplicativos etc.

Na plataforma, o Facebook agrega recursos que permitem ações interativas na Web como: filiar-se a grupos, exibir fotos, criar documentos com a participação para a construção de um texto coletivo, criar eventos com agendamento das atividades dentro e fora da plataforma, enquetes como recurso para pesquisas, bate papo, além de deixar em arquivo todas as postagens e, posteriormente, permitir abrir numa espécie de recordatório para que os usuários possam rever suas publicações, são de certa forma, rastros digitais.

Esta rede social apresenta ferramentas de comunicação inovadoras que contribuem para que aconteçam interações, socializações e aprendizagem colaborativa em rede, por meio do diálogo e da construção coletiva de saberes entre os sujeitos, dos mais longínquos lugares do planeta. Como muitas outras redes, o Facebook permite a divulgação de mais informações

e debates sobre questões sociais, políticas, culturais, além da união ou não de grupos que se identificam ou não.

Em 2013, Castells esteve no Fronteiras do Pensamento<sup>30</sup> para uma Conferência *Redes de indignação e esperança*, e argumentou sobre os instrumentos atuais de aquisição de informações e das possibilidades de organizações. “O que muda atualmente é que os cidadãos têm um instrumento próprio de informação, auto-organização e automobilização que não existia” e, agora podem fazer uso desses recursos para utilizarem em situações do cotidiano.

Conforme Castells (2013), o componente emocional das relações de poder, atualmente, está estendido ao campo comunicativo da internet e, portanto, a liberdade de imprensa também se estende a ela. Ao que urge refletir sobre quais informações estão sendo repassadas? Que imprensa? Que contexto? Quais fins? Estas e outras questões são extremamente importantes.

Ampliar o espaço da liberdade é fundamental, e essa é a obra da autocomunicação de massa, mas isso não garante a liberdade. Nós somos anjos e demônios. Viver na internet tem um perigo, e o perigo somos nós mesmos. Se nós olharmos no espelho nossa expressão na internet e olharmos a realidade de nossa própria imagem, talvez tenhamos o sobressalto que nos motive a empreender a reconstrução mental e moral de um mundo caracterizado pela contradição entre nosso super desenvolvimento tecnológico e nosso subdesenvolvimento ético. (Castells, Conferencista do Fronteiras do Pensamento 2013)

Inseridos nestes moldes, os adolescentes exercitam sua participação de forma bem dinâmica, Castells, ainda nesta conferência, debateu sobre a participação da juventude neste processo, analisando as permanentes tensões entre adultos e jovens, enfatizando a grande diferença entre conflitos geracionais atemporais e os específicos da contemporaneidade: “atualmente, a juventude pensa de forma digital”, a comunicação está se dando de forma independente e irreprimível nas redes, e é este o grande medo dos poderes sobre a web: “a

---

<sup>30</sup> O Fronteiras do Pensamento propõe uma profunda análise da contemporaneidade e das perspectivas para o futuro. Comprometido com a liberdade de expressão, a diversidade de ideias e a educação de alta qualidade, o projeto promove conferências internacionais e desenvolve conteúdos múltiplos com pensadores, artistas, cientistas e líderes em seus campos de atuação. / <https://www.frenteiras.com/o-projeto>

internet é liberdade. E a liberdade é temida quando não é controlada.” (Castells, Conferencista do Fronteiras do Pensamento 2013).

Imagem 8- Perfil de um usuário do Facebook



Fonte: A própria pesquisadora em seu perfil/2020

O Instagram aparece na terceira posição, este aplicativo surgiu em outubro de 2010, vem ganhando grandes proporções junto ao público infanto-juvenil, foi desenvolvido por dois engenheiros de programação Kevin Systrom e o brasileiro Myke Krieger, por meio dele é possível fotografar a partir do próprio aplicativo, referenciar e, posteriormente, compartilhar nas redes virtuais, as fotos ficam em estado público e podem ser visualizadas por todos, a não ser que, o usuário deixe sua conta privada.

Imagem 9 - Interface do Instagram



Fonte: Google/ Acesso: julho - 2021

Não restam dúvidas que a grande quantidade de celulares e smartphones tem impulsionado a popularização da fotografia. Este aplicativo que estava restrito aos celulares Apple (uma empresa multinacional norte-americana que projeta e comercializa produtos eletrônicos de consumo, software de computador e computadores pessoais, além de smartphones ultramodernos, porém, com valores altos no mercado, se comparados a outros), pode ser encontrado disponível também para o sistema Android, conseguindo atingir a um público maior e abrangendo milhões de novos usuários.

O que chama a atenção do Instagram é o compartilhamento de imagens de forma prática e instantânea – podemos falar em uma rede social baseada exclusivamente na imagem. Isto desperta o interesse pela fotografia em muitas pessoas que jamais tiveram interesse por ela, ou haviam considerado essa prática apenas como hobby, sendo assim, em âmbito escolar, isto pode funcionar como um instrumento motivador pela possibilidade de utilizar a criatividade produzindo conteúdos e novos conhecimentos.

Quando você tira fotos usando o aplicativo Instagram, elas sempre aparecem nos feeds dos usuários que estão seguindo você. Você pode navegar através da seção "Popular" para encontrar novos usuários e ampliar seu rol de “amigos”, assim como, de repente, ser seguido por outros, podendo aumentar sua comunidade virtual e divulgar trabalhos realizados ou interagir de outras maneiras.

É interessante refletir sobre o tipo de relação que estes usuários possuem em torno de uma base comum que são as plataformas de interação, curtir, comentar, seguir, deixar de seguir são linguagens. A relação estabelecida, nem sempre é de proximidade, mas permeada por uma espécie de elo que os liga, ou não, a pontos convergentes ou divergentes, onde a percepção do outro é essencial para a interação.

Discutir a diferenciação de uma interação “face a face” como Goffman (2002) argumenta nos escritos sobre A representação do Eu na vida cotidiana e a interação virtual é interessante, pois apesar das manifestações serem parecidas ao menos em questão de impressão e posicionamentos, a forma como os “atores” se comportam, de certa forma, cumpre com uma lógica bem parecida, onde os indivíduos podem, evidentemente, transmitir informações falsas intencionalmente, como uma espécie de fraude ou dissimulação. Nessas representações, segundo o autor:

O indivíduo se convence de que a impressão da realidade que encena é a verdadeira realidade. Quando o seu público está também convencido deste modo a respeito do espetáculo que o ator encena, então, pelo menos no momento, somente o sociólogo, ou uma pessoa socialmente descontente terá dúvidas sobre a “realidade” do que é apresentado. (GOFFMAN, 2002, p.

Então, vejamos que a tecnologia, sendo vista por diferentes ângulos não pode ser tomada como algo neutro, como coisa ou apenas aparato, pois não é um dado puro da natureza, há alguém que a movimenta e com fins determinados, portanto longe de ser alguém da influência da esfera social. “A técnica não é perigosa. Não há uma demonia na técnica. O que há é o mistério de sua essência. Sendo um envio do desencobrimento, a essência da técnica é o perigo”. (HEIDEGGER, 2001. P. 30)

Para interagir, postar fotos no Twitter, Facebook, E-mail, Flickr, Tumblr, Foursquare, Posterous (outras plataformas) é preciso configurar a conta do Instagram, baixar o aplicativo da App Store e criar uma conta, depois é só abrir o aplicativo e tirar uma foto sua, através de sua câmera, usando traseiro ou câmera frontal. Se essas configurações estiverem prontas para "On", então, todas as suas fotos do Instagram serão automaticamente enviadas para suas redes sociais, depois você pressiona "Concluído" e, assim, você já pode colocar suas referências e representações individuais.

Os perfis são criados pelos usuários, no caso, crianças e adolescentes e, geralmente, é exigido de cada um, um e-mail, como segurança na conta, um número de telefone de contato e uma foto para identificação, na qual, escolhem livremente e, minuciosamente ou para se identificarem, ou camuflarem, isto mesmo, alguns preferem não terem seus rostos identificados nos perfis, colocam avatares. São muitas informações, personagens e ímpetos desejos de ter e ser no mundo virtual e, isto vai dando a eles, o deslumbre. Ookita e Tokuda (2001), chamam a atenção para o que denominam “distúrbio do século 21”, pois traz em seu bojo, à confusão de identidades, surgida da dificuldade do sujeito em integrar sua vida real com a vida na rede. Para Paiva (2007):

O que provavelmente tem acontecido mais aceleradamente, nas últimas décadas, foi o desaparecimento de algumas identidades, o surgimento de outras, e principalmente uma reordenação de grande número delas, agora articuladas reciprocamente em

níveis não apenas coordenados, mas superordenados ou subordinados. (PAIVA, 2007, p.78),

Diante do contato com tantas informações e personalidades a tendência é serem envolvidos e influenciados pelos perfis, adotando comportamentos e identidades fluídas e desconexas com sua realidade. Sobre isso, Anderson (2002) cita Howard Rheingold (2002), autor entusiasta da chamada “revolução digital”: “Eu não apenas habito nas minhas comunidades virtuais, mas, na medida em que eu carrego comigo as conversações na minha cabeça e começo a misturá-las com a vida real, essas comunidades virtuais habitam na minha vida” (ANDERSON, 2002, p. 130).

Goffman (2011) utiliza-se de metáforas da ação teatral para fazer análises de como os indivíduos se comportam em situações de interação social no cotidiano, seus argumentos direcionam aos indivíduos que como atores, encenam peças de teatro, no intuito de buscar maneiras para convencer e impressionar as pessoas que estão à sua volta e, por isso, diversas técnicas são utilizadas para a representação do “EU”.

Em um processo interativo os indivíduos procuram colher o máximo de informações possíveis sobre o outro, a fim de que se possa definir de forma clara a situação, o que uns esperam dos outros, dentro desta busca de identidades comuns e incomuns. “[...] o indivíduo terá de agir de tal modo que, com ou sem intenção, expresse a si mesmo, e os outros por sua vez, terão que ser de algum modo, impressionados por ele”. (GOFFMAN, 2011, p. 12)

Imagem 10- Interação



Fonte: <https://www.facebook.com/pawelkuczynskiart/timeline/Acesso: 2022/02>

Bom, sobre estes aspectos, as ideias de Morin (2012) dão conta de sintetizar o paradoxo a respeito da objetividade humana, que segundo ele, o homem é sujeito e objeto de suas construções identitárias e, “Para conhecer o outro, certo, deve-se percebê-lo objetivamente, estudá-lo, se possível, objetivamente, mas também se deve compreendê-lo subjetivamente. O desenvolvimento de um conhecimento objetivo do mundo deve avançar junto com um conhecimento intersubjetivo do outro”. (MORIN, 2012, p. 80)

### 2.3.2 Exposição, posicionamento e rastros digitais

E nesse caminhar estão adolescentes estabelecendo e construindo teias socialmente, as atividades individuais ajudam a abrir novos espaços de encontros, o compartilhamento e a invenção coletiva intermediam e ajudam a compor o arcabouço cultural vigente num processo de produção e reprodução, onde “a cultura da internet é a cultura dos seus criadores” (CASTELLS, 2004, p.56).

Adolescentes são agentes sociais criativos que protagonizam, ao mesmo tempo em que estão imersos nos parâmetros e limites impostos pelos adultos, suas próprias culturas. “Neste sentido, sua socialização não pode ser concebida apenas como uma questão de adaptação e internalização, mas também como um processo de apropriação, reinvenção e reprodução interpretativa”. (Nejm, 2016, p.29)

Os indivíduos se interligam e produzem um conjunto de crenças e valores que formam comportamentos e criam um espaço da “liberdade de expressão”, de certo modo, não há até o presente momento, controle sobre este meio, muito característico do ciberespaço, em que anônimos e, em grande parte, amadores são produtores de ideias. Milhões de usuários constroem cooperativamente o conteúdo simbólico desta cultura que é sustentada por uma multiplicidade de iniciativas locais, que foge ao controle da burocracia, dos governos, dos dirigentes de grandes companhias midiáticas.

É esta “liberdade” cibernética com “sensação libertária” que deixa a porta aberta para os rastros digitais, mas antes de falarmos sobre isto, de forma simplória vamos dizer, que

“rastros” podem ser entendidos como marcas invisíveis, ou não, que deixamos na rede digital *on-line* e que são colhidos, muitas vezes, implicitamente.

Usuários criam centenas de rastros digitais todos os dias ao acessarem as plataformas, assim como acontece com os rastros físicos, como as pegadas na areia, ou até mesmo, as impressões digitais. Alguns podem ser propositais e visíveis como numa foto postada de um local de uma viagem por exemplo, os comentários numa postagem, um e-mail, enfim. Entretanto, outros podem ser não intencionais e invisíveis, na medida que você acha que aquela ação não tem efeito sobre você, pois há usuários que se ocupam em visitar perfis, saber dados, gostos, registro de trajetos e, eis o cerne da questão, a soma destes detalhes dizem muito sobre a vida das pessoas, inclusive aquilo que elas acham que é privado.

Em um site chamado *Eu e minha sombra*, criado pela Tactical Tech – (uma ONG internacional que se envolve com cidadãos e organizações da sociedade civil para explorar e mitigar os impactos da tecnologia na sociedade), há orientações de como controlar os rastros digitais e descobrir sobre a indústria de dados, pois uma vez deixados pelos usuários, eles saem do controle. No ano de 2016, a ONG, fundamentada no livro de Bruce Schneier (2015), “Data e Golias: As batalhas ocultas para coletar seus dados e controlar seu mundo, classificou em seis níveis de controle, são eles:

a) Dados de Serviço que são informações que você fornece para receber um serviço, onde você digita seu nome completo, idade, país em que mora e o número de seu cartão de crédito, CPF, RG, Passaporte e dados da sua conta bancária.

b) Dados Divulgados, os conteúdos como fotos, e-mails, mensagens e comentários que postamos em uma página da internet que nós mesmos gerenciamos.

c) Dados Confiados são as informações que postamos em uma plataforma da qual não temos controle e, assim, outra pessoa decide o que acontece com esses dados que estão nas plataformas comerciais como Facebook e Twitter, ainda que milhões de pessoas postem conteúdo nelas.

d) Dados Acidentais são dados sobre a gente, mas que foram compartilhados por outras pessoas. Por exemplo quando uma pessoa é marcada em uma foto no Facebook, mencionada em um tweet ou quotada em um blog ou artigo.

e) Dados Comportamentais são criados quando interagimos com nosso computador ou telefone celular, expondo o que fazemos, com quem fazemos, com que

frequência e onde. A partir do momento em que você liga o seu telefone celular, ele começa a criar rastros digitais sobre você.

f) Dados Derivados são informações sobre nós que foram deduzidas a partir de outros dados que geram perfis com base em características comuns, que estão disponíveis em redes sociais, dados de localização e/ou comportamento de navegação.

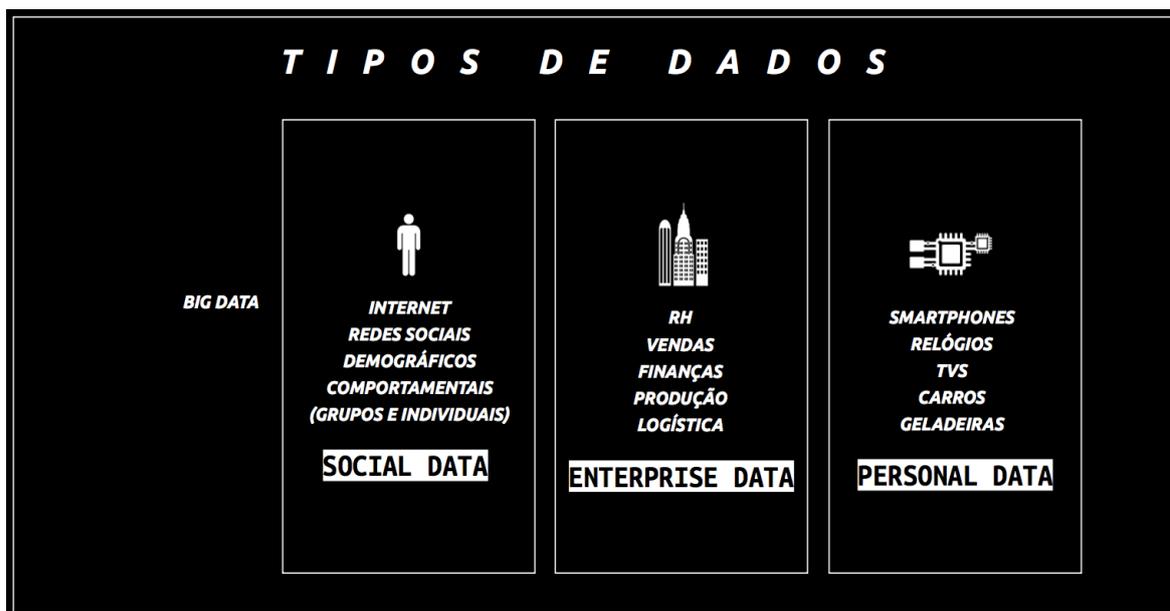
Existem dados que estão para além da mensagem, são chamados de “Metadados”. Alguns deles, referem-se aos dados de localização de onde está seu telefone celular, a data e a hora em que foi repassado algum e-mail, ligação, números de telefone, endereços de e-mails, nome da pessoa, parentes, preferências etc. Mas afinal, onde ficam armazenadas todas estas informações? O que é feito com elas? Bem sobre isto, temos que abordar, mesmo que de forma muito breve, a respeito do BIG DATA, um termo ainda recente, mas que corresponde a quantidade de dados disponibilizados por diferentes plataformas e meios de comunicação. De acordo com Nascimento (2017, p. 2),

Para muitos o conceito Big Data é algo novo, mas mesmo antes de existir qualquer meio digital e/ou tecnologias computacionais, os dados já eram gerados [...]. A diferença é que nos dias de hoje geramos muito mais dados com dispositivos como celular e TVs. Além disso, temos as mídias sociais que geram a todo tempo informações majoritariamente públicas.

*Nada é por acaso, o Big Data* está justamente atrelado à possibilidade e oportunidade em cruzar os dados por meio de diversas fontes, a preferência dos consumidores e o aumento da competitividade em todos os mercados força o caminho para busca de inovação, premissa básica nos negócios. “A essência do conceito está em gerar **valor** para negócios”. (Nascimento, 2017, p. 2).

Os dados são tratados, não de forma aleatória, mas considerando especificidades e, tipos de informações, que de modo bem simples. Em 2017, a empresa de Marketing por Dados exemplificou em categorias, os três tipos de dados que contemplam o Big Data: Social Data; Enterprise Data e Personal Data.

Figura 4 - Tipos de dados que contemplam o Big Data



Fonte: C4PPR4 D4T4 5C13NC3 - 2017

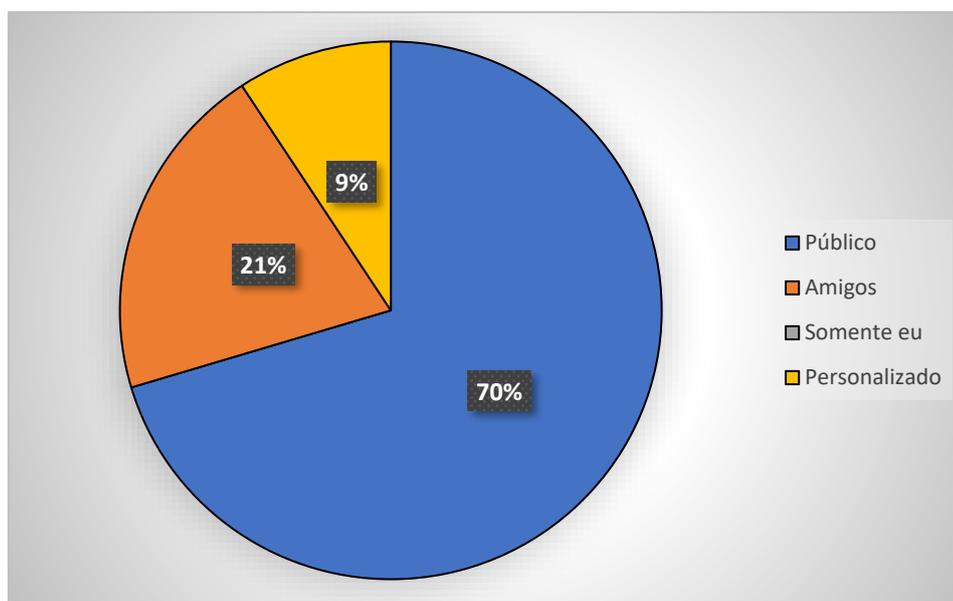
Godoi (2017) apresentou no site Canaltech o resultado de uma pesquisa desenvolvida pela McAfee<sup>31</sup> em 2014, com 1.502 jovens entre 10 e 18 anos dos Estados Unidos, o resultado apontou que 49% deles postaram algo que se arrependeram depois; 50% já compartilharam o endereço de e-mail; 30% compartilharam o número do telefone e 45% mudariam o comportamento em postagens se soubessem que os pais estavam de olho.

Não obstante, em Manacapuru, na escola investigada, chego a estes resultados: 54% dos adolescentes já postaram algo que se arrependeram, 62% já compartilharam e-mail para as mais variadas situações na internet, 28% compartilharam o número do celular publicamente e, 9% têm contas bloqueadas para familiares, justamente para que possam ter liberdade para interagirem como quiserem nas redes sociais digitais.

E, sobre isto é preciso falar, este trabalho traz dados importantes, pois a maior parte dos adolescentes - sujeitos da pesquisa, pareceu não se importar com detalhes relevantes de sua vida privada, abandonando seus “rastros digitais” nas redes sociais. Quando perguntados sobre sua opção de privacidade com relação às suas postagens, chegou-se a este resultado:

<sup>31</sup> Trata-se de empresa americana de informática software de segurança sediada em Santa Clara, na Califórnia, foi fundada em 1986 por John McAfee focada em soluções de segurança.

Gráfico 4 - Opção de privacidade com relação às postagens nas redes sociais digitais



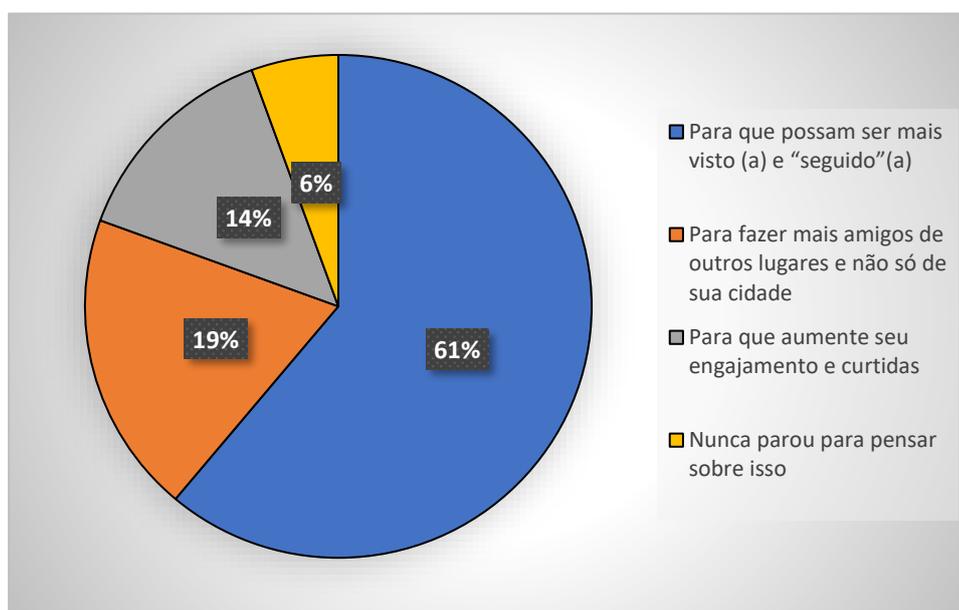
Fonte: Própria pesquisadora com dados obtidos por meio de questionários/2020.

Godoi (2017) chama a atenção para os dados deixados nas redes e cita inclusive a busca por meio do Google em que é possível encontrar até números de documentos e endereços, assim, inicia suas discussões com as seguintes questões: “O que pessoas mal-intencionadas podem fazer com todos estes dados? Que tipo de problema ou manchas em sua vida pessoal um elemento mal-intencionado poderia causar?” Estas questões são pertinentes, principalmente, em momentos turvos pelos quais, países como o Brasil, apresentam números altos em publicações falsas como *fake news*, além de golpes cibernéticos com utilização de dados pessoais.

Na verdade, nas argumentações dos alunos investigados, fica evidente que apesar de saberem que há riscos na exposição de suas informações, inclusive com notícias de que há muitas vítimas de fraudes e utilização de imagens indevidamente, não há em cerca de 70% nenhuma ação preventiva para que isso não ocorra, seus dados são colocados para que sejam visualizados publicamente. Champagnatte e Cavalcanti (2015, 316) reforçam que “O ciberespaço tem permitido a emergência dos mais diversos tipos de comunidades, que interagem e articulam-se de acordo com os seus interesses, transformando seus territórios em uma poderosa ferramenta para os mais diversos fins”.

Dos 70% dos adolescentes com perfis públicos, quando perguntados o motivo por tal opção para suas publicações, as respostas são variadas e, aqui elencamos em categoria majoritária: a) Para que possa ser mais visto (a) e “seguido” (a); b) Para fazer mais amigos em outros lugares e não só na sua cidade; c) Para que aumente seu engajamento e curtidas; d) Nunca parou para pensar sobre isso. Conforme Nejm (2016, p. 65) “Criar um perfil em uma rede ou aplicativo social digital é uma atividade que exige sempre algum tipo de exposição de si, o que passa a ser uma das condições de participação social dos adolescentes na atualidade”.

Gráfico 5 - Motivo para que os dados privados estejam com configuração pública



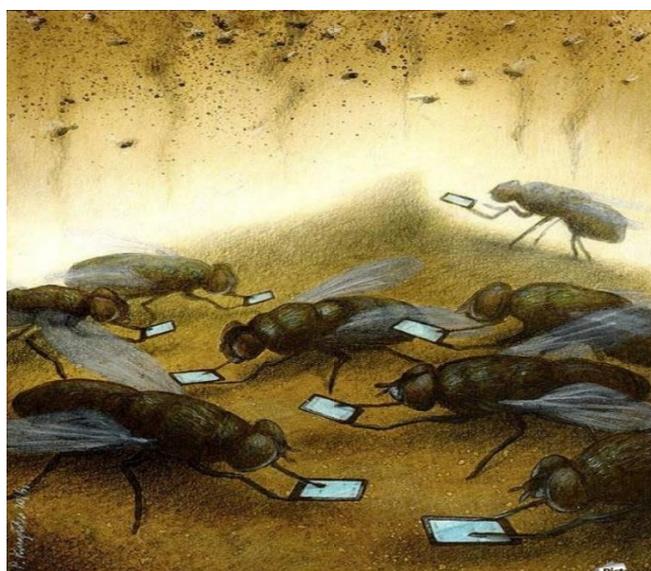
Fonte: A pesquisadora /2020

Nas postagens ficam registros de fotos, mensagens de textos que externam pensamentos, anseios, reivindicações, dados como data de aniversários, familiares, locais de moradia, entre outras informações, quando se coloca compartilhamento público, deixa-se acesso aberto para que todos os usuários de qualquer parte do mundo possam visualizar seu perfil. Bruno (2012, p. 687) enfatiza que:

[...] além ou aquém das informações pessoais que divulgamos voluntariamente na rede (posts, dados de perfil, conversações no Twitter ou no Facebook) toda ação – navegação, busca, simples cliques em links, downloads, produção ou reprodução de um conteúdo – deixa um rastro, um vestígio mais ou menos explícito, suscetível de ser capturado e recuperado

Nas redes estão manifestações, é o diálogo aberto com o mundo, às vezes, tímido, disfarçado ou escancarado, são as vozes que saem por meio da escrita, imagens, sons e até mesmo silêncio que fala por meio da observação das telas. Sibilina (2008) argumenta que com o surgimento das redes digitais e a potencial visibilidade que as pessoas passaram a ter, novas práticas foram adotadas, dentre elas, a exibição da identidade, provocando uma crescente prática de publicização do privado: um verdadeiro festival de vidas privadas na internet. Conforme Berardi (2019, p.15) “A máquina se faz signo, relação com a linguagem que modela seus falantes”.

imagem 11- Vozes



Fonte: <https://www.artlex.com/artists/pawel-kuczynski/Acesso:06/2022>.

Neste percurso se estabelecem também por meio público o encontro, são teias que vão formando comunidades de interação com interesses comuns e, por meio deles é possível capitanear discursos, pensamentos, movimentos, revelar a construção de formas de organização inéditas para tratar de questões sociais, tanto de interesse individual como coletivo. “[...] O resultado tem sido a emergência de comunidades virtuais que usam os mais variados recursos no ciberespaço”. (CHAMPANGNATTE E CAVALCANTI, 2015, p.317)

Os espaços virtuais acabam tornando-se palcos de participação ativa dos adolescentes, onde eles desenvolvem diferentes habilidades e, com isso, flutuam de forma bem dinâmica nas redes de relações, compartilhando e formando de certa forma, suas visões de mundo, um mundo muito particular, com relativa liberdade propiciada pelos adultos.

Os discursos são bem variados, nada seria mais interessante do que a exposição de um mosaico com postagens não identificadas, mas que trazem em seu bojo o retrato do que em meio a uma pandemia da Covid-19, deixa em evidência a realidade de um país em plena crise sanitária, humanitária, política e socioeconômica, ampliando a desigualdade no país.

Por certo, qualquer dado de pesquisa apresentado em pleno período pandêmico não estará livre de interferências substanciais, principalmente, em se tratando de aspectos relacionados às manifestações nas redes sociais. Abaixo o retrato em Mosaico do que se viu postado por adolescentes escolares do município de Manacapuru - Amazonas, antes da pandemia se instalar no Brasil:

Na rede social Facebook, além de inúmeras postagens como selfies individuais e com amigos, os compartilhamentos com frases bem-humoradas ganharam força no ano de 2019 e início de 2020, ainda não se tinha ideia do que estava por vir, pois mais a frente, verificaremos que as postagens se reconfiguram de uma outra maneira, com a chegada da pandemia e, de forma sinistra, vimos as redes sociais se transformarem em palco de notícias tristes e impactantes.

Em 2021, foi publicada uma pesquisa com resultados que apontam que durante a pandemia a Internet foi mais demandada em razão da migração de atividades essenciais para o ambiente digital. (Cetic.br|NIC.br-2021) Sua utilização foi para trabalhos realizados nos mais diferentes setores como educação no desenvolvimento de aulas online, na saúde para informações importantíssimas como cuidados, dados de contaminação, entre outros, bem importantes, na economia, o que evidenciou o crescimento do e-commerce e, com isso a expansão do lucro de empresas e o surgimento de outras.

Os diálogos e discussões em torno de séries apresentadas em canais fechados de televisão e internet, “viralizaram” como dizem. De acordo com Sibilía (2015, p. 134), “[...] predominam agora famosas selfies, esses autorretratos cuja principal – e cada vez mais desesperada – função consiste em disputar as atenções de todos os outros, procurando dirigi-las para o próprio rosto ou umbigo. Mas a exibição do universo particular de cada um não se esgota nesses primeiros planos que tanto abundam”.

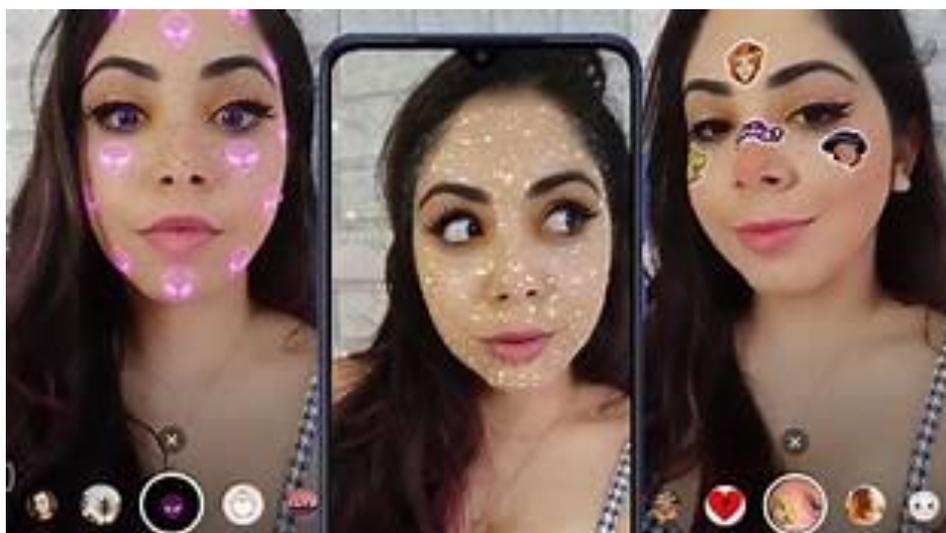
Figura 5 - Postagens dos adolescentes nos meses iniciais de 2020



Fonte: Capturas por meio de prints das redes sociais de alunos escolares/2020 - Pesquisadora

No Instagram, os filtros (efeito de câmera para gravar um stories ou para publicar uma foto mais estilosa) mais variados para utilização no aplicativo foram sendo criados por diferentes “celebridades” e, sendo aberto aos usuários, foi possível perceber as modificações nas fotos de perfis, com modificação nos rostos, como afilamento de nariz, cor dos olhos, formato de rosto, entre outros acessórios acrescentados nas fotos como óculos, chapéus e outros adereços.

Imagem 12 - Filtros do Instagram



Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/46qPogMHssI/maxresdefault.jpg>

Em 2021, o Hospital Psiquiátrico Santa Mônica – São Paulo, expediu uma nota em seu site, a respeito de como os filtros do Instagram afetam a autoimagem da juventude “Quanto aos impactos do uso de redes sociais, um dos aspectos mais observados é a exposição espetacularizada e irreal da autoimagem. Ainda que cada usuário faça isso de modo diferente, os objetivos têm um denominador comum: a busca de aceitação por meio da construção de uma imagem ficcionada”. (março de 2021)

A internet usada desta maneira deixa de ser apenas um meio de comunicação e acaba por influenciar o estilo de vida e os relacionamentos sociais, os filtros utilizados dentro deste contexto, permitem a construção de sujeitos caricatos, alguns escondem o seu “eu verdadeiro”, apegando-se a um “eu imaginativo”, o que pode culminar em efeito negativo na sua autoestima, neste caso, o mau uso das redes sociais, pode trazer à tona distúrbios de personalidade, segundo alguns especialistas em saúde mental. “Salvo exceções, a busca de

curtidas na plataforma objetiva mimetizar a sensação de vazio existencial, sentimentos de tristeza, angústia e depressão”.

Um estudo realizado por cientistas britânicos — e publicado em um artigo da Universidade Federal de Viçosa (MG) — abordou os impactos negativos decorrentes da relação entre Instagram e saúde mental de jovens entre 14 e 24 anos de idade. Os problemas mais apontados na rede foram o bullying, a solidão e a distorção da imagem corporal. (Hospital Psiquiátrico Santa Mônica – São Paulo, março de 2021)

A humanidade ainda vivencia umas das maiores pandemias da história (2022), e em meio a todo esse cenário caótico em que milhões de vidas foram perdidas, vimos nas redes sociais manifestações de tristeza, pesar, revolta, frieza, medo, dúvida e negacionismo colocando em xeque, inclusive, os feitos da Ciência. A tecnologia, foi capaz de aproximar, por exemplo, a escola com os estudantes, tentando agregar os conhecimentos, mesmo com distanciamento físico, foi capaz de propor uma variedade de atividades com o auxílio e a partir de interações proporcionadas pelas plataformas digitais.

A pandemia do COVID -19, trouxe algo jamais esperado pela população brasileira, um cenário de angústia e dor, onde foi necessário paralisar instituições sociais, um tempo assustador causado pelas incertezas e mortes, onde o sentimento foi tomado por uma vontade de resignificação e de superação em todos os campos sociais. De acordo com Morin (2003, p.8), diante de tantos acontecimentos:

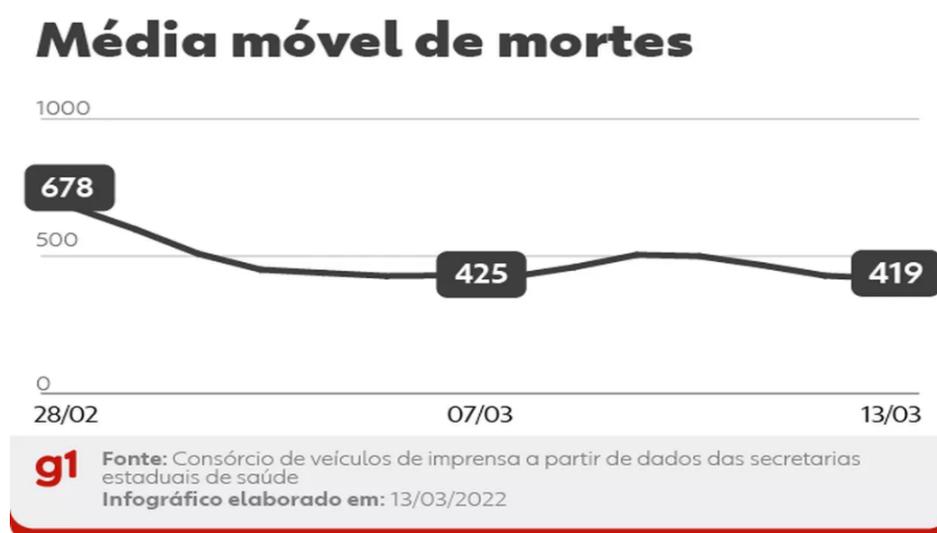
Tornou-se vital conhecer o destino planetário em que vivemos, tentar perceber o caos dos acontecimentos, interações e retroações nos quais se misturam os processos econômicos, políticos, sociais, étnicos, religiosos, mitológicos que tecem esse destino. Tornou-se igualmente vital saber quem somos, o que nos atinge, o que nos determina, o que nos ameaça, nos esclarece, nos previne e o que talvez possa nos salvar.

Contextualizar o momento em que se deu esta investigação é importante, principalmente, para compreendermos as influências diretas sofridas por quem conduziu ou

participou dela, vivenciando nevrálgicamente, dias difíceis e por meio das redes sociais digitais interagiu de alguma maneira tentando alcançar metas e dar seguimento à vida que de alguma maneira encontrava-se meio que estática por diferentes fatores decorrentes do momento pandêmico e triste.

Com dados do Brasil, já foram mais de 678 mil mortos no país, registrando 14.859 casos Covid-19 em 24 horas, chegando ao total de 29.365.238 diagnósticos confirmados desde o início da pandemia. (Consórcio de Veículos de Imprensa com base nos dados das Secretarias Estaduais de Saúde- 03/2022)

Figura 6 - Média Móvel de Mortes 2022

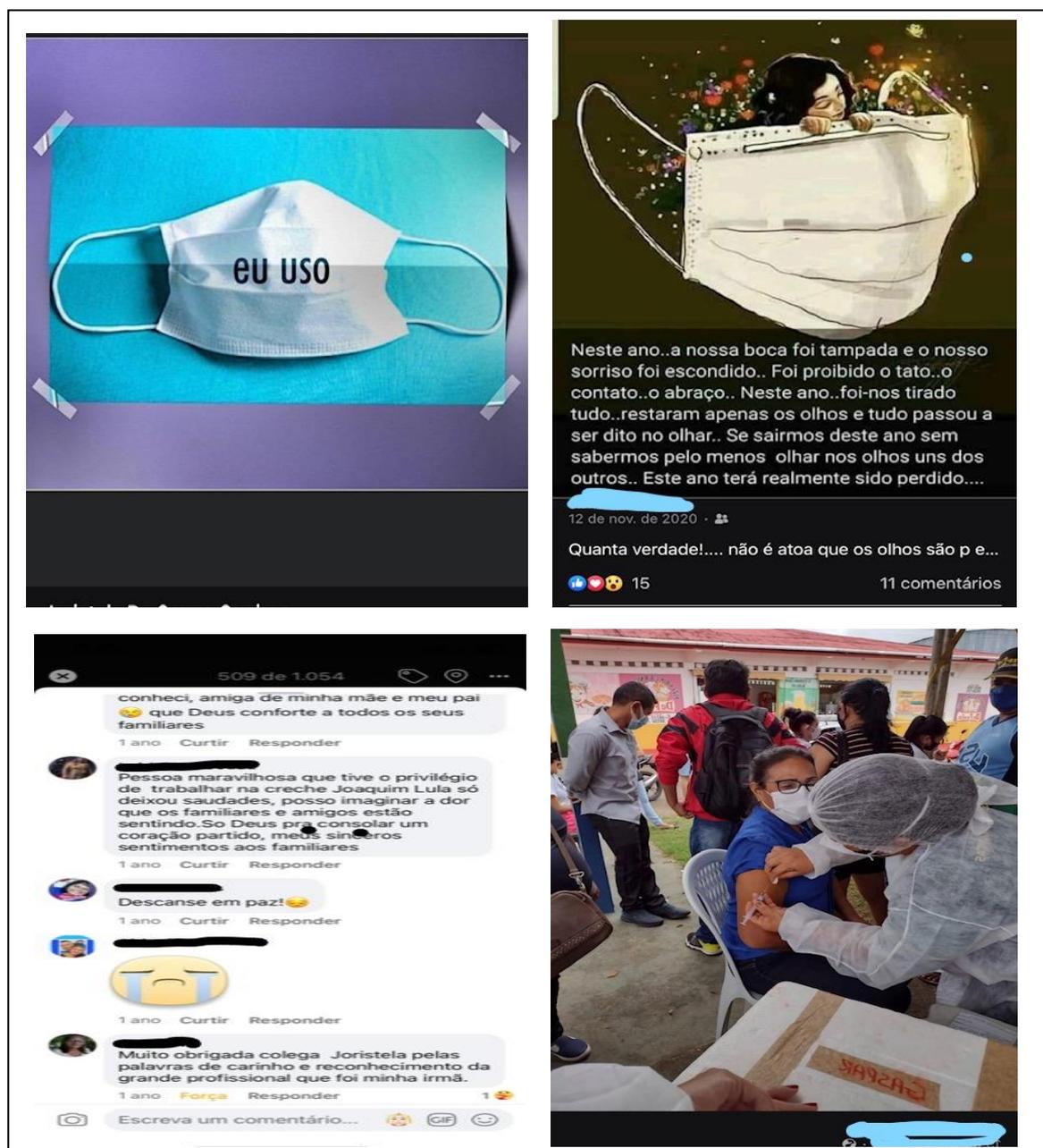


As fake News fizeram parte da tônica de discursos que acabaram por confundir parte da população que sem acesso inicial às vacinas assistiu (assiste) atônita a agonia dos efeitos da Covid-19. O comportamento às avessas do que se esperava da população veio na contramão do que recomendou a Organização Mundial da Saúde, o distanciamento e isolamento social como uma questão *Sine Qua Non* para contenção do vírus. Para os mais abastados, escolas e faculdades migraram para o on-line e o encontro entre amigos também, enquanto para outros, o acesso lhes foi negado diante de sua condição.

A utilização das plataformas digitais possibilitou que os professores tivessem acesso aos recursos digitais, alguns tiveram que buscar caminhos viáveis para se adaptarem ao ensino à distância, pois certas funcionalidades dos dispositivos móveis eram antes desconhecidas, até porque antes, não se utilizava para fins educativos na escola.

A internet tornou-se, então o grande palco para discussões, desde assuntos de importância para a sociedade a assuntos banais. Seu poder tem a capacidade de fazer refletir sobre vários aspectos e conseqüentemente transformar, ou até modificar, o modo de pensar dos seus usuários, tanto para melhor, quanto para pior. E, nas redes sociais, vimos o retrato do terror sendo postado nas mais diferentes plataformas, notas de pesar, de tristeza, de não crédito ao que estava acontecendo, parecia que como num passe de mágica, as páginas tivessem virado e com passagem tempo, apresentando uma outra realidade às avessas.

Figura 7 - Postagens dos adolescentes nos meses finais de 2020



Fonte: A pesquisadora - Extração das Plataformas digitais /2020.

Com o crescimento do número de infectados e o número de mortes, foi decretado lockdown em alguns países, o distanciamento passou a ser uma obrigatoriedade, fazendo com que o cenário das redes sociais digitais se transformasse em palco de grandes debates, após alguns líderes políticos se mostrarem a favor do isolamento social, enquanto outros afirmaram serem contra, alegando que o distanciamento social afetaria outros setores, como a economia.

No Brasil o Presidente da República Jair Bolsonaro grande opositor às recomendações de quarentena, em suas redes sociais deixava claro que o isolamento social e o fechamento de estabelecimento e de território trariam consequências graves para o país, fazendo um desserviço à população que atônita se manifestou a favor ou contra sem argumentos plausíveis.

As redes sociais tornaram-se palco de discussões, muitas delas sem fundamento científico, de certo modo, incentivado pela postura do presidente que incitava por meio de seus canais de comunicação. O número absurdo de mortos, avanços e retrocessos das vacinas, o protocolo de saúde e segurança, bem como as inúmeras tentativas de boicote às campanhas de prevenção e de vacinação, minimizando os efeitos do vírus letal, enfim, o caos estava estabelecido.

A pandemia trouxe ao mundo uma crise de ordem planetária, principalmente porque as informações por meio da internet se deram de forma exponencial e de diferentes maneiras, positivas e negativas, pois os usuários das redes digitais passaram a disseminar fake News com ideias para cura da doença, incentivando ao não seguimento das orientações médicas, enfim.

Lanier (2018) sustenta a ideia de que a internet sendo usada de forma errada é nociva às pessoas, pois existem usuários que utilizam de forma irresponsável, assim, como os manipuladores de algoritmos que trabalham num esforço para atingirem seus objetivos, contribuindo para uma espécie de “colonização digital”.

## TIMELINE II – A REVOLUÇÃO DAS TÉCNICAS E O PROCESSO DE “COLONIZAÇÃO DIGITAL”

*Entendemos por consciência histórica o privilégio do homem moderno de ter plena consciência da historicidade de todo presente.*

Hans Georg Gadamer

### 1 ENTRE A TÉCNICA E A VIDA SOCIAL: A CULTURA DIGITAL

Compreender a mudança histórica na qual se deu a transição das tecnologias mecânicas para as digitais, pressupõe desmistificar a ideia de sua soberania e autossuficiência promovida no passado. A difusão rápida da informação vem como um marco de inovação tecnológica, onde o sucesso das criações inventivas, estimuladas por fatores econômicos e culturais, fez com que as tecnologias prosperassem e se instalassem como um império, influenciando grande massa da população no mundo. Para Byung- Chul-Han (2019) estamos sendo na contemporaneidade:

[...] desprogramados por meio dessa nova mídia, sem que possamos compreender inteiramente essa mudança radical de paradigma. Arrastamo-nos atrás da mídia digital. Que aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto.

Logicamente, nenhum fato histórico poderá ser compreendido sem que se faça uma retrospectiva dos acontecimentos mais marcantes destas modificações no tempo e no espaço, ao que Harvey (2008) ressalta como "categorias básicas da existência humana", que ajudaram a modificar o conjunto das relações sociais e impulsionaram o desenvolvimento de uma condição “pós-moderna”. As relações econômicas, e particularmente, o momento de transição

das formas de organização do trabalho passam a subsidiar o entendimento materialista histórico-geográfico dessa condição.

Dito isto, nunca é demais lembrar que as transformações mais significativas da modernidade ocorreram no campo do imaginário, tendo que romper dogmas religiosos, principalmente, no período da Idade Média, com o surgimento de pensamentos revolucionários voltados para as questões políticas, econômicas, sociais e culturais. “A modernidade como um rio caudaloso inunda e arruína paisagens naturais e socioculturais, devasta civilizações com a pólvora e o canhão, a espada e a cruz erguendo sobre o esquecimento dos vencidos a ordem social competitiva e o desejo insaciável do desenvolvimento” (Ribeiro, 2012, p. 13)

A técnica é de forma essencial um instrumento de aceleração do ato produtivo, vista do ponto de vista da expansão do capital “O mito da velocidade sustenta todo o edifício da modernidade, não apenas aquele imaginário, mas também o produtivo, o econômico e o militar” (BERARDI, 2019, p.16) As formas perceptivas do imaginário de espera do avanço formam e se transformam ao longo da história.

O momento de reestruturação produtiva do capitalismo a partir dos anos 1970 marca a passagem de mudanças econômicas que exigiram transformações e deram sustentação à natureza ideológica das formas organizacionais no trabalho, flexibilizando a cadeia produtiva e, por consequência modificando também a vida em sociedade. O que antes era feito aos moldes repetitivos, ganha execução no trabalho flexibilizado, o trabalhador passou a executar variadas funções no ambiente de trabalho, substituindo o que antes era executado por outros funcionários.

No século XX, a reestruturação produtiva do capital foi marcada pelas inovações fordistas-tayloristas. Foi um longo processo de mutações sócio-organizacionais e tecnológicas que alteraram a morfologia da produção de mercadorias em vários setores da indústria e dos serviços. Fordismo e Taylorismo foram as principais ideologias orgânicas da produção capitalista no século XX, tornando-se “modelos produtivos” do processo de racionalização do trabalho capitalista no século passado. (ALVES, 2007, p.157-158)

Trata-se de um processo de organização do trabalho cuja finalidade essencial, real, é a da intensificação das condições de exploração da força de trabalho, reduzindo ou eliminando em muito, o “trabalho improdutivo”, que não cria valor, ou suas formas assemelhadas, especialmente, nas atividades de manutenção, acompanhamento, inspeção de qualidade, funções que passaram a ser diretamente incorporadas ao trabalhador produtivo.

Por consequência, elevação de empregos temporários, processo de desregulamentação e precarização do trabalho, "divisão de mercados, desemprego, divisão global do trabalho, capital volátil, fechamento de plantas industriais, reorganização financeira e tecnológica", entre tantas mutações que marcam essa fase da produção capitalista. (Harvey, 1992). Alves (1992, p. 156),

[...] o novo complexo de reestruturação produtiva surge no interior da III Revolução Industrial, que impulsionou a revolução tecnológica da microeletrônica e das redes telemáticas e informacionais; e sob a mundialização do capital e do sócio-metabolismo da barbárie com a constituição do precário mundo do trabalho.

O avanço das inovações tecnológicas ajudou a criar um ritmo de produção obediente à demanda do mercado, sem estoque de mercadorias, com maior eficiência e ritmo no processo produtivo. “O que antes eram tão-somente formas residuais de dinâmica societária, como o mercado e a forma-mercadoria, tornou-se, com o modo de produção do capital, eixo estruturante da sociabilidade e da produção social” (ALVES, 2007, p.20).

Tão antigas quanto à espécie humana, as tecnologias originadas pela engenhosidade humana, garantiram um processo crescente de inovações. Etimologicamente a palavra, “técnica”, deriva de tecn (o) do grego techno – de techné ‘arte ou habilidade’ e logia do grego log(o) que significa estudo, conhecimento. Para Neto e Melo (2007, p. 4) “O conceito de tecnologia tem sido ligado, no decorrer da história, à uma solução elaborada para resolver uma situação-problema”.

Conforme, Kenski (2014, p. 14), “Desde o início dos tempos, o domínio de determinados tipos de tecnologias, assim como o domínio de certas informações, distingue os seres humanos. Tecnologia é poder”. Desde os primórdios, o homem tem produzido

conhecimento no intuito de criar soluções para melhorar sua vida em sociedade. Conforme Brito e Purificação (2006, p. 18) a tecnologia pode ser conceituada como:

Um conjunto de conhecimentos especializados, com princípios científicos que se aplicam a um determinado ramo de atividade, modificando, melhorando, aprimorando os 'produtos' oriundos do processo de interação dos seres humanos com a natureza e destes entre si.

Alguns artefatos tecnológicos surgiram a partir da ação bem-sucedida de grupos armados, desencadeando sentimentos e ambição. Novas tecnologias foram sendo criadas, não só para defesa, mas também, para ataque e dominação e, isto, acontece até hoje, pois as grandes potências preocupam-se em ampliar seus poderes políticos e econômicos como forma de garantir supremacia e domínio de capital. Com relação ao período da Guerra Fria:

Iniciada logo após a Segunda Guerra Mundial e que durante quase 50 anos dividiu o mundo em dois grandes blocos de poder – impulsionou a ciência e a tecnologia de forma jamais vista na história. [...] A corrida espacial, resultante do avanço científico proporcionado por essa tensão, trouxe inúmeras inovações (Kenski, 2014, p.16)

De lá para cá, as formas de dominação foram se aperfeiçoando e depois de um longo tempo, como afirma Bruning (2015) após 1990, há uma diminuição virtual das distâncias e um aumento maior das transações e negócios, associado ao avanço da tecnologia da informação, encurtando as distâncias e dando agilidade aos processos de produção, num ambiente de extrema velocidade de mudança e competição. É a era que Chiavenato (1999) denomina de *Era da Informação*. “O mercado de serviços ultrapassa o mercado industrial, unidades de negócios substituem grandes organizações, extremo dinamismo, turbulência e mudança, são adotadas de estruturas orgânicas”. (BRUNING, 2015, p.130)

Forma-se um paradigma estruturante e organizacional, que atua de forma “fluída, ágil e flexível, com ênfase nas redes e equipes multifuncionais”. Nesta dimensão o papel individual e subjetivo é valorizado, justamente, como forma motivadora para o comprometimento das pessoas no engajamento da competitividade e inovação de mercado.

Rendueles (2018) faz uma análise crítica sobre um possível esgotamento do mundo real, por conta dessa reestruturação que visa o consumo e a busca 'por "mais valia" <sup>32</sup>, uma vez esgotado, o mundo digital passa a ser o novo terreno a ser colonizado.

O tempo foi passando e fomos nos apropriando das formas desenvolvidas e aceleradas das tecnologias, principalmente, no século XX, onde a convergência do computador com as telecomunicações, trouxeram um novo jeito para interação no mundo do trabalho e na vida em sociedade, fazendo com que tenhamos que repensar o papel desses instrumentos no âmbito de nossas vidas.

Hoje, a máquina está em nós. Aquela que hoje absorve o trabalho e produz mercadorias é não mais a máquina externa, mas a infomáquina que se entrelaça com o sistema nervoso social, a biomáquina que interage com a genética do organismo humano. A máquina interiorizada, a nanomáquina capaz de produzir mutações no agente humano. (BERARDI, 2019, p.14)

Por conseguirem um impacto significativo sobre a cultura e reorientarem novas perspectivas sociais, econômicas, científicas e políticas, as principais tecnologias de informação e comunicação provocaram mudanças significativas. Santos (2008, p. 18) salienta que, "A marcha desenfreada das sociedades e civilizações em busca de progresso e desenvolvimento da ciência, culminou numa grande crise considerada como planetária", onde o conceito de rede passa a ser elemento básico do momento histórico contemporâneo, no que diz respeito às grandes descobertas tecno científicas.

Como protagonistas do século XX, por sua vez, as telecomunicações e as redes de informática, ou seja, as tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) passam a assumir marcante espaço neste período de *revolução*, digamos assim. Podemos dizer ainda que, embora paradoxal, as tecnologias da comunicação por meio dos computadores tornaram o homem mais isolado, individualista. No entanto, a criação dos sistemas em rede de

---

<sup>32</sup> Conceito central da Teoria Marxista elaborada por Karl Marx e Friedrich Engels, consiste em uma interpretação política, econômica e social do sistema capitalista. A mais valia representa a disparidade entre o salário pago e o valor produzido pelo trabalho. Dessa maneira, a mais-valia pode ser entendida como o trabalho não pago, ou seja, são horas que o trabalhador cumpre/valor que ele gera pelos quais ele não é remunerado.

comunicação, a partir do uso da internet, inicia um novo momento, um universo composto por inúmeras possibilidades. Lévy (1999, p.17) aborda alguns conceitos, dentre eles o ciberespaço, o que ele define como:

Um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Isto pressupõe o entendimento de que os indivíduos e seus artefatos tecnológicos são partes indissociáveis de um todo interligado, dentro de um momento único na história, Segundo Serra & outros, (2003, p. 84) “Ao longo da história, percebemos que o surgimento de novos dispositivos de comunicação produz simultaneamente, modificações na estrutura do pensamento, nos modos de apreensão do conhecimento e nas interações sociais em geral”.

A partir da década de 80, o avanço das tecnologias, particularmente as de comunicação, abriu novas perspectivas para que houvesse mudanças nos níveis educacionais, pois permitiram que um número maior de pessoas pudesse ter acesso à informação. Há uma tendência exacerbada para a globalização da linguagem, das imagens, de certa forma fragilizando os aspectos peculiares da cultura de determinados lugares. De forma complexa, o cotidiano das pessoas e as suas relações sociais também estão sendo modificadas. De acordo com Castells (2002, p.22):

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura, como os personalizando ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela.

Na evolução das tecnologias de informação e comunicação, a sociedade altera a maneira de seus relacionamentos e dinamiza uma cultura da informação, onde o processo de comunicação é global, rápido e influente em todos os aspectos da organização. Para González de Gómez (2003, p. 61),

A sociedade da informação poderia ser entendida como aquela em que o regime de informação caracteriza e condiciona todos os outros regimes sociais, econômicos, culturais, das comunidades e do Estado. Nesse sentido, a centralidade da comunicação e da informação produziria a maior dispersão das questões políticas da informação, perpassada e interceptada perto das outras políticas: as públicas e as informais, as tácitas e as explícitas, as diretas ou indiretas.

Os indivíduos são determinados por suas interações e apropriações estabelecidas com o meio em que vivem e, cabe lembrar o princípio estabelecido por Morin (1999) sobre a indissociabilidade entre o indivíduo e o mundo, num processo de auto-eco-organização, onde o homem se recria em trocas com o ambiente, logicamente, as constantes transformações sociais e culturais, ao longo do tempo, estabeleceram elos com o desenvolvimento das tecnologias.

De acordo com Lèvy (1999, p.26), “Por trás das técnicas agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade. Portanto, qualquer atribuição de um sentido único à técnica só pode ser dúbia”. O fenômeno gera transformações nas formas produtivas e organizativas do conhecimento criado historicamente pela humanidade. Assim, nenhuma discussão sobre estas transformações podem se dar com desprezo “[...] as múltiplas determinações do ser social do capitalismo global” (Alves, 2007), seria um equívoco nas apreensões de análises essenciais do desenvolvimento do processo civilizatório do capital.

A maneira significativa com qual a tecnologia informacional tem transformado a cultura, enquanto produção de significado, no mundo contemporâneo, faz com que cada ponto dessa imensa rede neurônica de difusão corrobore na construção de novas identidades e imaginários. “Se ao longo dos séculos XIX e XX a lógica principal era acumular bens de capital ‘pesados’, hoje nos transformamos em consumidores vorazes de culturas”. (POOLI, 2009, p.3). Alves (2007, 29) apresenta em seu livro *Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios de sociologia do trabalho*, a seguinte periodização das revoluções tecnológicas engendradas pelo capital:

- a) Primeira Idade da Máquina: a produção de motores a vapor a partir de 1848;
- b) Segunda Idade da Máquina: a produção de motores elétricos e de combustão a partir dos anos 90 do século XIX;

c) Terceira Idade da Máquina: a produção de motores eletrônicos e nucleares a partir dos anos 40 do século XX;

d) Quarta Idade da Máquina: a produção de máquinas microeletrônicas e sua integração em rede interativa ou controlativa (ciberespaço) a partir dos anos 80 do século XX.

Norbert Elias (2006) em um texto intitulado: *Tecnização e civilização*, enfatiza que os dois termos estão entrelaçados, significando que o desenvolvimento tecnológico, pressupõe pela lógica, modificações nos modos de vida social. As inovações são um processo social determinadas por períodos de experimentação relacionadas à organização social (Elias, 2006). Sobre isto, Pooli (2009, p.4) exemplifica que, “[...] Os processos de tecnização e processos civilizadores (culturas) se entrelaçam produzindo novas políticas de significação rearticulando identidades, discursos e visões de mundo”.

A forma como estão sendo utilizadas, acabam constituindo novos sistemas de representações e esses sistemas ajudam a construir identidades vinculadas diretamente às configurações sociais em processo. Aceitando a premissa “elisiana” de que “a constituição dos seres humanos exige que seus produtos culturais sejam específicos da sua própria sociedade.” (Elias, 2002, p.7)

Neste sentido, a utilização da Tecnologia da Informação e da Comunicação não deve ser entendida como campo neutro, mas, como instrumento para construção de novas estruturas de produção e reprodução, está para além das definições técnicas como coloca, Tedesco (2004, p. 96), “[...] o conjunto de tecnologias microeletrônicas, informáticas e de telecomunicações que permitem a aquisição, produção, armazenamento, processamento e transmissão de dados na forma de imagem, vídeo, texto ou áudio”.

Podemos notar efeitos positivos que as novas TICs trouxeram ao mundo moderno, entretanto, é preciso que se faça uma reflexão acerca dos efeitos colaterais que fizeram com que o ser humano ficasse cada vez mais dependente de certas descobertas, uma espécie automatizada, individualista e cada vez mais imerso no mundo “globalizado”. De acordo com Alves (2007, p. 57-58),

[...] lidar com os novos desenvolvimentos da técnica e da tecnologia em seu estágio mais avançado, sem inseri-la, pelo menos num sentido indicativo-categorial, numa

apreensão totalizante do desenvolvimento do modo de produção capitalista em sua forma particular, é, no mínimo, mistificador.

Do mesmo modo é preciso entender que a internet não é simplesmente, algo disponível da Tecnologia, mas um elemento chave para muitos setores ligados às áreas sociais, econômicas e políticas. “É a informação que constitui os fluxos dos novos espaços de produção e reprodução social. Ela estrutura cada vez mais a produção do capital, seja na indústria propriamente dita ou serviços capitalizados” (ALVES,2007, p. 58). Na perspectiva de Castells (2003, p.7)

A internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia é hoje o que a eletricidade foi na Era industrial, em nossa época a internet poderia ser equiparada tanto a rede elétrica, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo domínio da capacidade humana.

Para algumas pessoas é impossível imaginar um mundo sem internet, sem telefones celulares, sem compras online, sem uma TV a cabo, computador ou notebook em casa. A internet possibilita a oportunidade de acesso a inúmeras situações, desde a aquisição de produtos, a interatividade com pessoas bem distantes, o acompanhamento de notícias instantâneas, o acesso a filmes, enfim. Lévy (1999, p.255) comenta sobre o termo “Internet” como o conjunto de todas as redes “Note-se que a internet é o conjunto de meios físicos (linhas digitais de alta capacidade, computadores, roteadores etc.) e programas (protocolo TCP/IP) usados para transporte da informação”.

Há pessoas que estão altamente dependentes de seus celulares por conta do acesso e das informações disponibilizadas pelos inúmeros aplicativos, inerentes da internet. São capazes de sair de casa, esquecer a carteira e deixá-la, no entanto, com o celular é diferente, há quem volte para buscá-lo. De acordo com a PNAD (2018, p.2) “. De 2018 para 2019, o percentual de domicílios no Brasil em que a Internet era utilizada passou de 83,8% para 86,7%, em área urbana, e aumentou de 49,2% para 55,6%, em área rural”, ou seja, estamos numa crescente.

As informações nunca estiveram tão acessíveis e qualquer pessoa que tenha acesso às máquinas informacionais e à internet pode publicar textos, notícias, imagens, vídeos e participar de chats, os mais diferenciados possíveis. “Foi com o surgimento das redes telemáticas e informáticas, e por conseguinte, da Internet, que a ideia de rede assumiu um arcabouço concreto” (ALVES, 2007, p. 64), os homens passaram a ser mediados por meio de máquinas.

O mundo está digitalizado, não há limite de idade para uso, os jogos proporcionados pelos “videogames”, os famosos Nintendo, Wii, trazem à tona, as sensações virtuais, de parecer que estamos dentro de uma quadra de tênis, campo de futebol, combate, dando a ideia de que o mundo real se mistura com o virtual. (vide imagem 4, p.53)

As redes sociais passaram a serem utilizadas como ferramentas de trabalho, a grande maioria dos usuários continua utilizando para relacionamentos, onde o indivíduo não interage só com a máquina, mas com o outro, independentemente de onde ele esteja em qualquer parte do mundo. Surgem então, dentro deste contexto, novas formas de comunicação, interação e organização das atividades humanas, vários recursos estão a todo instante, sendo criados e disponibilizados aos indivíduos desta nova Era Digital por meio de máquinas bem modernas.

Para Lèvy (1999, p. 31) este ciberespaço é um campo aberto para interações, “apresenta-se justamente, como um dos instrumentos privilegiados da ‘inteligência coletiva’”, porém não determina o seu crescimento, apenas favorece com ambiente propício para que ela possa desenvolver-se. De forma bem otimista, o autor reafirma que é um espaço invisível de conhecimento, saberes e pensamentos que podem ser multiplicados na busca de soluções para problemas complexos.

Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade. Não existe nenhum reservatório de conhecimento transcendente, e o saber não é nada além do que as pessoas sabem [...] se você cometer a fraqueza de pensar que alguém é ignorante, procure saber em que contexto o que essa pessoa sabe é ouro.” (LEVY, 2000, p. 29)

Lèvy (2000) destaca ainda, a que a sociedade não pode continuar restringindo espaços detentores de conhecimento, onde apenas uma parte dela, na maioria das vezes a elite,

continue tendo acesso, pois através do ciberespaço aberto democraticamente pode contribuir para um conhecimento articulado. “Quanto melhor os grupos humanos conseguem se constituir em coletivos inteligentes, sujeitos abertos, capazes de iniciativa, imaginação e reação rápida, melhor asseguram seu sucesso no ambiente altamente competitivo que é o nosso.” (Levy, 2000, p. 19)

É preciso antes de tudo que os indivíduos superem o individual e passem a conceberem-se como sujeitos coletivos, Lévy (2000) argumenta a possibilidade como algo dentro de possibilidades exequíveis e não como impossível ou inimaginável, tanto que no prólogo de sua obra *A Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*, traz argumentações sobre isto.

O mundo contemporâneo, por exemplo, com seus automóveis, aviões, redes telefônicas, televisões, computadores, eletricidade e centrais nucleares, não só com detalhe de sua ciência, mas de sua técnica, mas também com seus costumes políticos e religiosos, com suas “mentalidades”, é inimaginável para um gaulês, ou mesmo para um homem do século XVII. É o equipamento cultural que desloca a interface entre o imaginável e o inimaginável.” (LEVY, 2000, p. 207)

Por meio do ciberespaço democratizado e, aí vamos falar de acesso justo a todos (o que ainda não temos), são estabelecidos canais que podem contribuir significativamente com a vida em sociedade, podemos citar: os campos positivados relacionados à medicina, educação, economia, ciência, entre outros, todavia, Lèvy (1999) aponta outros campos dos quais requerem atenção:

- a) De isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela;
- b) De dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais);
- c) De dominação (reforço dos centros de decisão e de controle, domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede etc.);
- d) De exploração (em alguns casos de teletrabalho vigiado ou de deslocalização de atividades no terceiro mundo);

- e) E mesmo de bobagem coletiva (rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, "televisão interativa").

Estudos recentes como de Roncato et al. (2008) apontam que no mundo virtual existe uma grande preocupação por parte de alguns usuários, em exporem como premissa básica, uma espécie de status de felicidade permanente, marcada por positividade relacionada, muitas vezes, à ideia de consumo, o que pode ocasionar um efeito reverso em outras pessoas que por não estarem na mesma situação (mesmo que aparente), sentem-se frustradas e insatisfeitas com sua condição. “A positivação do mundo faz surgir novas formas de violência [...], elas são iminentes ao sistema” (HAN, 2015, p. 19)

Existe, intencionalmente ou não, uma estimulação de felicidade digital atrelada ao consumo em demasia, sobre isso, Bauman (2011, p.7) comenta: “possuímos, logo somos”. O autor segue ainda dizendo que “Os usuários ficam felizes por revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais” (2008, p.8).

A felicidade digital é incapaz de atender às necessidades de satisfação do ser humano contemporâneo, em razão de instituir um modelo de perpétuo e uniforme contentamento, que desconsidera a individualidade do sujeito e a complexidade da experiência humana. (RONCATO et al. 2020, p.414)

O livro “Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias” de Bauman (2008) traz uma discussão com relação às exigências desses “novos tempos”, cujos movimentos são tentativas de transformarem os indivíduos em mercadorias. As plataformas digitais sendo pensadas e elaboradas para estimularem ao consumo, em que pese que o “ter” vale muito na sociedade vigente. “Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas” (BAUMAN, 2008, p.22).

Estamos a todo instante recebendo estímulos individualizados, cada propaganda, cada like, comentário em publicações, ou alerta de notícias são capitações de respostas para o cérebro e para os que trabalham justamente para alimentar o seu cérebro. Todas essas ações transformam-se em algoritmos e estes são transformados numa espécie de filtro que depois

pode retroalimentar reações, modificando, por fim, comportamentos individuais e grupais, eles são vigilantes e estão a todo instante em movimento, é o que veremos a seguir.

## 2 OS ALGORITMOS COMO INSTRUMENTOS DE VIGILÂNCIA E MANIPULAÇÃO DO COMPORTAMENTO

*O maior perigo é que cheguemos a nos sentir à vontade na vida do outro lado do vidro ou na perspectiva de nos escondermos dela. Ambas as alternativas nos roubam a interioridade que sustenta a vida...*

Shoshana Zuboff

“Bem-vindo à gaiola que vai a todos os lugares com você”, assim Jaron Lanier (2018) inicia sua crítica com relação ao uso excessivo do celular e sobre o feedback artificial de rastreamento a que todas as pessoas estão submetidas ao usarem seus equipamentos. O autor chama atenção pela possibilidade de integração hipnótica que aos poucos as crianças, jovens, adultos e idosos vão se inserindo.

A cada segundo os dados são amplificados, por cada link clicado na internet, as informações são subtraídas fazendo um mapeamento de existência, uma espécie de espionagem maciça sobre o que você acessa, seus gostos, suas necessidades, seus lugares preferidos, suas opções político-partidárias, religiosas, entre outras, que muitas vezes, são compartilhadas de forma tão “descomprometida” do ponto de vista social, mas muito particular e pessoal.

São os algoritmos se empanturrando de informações e fazendo uma correlação de fatos semelhantes ou não, aos de outras pessoas, agem como uma espécie de filtro. Eles não entendem os indivíduos de fato, todavia existe poder nos números, sobretudo nos maiores números, eles são um extrato para que sejam utilizados de forma inteligente e objetificada a serviço de interesses.

Há muito tempo as máquinas são controladas tecnicamente por algoritmos. Os algoritmos são imprescindíveis em quase todos os âmbitos sociais, mas especialmente para a comunicação digital e o modo de funcionamento das infraestruturas de comunicação apropriadas para tal, entre elas a internet. (HOFFMAN-RIEN, p.125, 2019)

É importante debater este tema, uma vez que ele está diretamente associado a utilização das redes sociais, pelas quais muitos adolescentes estão recebendo estímulos individualizados, ajustados para interferir diretamente na vida das pessoas, inclusive com estratégias para modificação de comportamentos e preferências. Lanier (2018) comenta que os algoritmos são uma espécie de “[...] vigilância generalizada e a manipulação constante, sutil \_ é antiética, cruel, perigosa e desumana. Perigosa? Com certeza. Afinal, como é possível saber quem usará esse poder, e para quê?”

A consciência do perigo que as redes trazem com relação à modificação de comportamento foi apontada por pessoas que ajudaram a construir esse “império” de redes viciantes e manipuladoras. Sean Parker, primeiro presidente do Facebook externou a seguinte frase “Só Deus sabe o que as redes sociais estão fazendo com o cérebro de nossos filhos”, Lanier (2018) afirmou ainda que Parker, Mark Zuckerberg, Kevin Systrom inventores e criadores tinham consciência da vulnerabilidade na psicologia humana.

O principal processo que leva as redes sociais a ganharem dinheiro, embora também cause danos à sociedade é a modificação de comportamento. Essa prática exige técnicas metódicas que mudam o padrão comportamental de animais e pessoas. Pode ser usada para tratar vícios, mas também para criá-los. (LANIER, 2018, p. 16)

Morin (2015) traz argumentações a respeito da mente humana, uma vez estimulada e influenciada pode ser arrastada pela “loucura egocêntrica do poder ou pela barbárie coletiva”, ou seja, “a mente é uma emergência da dialógica entre o cérebro e a cultura”. Sendo assim, vem o questionamento a respeito da materialização da liberdade como ponto de partida para nossas reais escolhas e modos viventes. “As nossas escolhas, as nossas decisões e as nossas ações são realmente livres mesmo com tantas interferências?” é o que indaga o autor.

Lanier (2018, p. 16) diz que as interferências por conta do direcionamento algorítmico, podem trazer sérios danos à sociedade “[...] o vício enlouquece as pessoas. O viciado vai perdendo gradualmente o contato com o mundo e as pessoas reais”. A manipulação por esquema dá pequenas doses de dopamina, uma espécie de neurotransmissor que atua de diferentes formas no sistema nervoso, aumenta o humor e o prazer e, com isso, também o risco do vício. E continua, “O vício aos poucos nos transforma em zumbis, e os zumbis não têm livre-arbítrio. Mais uma vez, esse resultado não é total, mas estatístico. Ficamos mais parecidos com zumbis, e por mais tempo, do que ficaríamos em outras circunstâncias”. (LANIER, 2018, p.25)

O problema não é necessariamente, a criação dos aparatos tecnológicos ou a internet, mas o impulsionamento de negócios sendo movimentados para encontrar pessoas para pensarem formas de modificar o comportamento de outros, com intuito de ampliarem seus lucros ou impactarem diretamente na obtenção de outros interesses. Para Pimentel (1999, p.18) os impactos da incorporação das tecnologias no mercado “[...] superaram tudo o que o homem havia acumulado ao longo de sua existência no planeta em termos de conhecimentos, com toda uma gama de consequências que transformam cotidianamente as vidas e o comportamento das pessoas”.

O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena. (ADORNO; HORKHEIMER. 2002. p.5)

Ao observar a forma de como os algoritmos funcionam verificaremos que eles são facilmente identificáveis nas redes sociais, basta que você se interesse por determinado assunto para que sua tela inicial seja enxertada de assuntos relacionados ao que você buscou com pequenas doses de aleatoriedades. “No fim das contas, uma combinação infeliz de biologia e matemática favorece a degradação do mundo humano”. (LANIER, 2018, p. 20)

Zuboff (2021) nos alerta sobre o Capitalismo de Vigilância<sup>33</sup> Eles descobriram que os dados os novos mercados agem de forma consciente e operante, no sentido de fazer com que os “capitalistas de vigilância” adquiram o superávit comportamental, ou seja, nossas vozes, personalidades e emoções. comportamentais obtidos por meio do acesso à internet, por exemplo, interferem diretamente nas estratégias para “[...] incentivar, persuadir, sintonizar e arrebanhar comportamento em busca de resultados lucrativos. Pressões de natureza competitiva provocaram a mudança [...]”. (ZUBOFF, 2021, p. 23). Os processos automatizados estão formulados para conhecerem nosso comportamento e, com isso, influenciarem diretamente em nossas escolhas. Segue ainda dizendo que:

Nós celebramos o mundo conectado por causa das muitas maneiras pelas quais ele enriquece nossas capacidades e perspectivas, mas ele gerou novos grandes territórios de ansiedade, perigo e violência conforme o senso de um futuro previsível se esvai por entre nossos dedos. (ZUBOFF, 2022, p. 18)

O capitalismo de vigilância é audacioso, a busca pela regulação dos “direitos de privacidade” é uma necessidade, pois a atuação desregulada tem ampliado o domínio das experiências humanas, arquitetando a extração por todos os campos, ao mesmo tempo e, o mais interessante é que sua inserção se dá por veículos diversos, grosso modo citamos a plataforma do Facebook, porta de entrada de muitos adolescentes, que precisam ter consciência de que o que está em jogo é a expectativa humana de soberania sobre a própria vida e a autoria da própria existência. Assim, Morin (2011) destaca que a autoanálise dos indivíduos deve ser sempre permanente, o estado de vigilância sobre si mesmo é exigência primordial da cultura psíquica.

Trata-se de dar energia a uma consciência autocrítica de controle que possa analisar com a menor descontinuidade possível os nossos comportamentos e pensamentos para neles reconhecer as armadilhas para si mesmo (self-deception) e da

---

<sup>33</sup> 1. Uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas; 2. Uma lógica econômica parasítica na qual a produção de bens e serviços é subordinada a uma nova arquitetura global de modificação de comportamento. (ZUBOFF, 2021,p.15)

autojustificação. A autocrítica é o melhor auxiliar contra a ilusão egocêntrica e em favor da abertura do outro. (MORIN, 2011, p.95)

De outro modo é preciso esclarecer que o capitalismo de vigilância é uma forma sem fronteiras que ignora tudo o que foi feito no passado com relação ao mercado, a sociedade, o mundo e as pessoas. A única relação próxima é o lucro, no qual a subordinação é a extração de forma unilateral sobre “[...] territórios humanos, sociais e políticos que se estendem muito além do terreno institucional convencional da empresa privada ou do mercado”. (ZUBOFF, 2021, p.604)

Estamos a caminho de um sufocamento, sendo enxertados por todos os lados de instrumentos que aprisionam e vendem a imagem de libertação e democracia que de fato, não se concretizam, em função de quem delas se utiliza, por isso, há correntes de teóricos fortalecendo o discurso do direito à privacidade, à não manipulação e ao não enquadramento em filtros, esses instrumentos são obtidos pelo trabalho do que Da Empoli (2019) vai chamar de *Os engenheiros do Caos*, entendidos por ele como cientistas especializados em Big Data<sup>34</sup>, sem os quais, por exemplo, os líderes do novo populismo (política) jamais teriam chegado ao poder. “As democracias contemporâneas estão em crise”. (MORIN, 2011, p. 149)

O “capitalismo de vigilância” usurpa, direitos e, com isso, abusa de forma inescrupulosa da liberdade dos indivíduos, fragilizando a democratização do conhecimento. As informações projetadas nos espaços virtuais estão direcionadas para manipular, conforme Zuboff (2021, p. 605) “os capitalistas de vigilância reivindicam controle unilateral sobre territórios humanos, sociais e políticos que se estendem muito além do terreno institucional convencional”, cujo objetivo não é dominar a natureza e sim a natureza humana.

Diante destas breves reflexões sobre os algoritmos, fica em evidência a necessidade da abertura de um debate mais aprofundado, sobre a ética, principalmente, relacionadas à confidencialidade dos dados contidos nas redes, às questões tendenciosas dos algoritmos influenciarem diretamente na mudança de comportamento, alguns deles, segregadores.

---

<sup>34</sup> O Big data não é apenas uma ferramenta de volume de dados. Ele é, na verdade, um mecanismo estratégico de análise. Isso porque, ao coletar, organizar permitir a interpretação dos dados obtidos, é possível obter insights importantes sobre questões variadas. (<https://ead.ucs.br/blog/author/blog-do-ead-uca>. Acesso: março/2020)

### 3 BREVE OLHAR SOBRE A TEORIA DO FILTRO-BOLHA – ELI PARISER

*O celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário.*

Byung-Chul Han

Compreender o que existe por traz destes mecanismos que permitem que a internet seja instrumentalizada pelos usuários para diferentes fins, não é uma casualidade, mas uma necessidade básica de quem se aventura por estas estradas sinuosas. Utilizar de forma consciente e compreendendo a força que existe por traz das conexões é se comprometer consigo mesmo e com os outros.

Antes de abordar sobre a Teoria dos Filtros, convém que apresentemos, Eli Pariser, um ativista político, formado em Direito e Ciência Política que tem ficado em evidência e no centro de debates atuais sobre a tecnologia e, principalmente, por ter atentado ao desenvolvimento da personalização via web. Ele identificou um padrão de respostas diferentes às consultas realizadas nas pesquisas em plataformas, antes passadas despercebidamente.

Para melhor compreensão, citamos como exemplo, o sistema de buscas (pesquisas) de empresas como a Amazon,<sup>35</sup> lançada em 1995, atualmente se apresentando com um crescimento exponencial. Ela foi a pioneira na questão da personalização e começou a utilizar o “poder da relevância” para atender de forma diferenciada. O mercado de livros, veio como um ponta pé inicial, pois a empresa já havia personalizado todo o seu sistema e atingiu o sucesso de forma muito rápida. Com a pandemia e a possibilidade do E-commerce (loja virtual) a empresa se consolidou no mercado, juntamente com outras que seguiram o mesmo direcionamento.

---

<sup>35</sup>Amazon.com, Inc. é uma empresa multinacional de tecnologia norte-americana com sede em Seattle, Washington. A companhia se concentra no e-commerce, computação em nuvem, streaming e inteligência artificial. É considerada uma das cinco grandes empresas de tecnologia, juntamente com Google, Apple, Microsoft e Facebook. Foi referida como "uma das forças econômicas e culturais mais influentes do mundo" e a marca mais valiosa do mundo.

Na Amazon, a busca de mais dados sobre o usuário é interminável: quando você lê um livro em seu Kindle, os dados sobre as frases que realçou, as páginas que virou e se começou a leitura do início ou preferiu antes folhear o livro são todos enviados de volta aos servidores da Amazon, sendo então usados para indicar quais livros você talvez leia a seguir. (PARISER, 2012, p. 32).

As grandes corporações que atuam on-line, como Facebook, Amazon e Google, criaram algoritmos para filtrar toda a informação que os usuários recebem por meio de seus serviços. Ao registrarem o histórico dos usuários na internet, os sites constroem perfis individuais e, fornecem como resultado apenas o que é escolhido nos acessos, uma espécie de aprisionamento em bolhas com filtros invisíveis. As ideias de Eli Pariser (2011) sobre o *Filtro invisível*, demonstram que o rastreamento digital está contribuindo para um refinamento de sujeitos por meio das redes digitais, precisamente, por algoritmos.

São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. (PARISER, 2012, p.11)

Algumas ferramentas gratuitas como o Gmail e o Facebook, também são mecanismos extremamente eficazes e vorazes de extração de dados, onde muitos usuários das redes despejam os detalhes mais íntimos de suas vidas, por meio de smartphones encontram-se aplicativos como GPS que direcionam inclusive para onde você está indo, se o percurso será feito a pé, de carro, moto, ônibus ou bicicleta. Em entrevista para o Jornal El País (Jun-2017):

Na verdade, sou um fatalista das plataformas de Internet como Facebook ou Google. A comunicação de massa já foi transferida para elas. Isso significa ceder a elas o poder de distribuição e aceitar que possam decidir o que entra ou não. É um problema, mas hoje não há alternativa para elas. Além disso, acho que é bom ter meios de comunicação com a participação de muitas pessoas, algo importante em uma democracia, pois esta não pode se servir apenas de um pequeno grupo de cidadãos altamente cultos que pagam por suas informações. (PARISER, EL País – Jun-2017)

À medida que os usuários deixam rastros na rede, por meio de sites que acessam ou até mesmo, deixam de acessar, os algoritmos passam a assumir o controle comandando os sites e as mídias sociais, alimentam seus bancos de dados acerca das possíveis preferências dos usuários. O fenômeno acontece ciclicamente por meio de ferramentas tecnológicas “criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejamos seguir” (PARISER, 2012, p. 14).

Na sociedade da informação contemporânea, na qual o Estado e o mercado se fundem cada vez mais, as atividades da Acxion, do Google e do Facebook se aproximam das atividades de um serviço secreto. Frequentemente, eles se servem da mesma equipe. [...] Aspira-se em todo lugar a uma exploração máxima da informação. (HAN, 2019, p.126)

Sendo assim, em plataformas como o Facebook, por exemplo, passamos a ser direcionados por nossas escolhas e preferências, as coisas com as quais não nos familiarizamos são deixadas de lado e, assim, passamos a visualizar somente aquilo que nos agrada e não contrapõem os desejos. Dentro do aspecto relacionado à influência que as redes sociais exercem sobre as pessoas e todo esse trabalho em torno da utilização dos algoritmos em função de demandas de aprisionamento, já destacadas em argumentos anteriores, urge chamar atenção para o desaparecimento da alteridade.

Conforme Han (2015, p 14) “[...] significa que vivemos numa época pobre de negatividade. É bem verdade que os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero de positividade”. Para Pariser (2012, p. 77) trata-se de uma espécie de distorção gerada por filtros que acabam personalizando os feeds dos usuários.

Tal qual uma lente, a bolha dos filtros transforma inevitavelmente o mundo que vivenciamos, determinando o que vemos e o que não vemos. Ela interfere na inter-relação entre nossos processos mentais e o ambiente externo. Em certos casos, pode atuar como uma lente de aumento, sendo muito útil quando queremos expandir a nossa visão sobre uma área específica do conhecimento. No entanto, os filtros personalizados podem, ao mesmo tempo, limitar a variedade de coisas às quais somos expostos, afetando assim o modo como pensamos e aprendemos

O controle nas redes, do que vemos, opinamos e expomos, nos direciona e, com isso, molda, disciplina e modifica nossos comportamentos pela forma como passamos a observar e vivenciar como espelho. Por consequência, ganham força às redes sociais, e concomitantemente, poder dos dominadores que espreitam as informações dos vigiados se fortalecem e se desvelam em mais poder nos negócios e na política. Marin (2013, p.29) destaca que “As redes são, por sua própria natureza, a urdidura dos sistemas complexos, e os nós e links impregnam profundamente todas as estratégias voltadas para a abordagem do universo interconectado”.

Imagem 13- A conexão em ilhas



Fonte: <https://www.facebook.com/pawelkuczynskiart/timeline/Acesso: 06/2022>

Nesta realidade, encontram-se expostas, crianças e adolescentes que acabam se envolvendo numa rede sem proteção, são vigiadas, influenciadas por tudo que é disponibilizado, sem controle e sem verificação de veracidade. Para Almeida (2020), há ainda o agravante da possibilidade de eles visualizarem e terem visibilidade nas redes, ampliando significativamente comportamentos de diferenciação social e de referência. “Assim como o culto ao corpo e o desenvolvimento de práticas narcísicas, a sociedade de consumo busca, incessantemente, estratégias para vender padrões de satisfação” (ALMEIDA, 2020, p.3).

É importante entender como os filtros influenciam diretamente na inter-relação entre identidade e personalização, Pariser (2012) aponta que os filtros funcionam, basicamente em três etapas:

1. Na primeira, o filtro tenta entender quem é a pessoa e do que ela gosta.
2. Na segunda, oferece-lhe conteúdo e serviços adequados.
3. E na terceira e última etapa, faz um ajuste fino para melhorar essa correspondência.

Assim, os perfis identitários vão moldando a mídia que também molda a identidade, numa espécie do que Morin (2015) chama de retroalimentação. “Se uma profecia autorrealizada é uma definição falsa do mundo que se torna verdadeira por meio das nossas ações, estamos agora muito próximos de identidades autorrealizadas, em que a imagem distorcida que a internet apresenta de nós se torna quem realmente somos”. (PARISER, 2012, p. 78). De modo bem exemplificado Pariser (2012) comenta como identificamos os filtros e sua influência na existência dos indivíduos ligados às redes virtuais:

Os estudantes das melhores universidades recebem ofertas direcionadas de empregos dos quais os estudantes de universidades piores nem sequer estão cientes. Os feeds pessoais de cientistas profissionais talvez tragam artigos sobre concursos dos quais os cientistas amadores jamais ficarão sabendo. Ao apresentar algumas possibilidades e bloquear outras, a bolha dos filtros influencia nossas decisões. E, assim, molda a pessoa na qual nos transformamos. (PARISER, 2012, p.78)

Os usuários das redes virtuais são o elo em que a Teoria se sustenta, pois os sistemas de filtragem do Google, do Facebook, de empresas como a Amazon, por exemplo, dependem amplamente do histórico na rede e daquilo em que é clicado diariamente, pois são estes indicadores que influenciarão diretamente nas plataformas para deixar em evidência as coisas preferidas ou não para a exposição na *timeline*.

A facilidade de termos dados personalizados, quando refinamos uma pesquisa no Google e que daí em diante passamos a ver constantemente os mesmos assuntos disponibilizados em outras plataformas como Instagram ou Facebook, isso pode nos levar a uma espécie de determinismo, no qual aquilo em que clicamos anteriormente, determina o que veremos a seguir do mesmo modo, sob o mesmo ponto de vista, sem contrapontos, uma história virtual que estamos fadados a repetir porque não há contrariedade.

Com isso, ficamos presos numa versão estática, cada vez mais estreita de quem somos, uma repetição infundável de nós mesmos. “A ascensão do poder instrumentário é

pretendida como um golpe sem derramamento de sangue, é claro. Em vez da violência dirigida ao nosso corpo, a terceira modernidade instrumentária age mais como um processo de domar”. (ZUBOFF, 2021, p.605) E, assim, o processo de adaptação a modelos vão tomando forma e dominando os espaços midiáticos e qualquer situação contrária isto, incomoda e faz com que muitos usuários se escondam por traz de “sujeitos fictícios e imaginários”.

Há uma despreocupação geral com relação ao perfil de persuasão, não o vemos sendo criado ou usado para influenciar comportamentos, as empresas que recebem os dados subtraídos das plataformas, até então, juridicamente, não têm nenhuma obrigação de guardar sigilo só para si. Por isso, ressalta-se que essas informações caindo nas mãos erradas, podem ser aproveitadas para diferentes situações, inclusive para utilização de golpes cibernéticos.

Os cliques determinam o que estas empresas identificam como perfil identitário, o diferencial é que na plataforma do Facebook o foco principal para conhecer a nossa identidade é examinando o que compartilhamos e com quem interagimos. Já no Google “[...] existem muitas coisas picantes, vãs e vergonhosas nas quais clicamos, mas que relutaríamos em compartilhar com todos os nossos amigos numa atualização de status”. (PARISER, 2012, 79) “Nós somos mais do que os dados que oferecemos sobre as nossas vidas”, todavia é necessário ter consciência de que a “bolha dos filtros é invisível”.

#### **4 PERFIS FALSOS E CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE FALSIFICADORA: FAKEMANIA**

*A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade.*

Byung-Chul Han

O espaço aberto na internet propiciou além de aspectos positivos relacionados à obtenção de informações, a proliferação de fuga da realidade, onde de forma corriqueira, observa-se a manifestação de informações falsas, errôneas, confusas, alarmistas, preconceituosas e mentirosas que exigem cuidado extremo, pois atingem um número bem alto de pessoas por via web.

As notícias falsas são como uma espécie de vírus que se multiplica e difunde de forma exponencial e sem controle, inclusive por conta disto, surgem sites, criados especificamente para desvendar este tipo de informação e alertar sobre elas para os usuários. “Quando vícios forjados tecnologicamente são aplicados para manipular as massas em nome do lucro, fica óbvio que essas massas são afastadas da verdade. É esse precisamente o objetivo”. (LANIER, 2018, p. 60)

Imagem 14- Internet na veia



Fonte: <https://www.artlex.com/artists/pawel-kuczynski/Acesso>: 06/2022.

Nas redes também encontramos os “fakes” nome dado aos perfis falsos bem comuns nas redes sociais, geralmente são atraídos pela possibilidade de agirem de forma disfarçada e oculta em suas redes, na forma de anonimato eles deixam os rastros espalhados nas plataformas de interação virtual, motivando-se por diferentes situações e criando “identidades” com características diferentes das suas originais.

O anonimato é tema de debates no âmbito jurídico e, a Constituição Federal estabelece no artigo 5º, que “Dos Direitos e Garantias Fundamentais”, “É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”, ou seja, impede que sejam praticados atos maldosos contra terceiros por pessoas físicas ou jurídicas que o pratiquem de forma que ocultem a sua identificação. Porém, a livre interpretação deste termo do artigo constitucional leva a crer também de que a vedação do anonimato pode infringir a liberdade de expressão,

que também é garantida pela Constituição Federal. Assim sendo, o anonimato não é tido como crime, mas sim como meio para a prática de crimes (CAPANEMA, 2013).

Para Arroyo (2019, p.30) o anonimato é contraposto ao pseudônimo, enquanto o primeiro é identificado pela ocultação total de informações, o pseudônimo se caracteriza pela criação e uso de um nome falso ou fictício, mas para que seja alcançado o mesmo objetivo do anonimato, isto é, a isenção da identificação.

O Código Penal propõe punições variadas para a criação de perfis falsos que copiem a identidade de um cidadão real, seja vivo ou não, e que possam causar danos à imagem de tais pessoas. Para tais casos, o artigo de número 307 do Decreto-Lei de número 2.848 do Código Penal atribui o crime de falsa identidade. Tal crime é definido, conforme o Código Penal, da seguinte forma: “Atribuir-se ou atribuir a terceiros, falsa identidade para obter vantagem, em proveito próprio ou alheio, ou para causar dano a outrem.” (REPÚBLICA, 1940) As penas, no caso de acometimento do crime de falsa identidade, variam conforme a gravidade. Nos casos mais graves, a pena é de dois a seis anos de detenção e multa. Já nos casos em que não são constituídos elementos de crimes mais graves, a pena varia de três meses a um ano de detenção ou multa (REPÚBLICA, 1940). (ARROYO, 2019, p 31)

Cada plataforma de interação virtual possui suas regras para utilização, no entanto, fica evidente que há um campo aberto e com margem para que crimes e ataques sejam realizados por pessoas que agem no anonimato usando seus fakes para diferentes fins. Uma pessoa pode abrir várias contas, por exemplo no Facebook, existe uma tentativa para controle, mas na medida que você cria outros e-mails o sistema fica fragilizado e aberto para novas contas e, com isso, novas atuações.

Tive a oportunidade de assistir a uma entrevista em que a cantora Zélia Duncan se pronunciava ao Canal do Youtube “Embrulha sem Roteiro”, seu pronunciamento foi significativo, porque trata justamente do impasse dela com relação à internet, ao qual ela chama de “reticências”, e o termo está ligado às decepções com relação ao acesso das minorias e das inverdades trazidas com força por meio das fake news. Ela diz: “O Brasil nunca foi um lugar seguro para as minorias, só que agora o inimigo está orgulhoso. A falta de oportunidade de acesso à internet para as minorias é uma realidade”. (abril /2022)

Dourado (2020) em sua Tese sobre Fake News, abre um campo de discussão com relação à proeminência no debate político-eleitoral, alertando para um problema democrático que toma corpo, eleição após eleição, desde a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos e a eleição de Jair Bolsonaro no Brasil. É preciso que se atente para o fato de que as fake news transitam organicamente entre plataformas, principalmente, no Twitter, Facebook e WhatsApp, além disso, a onda de notícias falsas são como “ponta-de-lança” cravando caminhos no ambiente informacional, de forma não verificadas, muitas vezes, engendrando discursos perigosos em circulação online. Do ano de 2016 para cá, há muitas evidências de como este contexto nas redes digitais foi construído, são muitos exemplos,

[...] as eleições do México no primeiro semestre de 2018 foram prenúncio para o Brasil, especialmente por mostrar os perigos da distribuição de fake news por redes de conversas privadas como o WhatsApp, sendo que a ampla maioria das mensagens se voltou contra o candidato de esquerda, Andrés Manuel López Obrador, do Movimento de Regeneração Nacional (Morena), que venceu a disputa (ROSSI, 2018). (DOURADO, 2020, p.18)

Não se pode negar que a inserção por meio da internet abriu espaços para uma maior participação dos cidadãos na discussão política que costuma acompanhar processos eleitorais, mesmo diante, de um número significativo de pessoas que não tem conectividade, ainda assim, o Brasil é um dos maiores consumidores de mídias sociais do mundo. Porém, apesar desta maior conexão, a confiança em relação às notícias distribuídas nos sites e aplicativos sobre as instituições democráticas tem mostrado inquietações nos últimos anos.

As fake news são independentes desse ecossistema de informações enganosas, que geram desinformação, ou que são mais numerosas do que a circulação de notícias profissionais, mas, em termos de efeitos na formação da opinião pública, mostraram-se mais efetivas e agressivas. (Dourado, 2020, p.22)

Não há aqui a intenção, ao menos neste subtópico de aprofundar as discussões, mas há a necessidade de instigar para que o assunto possa ser revisitado posteriormente com responsabilidade e de forma bem profunda, pois diante da seriedade dos fatos exige de nós

uma postura comprometida com o destino da democracia, é preciso combater a disseminação de conteúdos falsos e manipulados, o estágio em que nos encontramos é preocupante.

Tratar de temáticas relacionadas ao uso das redes sociais, pressupõe, esmiuçar as diferentes linhas do labirinto por onde ela se direciona e, neste caso, já existem mecanismos para identificar como as fake news podem ser propagadas potencialmente, inclusive, nos estudos de Dourado (2020) ele comenta sobre a utilização de uma ferramenta chamada Pega Bot, <sup>36</sup>, desenvolvida no Brasil que se baseia em padrões de comportamento para indicar a probabilidade de a conta ser ou não, alimentada por um robô.

Em abril de 2022, o Twitter foi supostamente, vendido por um valor bilionário a Elon Musk, e desde sua possível compra, o fato passou a ser visto com grande preocupação, pois o comprador em várias entrevistas, deixou a entender que a ideia era dar maior liberdade de expressão na plataforma, esse posicionamento, trouxe à tona importantes discussões e chamou atenção das mais diferentes esferas, inclusive a classe política, uma vez que, 2022 é um ano previsto para as eleições no Brasil.

Chamados de “bolsonaristas”, eleitores do atual presidente Jair Bolsonaro (2022) passaram a comemorar as possíveis mudanças que o bilionário, dono do Twitter passou a propagar sobre a rede social. De forma específica e, com dados do Bot Sentinel<sup>37</sup> criado pelo engenheiro Christopher Bouzer, o rastreamento no Twitter desmascarou a criação em massa de perfis-robô e, coincidentemente, nos dias 25 e 26 de abril de 2022, das 61.299 contas que passaram a seguir o presidente, 37.922 contas na rede social eram fictícias, ou seja, em apenas 48 horas, aproximadamente 62% foram identificados como robôs.

Bouzer (2022) vem apresentando resultados de suas investigações e, na medida que vai identificando resultados, vai compartilhando na sua rede social no Twitter, ele afirma com veemência que “A campanha de desinformação no Brasil tende a ser tão ruim quanto foi nos Estados Unidos em 2020. Se não pior, porque nós já vemos as táticas sendo usadas”. Para ele, tão logo o atual presidente tenha os oponentes definidos, a artilharia pesada deve começar”.

---

<sup>36</sup> O Pega Bot é um projeto desenvolvido em parceria entre o Instituto do Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITS Rio) e do Instituto Equidade & Tecnologia: <https://pegabot.com.br/sobre/>

<sup>37</sup> Criado pelo engenheiro Christopher Bouzer, o Bot Sentinel, usa inteligência artificial (IA) para identificar se determinada conta no Twitter é um robô automatizado (bot) ou uma conta real. Mas do lançamento, em 2018, para cá, a tecnologia se tornou popular também por ajudar em investigações de campanhas de ódio.

O resultado desta análise foi publicado no Twitter no dia 26 de abril de 2022 pelo próprio engenheiro, que ainda completou “The sudden increase in followers wasn’t limited to Jair Bolsonaro. Carla Zambelli has also benefitted from a sudden increase in new followers now.”, ele diz que, o aumento repentino de seguidores não se limitou a Jair Bolsonaro. Carla Zambelli também se beneficiou de um aumento repentino de novos seguidores e que o fato, continua em análise, juntamente com outros personagens da política nos estados Unidos como Barack Obama, Hillary Clinton e outros.

Figura 8- Estatística de Carla Zambelli

TWITTER STATS SUMMARY / USER STATISTICS FOR CARLAZAMBELLI38 ( 2022-04-14 - 2022-04-27 )							
DATE		FOLLOWERS		FOLLOWING		TWEETS	
2022-04-14	Thu	–	1,527,486	–	373	–	27,254
2022-04-15	Fri	+1,610	1,529,096	–	373	+30	27,284
2022-04-16	Sat	+2,568	1,531,664	-1	372	+13	27,297
2022-04-17	Sun	+2,241	1,533,905	–	372	+10	27,307
2022-04-18	Mon	+2,017	1,535,922	–	372	+7	27,314
2022-04-19	Tue	+1,915	1,537,837	+1	373	+72	27,386
2022-04-20	Wed	+1,592	1,539,429	–	373	+14	27,400
2022-04-21	Thu	+1,537	1,540,966	–	373	+21	27,421
2022-04-22	Fri	+4,001	1,544,967	–	373	+72	27,493
2022-04-23	Sat	+2,924	1,547,891	–	373	+111	27,604
2022-04-24	Sun	+2,259	1,550,150	–	373	+9	27,613
2022-04-25	Mon	+2,198	1,552,348	+1	374	+16	27,629
2022-04-26	Tue	+23,701	1,576,049	+1	375	+21	27,650
2022-04-27	Wed	+38,447	1,614,496	LIVE -1	374	+41	27,691
Daily Averages		+2,352		–		+30	
Last 30 days		+70,577		+1		+902	

Fonte: Perfil do Twitter de Christopher Bouzy- engenheiro criador do Bolt Sentinel- Abril/2022

A grande questão é qual o efeito que as notícias falsas podem causar à população, obviamente, a história remonta os primórdios e dá conta de que grandes impactos em algumas situações foram gerados por notícias falsas e mistificadas, no entanto, como não havia internet, o efeito é de longe, bem diferente. Ainda com base em Dourado (2020, p.43), “Alguma fronteira moral, nesse sentido, divide o que precisa ser publicizado e gerar convencimento do discurso imoral, incivil e intolerante, como pode ser visto nas peças de informação deliberadas, clandestinas e disfarçadas com o propósito de controlar a opinião pública”.

Como rastilho de pólvora as fake News vão abrindo caminhos por conexões, induzindo as pessoas à ignorância dos fatos e construindo versões inverídicas, mas convenientes, para quem delas faz uso. Existe um sentido implícito, pois elas não são apenas desinformação, por isso Dourado (2020, p.56) comenta que “Distinguir fake news de desinformação, de opinião, de comentário e de outras espécies do gênero é importante não apenas para recortar o objeto para fins empíricos, mas também para emancipar esse gênero em meio ao caos informativo [...]”, principalmente, quando nos damos conta de que as novas gerações, desde a mais tenra idade, já se colocam como instrumentos conectivos nos espaços de produção.

Morin (2011, p. 91) é categórico em dizer que “A ética individualizada ou auto ética é uma emergência [...]”, pois o individualismo agiganta-se, e o problema ético central, para cada indivíduo, é o da sua barbárie interior, então, como se dá sua participação em meio ao turbilhão de informações desencontradas, falsas e com objetivos estabelecidos a tal ponto de usurpar dos indivíduos sua noção de si e do mundo? A incerteza impõe-se no coração, é como se houvesse um déficit de futuro agravado com as crises e contradições éticas.

Esta incerteza, serve como mote para atitudes, muitas vezes, injustificáveis e que requerem da sociedade o compromisso com uma “[...] consciência autocrítica de controle que possa analisar com a menor descontinuidade possível os nossos comportamentos e pensamentos para neles reconhecer as armadilhas da mentira para si mesmo [...] e a da autojustificação. (MORIN, 2011, p. 95). A sociedade constrói-se no seu tempo e no seu espaço, crianças e adolescentes forjam-se em meio a um turbilhão de encontros e desencontros dos adultos.

Quando analisamos a ferocidade do mundo, não podemos encontrar ou isolar um princípio do mal [...], mas vemos que muitos males nos atingem e que produzimos as separações, as degradações, as desintegrações, as violências, as explosões de fúria, as destruições de civilizações, os genocídios são como continuadores ou herdeiros das violências [...] dos conflitos e dos antagonismos do mundo. (MORIN, 2011, p.188)

Existe um movimento muito forte em torno de interesses hegemônicos e prepotentes do capital, por meio das mídias influenciadoras e corporativas os espaços acabam

sendo construídos embasados em uma natureza mediática falsificadora da realidade social, que, sem dúvida, compromete os espaços democráticos reais, pois não permite perceber a singularidade histórica, inerente de cada espaço vivido e com particularidades que lhes são próprios. Com efeito, a globalização é acelerada e o consumismo em marcha evolui exponencialmente por meio da veiculação de informações sob o poder das grandes corporações de mídia.

O novo tempo exige de nós discernimento, pois, vigiados, contabilizados, dispersos, individualizados, personalizados, de certa forma, desterritorializados, capitalizados e usurpados de tantos direitos nesses domínios cibernéticos, cujas promessas segundo Zuboff (2019) eram grandiosas no sentido de democratizar o conhecimento em função de um futuro digital, acima de tudo, humano.

Conforme Morin (2011), estamos vivendo num mundo “flutuante, disperso e inconsistente que caminha para superfície e às margens da vida social”. “os recém-nascidos vêm ao mundo chorando de dor. Nascemos na crueldade do mundo e na crueldade da vida, ao que acrescentamos as nossas crueldades, mas também nossa bondade.”

## **5 A CULTURA DO CANCELAMENTO E O MERCADO DA INFLUÊNCIA DIGITAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

*Viciados se tornam ansiosos, dirigem um foco estranho a eventos obscuros que não são visíveis para os outros. Eles são egoístas, tão fechados em seus ciclos que não têm muito tempo para notar o que os outros sentem ou pensam.*

Jaron Lanier

Atualmente, um dos temas que tem estado em voga nas mídias sociais é a “a cultura do cancelamento”, suas consequências e efeitos ruins, principalmente, pelo prejuízo que causa na vida pessoal e profissional daqueles que se tornam vítimas. Talvez, a constância com a qual o

assunto veio à tona, seja justamente, por conta de pessoas com grande “destaque” popular, como celebridades do meio artístico ou político terem sido vítimas de ataques de *haters*<sup>38</sup>.

As publicações com agressões e palavras direcionadas à intolerância e ódio estão se tornando bem frequentes nas redes sociais, e quem pratica este tipo de violência são chamados de *haters*, que muitas vezes, por falta de leis mais rigorosas e/ou impunidade acabam se fortalecendo e ampliando o rol de pessoas adeptas a este tipo de “cultura do ódio” e da disseminação do mal.

As crianças e adolescentes neste espaço virtual não estão protegidas e, por consequência, estão sujeitas aos estímulos ao redor, podendo incorporar a cultura do cancelamento nas suas relações sociais virtuais. São aproximadamente, 24 milhões de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos que já frequentam esses ambientes, com perfis ativos em redes sociais e usuários de internet, segundo a pesquisa TIC Kids Online Brasil, de 2021. De acordo com Miranda (2021) Apud Martins (2021, p.1)

A “cultura do cancelamento” é um fenômeno recente “criado” justamente pelas redes sociais, “como uma forma de punição ou não aceitação e tolerância a um conteúdo considerado inadequado, em que uma pessoa responsável por determinada atitude ou comentário passa a ser ignorada, perdendo seguidores ou sendo excluída antes mesmo de poder se retratar e reparar os erros”,

Miranda (2021), psicóloga e educadora social, tem feito estudos sobre este tema, que desponta agora, como um desafio, pois o cancelamento se diferencia do bullying, uma vez que, ele é entendido como uma forma de agressão explícita e repetitiva capaz de gerar humilhação, ameaça e intimidação a alguém, mais pelo espaço de ocorrência: enquanto o cancelamento acontece nos espaços interativos das redes sociais, o bullying está presente na sala de aula, nas praças, nas quadras, por exemplo. “Ambos são construções sociais que determinam comportamentos, ações e questões, sejam elas raciais, sociais e morais, que vão

---

<sup>38</sup> O termo foi popularizado a partir dos anos 2000 com o crescimento do uso das redes sociais, direcionado especificamente para pessoas que se utilizam da internet para disseminar ódio nesses espaços. *Haters* é uma palavra inglesa e que significa “os que odeiam” ou “odiadores”.

desencadear sentimentos negativos, exclusivos e preconceituosos em relação ao outro” (MIRANDA, 2021, p.3).

A falta de empatia pelo outro é para alguns teóricos o cerne da questão, Byung-Chul-Han (2018, p. 86) é incisivo ao colocar que: “[...] A comunicação digital, [...] faz com que a comunidade, o Nós eroda. Ela destrói o espaço público e aguça a individualização do ser humano. Não o “amor ao próximo”, mas sim o narcisismo domina a comunicação digital. A técnica digital não é uma ‘técnica de amor ao próximo.

Em sua obra *No enxame*, Han (2018) chama-nos atenção para a embriaguez ao qual estamos sendo submetidos, estamos em crise, justamente porque existe uma cegueira e estupidez simultânea. Os avanços tecnológicos são veementes, não damos conta. Nossas gerações enveredam pelos caminhos, “descalços”, sem segurança. Arrastamo-nos por trás da mídia digital, muitas vezes, inconscientes e, mudando comportamentos.

Refletir, portanto, sobre o processo de desenvolvimento e o quanto ele é determinante para a construção da identidade e da autoimagem da criança e do adolescente é fundamental. Neste caminho é de consenso que o período precisa ser marcado por atenção, amor e zelo, pois a ausência destes pode trazer sentimentos de vazio, insatisfação, baixa estima que influenciarão diretamente em suas escolhas e percepções sobre o mundo.

O mundo está sendo acessado por meios virtuais, o acesso às informações e grupos distintos, os permite fazer escolhas, se colocar como parte ou como oposto a essa parte que pode ser delineada pelas “características físicas, afinidades, ideias, entre outros. Os valores acabam se definindo, por isso, é importante acompanhar e conhecer que tipo de conteúdo está sendo consumido e quais referências estão sendo tomadas para si.

A “cultura de cancelamento” entre as crianças “pode se manifestar por meio de preferências, atitudes, formas de pensamento ou questões semelhantes por identificação ao se aliarem a outras crianças com as quais se identificam ou até mesmo como busca por aceitação, fazendo escolhas que podem levar ao comportamento de ignorar ou excluir um colega logo após uma polêmica ou uma briga, sem dar espaço para o diálogo e perdendo a oportunidade de aprender”. (MIRANDA, 2021, p.3)

Importante salientar que qualquer ataque, frustração e violência sofrida pode ser absorvido de forma cruel e impactante e, isto pode trazer, segundo a Psicologia, traumas psicológicos. Nenhuma espécie de violência pode ser naturalizada. “Só se fala de cancelamento nos últimos dias. Será que essa 'cultura' tem impactos futuros para as novas gerações ou as crianças já estão incorporadas nessa lógica de cancelados e canceladores?” (MIRANDA, 2021, p.4)

Esta é uma questão bem pertinente e precisa ser trazida ao debate, afinal, a base são eles, assistir a tudo isso em inercia é não se responsabilizar com o futuro seria uma grande omissão, na verdade, a cultura da violência vem sendo normalizada e isto, apresenta-se como um grande perigo para a convivência humana.

Muitas de nossas reações são devido às incertezas, Bauman (2009, p. 41) destaca que “Estamos inclinados a acreditar que nos sentiríamos muito mais seguros e confortáveis se as situações não fossem ambíguas - se o que fazer fosse claro e o que viria a acontecer se o fizéssemos fosse sempre previsível”.

Imagem 15 - Provocativas



Fonte: <https://www.facebook.com/pawelkuczynskiart/timeline/>Acesso: 06/2022

Para Morin (2011, p. 109) “A incompreensão impera nas relações entre os seres humanos. Faz estragos nas famílias, no trabalho, na vida profissional, nas relações entre os indivíduos, povos e religiões”. Na origem e na identificação de nossas diferenças está a incompreensão do outro e até mesmo de si, neste pequeno intervalo de incongruências, por

isso “A compreensão complexa do ser humano não aceita reduzir o outro a um único aspecto e o considera na sua dimensionalidade”. (MORIN, 2011, p. 114)

Em 2021 O Ipec - empresa criada por ex-funcionários do Ibope – ouviu cerca de 1.008 jovens de 16 a 34 anos, uma faixa etária que representa aproximadamente, 50,7 milhões de eleitores, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e os resultados foram apresentados em vários sites, dentre eles, o Correio Brasiliense (01/2022), no qual ficou evidenciado que, seis de cada dez jovens do país preferem não comentar nada de política nas redes sociais por causa da polarização e do radicalismo que o tema suscita, “evita política nas redes sociais para não ser 'cancelado’”.

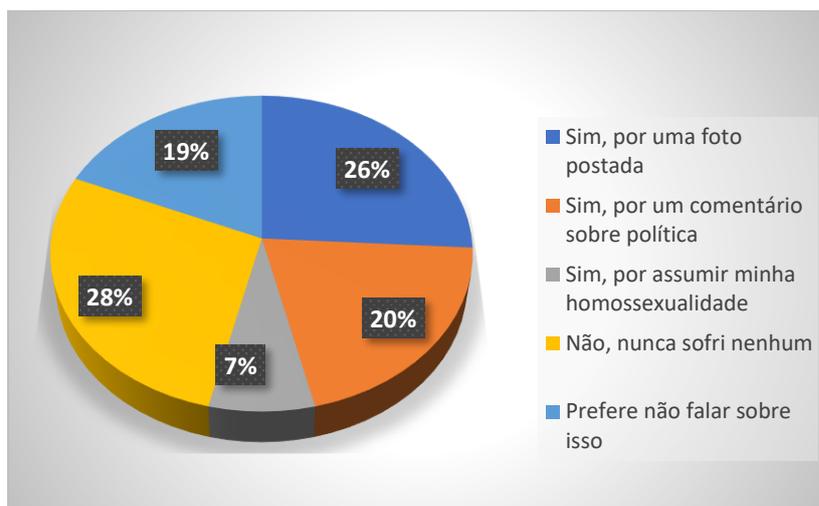
Em destaque, a matéria apresenta o depoimento de uma jovem estudante que, aos 18 anos, sofreu seu primeiro impacto nas redes sociais. Ela, que é negra e se identifica como feminista e antirracista, admitiu preferir não abordar mais esses assuntos nas redes sociais ela diz:

Fiz uma postagem uma vez dizendo que preto não é ladrão e que não merecemos ser agredidos. Uma colega que estudou comigo no ensino médio veio me dizer que eu estava ofendendo a Polícia Militar, que não era culpa da organização se um policial fazia esse tipo de coisa (agressões), que era exceção. Eu mandei um monte de reportagens dizendo que não era exceção, e ela ficou com muita raiva. (Correio Brasiliense-2022)

Casos como estes são bem mais comuns do que parecem, a grande questão é como estão lidando com o contraditório e como agem diante da possibilidade de errar, de pedir desculpa, de mudar de ideia, de expor opiniões quando for com consciência de liberdade para comigo e com o outro.

Esta pesquisa traz um dado que coaduna com os dados mais gerais no Brasil, pois se somados aos percentuais de adolescentes que já sofreram alguma espécie de constrangimento nas redes sociais, verificaremos que é a sua maioria, uma média de 52%, por diferentes motivos associados como: ter apenas postado uma foto (26%), ter comentado sobre sua preferência ou não na política (20%), por assumir sua sexualidade publicamente (7%) e outros que preferiram não comentar sobre o assunto.

Gráfico 6 - Você já sofreu alguma espécie de constrangimento nas redes sociais?



Fonte: Entrevista com alunos por meio de *WhatsApp*/ 2020

Em matéria publicada na CNN Brasil, encontramos uma análise da antropóloga Izabel Accioly (02/2021) ela que existe uma espécie de cancelamento seletivo, acredita que as pessoas que mais sofrem com essa questão, são aquelas que estão mais vulneráveis: pessoas pobres, negras, LGBTQIA+ e mulheres. O fato pode estar atrelado ao entendimento que muitas pessoas têm sobre os indivíduos e corpos como se fossem públicos ou até mesmo como algo que “não têm valor”. Por este motivo, está “tudo bem falar mal de quem não tem tanto valor assim”.

O cuidado para com estas questões, principalmente com crianças e adolescentes está ligado ao fato de que quanto mais opressões eles podem sofrer com os *haters* nas redes sociais, maior a sobrecarga de opressão social e, portanto, sem a limitação e tomada de consciência e de medidas protetivas, mais autorizadas as pessoas se sentirão para fazer o linchamento virtual com consequências desastrosas, principalmente emocional.

Citamos a fala de uma youtuber, após o linchamento virtual, ela tinha na época 16 anos de idade, após o ocorrido ela pediu desculpas ao público pelo que havia feito (cuspiu na boca de um gato), alegando que não era uma pessoa ruim: “Eu vou aguentar as críticas porque eu realmente errei, mas eu sei que não mereço isso”, escreveu em sua página “Você se sente sem chão, muito mal, começa a duvidar de você mesmo, perde o tesão ou a graça de viver, de tentar entender ou de tentar ser compreendido. A gente quer provar para as pessoas quem é de verdade, pede mil desculpas, mas raramente levam a sério ou te ouvem com o coração”. (Viih Tube, youtuber/2021)

Há muitos exemplos que ganharam destaques nas redes sobre o cancelamento, mas geralmente, eles ficam evidentes quando se trata de grupos específicos, o tribunal da internet não julga, ao que parece, da mesma maneira pessoas diferentes, senão vejamos, que existem pessoas, cujos “erros” são tolerados.

É importante estar atentos ao modo como o racismo e o machismo se apresentam nos discursos de apontamento de “erro ou perdão”, bem se vê que as mulheres sempre ocuparam lugar mais vulneráveis na história do mundo, tornando-se alvo fácil para ódio gratuito na internet.

Todavia, não se pode negar que apesar destes percalços causados pela pressão nas redes e pela imposição de ideias ultrapassadas, ainda assim, a internet é espaço livre para posicionamentos opostos, um campo aberto para “lugares de fala” de contraposição e sustentação de espaço próprio que exige protagonismo. É o que ressalta brilhantemente, Torres (2020, p.445), “O lugar de fala é aquele onde ocorre a nucleação dos sujeitos, lugar de expressividade e de liberdade de si e do outro, numa abertura para a ontologia das criaturas. Estamos falando de um espaço onde os sujeitos são protagonistas, onde suas falas não enfrentam gracejos ou chacotas”.

Sendo assim, nestes tempos, em que tudo se apresenta de forma tão singular, buscar o desenvolvimento de uma consciência social, que conceba os sujeitos de forma descentrada para viver sua liberdade e suas escolhas é uma necessidade urgente. A ética deve conduzir ações, posicionamentos e, portanto, reflexões em torno de atitudes que corroborem para o respeito mútuo nas relações.

Em 2013, Frei Beto escreveu um artigo para um site Correio da Cidadania, intitulado “Meu celular, minha vida”, creio que para muitas pessoas é bem isso, ou, quase isso, ao adentrar no mundo viciante das redes digitais. Manter o celular ligado quase que o tempo todo é um comportamento explicado pela hipnose coletiva gerada pelas redes sociais. Diante de toda essa vivência e por conta do intenso acesso nas redes, é oportuno refletir sobre a afirmativa de Sófocles, dramaturgo grego, um dos mais importantes escritores de tragédias “Nada grandioso entra na vida dos mortais sem uma maldição”. Nos anais da medicina já consta uma nova doença, a nomofobia, caracterizada pelo medo de ficar sem o acesso ao celular. Segundo Martins (2019, p. 11) “[...] a nomofobia: a angústia e o medo de se tornar

incomunicável ao se separar do smartphone ou ficar sem acesso à internet. Alguns autores no mundo têm se dedicado a compreender melhor esse fenômeno social”

Ao observarmos os diferentes espaços: nas ruas, nos shoppings, nos carros, nos ônibus, metrô, escolas e até igrejas, verificaremos pessoas com os olhos fitados nos smartphones. Mas e aí, quais seriam esses interesses que predispõem tantas pessoas a serem *usuárias* cativas desta interação virtual? Normal ou houve mudança de comportamentos?

Através da inserção neste mundo virtual é possível ampliar formas para identificar, por meio de interação *on line*, os interesses e hábitos de navegação desses adolescentes, relacionando aspectos subjetivos que os predispõem ao uso intensivo nas redes.

Imagem 16 - Jovem segura celular ao lado da namorada



Fonte: <https://www.a12.com/source/files/originals/06/2022>

Para Gutierrez (2010), estudar redes sociais não é estudar uma estrutura parada, visível, localizável no tempo e no espaço, são teias de relações, delineadas pelas interações, pelo fluxo de informações entre os indivíduos. Pesquisar essas redes significa mergulhar num contexto no qual a educação, o trabalho e a tecnologia revelam-se inseparáveis. No mundo mediado pelo computador a identidade do sujeito torna-se múltipla, fluida e passa a ser constituída por interações e projeções que cada indivíduo, usuário (a) do sistema utiliza para se mostrar de alguma maneira, exercendo diferentes papéis, que por influências diversas canalizam para perfis e personas, o que Hall (2000) justifica dizendo que não existe mais o sujeito unificado.

## **TIMELINE III – REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS: USO POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES NA PANDEMIA**

*As civilizações que inscreveram seus nomes na História foram  
construídas por homens iluminados e compromissados com o saber e  
a cultura. Sabiam que sem a educação estariam fadados a uma  
existência de sombras, tragédias e ignorância.*

Tenório Teles (2007)

### **1 NOVAS TRIBOS: A INTERAÇÃO PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA**

Na educação, a internet desponta como um campo aberto a ser explorado, pois muitos dos alunos e membros da comunidade escolar que estão inseridos neste mundo virtual, ainda não a utilizam especificamente, com objetivos voltados para a aprendizagem na escola. Para Antunes (2016), educar crianças e adolescentes neste mundo interconectado é tarefa muito difícil, pois com o advento da internet e a intensa projeção das redes sociais alguns conceitos tornaram-se liquefeitos.

E sobre isto, Bauman (2015) afirma que “estamos nos afogando em informação e, ao mesmo tempo, famintos por sabedoria”, o volume de informações excede em milhões nossa capacidade cerebral para retê-las. Para ele transmitir informações é uma arte e propagar de uma cultura para outra é arriscado, tem sido uma luta de muitos antropólogos.

Com este aceleração e tantas mudanças na “sociedade sólida para a líquida”,<sup>39</sup> vimos adentrar também nas discussões outras terminologias apontadas por Byung-Chul Han, para ele seria uma espécie de passagem da “sociedade da disciplina para sociedade do desempenho”, principalmente, individual e é neste contexto que a educação se projeta, no

---

<sup>39</sup>A sociedade sólida, ou seja, da modernidade clássica, sendo concreta era impregnada de certo totalitarismo, posto que seja rígida, sem resiliência e, não se adaptava às novas formas nova época em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos. (BAUMAN, 2015)

meio de um turbilhão em que o sistema educacional é um poderoso mecanismo de reprodução real de privilégios entre gerações.

O mercado de trabalho tem exigências bem peculiares, atualmente, os espaços de produção cada vez mais automatizados, representam barreiras à maioria da população. Eles funcionam como filtros no processo de seleção, as exigências são variadas, desde a utilização de diferentes aplicativos, programas, sites, entre outros que desafiam os processos de formação.

Para Dowbor (2021) o principal fator de produção, atualmente é o conhecimento, não basta apenas ter apenas capacidade física e disposição para trabalhar, estas características por si só, não garantem o acesso a uma “remuneração digna” “[...] As pessoas precisam de uma bagagem de conhecimentos frequentemente muito ampla, e não à toa nas medidas internacionais de desigualdade hoje se inclui, além da desigualdade de renda e de patrimônio, a desigualdade educacional” (p.5).

Isto nos remete a uma análise sobre **o papel da educação** nesse contexto, pois ela precisa ser pensada numa perspectiva ampla, capaz de poder permitir a compreensão de que se faz necessária uma vivência de acordo com a sociedade vigente, de mudanças rápidas e de evolução tecnológica, de falta de acesso a muitos brasileiros, baixos investimentos, entre outras coisas, como nunca visto antes. Não desistimos de enfatizar o pensamento de Pedro Demo (2007) que há tanto tempo alertava sobre a ignorância formal “O mercado neoliberal continua, como sempre, interessadíssimo na ignorância política, porque não inclui no saber pensar o saber questionar”. (p.15)

E aí, estamos entrando numa seara de extrema importância, pois a escola precisa cumprir com sua principal função, a social e, em meio a tantas mudanças e tantos instrumentos para repasses de informações atrelados às novas tecnologias, ela acaba se fechando em “copas”, muitas vezes, por não ter o acesso, ao domínio de outras linguagens, ou mesmo, por não saber como fazer para ter este domínio, Demo (2007) diz que isto, chama-se: “gagueira” e o resultado:

[...] acaba sendo uma total falta de competência para estabelecer qualquer interlocução com as outras línguas, que no interior e no exterior da escola, insistem

‘em falar’, às vezes ‘gritando’. Tal ‘neuralgia de língua’ faz com que a escola não fale-com, ou hesite nas respostas, ou não escute [...] as linguagens de raça, etnia, gênero, sexualidade, da mídia, cinema, novela, [...] dos novos sujeitos da história, das novas lutas [...] que povoam de vozes e palavras ‘forasteiras’ as paisagens e os tempos pós-modernos em que vivemos e educamos.

Não se trata de abandonar no processo educativo, tudo o que foi e ainda está posto em função do novo, é justamente, o contrário, não renunciar ao que ainda está por vir com mais força e criticidade, pois não há como retroceder, ao menos é o que dizem os estudiosos destas novas linguagens. Para Morin (2000) a condição humana é elemento essencial de todo o ensino e, portanto, “É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos”. (MORIN, 2000, p.15)

Morin (2016) destaca ainda que, existe um mundo em crise e, neste mundo, há um cenário de transformações com riscos e oportunidades para mudanças. Neste interim, a escola dentro de um contexto planetário de complexidade educativa precisa colocar em evidência sua forma de existir e fazer educação. É preciso superar a cegueira dos saberes compartimentados, da universalidade das coisas que desintegram a realidade local. Pinheiro (2012, p.51) destaca que “No pensamento complexo, os saberes e as disciplinas não são auto excludentes, mas complementares” e, mais ainda, sob o prisma da racionalidade industrial e pós-industrial muitos saberes são vistos de forma discriminada e associados à uma cultura de atraso.

A revolução científica trouxe ao mundo a possibilidade das interconexões, dotando a humanidade de uma capacidade para mudanças de processos naturais e de si mesma. “Os avanços são significativos e não há porque temê-los, mas devemos ser prudentes para habilitar esses conhecimentos, pois a ambivalência da ciência e da tecnologia consiste em mudar, sem predeterminar ou anunciar tais mudanças”. (MORIN, 2016, p. 74)

As verdadeiras relações se travam entre uma multidão de agentes humanos que inventam, produzem e interpretam diversas técnicas. Por trás das técnicas, no meio delas, agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder em sociedade. (QUEIROZ, 2018, p.10)

Se a educação tem por finalidade formar cidadãos preparados para viver em sociedade, prudente será que a escola acompanhe as mudanças que ocorrem, nas mais diferentes áreas, inclusive, na era informacional e digital. Isto é perceptível a partir do momento que se observa, diariamente, em todos os níveis de ensino, os alunos comunicando-se através dos recursos que a internet proporciona, a possibilidade de risco sobre o que ainda não dominamos é, por certo eminente, talvez, segundo Freire (1997) seja um “ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história” ele diz ainda:

Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade sendo exercida ou sem liberdade pela qual, sendo negada, se luta. Não haveria cultura nem história sem risco, assumido ou não, quer dizer, risco de que o sujeito que o corre se acha mais ou menos consciente. Posso não saber agora que riscos corro, mas sei que, como presença no mundo, corro risco. (FREIRE, 1997, p.16)

A estrutura física das velhas salas de aula, com a rigidez das carteiras fixas, conhecimentos distribuídos em disciplinas compartimentadas, compõem, não só o imaginário dos seus atores, mas as práticas escolares que se desenvolvem no interior das salas de aulas, fato este comprovado no campo escola (local da investigação), no qual por vezes, tivemos que estar juntamente com os adolescentes da pesquisa. Corroborando com Pinheiro (2021) em sua crítica à compartimentação de saberes:

Fomos educados para afastar os saberes entre si, arrumá-los em gavetas, evidenciando uma diversidade sem unidade, uma unidade sem diverso. Seres compartimentalizados. Reduzir a visão de globalidade à de particularidade, fragmentada e isolada do contexto, é sintoma de uma cultura enferma, moribunda, senil, fruto de uma inteligência parcial e atrofiada, que não produz mais o novo. (Pinheiro, 2021, p. 56)

Em *Sete saberes necessários à educação do futuro*, Morin (2020) externa que para dar conta dos problemas do mundo, reconhecê-los é premissa base e, para isso, é fundamental organizar os conhecimentos fazendo uma reforma do pensamento, ele destaca que, “esta reforma é paradigmática e, não, programática, ela é concernente à educação”.

A esse problema universal confronta-se a educação do futuro, pois existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários. Nessa inadequação tornam-se invisíveis: O contexto; O global; O multidimensional; O complexo. Para que o conhecimento seja pertinente, a educação deverá torná-los evidentes. (MORIN, 2020, p. 36)

Para o século XXI, a educação precisa abandonar a visão unilateral que define o ser humano, além de ultrapassar as barreiras da visão conteudista, fragmentada e compartimentada que ainda se encontram arraigada no seio da escola, assim, Morin (2020), destaca que a possibilidade para compreender o indivíduo em sua plenitude que corresponde à complexidade, traz em si, de modo bi polarizado, não só a racionalidade e a técnica, mas caracteres antagonistas. “O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (*consumans*)”. (MORIN, 2000, p. 61)

Na compreensão da condição humana, a diversidade é a tônica e, instiga ao desenvolvimento de um projeto de educação voltado para o devir, para a ilustração do “[...] Destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana”. (MORIN, 2000, p. 58)

Na era das telecomunicações, da informação, da internet, submergimos, adentramos na complexidade do mundo, as inúmeras informações sendo disponibilizadas a todo instante, aleatórias sobre o mundo, sufocando nossas possibilidades de inteligibilidade, colocando em dúvida nossos conceitos, modelando outros e, assim evidenciando nossa necessidade de buscar compreender todo esse processo de mudança no qual fazemos parte como construídos e construtores.

A revolução digital está abrindo um universo de oportunidades. No entanto, mais de um terço da humanidade está excluída dela. A dimensão do acesso ao conhecimento como condição de acesso à cidadania, tão presente na obra de Paulo Freire, se torna cada dia mais urgente. Precisamos liberar conhecimento das patentes e Big Techs

para promover uma educação voltada à emancipação política e romper com a limitada lógica capitalista. (DOWBOR, 2021, p. 3)

Para Tolle (2007, p. 20), “A maior conquista da humanidade não são as obras de arte nem os inventos da ciência e da tecnologia, mas a identificação do seu próprio distúrbio, da sua própria loucura”, o que ele chama à reflexão é sobre a importante necessidade do despertar da consciência no trato com todos esses elementos.

Esse acordar exige esforço contínuo, pois o salto para esta evolução depende de mudança interna e radical em cada indivíduo e, quando isso acontece o pensamento perde a ascendência e se torna “servo da consciência” que é a ligação universal com a inteligência, podendo ser fomentada em diferentes espaços e a escola é um deles. Este pensamento é corroborado por Tolle (2007, p.223) em sua obra *O despertar de uma nova consciência*, ele diz que “O despertar é uma mudança no estado de consciência que ocorre com a separação entre pensamento e consciência. No caso da maioria das pessoas, isso não é um acontecimento, mas um processo pelo qual elas passam”.

O espaço que as redes sociais adquiriram no dia a dia das pessoas, e as probabilidades criadas por este fenômeno, por meio da conexão com a internet, fortalece novas discussões sobre a sua utilização como aporte didático para fomentar a educação. Além do uso da *WEB 2.0* para entretenimento, sua característica prioriza o acesso à informação de um modo rápido e prático, representando uma revolução sociocultural, econômica e política mundial sem precedentes, das quais não podemos nos eximir de vivenciar, uma vez que, as plataformas já estão intensificadas no uso popular e em dimensão mundial.

Lévy (2009) realiza proposições acerca da nova relação que o homem estabelece com o saber a partir de seu novo lugar de imersão na cibercultura. Para ele, o ciberespaço modifica, exterioriza e amplifica funções cognitivas humanas como o raciocínio, a memória e a imaginação. Assim, devem ser construídos novos modelos do espaço de conhecimentos, uma vez que não há mais como planejar ou definir de forma precisa o que é preciso aprender. (MARTINS, 2019, p.19)

Tudo mudou, os alunos mudaram? Navegar na internet, jogar, manter relacionamentos *on-line* e até mesmo estudar através da web, são atividades que fazem parte do cotidiano desse novo aprendiz. Litto (2009, p.308) acredita “[...] ser possível afirmar que estamos no auge de uma revolução que mudará o nosso tradicional e convencional sistema de educação, conferindo maior poder ao aprendiz, o que exigirá mais inteligência e criatividade do professor”.

Um exemplo claro e já falado em outro momento, citamos o Instagram pois esta ferramenta permite a manipulação de imagens, oferece a opção para aplicar filtros<sup>40</sup>, criando possibilidades ilimitadas, o que acaba atraindo cada vez mais, usuários que aplicam sua criatividade para expressarem-se livremente por meio de vídeos, fotos ou na produção de *lives* num processo comunicativo que se abre como um campo aberto para novas aprendizagens.

Conforme Dias:

Nas salas de bate-papo, blogs, sites, programas de comunicação on-line, jogos on-line e redes sociais, o adolescente, além de reinventar a língua, criando novas expressões e formatos para a fala, cria também novas formas de relação com o outro. No mundo virtual, o adolescente pode se tornar quem quiser, pode assumir as características físicas que mais lhe agradarem, pode se passar por qualquer outra pessoa que não seja ele mesmo. (Dias, 2015, p.29)

Ao se pensar de que forma este aplicativo poderia estar relacionado à prática pedagógica podemos dizer que as atividades realizadas na escola, como eventos, feiras científicas, festas sociais, reuniões, atividades extra ou intraclasse poderiam ser registradas e comentadas por todos os usuários linkados nesta rede de relacionamento. A criatividade é demanda livre, são novas ideias que surgem com os aparatos tecnológicos que podem ser adotados ou não em um ambiente de aprendizagem.

As ideias novas podem ser corroboradas ou destruídas, pois a evolução, segundo Morin (2000) é pertencente ao “fruto bem-sucedido” e seu aperfeiçoamento é a transformação do sistema de onde surgiu, portanto, fruto de um processo de desorganização e reorganização,

---

<sup>40</sup> O filtro possibilita o manejo de cores e efeitos diversos nas imagens disponibilizadas, modificar paisagens, colocar adereços, entre outros efeitos.

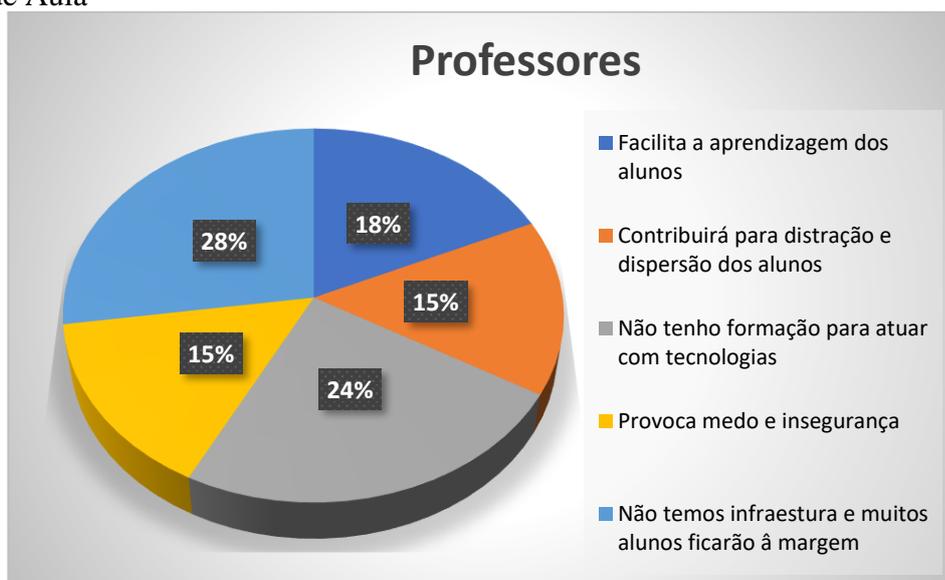
uma espécie de transformação e as maiores delas, são “morfogêneses” que podem dar origens as outras novas formas e, estas se constituem em verdadeiras metamorfoses.

Demo (2007) nos chama à reflexão para as diferentes posturas adotadas pelas gerações, suas ideias são de que as novas gerações tomam a mudança como reviravolta normal na vida, enquanto as anteriores parecem preferir a “segurança” em permanecer na calmaria. Carvalho (2021) argumenta que é preciso lutar por uma sociedade sem tiranos “Nós é que estamos empenhados em modelar a matéria incoerente, inconstante, de nossos desejos, de nossas utopias em prol de um mundo melhor para todos”.

Sempre que pensamos nesta ideia de futuro, vem-nos à mente os versos da canção Renovação de Candinho e Inês, pois incita-nos e acende o desejo de não esmorecer no tempo presente “sair da tempestade, pôr ordem no tempo, sair de contra o vento e cheio de vontade”. Na verdade, enveredar pelos caminhos ainda inseguros e insertos, marcados por tantas mudanças, exige ousadia para tentar compreender esse tempo presente.

Na escola investigada, conseguimos traçar pelas falas dos professores e alunos um paralelo que, de certa maneira, vai ao encontro do que Morin (2000) nos coloca, a mudança nas práticas e nas formas de se relacionar com o *novo*, precisam passar por um processo de “evolução” no sentido de atualização e ressignificação. vejamos:

Gráfico 7- Representação dos professores sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação em Sala de Aula



Fonte: A própria pesquisadora com base em entrevista realizada com professores – set/2021

Geralmente, toda mudança, traz conflitos, neste caso, fica evidente nas falas dos professores, que há um entendimento substancial de que a inserção das tecnologias podem auxiliar de alguma forma no processo de ensino, porém existem algumas barreiras, das quais não se pode negar a existência, como a falta de infraestrutura nos espaços escolares, bem como das condições em que muitas famílias se encontram para manterem seus filhos estudando, seguindo o ritmo de acesso igual ao de outras realidades.

Também é verdadeiro que os profissionais da educação, precisam de capacitações específicas para lidarem com os novos mecanismos em rede, o que os faz temerem e se sentirem inseguros quanto à sua má utilização e ao mesmo tempo cansados pelas experiências delineadas em multitarefas. No entanto, abdicar das possibilidades que estão sendo construídas social e historicamente nas experiências existenciais não é a saída para o enfrentamento, assim, Freire (1997, p. 17) propõe intervir no mundo de forma inteligível. “A inteligência do mundo, tão apreendida quanto produzida e a comunicabilidade do inteligido são tarefas de sujeito, em cujo processo ele precisa e deve tornar-se cada vez mais crítico”.

Demo (2007) entende que a inovação seria um fator determinante para a escola e a universidade, porém, em muitos destes espaços, há resistência. Contraditoriamente, a resistência às mudanças, podem ser a válvula mestre do atraso nos sistemas de ensino ou não, as redes sociais digitais, por exemplo, já se impõem como realidade vigente e crescente, ignorar ou resistir, torna-se um caminho conflituoso. No ensino, “Mudam as instituições, mudam os tempos, mudam os homens; só não tem mudado a apatia, a abulia em face do problema de ensino”. (Lima, 2005, p.65)

Engajados nessa discussão também estão Prensky (2010), Castells (2010) entre outros teóricos defendendo abordagens que consideram as mídias digitais como meios potencializadores de novas formas de aprendizagem, propondo que os recursos por sua dinamicidade, podem se constituir em formas libertadoras de criatividade inatas, de desejos de aprender, de imaginação e sede de saber.

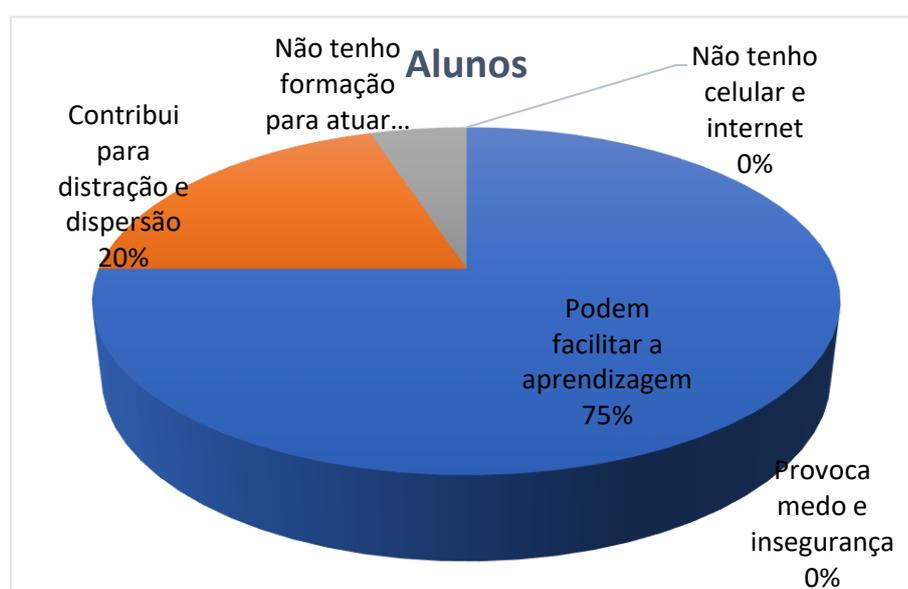
No entanto, há outros em diferente corrente, diria até pessimista, pois atribui as mídias um poder de influência negativa na formação do comportamento das crianças e adolescentes e, aí vamos encontrar em textos de Postman (1999) por exemplo, que põem nos meios de comunicação, a responsabilidade por um suposto desaparecimento da infância. E

não só isso, Bresson (2017) coloca como fragilidade a contribuição da utilização das redes sociais digitais por meio dos celulares que acabam “domesticando” e distraíndo a atenção dos usuários, pois a todo instante, tocam, apitam, vibram, piscam e não é tarefa fácil se desvencilhar, pois o cérebro é um autêntico “devorador de informações” e, portanto, se satisfaz com estímulos.

Em 2014, Gloria Mark, titular do departamento de Informática, desenvolveu uma pesquisa na University of California de Irvine, a respeito da compulsividade para checar e-mails e redes sociais, segundo a qual, olhamos com muita frequência porque buscamos uma espécie de gratificação “E a mera expectativa de poder obtê-la é suficiente para fazer com que voltemos o tempo todo em busca dela -recorremos ao telefone 80 e 110 vezes por dia, segundo estudos separados. Esse comportamento se mantém graças ao chamado reforço aleatório.” (Randomly Reinforced Behavior) (ELOLA, 2017, p.1)

Sendo assim, refletimos sobre a proposta de alguns estudiosos sobre a inserção dos aparelhos celulares como ferramenta pedagógica efetiva em sala de aula, uma vez, que há estudos que demonstram que há efeitos negativos que podem ao invés de ajudar, tirar a atenção e causar perda de foco. Por certo, como se diz, não há como retroceder à sua utilização, uma vez que faz parte da rotina diária dos alunos e professores. Vejamos:

Gráfico 8 - Representação dos alunos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação em Sala



Fonte: Pesquisadora com base em Entrevista realizada com alunos (as) – set/2020

O processo de troca de informações e conhecimentos na internet aumenta a possibilidade de contato e de relacionamento e, é neste contexto, que grande maioria dos adolescentes estabelecem suas relações no mundo virtual, convergindo para espaços de compartilhamentos de experiências, troca de informações e colaboração em qualquer lugar do planeta, através de ferramentas disponibilizadas pela web.

Vejam que no gráfico acima, há uma compreensão dos alunos investigados de que as tecnologias, podem facilitar sua aprendizagem, são cerca de 75% deles, afirmando isto, enquanto 20%, entendem que ela contribui para distração, 5% apenas não têm domínio e, mesmo diante disto não têm medo de utilizar, 0%.

Na comunidade virtual, o indivíduo escolhe, elege de qual comunidade quer fazer parte, sendo a principal motivação o seu interesse particular em um ou mais assuntos em que percebe uma identificação e encontra pessoas com quem possa compartilhar ideias e promover discussões públicas, uma vez que a interação mútua, relação recíproca que ocorre entre as pessoas mediadas pelo computador, é fundamental para o estabelecimento e consolidação de comunidades virtuais. (CORRÊA, 2004, p.7)

São os interesses comuns que levam os indivíduos a quererem fazer parte de uma comunidade virtual ou rede social. Do mesmo modo, as necessidades de fazer parte, ser acolhido e ao mesmo tempo se destacar movem a participação dos indivíduos nas redes sociais. (Primo apud Corrêa, 2004).

Nos ambientes em que os professores estão inseridos é possível acompanhar as muitas postagens relacionadas não só as suas atividades particulares como fotos de passeios, viagens, publicações com pensamentos diários, mas também suas postagens relacionadas às suas atividades docentes em sala de aula.

Adaptar o espaço virtual ao presencial é uma tarefa difícil e que exige muita habilidade dos docentes, por isso, há a necessidade tão evidente de formação tecnológica, para que possam utilizar as tecnologias no processo de aprendizagem de forma mais segura e atrelada aos objetivos de ensino.

O acesso à informação facilitado pelo uso da internet, ampliou a forma de como se aprende, interage e ensina resultando em mudanças no ensino. Grande parte dessas mudanças estão relacionadas aos processos de aprendizagem no contexto escolar, uma vez que essa facilidade de acesso possibilitou novas formas de interação e de comunicação por meio de diferentes tecnologias, surgindo assim, diferentes maneiras de aprender em variados contextos (KENSKI, 2003).

Esta facilidade dos alunos em navegar pelos espaços virtuais, imprime à educação um novo ritmo em que se pode e deve utilizar as tecnologias, enquanto meio e, não, como fim e ferramenta isolada de si mesma. Lèvy (2000) enfatiza que com as fronteiras sendo rompidas entre a comunicação e a informação, o professor precisa adotar uma postura efetiva de pesquisador de incursões na cibercultura, para que assim, esteja apto a utilizar diferentes estratégias que possibilitem integrar conhecimentos.

Castells e Tubella (2008, p. 14), chamam atenção para a educação e o grande desafio frente a superação das formas mais regulares e institucionalizadas de escolarização formal, pois diante do quadro atual, urge por mudanças no âmbito das instituições de ensino, no sentido de ajustá-las ao novo tipo de sociedade. O desafio maior está na conscientização de que todos os suportes, ligados à área de comunicação digital contemporânea estão em estado permanente de atualização, neste segmento, tudo muda muito rápido.

Não deixando de observar o que elas podem causar na vida das pessoas, pois Mark (2014) alerta para a possibilidade de que a má utilização ou em demasia pode afetar a multitarefa, a atenção, o humor e o estresse. Fazer várias coisas ao mesmo tempo (multitarefa) pode comprometer a capacidade de realizar atividades com mais criatividade, justamente porque a mente está ampliada para várias outras situações, a exemplo, pessoas que costumam levar à mesa o celular e ao mesmo tempo em que almoçam, resolvem coisas.

Morin (2000) nos conduz a uma esfera do pensamento voltado para o surgimento de uma nova consciência que leva ao confronto dos indivíduos para todos os lados da incerteza, principalmente, pelas mudanças abruptas que tendem a levá-los às novas aventuras, para as quais é preciso aprender a enfrentar a incerteza em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado. É por isso que a educação do futuro deve se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento, pois existe princípios para isto, conforme Morin (2000, p.85):

a) Um princípio de incerteza cérebro-mental, que decorre do processo de tradução/reconstrução próprio a todo conhecimento. b) Um princípio de incerteza lógica: como dizia Pascal muito claramente, “Nem a contradição é sinal de falsidade, nem a não-contradição é sinal de verdade.” c) Um princípio da incerteza racional, já que a racionalidade, se não mantém autocrítica vigilante, cai na racionalização. d) Um princípio da incerteza psicológica: existe a impossibilidade de ser totalmente consciente do que se passa na maquinaria de nossa mente, que conserva sempre algo de fundamentalmente inconsciente. Existe, portanto, a dificuldade do autoexame crítico, para o qual nossa sinceridade não é garantia de certeza, e existem limites para qualquer autoconhecimento.

Reconhecer as possibilidades de utilização de tecnologias digitais na mediatização dos processos educativos são evidências que novos campos se abrem para espaços de ensino e aprendizagem, inclusive, bem diferentes dos espaços convencionais e, portanto, fermentam os princípios de incertezas nesse contexto educativo, isto pôde ser evidenciado neste momento em que educadores e educandos tiveram que buscar caminhos para lidarem com o distanciamento social por conta da Pandemia de Covid-19.

Conforme Souza (2014, p. 56) “Independentemente do recurso tecnológico em questão, o professor é o sujeito capaz de mediar o aprendizado e torná-lo mais atrativo, divertido e interessante para os alunos”. Sendo assim, a criatividade e as relações estabelecidas no ambiente interativo farão toda diferença, assim como no presencial, a relação favorável e de boas relações são elementos indispensáveis ao sucesso da aprendizagem, é o que afirmam muitos estudos como os de Freire (2011), Teles (1992), Demo (2007), entre tantos outros, como Lèvy (1999) que incita a colaboração no ambiente de aprendizagem:

Esse projeto do ciberespaço em proveito da inteligência coletiva visa tornar, o quanto for possível, os grupos humanos conscientes daquilo que fazem em conjunto e a dar-lhes meios práticos de se coordenarem para colocar e resolver os problemas dentro de uma lógica de proximidade e de envolvimento (LÉVY, 1999, p. 196).

Há um campo aberto, que pode conduzir à aprendizagem por meio de elos de ligações de saberes, no qual, independente dos recursos que se opte por adotar, o que vale é a concepção de que, é preciso fazer conexões, descompartmentar disciplinas e contextualizar no tempo e no espaço, unindo os mais diversos campos do conhecimento. E, aí podemos

resgatar o que Pierre Lèvy (2015, p. 156) fala sobre isso, “No espaço do saber, os tempos escoam de todas as fontes vivas e misturam-se. Os tempos brotam e respondem-se como ritmos. Os tempos brotam e respondem-se como ritmos”. Qual o nosso tempo? Que ritmos devemos adotar na contemporaneidade? São questões que devemos refletir, certo?

## 2 AULAS REMOTAS: A RESILIÊNCIA NA PANDEMIA

*Todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.*

Edgar Morin

Quando pensamos em desenvolver esta pesquisa, nunca nos passou pela cabeça que iríamos vivenciar momentos profundamente difíceis na educação do município de Manacapuru no estado do Amazonas. Fazer educação sempre foi muito difícil e, aqui não iremos entrar no mérito, justamente porque o que experienciamos no momento da Pandemia da Covid-19, em nada se compara com as dificuldades enfrentadas em outros tempos, pelo menos por nossa geração.

De forma atenciosa, apreensiva e comprometida, passamos tempo colhendo dados, organizando, analisando e tabulando, justamente, nestes tempos mórbidos, em que o distanciamento social foi inescusável. O contexto em que se deram as investigações, a abertura de possibilidades pela propositura de se trabalhar as redes sociais digitais, de certa forma, não nos limitou ao aprofundamento de dados aprimorados e com rigor científico.

Em meio ao turbilhão de dúvidas com relação às situações que surgiam a todo instante, fomos encontrando caminhos que pudessem viabilizar e comprometer “minimamente” nossa atuação investigativa. Esta era a intenção, todavia, de longe, não teve como não interferir de alguma forma. O abalo psicológico, as incertezas, o medo, a falta de sentido no fazer e a perda de concentração, tornaram-se presença no dia a dia e, com isso, as reflexões desviavam-se para outros rumos.

No segundo semestre de 2019, antes da pandemia, fomos à escola, cumprir com o ritual ético para o início da pesquisa. Conseguimos aliançar todos os termos de consentimento dos participantes e assentimento das instituições: Universidade Federal do Amazonas, Coordenadoria Regional de Ensino e Escola Pública Estadual para que assim, pudéssemos adentrar e colocar nosso objeto de estudo como centro e como norte no início da caminhada. O projeto teve o parecer consubstanciado na Plataforma Brasil, onde não foram constatados óbices éticos e, portanto, o parecer foi pela Aprovação do Protocolo de Pesquisa no Comitê de Ética em 03/06/2019.

Coletamos dados na Secretaria da Escola com intuito de adquirir informações a respeito do ambiente escolar, público-alvo, histórico, índice de rendimento e proposta pedagógica da escola. Os dados foram fundamentais para compreendermos e contextualizar o espaço - escola e como ela se apresentava diante da comunidade.

Destaco aqui, a receptividade para com a pesquisadora e a vontade da escola em contribuir com a pesquisa, segundo eles, muito necessária. A apresentação do projeto se deu de forma muito amistosa, pois pudemos fazer trocas relacionadas, inclusive, de nossas posturas frente a utilização dos aparatos tecnológicos não só na escola, mas relacionada ao nosso cotidiano. Vale enfatizar que todos se dispuseram a participar da pesquisa e assinam o Termo de Consentimento, orientado pelo Comitê de Ética, no sentido de solicitar autorização para diferentes questões. Fizemos alguns registros de imagens e selecionamos algumas fotos para ilustrar o momento.

Imagem 17- Secretaria da Escola



Fonte: Própria pesquisadora – 06/2019

Reunimos com alunos, pais, professores para apresentarmos nossos objetivos e intenção em contribuir com a Ciência e a Pesquisa e, assim, produzir um trabalho que pudesse de alguma forma subsidiar com elementos para reflexões sobre a influência das redes sociais virtuais na mudança de comportamento e construção identitária dos adolescentes escolares da escola.

Fazemos a recapitulação destes momentos, como forma de não perder de vista todo o contexto, ainda presencial, desta construção, como dito anteriormente, compreende a construção do conhecimento complexo no que propõe Morin (2012), reconhecendo que o sujeito humano estudado está incluído no objeto e, assim devemos concebê-lo inseparavelmente, na unidade, em sua diversidade humana e todas as dimensões ou aspectos, atualmente separados e compartimentados, da realidade humana, que são físicos, biológicos, psicológicos, sociais, mitológicos, econômicos, sociológicos e históricos.

Aspectos relacionados à identidade e pertencimento no espaço escolar foram considerados, pois sabemos que estes fatores implicam na identificação dos sujeitos nos espaços vividos nas complexas tessituras das quais emerge o sujeito escolar contemporâneo, suas construções diversas no interior da escola. De acordo com Castro (2015, p.30) o aluno, “[...] tenta se adaptar a uma nova condição identitária interposta em diferentes momentos de sua vida escolar [...], flexibiliza suas ações, atitudes e valores de modo a tornar-se aluno para si e para os outros que permeiam o espaço da escola e da sala de aula”.

Imagem 18- Aplicação de Questionário aos alunos



Fonte: Própria pesquisadora – 08/2019

Até então, não fazíamos ideia do que estava por vir, os encontros sempre foram agradáveis, no fundo discutir assuntos que marcam o cotidiano deles é algo que os deixa extremamente à vontade para expressarem suas posições e anseios com relação às suas experiências. Dos encontros, que se deram por turmas, saíram sempre muitas ideias de como eles gostariam que a escola Carlos Pinho atuasse com relação ao uso do celular – proibido por regimento em sala de aula. Abaixo algumas anotações de falas, retiradas do caderno de registro (campo).

- a. “Usamos no dia a dia pra tudo e porque não usar na escola?”;
- b. “Com o celular e a internet podemos fazer nossas pesquisas sem perder tempo”
- c. “Só é ruim porque nem sempre a gente tem internet”;
- d. “Mas nós já usamos, tem o grupo da escola que a mamãe participa”.
- e. “Eu tenho o Facebook da escola e vejo o que postam das nossas atividades”.

Nos escritos de Demo (2007) encontramos sua abordagem sobre as questões de hipermídia, onde o autor destaca que é também por este canal que os jovens leem o mundo e se expressam de alguma maneira, por isso é importante que a escola possa conhecer e utilizar esta linguagem, tenha como estratégia uma proposta de redefinição de métodos, isto pode ser um caminho viável para aproximar o ensino à realidade dos alunos.

No entanto, não existe consenso com relação à vinculação entre a educação e tecnologia, as reflexões acaloram-se pelas divergências sobre seus efeitos e impactos positivos e/ou negativos para a sociedade contemporânea.

Imagem 19 - Apresentação do Projeto de Tese aos professores - TCLE



No auge deste estudo, o susto! Estávamos adentrando na pandemia, por volta de março de 2020, o Governo do Estado do Amazonas deu início às publicações de Decretos e Leis relativos à Covid-19. Como registro de memória abaixo deixamos evidenciada uma Linha do Tempo com filtro para aspectos relacionados à educação, outros pontos, encontram-se em anexo:

- 16/03/2020: **Decreto nº 42.061** -Dispõe sobre a **decretação de emergência na saúde pública** do Estado do Amazonas, em razão da disseminação do novo coronavírus (2019-nCoV), e institui o Comitê Intersetorial de Enfrentamento e Combate ao COVID-19.
- 17/03/2020: **Decreto nº 42.063** - Dispõe sobre **medidas complementares temporárias**, para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional, decorrente do novo coronavírus. \_Suspende, por 15 dias, eventos acima de 100 pessoas; **aulas na rede pública em Manaus, nos municípios da Região Metropolitana**, Parintins e Tabatinga; viagens intermunicipais de servidores. Inclui Seas e Casa Militar no Comitê do Covid-19 criado pelo Decreto nº 42.061.
- 19/03/2020: **Decreto nº 42.087** - Dispõe sobre a **suspensão das aulas** na rede pública estadual de ensino, em todos os municípios do Estado do Amazonas, bem como das atividades das academias de ginástica e similares, e do transporte fluvial de passageiros em embarcações, à exceção dos casos de emergência e urgência, na forma que especifica. Suspensão por 15 dias. Entre tantos outros no decorrer do mês de março...
- 31/03/2020: **Decreto nº 42.145** - **Prorroga suspensão de aulas** na rede pública estadual de ensino até 30 de abril, recomendando à rede privada também prorrogar a suspensão.
- 16/04/2020: **Decreto nº 42.196** - Institui o Programa “**Merenda em Casa**”, que autoriza a distribuição dos alimentos perecíveis e não perecíveis, que compõem a Merenda Escolar, adquiridos com recursos federais ou estaduais, para os alunos da Rede Estadual de Ensino, durante o período de suspensão das aulas e dá outras providências.
- 05/05/2020: **Resolução nº039/2020** - **Estabelece e orienta procedimentos** para a **reorganização das atividades e dos calendários escolares do ano letivo de 2020**, para todo o Sistema Estadual de Ensino, a saber, escolas públicas e privadas, em razão das medidas para enfrentamento ao novo coronavírus e dá outras providências.
- **Decreto 11 de Maio de 2020** (sem número): **Declara luto oficial por três dias, no âmbito do Estado do Amazonas, pelo falecimento de mais de 1.000 (mil) vítimas amazonenses, que lutaram pela vida contra o Covid-19.**

- 13/05/2020: **Decreto nº 42.278 - Fica mantida a suspensão das aulas** na rede pública estadual de ensino, nas unidades da Secretaria de Educação e Desporto, Cetam, UEA e FUNATI, recomendando o mesmo às instituições da rede privada de ensino (conforme o anterior Decreto nº 42.145).
- 28/05/2020: **Decreto nº42.330 - Mantém, até deliberação posterior, a suspensão das aulas** na rede pública estadual de ensino (cuja retomada terá regulamentação específica), bem como no Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (Cetam), na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e na Fundação Aberta da Terceira Idade (FUNATI);

O ano letivo de 2020, foi comprometido de fato, os impactos estão sendo aos poucos evidenciados em inúmeros estudos e relatos de experiências que a todo instante são publicadas em Anais, Comitês Científicos, nas redes sociais, entre outros. No Amazonas, especificamente, com o distanciamento social, a escola foi acionada a elaborar estratégias e planos de ações para que os alunos não ficassem sem o acesso aos conteúdos programáticos.

Em Manacapuru, os professores passaram a se comunicar por plataformas de interação como Google Meet, onde ficou evidente, segundo relatos do gestor da escola investigada, que muitos professores nunca haviam usado ou até desconheciam a plataforma. Em meio à crise que se instalava no mundo, a escola se revelava e os professores, cansados mentalmente e sem acreditar no que estavam vivenciando, tiveram que se reinventar. “A realidade humana é o produto de uma simbiose entre o racional e o vivido” (Morin, 2012, p. 121)

Do outro lado da ponta, os alunos e pais tendo que lidar com a falta de aparelhos como celular e computador, em outra instância com um impasse, os alunos sem acesso e conexão, complexificando ainda mais a atuação pedagógica e instigando às novas preocupações, algumas delas, muito bem apontadas por Olivo (2004. P.25) “[...] de que forma os instrumentos tecnológicos são apropriados visando a um aprofundamento da democracia; quais os riscos de criar um novo contingente de excluídos [...], passariam a se constituir nos excluídos digitalmente, colocados à margem da informação, desconectados da sociedade em rede”.

### 3 OS MÚLTIPLOS DESAFIOS ELENCADOS AOS PROFESSORES

*“O saber não nos torna melhores nem mais felizes.” Mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.*

Edgar Morin

Para garantir que os alunos pudessem continuar aprendendo e se desenvolvendo em casa, devido a primeira onda da covid-19, na pesquisa “Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do coronavírus (COVID-19) no Brasil”, desenvolvida pelo Instituto Península em 2020, em todas as regiões do Brasil, foi constatado que 7 em cada 10 professores haviam mudado muito ou totalmente suas rotinas diárias de trabalho e domésticas.

Durante o período pandêmico, eles ocuparam um papel fundamental não só para os alunos, mas também para a família destes estudantes, que passaram de algum modo, a acompanharem de perto a complexidade de lecionar, verificando, portanto, a importância do educador para a aprendizagem. “A rotina dos docentes passou a ser ocupada por mais atividades domésticas (66%), pelo trabalho em casa das atividades da escola (62%) e estudos (50%)”. (Instituto Península, p.11, 2020)

Ainda sobre a pesquisa é importante destacar alguns aspectos relacionadas às mudanças nos aspectos de vida, nos quais os dados apontam que a qualidade do sono foi bastante atingida, cerca de 66%, o condicionamento físico 75% e o estado emocional, cerca de 87% não estavam muito bem, confirmando que houve piora e que acabou interferindo substancialmente na sua qualidade de vida e desempenho no trabalho. (Instituto Península, p.11, 2020)

O debate sobre a conexão entre saúde e educação é anterior à pandemia, mas o contexto recente elevou a preocupação com a saúde mental de professores e estudantes. Em crise há muitos anos, a qualidade da profissão docente piorou com o rompimento das fronteiras entre a vida social e o trabalho. (Boson, p.2, 2022)

Os relatos são impressionantes, eles destacam o pico de estresse, a falta de concentração, o medo e o cansaço mental para lidar com a realidade, antes, inimaginável. Os aplicativos ganharam força, foi por meio deles que o processo de interação e comunicação encontrou uma brecha e, ao menos para alguns com acesso à internet funcionou. Humood et al. (2021, p. 249) admitem que “[...]apesar do grande avanço e benefícios que os telefones celulares promoveram no mundo, eles estão associados a várias condições físicas e psicossociais, como depressão, ansiedade, falta de atenção e desempenho ocupacional reduzido. O uso ilimitado e exagerado de telefones celulares ocasionou o surgimento de um novo transtorno psiquiátrico.

Após um longo período de pandemia, com perdas imensuráveis para todos os brasileiros, acolher estudantes, professores e a família torna-se missão da escola. Mais do que nunca, ela deve assumir um compromisso com o desenvolvimento socioemocional e se entender como uma instituição que também é promotora de saúde mental, no entanto, fica claro que é necessária uma rede de apoio da sociedade.

Morin (2021) afirma em uma de suas mais recentes obras que, a crise trazida pela pandemia trouxe à luz a relação de interdependência da humanidade e que o fenômeno é resultado de crises que, na verdade, já estava caminhando nas questões sociopolíticas-econômicas, ecológicas, nacionais e planetárias, sendo assim, nosso maior desafio está em levar a humanidade ao conhecimento de suas próprias realidades complexas, só é possível enfrentar aquilo que é conhecido.

Freire (2011) em sua *Pedagogia da Autonomia* fala da necessidade da curiosidade crítica, insatisfação e indocilidade como elementos necessários à defesa contra o “irracionalismo” decorrente do “racionalismo”, o indivíduo é vítima de si próprio, nosso tempo está altamente tecnologizado. “E não vai nesta consideração nenhuma arrancada falsamente humanista de negação da tecnologia e da ciência. Pelo contrário, é consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas, de outro, não a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa” (FREIRE, 2011, p.34).

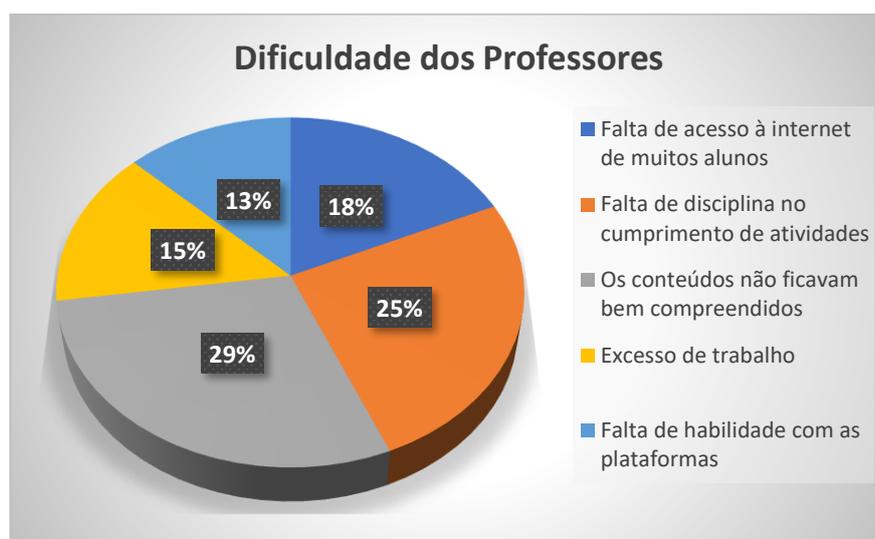
Antes da paralisação das aulas presenciais, 88% dos professores nunca tinham dado aula à distância de forma remota. Além disso, 83% declararam que não se sentiam preparados. Hoje, 94% dos professores reconhecem a importância da tecnologia para a aprendizagem. (Instituto Península, 2020)

Em Manacapuru, fica evidente nos discursos dos professores que a maior demanda identificada é por treinamento para ensinar à distância, seguido de apoio pedagógico para auxiliar os alunos em algumas atividades. Diante da difícil realidade destes tempos vividos, nada mais importante como ter o apoio psicológico-emocional, pois muitos traumas foram e são vividos, portanto, não se pode ficar alheio, uma vez que, isto interferirá diretamente no processo ensino-aprendizagem.

Passamos por problemas muito difíceis por conta da pandemia, embora tenha havido distanciamento, o trabalho não parou e houve a necessidade de conciliar responsabilidade, dor e sofrimento, num esforço tremendo para dar sequência social. Este esforço sem devido acompanhamento emocional, deixou muitas sequelas, o aspecto de stress individual, referindo-se aos sentimentos de esgotamento e fadiga emocional a que todos foram submetidos.

Pelo viés da complexidade, poderemos de alguma forma lançar diferentes olhares com base na realidade onde é possível aliar a dimensão científica e as dimensões epistemológicas e reflexivas. São muitas as dificuldades, aqui no caso, no contexto educativo, são de diversas ordens, as mais comuns identificadas pelos professores da escola referente às aulas remotas, por exemplo, foram:

Gráfico 9 - Percepção dos professores com relação às dificuldades nas aulas remotas



Fonte: A própria pesquisadora com base em aplicação de questionário de entrevista aos professores – 04/2021

O Projeto Aula em Casa foi implantado nas escolas da capital e do interior do Estado por meio de plataformas tecnológicas/digitais, o conteúdo programático gravado era

transmitido pelo canal estatal TV Encontro das Águas. Não obstante, a falta de professores teve que produzir videoaulas explicativas e a exposição da imagem pessoal emergiram como apontamentos relacionados como dificultosos pelos docentes. Para alguns, talvez, este trabalho foi prazeroso e desafiador, para outros, foi conflitante, exaustivo e estressante, pois não houve qualquer espécie de preparação, tendo assim, corroborado também para insegurança.

Nas escolas, os professores passaram a planejar estratégias para que os alunos tivessem acesso aos conteúdos, elaboraram materiais, inseriram-se em grupos de aplicativos para interagir com pais e alunos e, informaram como seriam os procedimentos para participação nas aulas *on line*, pela Tv e, específicas às escolas da zona rural onde os desafios foram bem mais superiores.

Os jovens, em alguns contextos tendem a adaptar-se com mais facilidade do que os adultos ao uso do computador, por já nascerem nessa nova cultura, a digital. Para Han (2019, p. 47) “A comunicação digital é uma comunicação pobre de olhar” e, sendo assim, o ensino à emergência da distância, encheu-se, de certa forma, de percalços que exigiram um esforço conjunto para minimizá-los. Han (2019, p.49) nos lembra ainda que “Passar o dedo pela touchscreen é um movimento que tem uma consequência na relação ao outro. Ele elimina aquela distância que constitui o outro em sua alteridade. [...] Descartamos o outro com o passar do dedo”.

É quase impossível pensar na existência humana, sem associar às suas fragilidades e precariedades, longe daquilo que é essencial e, principalmente, da aceitação da incerteza como uma característica imanente a ela. Morin (2021) busca em seus escritos demonstrar o quão é importante desmistificar o mito ocidental de homem como senhor e dono da Natureza, em função da urgência de uma consciência ecológica. O isolamento social, na pandemia permitiu, segundo o autor, a possibilidade de desintoxicação do ego e de práticas extremamente consumistas, a solidariedade, foi evidenciada em muitos locais e países.

Os serviços essenciais passaram a ser visualizados e até valorizados, mediante a diversidade na condução das medidas sanitárias de prevenção contra o coronavírus, as dificuldades demonstraram fragilidades nos sistemas, retrocessos, mas também trouxeram o desejo a abertura de novas possibilidades, pelo estímulo à imaginação e à criatividade

humana, isto ficou visível no sistema educacional que, migrando do atendimento presencial para o remoto, adequou seu processo de ensino e aprendizagem ao distanciamento social.

Dentro deste cenário, a escola investigada, tentou de alguma maneira se reinventar para tentar driblar as dificuldades trazidas com a pandemia, foram articulações realizadas por meio dos aparatos tecnológicos. Quem já dispunha do acesso seguiu sem muitos problemas, no entanto, quem não se utilizava dos meios virtuais para os fins educativos, teve que se adaptar com muita dificuldade e num esforço resiliente.

Na perspectiva do (a) professor (a) reflexivo (a) os saberes pedagógicos são construídos diariamente pelos docentes, por meio de suas experiências no cotidiano. Desta forma, pensar no processo ensino-aprendizagem em momentos tão difíceis quanto os da pandemia, exigiram um esforço muito maior, visto as situações adversas e das mudanças nas relações interpessoais fragilizadas de certa maneira pela adequação ao cenário do distanciamento.

Recorremos a Antunes (2006) e Freire (1996) para falar da afetividade humana como uma necessidade, ela não se expressa apenas pelo toque ou contato corpóreo, mas na possibilidade inerente e aberta à sensibilidade, aos movimentos assertivos, flexíveis e propícios ao desenvolvimento da resiliência coletiva. Machado *et al* (2015, p.4) enfatiza que:

O sujeito não nasce resiliente e nem a adquire naturalmente em seu desenvolvimento humano individual, isto significa que estar resiliente pode ser ensinado ao homem, afinal, [...] o estar resiliente possibilita a construção positiva no sistema psíquico humano, o fortalecendo, o estruturando e o tronando maturo, pronto para superar as adversidades.

Estar resiliente em meio às intempéries também pressupõe correr o risco de estar em risco consigo mesmo. A busca por um melhor desempenho diante de desafios que exigem, muitas vezes, um esforço enorme, pode levar à auto exploração e, principalmente, nesta era digital, em que somos levados a carregar o trabalho nas mãos como um depósito, acumulando, inclusive outras funções. “Dos smartphones, que prometem mais liberdade, parte uma coação fatal, a saber, uma coação da comunicação. Com isso se tem uma relação quase obsessiva, compulsória com o aparato digital” (HAN, 2019, p.65)

Com esta possibilidade de ligação, em muitos setores de trabalho, não há dia, hora ou lugar para falar de trabalho ou responsabilidade, isto gera uma sobrecarga emocional, que fragiliza o humano e desestabiliza o ser. Com a nova forma de organização, a jornada do professor passou a extrapolar a sua carga horária normal, uma vez que, o atendimento por aplicativos de mensagens, principalmente, o WhatsApp, frequentemente, exigiu uma disponibilidade muito maior para atendimento aos alunos, enquanto outros que não tinham conexão passaram a receber outra espécie de retorno.

A vulnerabilidade social já era existente, mas ficou ainda mais evidente, mediante, exposição no período da pandemia e não afetou apenas o ensino-aprendizagem dos alunos em decorrência da falta de recursos tecnológicos, mas em algumas situações, a dificuldade de muitas famílias na falta de alimentação de qualidade também foi um fator importante para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Com as escolas fechadas e a crise econômica do país, a insegurança alimentar foi um os fatores de disparidade social.

A transformação do local de descanso em um espaço de trabalho e a nova rotina de uso excessivo de computador e de celular, contribuiu para o aumento do esgotamento mental. Professor x: “Não consegui desligar e nem separar, na sala de casa tive que montar um espaço de trabalho”; Professor y: “Sinceramente, na pandemia, eu perdi total, o sentido de horário de trabalho, mas com certeza, trabalhei mais do que poderia, isso foi bem desgastante psiquicamente, passei a tomar medicação para ansiedade, não conseguia dormir direito, pois queria abraçar o mundo”.

A impotência diante das precárias condições de trabalho a que foram e estão submetidos, a ausência de muitos alunos no ensino remoto por conta de vários fatores, o fato de não possuírem equipamentos ou mesmo acesso à internet são exemplos do aumento da jornada de trabalho dos professores, principalmente, os lotados em escolas da zona rural.

Alguns pais tiveram que fazer um esforço muito grande para além de adquirirem celulares, contratarem pacotes de internet por preços muito caros para poucos Megabyte (unidade de medida de informação). “[...] na sociedade complexa contemporânea, em que o acesso se constitui em direito fundamental, cada cidadão deve ter o direito de não ser excluído do uso ou benefício dos recursos produtivos acumulados de toda a sociedade” (OLIVO, 2004, p.198)

Imagem 20 - Professores fazendo entrega de apostilas com conteúdo didático



Fonte: Cedida pela Gestora da Escola Nossa Senhora do Rosário - Zona Rural de Manacapuru-Am/ 2020

Não obstante, pelas redes sociais virtuais se espalharam notícias diariamente de mortes de parentes, alunos, colegas professores e demais vítimas do vírus Sars-Covid. Como atenuante, fica em registro que o município de Manacapuru liderou em número de mortes por covid-19 no ano de 2020 (liderando até 08/07/2022) com índices maiores até que os estados de Roraima, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Acre. Atualmente, lidera no ranking de óbitos no Estado do Amazonas, ficando em primeiro lugar dentre todos os outros 61 municípios, com 417 mortes, segundo dados obtidos na Fundação de Vigilância em Saúde (FVS-AM -07/07/2022).

Todos estes dados são importantes para nos ajudarem a desvelar o contexto com o qual a educação em meio a pandemia se constituiu. Ao dialogarmos com professores e alunos sobre suas atividades em 2020, aflorou em todos os depoimentos, a emoção e revelou-se um sentimento de pesar pela partida de tantos próximos ou não que se foram, vítimas do vírus mortal.

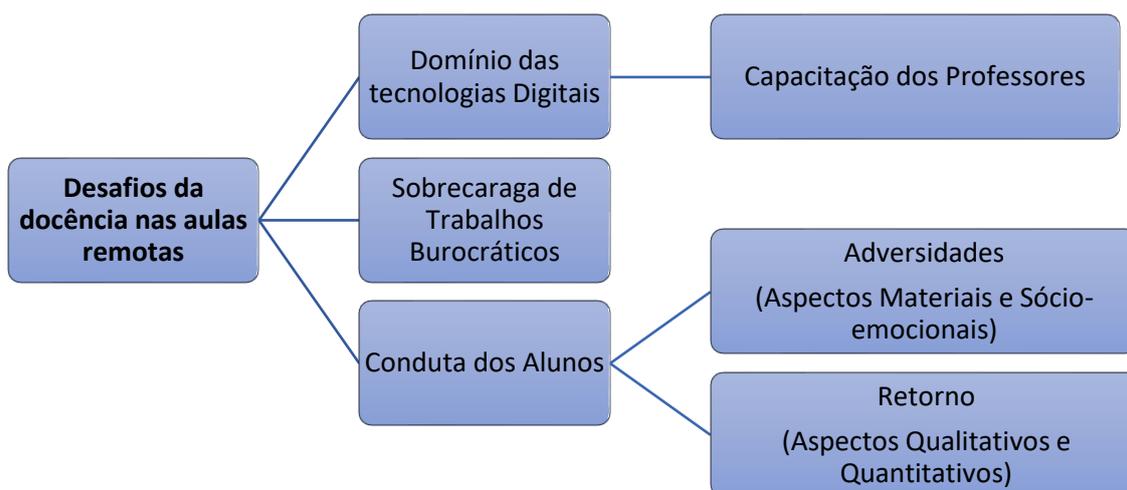
E aí, nos questionamos sobre o ambiente em que se constrói conhecimento, pelo qual entendemos que deve ser sobretudo, favorável à aprendizagem e, visto desta forma, nos questionamos não só sobre as questões materiais, mas pelas questões emocionais diante dessa realidade atual vivida. Morin (2003, p.15) declara que: “o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, histórico e social”, desvencilhar-se disto é irreal.

Bauman (2005, p.95) fez uma analogia respeito das mudanças globais e, de fato que, sua afirmativa encaixa como luva “Todos nós dependemos uns dos outros, e a única escolha que temos é entre garantir mutuamente a vulnerabilidade de todos e garantir mutuamente a nossa segurança comum. Curto e grosso: ou nadamos juntos ou afundamos juntos”. A vivência na pandemia, trouxe para muitas pessoas, o “voltar para si e para o mundo”, refletir sobre o quão frágil é a existência humana, foi imperativo, pois o medo foi exalado no ar, ao menos, é o que se sabe de pessoas que com sensatez, ouviu o que os estudos da ciência tinham a dizer, apesar de tudo ter sido inédito.

Estamos vivendo novos tempos, em uma sociedade que, embora com ranços do passado, já se organiza de maneira inteiramente diferente e nova, passamos a viver em períodos, infelizmente, onde a sobrecarga se mostra eficiente. “A liberdade da mobilidade se inverte na coação fatal de ter de trabalhar em todo lugar” (HAN, 2018, p.65)

Lèvy (2015, p.212) visualiza o tempo atual como não linear, mas de forma múltipla e em espiral, coexistindo em meio a turbilhões “[...] Talvez não sejamos pós-moderno, talvez não vivamos depois, mas antes da história, enquanto todas as durações estão ainda mescladas, momento fabuloso, fonte de uma história futura que ainda não começou [...] O tempo é uma criança que joga dados”.

Smart Art 4 - Conjunto Categorical de Estudo



Fonte: Pesquisadora com base em respostas obtidas em questionário aplicado/ nov-2020

Ficaram evidentes as estratégias para diminuir os impactos causados pela pandemia na educação com a inserção das aulas remotas, o caminho percorrido até aqui é

muito válido, mas as lacunas por conta do ambiente desfavorável à aprendizagem urgem por ações mais eficientes que possam ajudar a recuperar o tempo perdido, que se diga de passagem, independeu da vontade da comunidade escolar, mas por motivo de força maior.

#### **4 A DESIGUALDADE QUE DEMARCA A FALTA DE ACESSO**

Notadamente, existe um mal-estar causado pelo crescimento exponencial da desigualdade social e da ausência de integração democrática dos menos abastados no Brasil, são problemas crônicos e endêmicos, intensificados pela existência de disparidades econômico-sociais no país. E, sobre isto, em sua premiada tese “A Desigualdade Vista do Topo: a concentração de renda entre os ricos no Brasil (1926-2013)”, Pedro Souza (2016) enfatiza que embora a desigualdade seja um grande problema e, evidentemente, seja um dos maiores problemas sociais a resolver, é preciso que se lance um olhar de forma ampla sobre a realidade complexa, pois a realidade desigual “é tão desigual” justamente, porque a renda está concentrada no topo, e não porque apenas pressupõe-se que existe uma camada que esteve sempre atrás e que não teve o “privilégio” de chegar.

Há uma assimetria de poder nas relações, geradas pela somatória de diferentes fatores, meticulosamente arquitetados, para manter à margem da democracia, parcela considerável da população que passa a experimentar a democracia em baixa escala, submissos aos poderes a que estão atrelados, corroborando com o movimento de subordinação à dominação.

É importante salientar que a disparidade de renda leva a uma desigualdade também no acesso ao poder e à capacidade de influenciar a agenda do país, ou seja, aos que estão fora do “topo”. A corrida por mais riqueza e poder toma conta do sistema capitalista moderno, neste jogo político e financeiro, falta a razão e a noção de busca pela promoção da igualdade social, enquanto isso, se confunde a busca dos Estados-nação por maior poder econômico, como fator determinante para resolução de todas as mazelas, ocorre que neste interim, “quem tem dinheiro faz dinheiro” quem não tem, vive com o que é delegado justo ou injustamente.

La multiculturalidad Y sus diferencias se conforman ahora no sólo por la convivencia y el conflicto de tradiciones históricas diversas dentro de cada nación, sino debido a la estratificación engendrada por el desigual acceso de los países, y de los sectores internos de cada sociedad, a los médios avanzados de comunicación. La desigualdade entre nación centrales y periféricas, asi como entre los estratos económicos y educativos dentro de cada una, engendran nuevas injusticias (Canclini, 1997, p.123).

Souza (2016), em seu trabalho argumenta ainda que a democracia não é garantia de queda da desigualdade, porém é certo que sem ela a disparidade aumenta movimentos da ditadura alardeada nas redes sociais digitais como saída para as grandes mazelas do país. “A história da desigualdade é sinuosa. Hoje, as narrativas benignas que cativaram o mundo desenvolvido cerca de meio século atrás já não têm mais espaço”. (SOUZA, 2016, p.327)

Torna-se fundamental, portanto, analisar os eventos dos últimos anos, pelo mundo todo e, especialmente no Brasil, é o que destaca Mounk e outros autores (2019) na obra “O povo contra a democracia”, existe bem latente uma ameaça contra a democracia, isto fica evidenciado no crescente movimento populista, atacando abertamente as instituições democráticas como escolas e universidades.

A exemplo, citamos a entrevista dada à TV Brasil (08/2021), pelo ex Ministro da Educação Milton Ribeiro, ministro até 29/03/2022, quando pediu exoneração do cargo, ele afirmou que a “universidade deveria, na verdade, ser para poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade. Ele defendeu que as verdadeiras "vedetes" (protagonistas) do futuro são os institutos federais, capazes de formar técnicos”. Não que não sejam importantes os cursos técnicos, mas na verdade, há no discurso dele, uma forma velada para enfraquecer as universidades e a democratização do ensino.

As eleições nos Estados Unidos e no Brasil exemplificam um movimento, marcado pelo autoritarismo de Donald Trump e Jair Bolsonaro, este último, cometendo a afronta, a ponto de elogiar a ditadura militar que dominou o país por cruéis décadas, se colocando em posição direta de colisão com os anseios democráticos, o que clarificou para muitos brasileiros a ideia de que a democracia no país corre um sério perigo, principalmente com a corrida frenética para enfraquecer a Educação.

Sendo assim, algumas lições são exemplificadas na obra Mounk (2019) para que a oposição possa combater a expansão de governos autoritários: a) é preciso uma tomada de decisões urgentes e conscientes, considerando que o adversário não pode em hipótese nenhuma ser subestimado e menosprezado; b) que ele tem um poder constituído sobre as instituições; c) que é preciso manter espírito coletivo e desconsiderar diferenças político-partidárias e, acima de tudo ter uma visão otimista sobre o futuro do país com projetos exequíveis e de acordo com a realidade da população.

Defender os princípios de liberdade é um dever, ter voz nas decisões é assegurar que os ricos e poderosos não possam passar por cima dos direitos dos desfavorecidos, não por pertencerem a um grupo particular, mas por serem cidadãos que necessitam fundamentalmente, de melhora educacional, geração de empregos muito forte, valorização do salário-mínimo, avanço das transferências sociais, entre outros, fatores citados por Souza (2016).

Han (2018) afirma que a democratização das sociedades constitui um processo histórico, que se dá por meio de construções, por isso sempre se apresenta inacabado, pois diante da realidade, há necessidade de extensão dos direitos e das liberdades, que se encontram ameaçados. “Que tipo de política, que tipo de democracia seria pensável hoje, haja vista a esfera pública em desvanecimento [...]?” (HAN, 2018, p. 113). Conforme Torres (2002, p.63):

A liberdade é um valor estruturante do ser, assim como o poder é uma ação que permite ao indivíduo expressar-se livremente. Ser livre é uma proposta de vir-a-ser, na medida em que corresponde a uma perspectiva futura de uma categoria em realização. É a política que se coloca como uma área de possibilidade da liberdade. Por isso, a liberdade não deve ser vista como um conceito abstrato e/ou um ente que se baste a si próprio; ela é conduzida por sujeitos concretos que têm vontades, desejos, que fazem escolhas e se auto-superam.

Diante do que foi exposto, fica evidente a relação imbricada entre democracia, cidadania e desigualdade social. Em um país democrático, o governo é do povo e para o povo, tem como direito instituir a coisa pública, portanto a democracia não possui um fim em si mesma, mas um instrumento de realização de valores essenciais de convivência humana, que

se funda nos direitos fundamentais do homem e, que portanto, precisa direcionar o Estado para a superação das desigualdades sociais realizando, por fim, a justiça social. “É evidentemente pela consciência que, diferenciando-se dos outros animais, o ser humano pode, sob certas condições e ocasiões, às vezes, decisivas, manifestar sua liberdade” ( Morin, 2021, p. 286)

No que diz respeito à democratização do acesso à educação e aos novos moldes direcionados por conta do isolamento social, verifica-se uma disparidade, como exemplo, os dados obtidos por meio do CGI.br – Comitê Gestor da Internet no Brasil e do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, onde a pesquisa realizada a nível nacional no ano de 2019, detalha os desafios para conectividade entre os alunos e professores.

A partir da presença de computador ou outros dispositivos de acesso à internet nos domicílios, bem como o desenvolvimento de habilidades digitais dos estudantes e professores é muito alto, segundo estatística: “O Brasil conta com 134 milhões de usuários de Internet, o que representa 74% da população com 10 anos ou mais. Apesar do aumento significativo nos últimos anos na proporção da população brasileira que usa a Internet, cerca de um quarto dos indivíduos (47 milhões de pessoas) seguem desconectados”. (Cetic.br, 2019)

A disparidade ainda é maior em cidades das regiões Norte e Nordeste e, especificamente, falando do Amazonas apesar da luta para dominar a natureza, pelos dispositivos culturais e tecnológicos ao longo dos séculos, constatamos que a força do meio se dá sempre de forma imperiosa. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dispõe que, “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996).

O direito de não ser excluído – o direito de acesso – torna-se mais importante em um mundo cada vez mais formado de redes sociais e comerciais mediadas eletronicamente. À medida que uma parte maior das comunicações entre as pessoas, bem como da experiência vivida, acontece nos mundos virtuais do ciberespaço, as questões de acesso se tornarão fundamentais e o direito de não ser excluído se tornará essencial. (OLIVO, 2004, p.198)

Vale salientar que até 2014, no Amazonas, quase a metade dos domicílios não tinha acesso à internet, o dado é um dos indicadores do suplemento de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2019, os dados apresentados dão conta de que os estados da Região Norte, dentre eles, o Amazonas (19,6%), Acre (30,6%) e Pará (11,1%), são os que possuem os maiores percentuais de dificuldade de acesso à internet por conta de serviços indisponíveis, de acordo com PNAD.

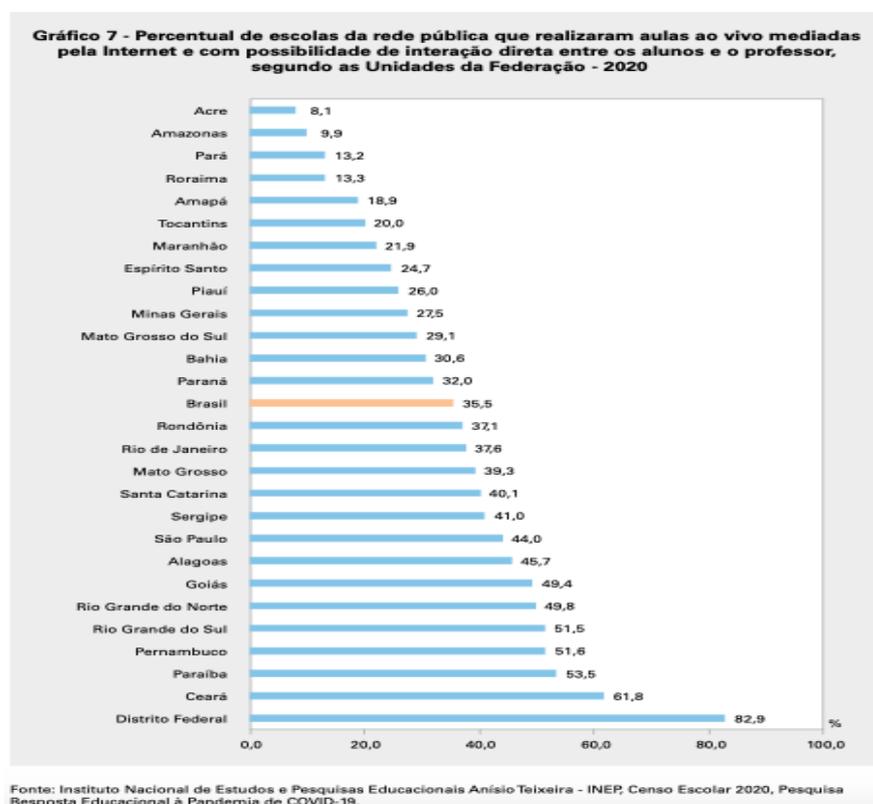
Apesar desta realidade, existe uma crescente, segundo pesquisas mais recentes de diferentes institutos como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios - PNAD, entre outros, a população brasileira está cada vez mais conectada. De acordo com o levantamento, 82,7% dos domicílios nacionais possuem acesso à internet, um aumento de 3,6 pontos percentuais em relação a 2018. O percentual de domicílios conectados saltou de 49,2%, em 2018, para 55,6%, em 2019, o que corresponde a um aumento de 6,4 pontos percentuais. Nos domicílios urbanos, a utilização da internet subiu de 83,8%, em 2018, para 86,7%, em 2019. (dados publicados em abril de 2021)

A exclusão escolar atingiu sobretudo crianças de faixas etárias em que o acesso à escola não era mais um desafio. Dos 5,1 milhões de meninas e meninos sem acesso à educação no Brasil em novembro de 2020, 41% tinham de 6 a 10 anos de idade; 27,8% tinham de 11 a 14 anos; e 31,2% tinham de 15 a 17 anos – faixa etária que era a mais excluída antes da pandemia.

No Amazonas, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, só uma em cada dez escolas públicas da educação básica, promoveram aulas ao vivo mediadas pela Internet e com possibilidade de interação direta entre professor e alunos, em novembro de 2020, quando estavam fechadas em consequência da pandemia de Covid—19.

De forma bem desigual, o percentual de escolas nas Unidades da Federação que adotaram aulas síncronas pela Internet com interação apresentou grande variação, especialmente na rede pública. Acre, Amazonas e Pará tiveram o menor percentual dessa adoção pelas escolas da rede pública: 8,1%, 9,9% e 13,2%, respectivamente.

Gráfico 10 - Gráfico do Inep – Percentual de escolas públicas do Brasil que realizaram aulas ao vivo mediadas -2020



Em abril de 2021, o Jornal Acritica-Am, apresentou em sua edição um estudo sobre o “ Cenário da Exclusão Escolar no Brasil – um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação”, lançado pelo UNICEF, em parceria com o Cenpec Educação. Com a necessidade do distanciamento, as escolas tiveram que fechar as portas, em novembro de 2020, quase 1,5 milhão de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos não frequentavam a escola (remota ou presencialmente).

A eles, somam-se outros 3,7 milhões que estavam matriculados, mas não tiveram acesso às atividades escolares e, portanto, não conseguiram se manter aprendendo em casa. Foram aproximadamente 5,1 milhões de alunos, 13,9% das meninas e dos meninos de 6 a 17 anos do País. No Amazonas, foram aproximadamente 300 mil (32%), um dado bastante significativo e que precisa ser levado em consideração no momento de planejamento de ações para mitigar impactos.

Um estudo divulgado no início de 2022 pela ONG “Todos pela Educação”, com base na PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostras de domicílios) do IBGE, apontou um

impacto brutal causado pela pandemia da Covid-19 em que, a falta de acesso ao ensino à distância, contribuiu para que o Brasil batesse o recorde de crianças de 6 e 7 anos que não foram alfabetizadas, com maioria sendo para crianças pobres, pretas e pardas.

No Amazonas, a dimensão geográfica situa-se como um dos grandes desafios à popularização do uso das tecnologias em rede, além das desigualdades que impedem o acesso às novas tecnologias. O estado possui 62 municípios e, na grande maioria dos casos, o acesso às localidades só é possível por via fluvial, a distância entre um lugar e outro é muito significativa.

Por conta disto, políticas públicas têm sido implantadas no sentido de diminuir a exclusão do acesso às redes digitais, como fato, evidencia-se o acordo entre a Telebrás e o Governo do Amazonas para o uso de fibras ópticas do gasoduto Urucu-Coari-Manaus - cujo uso foi cedido pela Petrobrás - para garantir acesso à Internet a sete municípios do interior do estado cobertos por esse trecho de aproximadamente 600 km: Coari, Codajás, Caapiranga, Anamã, Anori, Manacapuru e Novo Airão, gerando, através da PRODAM, a implantação do sistema eletrônico para “iluminar” as fibras, além de 300 pontos de conexão, viabilizando cidades digitais na região.

Apesar de todas essas adversidades, a escola investigada, está inserida no Sistema de Ensino Estadual do Amazonas, no interior do estado e, assim como ela, muitas outras escolas, nos últimos anos, recebeu implantação de programas e projetos relacionados às tecnologias educacionais, são investimentos para modernizar as escolas e com formações complementares para que professores possam atuar em sala de aula. De acordo com o sistema de informação da SEDUC/Am, desde 2013, a Secretaria, realizou o repasse de 17.650 tablets para professores e aproximadamente 55 mil tabletes foram repassados aos alunos do 3º ano do Ensino Médio para uso pedagógico no espaço escolar, a ideia é de que:

Com o recurso tecnológico, os professores poderão trabalhar com gráficos, acessar enciclopédias com imagens em 3D, visualizar experimentos e assim, preparar aulas fazendo uso de recursos audiovisuais para auxiliar a fixação dos conteúdos. Além dos tablets, todos os professores da rede estadual (e também das redes municipais do interior do Amazonas) também já receberam notebooks para auxiliar suas atividades pedagógicas. O investimento se reflete também em outras tecnologias, como a implantação do “Data-Center” que levará internet de alta qualidade para escolas do interior. (Secretaria de Educação e Desporto – 03/2022)

Muito destes equipamentos, já nem existem mais, todavia a criação de políticas públicas para mitigação da falta de acesso, corrobora para que alguns aspectos nos sistemas de ensino sejam melhorados. Na verdade, a somatória de esforços das mais diferentes esferas pode ser um caminho viável para minimizar os impactos sobre a excepcional situação em se encontra a educação básica pública.

No Amazonas, por exemplo, Tribunal de Contas do Estado emitiu uma Nota Técnica nº01/2022- DEAE/SECEX (03/2022) com intuito de dispor sobre recomendação aos jurisdicionados visando à mitigação dos efeitos negativos na Educação Básica Pública, ocasionados em decorrência da pandemia de covid-19 e, para constar, apontamos a Nota Técnica na íntegra, pois ele RECOMENDA que adotem algumas medidas de acordo com os seguintes critérios:

- ✓ Busca ativa de crianças e adolescentes em situação de abandono ou evasão, especialmente quanto aos mais vulneráveis dos pontos de vista social e econômico, inclusive com a observância da campanha “Fora da Escola Não Pode”<sup>1</sup> e da Cartilha “Todos na Escola”<sup>2</sup>, devendo desenvolver estratégias eficazes para imediata inserção ou reinserção desses meninos e meninas ao ambiente escolar, ali permanecendo e aprendendo;
- ✓ Melhoria da Infraestrutura das unidades escolares, incluindo condições de acolhimento, acessibilidade e segurança, abastecimento de água potável e redes de esgoto, espaços de convivência e recreação e efetiva implementação dos protocolos sanitários;
- ✓ Alimentação escolar saudável e suficiente, capaz de viabilizar o pleno e efetivo atendimento das necessidades nutricionais, independentemente de as atividades escolares serem desenvolvidas em modo presencial, híbrido ou remoto;
- ✓ Transporte escolar seguro e regular, permitindo o retorno presencial dos estudantes às atividades em sala de aula;
- ✓ Acesso de qualidade à internet por alunos e alunas, em especial daqueles com menor nível socioeconômico, seja para assegurar o seu direito à educação, no caso de aulas em formato híbrido ou remoto, seja como recurso pedagógico para recomposição da aprendizagem;
- ✓ Vacinação das crianças de 5 a 11 anos, visando à sua proteção integral e contribuindo para a retomada segura das aulas presenciais.

As recomendações propostas tendem a impulsionar os resultados da política pública educacional e colaborar com o alcance dos indicadores nacionais estabelecidos no Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014), mesmo como as dificuldades do período pandêmico. Desta feita, é de bom alvitre que os gestores públicos amazonenses envidem o esforço necessário, à medida de suas possibilidades, com vistas a implementação das recomendações tratadas na presente nota técnica.

Sendo assim, sigamos adiante, refletindo sobre a escola, seu espaço de construção diante da realidade nevrálgica de tantas mudanças, com uma parcela significativa de profissionais com dificuldades para utilizar os recursos tecnológicos, mesmo os que estão voltados para fins educativos, conhecidos como Tecnologia Educacional, tornando-se, portanto, um desafio em meio ao déficit causado pela paralização das aulas.

Nada menos que uma “revolução cultural” pode funcionar. Embora os poderes do atual sistema educacional pareçam limitados, e ele próprio seja cada vez mais submetido ao jogo consumista, ainda tem poderes de transformações suficientes para ser considerado um dos fatores promissores para essa revolução. (BAUMAN, 2013, p.31)

Para Lèvy (2015) existe uma necessidade urgente em criar formas para garantir acessibilidade a todos, para que assim, os coletivos inteligentes <sup>41</sup>possam desenvolver-se nesta época de transformações contínuas e rápidas, ele diz que: “[...] Mesmo que não nos movêssemos, o mundo mudaria à nossa volta. Ora, nós nos movemos. E o conjunto caótico de nossas respostas produz a transformação geral”.

Ele segue ainda afirmando, “Os instrumentos da comunicação e do pensamento coletivo não. serão reinventados sem que se reinvente a democracia, uma democracia distribuída por toda a parte, ativa, molecular”, (Idem, 2015, p.15) “Cada época possui suas enfermidades” assim, Byung-Chul-Han em sua obra a *Sociedade do Cansaço* (2015) define as

---

<sup>41</sup> De acordo com Pierre Lévy (2015) o coletivo inteligente é o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, uma inteligência distribuída por toda parte. “Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade (p.29) In. LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço; Trad. Luiz P. Rouanet. 10.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015

“mazelas” da contemporaneidade, aqui fazemos uma ressalva, visto que, até então, o autor não cogitava que neste século XXI poderíamos viver, na perspectiva patológica, uma época viral, como a pandemia da Covid-19.

Em seus argumentos, ele destaca apenas, o aspecto neuronal, por conta dos altos índices de doenças de distúrbios como a depressão, déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (Tdha), Síndrome de Burnout (SB), entre outras que se destacaram ainda no início do século XX.

É violência que acontece não só pelos aspectos negativados, de não reconhecer o outro ou estranho, mas do igual também, causado pelo excesso de positividade sendo cobrados e introjetados por diferentes veículos. Baudrillard (1992) in Byung-Chul-Han (2015, p. 15), reforça que, “A comunicação generalizada e a superinformação ameaçam todas as forças humanas de defesa”.

Nesta corrida frenética, vimos surgir no século XXI, a “sociedade do desempenho” a busca pela eficiência, que acaba se desvinculando do modo disciplinado e o poder passa ser ilimitado, num movimento rápido que conduz a busca pela perfeição, onde no inconsciente já emerge o desejo de “maximizar a produção”, a pressão de desempenho acaba por conduzir o indivíduo a um estado de “infarto psíquico”, causando depressão e outros males também causados pelo cansaço e excesso de positividade.

## **TIMELINE IV – O IMAGINÁRIO HÍBRIDO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS RECONTADO ALEGORICAMENTE NA LENDA DA VITÓRIA RÉGIA**

*Não existe uma visão científica única, assim como não há uma visão poética única. A ciência é um mosaico de visões parciais e conflitantes.*

Freeman Dyson

*Inspirar-me no princípio das nascentes últimas das ciências para falar do sujeito exige, sine qua non, evocação da razão, enquanto a torre de marfim que se ergueu na modernidade nos instala na vida e no pensar.*

Iraíldes Caldas Torres

### **1 O SABER LENDÁRIO COMO UM ELO CULTURAL DA IDENTIDADE**

Fazer analogia do tempo presente em que a internet desponta como uma espécie de contágio viral da humanidade, relacionar o fenômeno das redes sociais digitais à uma narrativa contida no imaginário popular e, aqui nos referimos à Lenda da Vitória Régia, de origem indígena Tupi-guarani, talvez seja pura pretensão, ou de outro modo, um desafio, justamente, por ter sido instigada por Janine Ribeiro (1999) a refletir que “Não há pior inimigo do conhecimento do que a terra firme”, por isso, enveredar por trilhas desconhecidas é uma necessidade às produções acadêmicas e, com este pensamento, buscamos fazer uma inversão para a humanização dos encantados.

Neste capítulo, poderia até ter optado pelo Mito de Narciso, pois a trágica história grega do belo homem que se encanta por sua beleza, de fato, traz uma importante representação da vaidade humana e da sedução, portanto, ilustra tão bem o que buscamos abordar neste enredo. Todavia a realidade nos aproxima de conceitos bem articulados com nossos referenciais identitários, cuja responsabilidade racional da mente é acompanhada de afetividade e, portanto, justifica a motivação e o deleite da dor ao “parir” estes escritos.

As lendas são histórias sem autoria conhecida, elas foram criadas por povos de diferentes lugares e épocas para explicar fatos, fenômenos da natureza ou causos que trazem em seu bojo os seres fantásticos. “De origem indígena ou cabocla, as lendas amazônicas estão na voz dos habitantes da região, vivas e presentes, porque se trata da voz da terra, a voz fraternal das comunidades que, reunidas em círculos familiares, buscam preservar as histórias” (BARROS, 2013, p.35)

Há grande importância no saber mítico lendário da região amazônica, ter consciência de sua contribuição para o saber cultural, pressupõe esforço em buscar elementos nas questões históricas, antropológicas, psicológicas, enfim, “[...] o valor do mítico lendário não fica engessado ao passado ele traz sua marca no atual, naquilo que se constrói hoje como saber.” (CAPUCHU, 2009, p.8)

O “manancial do lendário amazônico” é por si, uma grande riqueza, a ousadia em torno do resgate e continuidade é primordial para o processo de reconhecimento do sujeito amazônico em sua singularidade, em sua força diferenciada, em suas matrizes geracionais, com cicatrizes marcadas por dinamismo e sincretismos singulares, por tantos silêncios e ausências que contribuíram para invisibilidade ou deturpações pela falta do reconhecimento de tantas ambiguidades. Conforme Fraxe et.al (2009, p.30), “Ainda que reproduzam manifestações ditas tradicionais em suas vidas cotidianas, não podemos afirmar que esses grupos sociais não estejam inseridos em um processo progressivo de diferenciação e transformação”.

A sociedade é controlada por símbolos ou pela constelação de símbolos que emolduram a ordem social por força de sua ação mediadora. Eles vivem no imaginário social e são portadores de força simbólica suficientes para conectar indivíduos em rede de relações e vínculos, envolvendo sentimentos de pertencimento e sentidos identitários, unificados pela imagem simbólica e seus valores subjacentes. (OLIVEIRA, 2019, p.2)

Qual sentido discutir a construção de identidades a partir de saberes lendários e/ ou outras linguagens? Morin (2012) ao dar continuidade em sua obra o Método - *A humanidade da humanidade: a identidade humana*”, deixa evidenciado, que existem muitas possibilidades para que o indivíduo encontre nas mensagens a profundidade do seu ser. Ela pode ser

encontrada por meio da literatura, da poesia, da música, pintura e outras que, além das ciências, iluminam por seus “ângulos específicos” o fenômeno humano. No entanto, “[...] esses focos de luz estão separados por profundezas zonas de sombra, e a unidade complexa da nossa identidade escapa-nos” (2012, p. 16)

O espírito humano se abre ao mundo. A abertura ao mundo revela-se pela curiosidade, pelo questionamento, pela exploração, pela investigação, pela paixão de conhecer. Manifesta-se pela estética, pela emoção, pela sensibilidade, pelo encantamento diante do nascer e do pôr do sol, da lua, da avalanche das ondas, das nuvens, das montanhas, dos abismos, da beleza dos enfeites naturais e dos animais, do canto dos pássaros; e essas emoções vivas estimularão a cantar, desenhar, pintar. Incita a todos os começos. (MORIN, 2012, p.40)

Morin (2012) segue dizendo que a técnica possui relevância para a humanidade, tão importante quanto ela, está “[...]a criação de um universo imaginário e a multiplicação fabulosa dos mitos, crenças, religiões [...]” (2012. p. 42). “A magia é uma atividade operatória que age sobre o universo empírico a partir do universo simbólico” (2012, p.43).

O autor conduz seus argumentos para demonstrar que a magia é universal e ela não se limita às civilizações antigas, mas persiste mesmo que de forma “atrofiada” na contemporaneidade e experimenta até mesmo “recrudescimento” e, sendo assim, por meio deste viés imaginário passamos a retratar a ideia atual do “feitiço” propiciado por meio da internet, cujo ritual mergulha na “[...] sedução, ritos de comunicação, submissão, ritos de comportamento, entre outros que se perpetuam em hábitos” (MORIN, 2012, p.45).

Recontar a Lenda da Vitória Régia dentro de uma narrativa que concebe e sustenta a ideia de que os povos da Amazônia não estão isolados no tempo e no espaço e, que ao contrário estabelecem relações de trocas entre si e o mundo em escala global, é a chave de abertura para escrever com liberdade e visão estética de mundo, que para além da realidade, envolve não apenas a expressão artística de uma estrutura de linguagem, mas criadora e original da condição humana.

Existem elos que nos conduzem à ilustração de aspectos e signos identitários, dentre eles, Lèvy (2015, p.133) destaca que o *nome* marca a identidade, “A definição de um indivíduo por sua participação no clã, na linhagem, o antiquíssimo sistema de filiação [...]. Os

ascendentes de um ser humano são ancestrais míticos, heróis, deuses, animais, plantas, todo tipo de identidades totêmicas, arquetípicas ou elementares”. Esses aspectos podem ser representados de diferentes maneiras e a arte é um destino certo para àqueles que têm o olhar sensível.

A arte é por si um símbolo que comunica verdades, cabendo a quem produz ou aprecia fazer a apropriação sensível de significações, sendo assim, através da narrativa Dantas (2017, p.171) afirma que “[...] Por ter uma tradição não ritualística, a lenda está desvinculada de uma transmissão iniciática, ou seja, em qualquer tempo e/ou em qualquer lugar, de modo espontâneo, pode se ter acesso a essas histórias, a fim de que prevaleça algum ensinamento”.

Trago à tona estas breves anotações para intensificar de alguma maneira que, a cultura e a tradição também são concebidas a partir de relações sociais marcadas pela reciprocidade, os saberes tradicionais associados e compartilhados são fortes elementos para um processo de ressignificação, reconhecimento e valorização do que foi, é e o que pode vir a ser.

Então, para compor nossa viagem entendida como alegórica, uma vez que expande o significado dos termos e busca transmitir um ou mais sentidos além do literal, resgatamos preliminarmente a afirmação científica de Rosa-Osman (2011) de que a “vitória-régia” (*Victoria Amazonica*), é uma planta aquática, fixa, com folhas flutuantes, originária da região da Bacia do Rio Amazonas, sua denominação “Victoria” foi atribuída por Lindley (1837) em homenagem à Rainha Victoria da Inglaterra, então, pelo viés imaginário, a partir daqui, passamos a ressignificá-la de algum modo, de algum jeito.

## **2 VITÓRIA- RÉGIA, A LENDA**

A lenda da Vitória Régia retrata a história de Naiá, uma moça indígena de beleza exuberante, que costumava ficar perdida em seus pensamentos, encantava-se com as histórias contadas pelos mais velhos de sua tribo, dentre as quais, a de Jaci, a Lua. Lua é luz, é reflexo, é brilho forte que não se pode mirar de perto porque talvez queime a retina dos olhos.

Imagem 21 - Naiá



Fonte: <https://pm1.narvii.com/6973/>

Nos contos dos caciques e pajés, Jaci costumava descer à Terra para buscar uma virgem bonita, ele a transformava em estrela para lhe fazer companhia e, já tinha buscado tantas, que era por isso, que o céu era todo estrelado. Embaladas pelo desejo de serem estrelas, todas as moças da tribo queriam brilhar ao lado de Jaci.

Durante o dia, bravos guerreiros cortejavam Naiá, mas ela os ignorava, contava as horas para que o sol se pusesse, pois a noite era sua companheira. Todas as noites, ela saía de sua maloca com o intuito de ser observada por Jaci, porém, para sua tristeza, ela nem era notada. A moça não dormia mais porque passava as noites andando na tentativa de despertar a atenção da divindade, Jaci.

Imagem 22 - Naiá encanta-se por Jaci, a Lua



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/lenda-da-vitoria-regia/>

Naiá subia nas árvores e ficava a observar a lua, tinha o pensamento que um dia iria poder tocá-la, tentativas sem sucesso. Desolada, aproximou-se de um lago para chorar de tanta tristeza e, de repente, ao olhar para o Lago, viu a figura da Lua refletida em suas águas e pensou que Jaci tinha se compadecido e descido do céu para buscá-la.

Imagem 23- Naiá vê o brilho da Lua nas águas



Fonte: <https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Jaci>

Vendo a Lua tão perto, Naiá se jogou na água para tocá-la, mas o reflexo se desfez e a pobre moça morreu afogada. Jaci, diante do sacrifício da bela jovem, resolveu transformá-la em uma estrela diferente daquelas que brilhavam no céu, uma majestosa planta aquática chamada Vitória Régia.

*(Adaptações da pesquisadora)*

## 2.1 Vitória-Régia, a alegoria

A opção pela lenda da Vitória Régia é oriunda do encontro com as ideias de **paixão, sedução, encantamento e “tragédia”** onde sugestivamente, a retratamos, associando a realidade contemporânea em que crianças e adolescentes se entrelaçam às tecnologias digitais e demonstram significativas mudanças comportamentais, abrindo caminhos para perspectivas realistas de alteração identitária. É o que afirma Bauman (2005, p.91), “A construção de identidade assume, portanto, formas de experimentações infundáveis. Os experimentos jamais terminam”.

A recriação deste novo cenário se dá pelo viés daquilo que vemos e não damos conta, por enquanto, de explicar, mas que sabemos como externar ao primeiro olhar. Crianças e adolescentes estão encantadas com a tecnologia, diferentes aparatos direcionam para um mundo imagético e sem fronteiras. Morin (2015, p.132) entende que “O tecido da vida é feito de sonhos, como o dos sonhos é feito a vida [...]”. Da mesma forma que necessita de

afetividade, a realidade precisa do imaginário para ganhar consistência. Nosso mundo real é, nesse sentido, semi-imaginário”.

A identidade cultural dos povos amazônicos tem laços inquebráveis com o saber lendário, ele contribui para a formação desse caráter cultural. Dessa forma, a aceitação e identificação desse homem com todos esses valores transmitidos e com o lugar onde vive é mister para a análise. (CAPUCHU, 2009, p.10)

De forma muito audaciosa, mas despretensiosa nestes escritos, tento fazer uma ponte *teletransportando* Naiá<sup>42</sup> de tempos passados (lendário) para o tempo presente. Naiá, talvez, com a chegada da internet e de posse do acesso, atuaria de uma outra maneira, ativamente e atuando nas redes, **se assim quisesse**, como outros de diferentes povos indígenas vêm fazendo, levantando sua voz, mostrando-se para o mundo com ajuda da virtualidade.

Sobre este tema da mulher amazônica protagonista, sabemos que muitos estudos estão sendo desenvolvidos, contudo, há muitas questões a serem desvendadas, e que perpassam por discussões, relacionadas a ideia de gênero, como discorre Torres (2015, p. 19), “[..] é preciso quebrar o silêncio de gênero na floresta amazônica...”.

Dentre alguns achados valiosos sobre esta temática, encontramos a Tese de Adson Bulhões Manoel da Silva (2021) sobre *A alma humana e os sentidos do feminino em Edith Stein: um olhar para a Amazônia*, um trabalho valioso onde o autor visualiza a alma feminina como “um elemento denso de qualidades que estabelecem sintonia com a unicidade e inteireza interconectada com a vida em geral”.

Logicamente, seria pretencioso ao quase término destes escritos, almejar discorrer com profundidade um tema de extrema importância, mas falar de Naiá, representada por uma pessoa que se identifica como mulher, estudante, filha, irmã, Apurinã e brasileira é ir ao encontro da complexidade humana. Para Bachelard (1993) sem uma fenomenologia da imaginação não se pode abrir portas para “o conhecimento da alma”, esta alma se compõe de múltiplos universos. “Nesse sentido, é preciso acionar no interior da alma feminina as forças

---

<sup>42</sup> De origem tupi-guarani, a lenda descreve Naiá como a mais bela de sua tribo.

que emergem ao intelecto e a vontade, ao ânimo e ao contato daquilo que é capaz de motivar e preencher internamente a alma” (SILVA, 2021, p.33).

Preencher a alma é buscar inspiração e, por em devaneio os pensamentos para que a criação possa fluir, a analogia proposta se deu por medida de encontro, pois durante a pesquisa de campo neste trabalho, encontrei Naiá (nome fictício da aluna), moça bonita da tribo Apurinã<sup>43</sup>, moradora da Comunidade São Francisco do Guiribé - Aecu-Ainé fica localizada numa estreita faixa de terra entre o bairro da Correnteza e o rio Miriti, afluente do rio Solimões, três quilômetros do centro da cidade de Manacapuru -Am.

Ela estava inserida na sala de aula de Ensino Fundamental da escola investigada, participou da pesquisa ativamente e, justamente, por estar dentro de um critério de inclusão: Ser participante ativa das redes sociais digitais, contribuiu significativamente para estas reflexões.

É preciso que se diga, que das referências pesquisadas, constatou-se que o povo Apurinã, encontra-se disperso em locais próximos às margens do Rio Purus, sua história é fortemente marcada pela violência, como ponto marcante a de dos dois ciclos da borracha na região amazônica. Permanecem, ainda hoje, lutando por garantia de direitos de suas terras que são recorrentemente invadidas por madeireiros.

Naiá, neste sentido, apresenta-se nas discussões deste capítulo num recorte imaginário-inventivo, todavia composto de uma realidade vívida, cujo intuito foi, artisticamente, contribuir com visões sobre essa realidade dentro do contexto amazônico e que por vezes, passa despercebida. Aqui me refiro, às mudanças ocorridas nos últimos anos, em que a internet se constituiu, trazendo de alguma maneira um ambiente informacional mais amplo para atuação dos povos indígenas, pelos quais, conflitos territoriais e a afirmação das suas especificidades culturais incitam ações comunicativas inovadoras na rede.

---

<sup>43</sup> Apurinã – e, de forma mais antiga, Ipuriná – é uma palavra da língua Jamamadi. A autodenominação do grupo é popūkare (o “u” lido entre o i e o u do português). Alguns textos antigos referem-se à palavra kãkite como auto-denominação. Kãkite significa “gente”, mas, segundo alguns Apurinã, kãkite é usado para gente no sentido de espécie humana (“eu vi gente”, como “eu vi macaco”, “eu vi onça”), mas não no sentido de povo. (índios do Brasil, 2001)

As transformações provocadas pela cibercultura são de grandes dimensões, justamente, porque englobam diferentes povos e, dentre eles, os indígenas, vistos ainda por muitos de forma estereotipada, pertencente à cultura “congelada” ou “atrasada”, tudo o que foge a esta imagem é contraditório e passível de críticas mais adversas. A participação desta população aos processos mais modernos de tecnologia tem trazido discussões acirradas, inclusive, José Ribamar Bessa Freire (2000) questiona dizendo que, isto é um equívoco, não podemos falar de perda cultural e nem mesmo que a cultura nativa é congelada.

(...) o brasileiro pode usar coisas produzidas por outros povos - computador, telefone, televisão, relógio, rádio, aparelho de som, luz elétrica, água encanada - e nem por isso deixa de ser brasileiro. Mas o ‘índio’, se desejar fazer o mesmo, deixa de ser índio? É isso? Quer dizer, nós não concedemos às culturas indígenas aquilo que queremos para a nossa: o direito de entrar em contato com outras culturas e de, como consequência desse contato, mudar? (FREIRE, 2000, p. 12-13).

Estamos sempre em processo de transformação e, dificilmente, conseguiríamos fugir a isso, fazendo parte do tempo presente, onde o universo digital contribui significativamente para essas modificações sociais e culturais. Desta forma, as culturas indígenas na contemporaneidade passam a estar também interconectadas, interligadas, em “redes” (CASTELLS, 2001), criando canais de interação e conseqüentemente, novos ambientes socioculturais, uma vez que, há efeitos irrefreáveis da modernidade que surgem como ameaças, de certo modo, aos saberes e às tradições culturais indígenas.

Pereira (2008) em suas pesquisas sobre os indígenas ressalta que há escassez sobre a história das tecnologias nas aldeias e, isso é revelado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001 e da amostra do Censo Demográfico 2000, ambas levantadas pelo IBGE, pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, identificou a taxa de 3,72% de acesso digital das populações indígenas de um total de 12,46% da população brasileira que dispõe de acesso ao computador e 8,31% de Internet .

Então, com o passar do tempo, muitas culturas indígenas originárias estão sendo modificadas e com influência da cultura dominante, causando conforme Pinto (2010) um fenômeno social chamado *hibridismo*. As técnicas modificam-se, da mesma forma que o agir sobre ela desde os primórdios, há estranhamentos e, para Gambini (2000, p. 1780. “O que

fará amadurecer a identidade brasileira será a capacidade de olhar para sua dimensão inconsciente, que despreza e inferioriza o Outro e seu modo peculiar de ser”.

A hibridização. Seja ela consciente ou inconsciente [...]. A ideia de que encontros culturais levam a algum tipo de mistura cultural e uma posição intermediária entre duas visões do passado que podem ser criticadas como superficiais. Por um lado, há alegação de que uma cultura ou uma tradição cultural pode permanecer "pura". Por outro, temos a afirmativa de que uma única cultura (a francesa no passado, a norte-americana hoje ou a global no futuro) pode conquistar as outras por completo. No grupo dos "partidários do hibridismo" podemos distinguir aqueles que tem uma atitude negativa daqueles que veem esta tendencia mais positivamente. (BURKE, 2010, p.112-113)

Sim, os tempos são outros, o ritmo é acelerado, frenético e, à medida que tudo muda, gera confusão e incerteza, passando a ideia de que estamos perdidos entre “o velho e o novo” tempo. “Enquanto o mundo empírico comporta estabilidade e regularidade, o mundo imaginário prolifera, transgride os limites do espaço e do tempo”. (MORIN, 2012, p.132) “Certamente não e por acidente que a atual era de globalização cultural, as vezes vista mais superficialmente com a "americanização", é também a era das reações nacionalistas ou étnicas [...]”. (BURKE, 2010, p.18)

Há muitas críticas com relação à influência e inserção destas tecnologias e o processo de hibridização dos povos originários, a complexidade do tema, exige de todos os que adentram nesta discussão um olhar acariciado, menos egoísta e pretensioso, pois lançar o olhar sobre os “outros”, sobrepõe estar aberto dialogicamente para o encontro de ideias, um ir além de suas configurações pessoais, fora isso, segundo Gambini (2000, p. 179), “Continuaremos a repetir a derrubada do pau-brasil e a educação dos curumins por espelhamento [...]”.

A informação por meio do contexto de redes segue possibilitando mudanças de estrutura, pois permite a criação de novos conhecimentos e identidades culturais num processo de mutação, advém de fatores subjetivos externos e internos que influem na autoidentificação de indivíduos que, sendo livres, podem se permitir, identificar e sua própria identidade (s), tomando consciência de si e do mundo, ampliando a diversidade cultural.

## 2.2 Naiá encanta-se por Jaci (a lua): o fascínio pelas redes sociais virtuais

Nesta caminhada investigativa, descobri que Naiá,<sup>44</sup> como muitos adolescentes de sua idade, passa horas a fio, de olhos fitados no brilho da tela de seu smartphone que, apesar de não ser muito moderno, possui algumas funções essenciais para fazer suas postagens. Estudou na escola bilingue, na comunidade do Guiribé, somente nas séries iniciais, após isso, teve que se adequar ao ensino regular, que segundo relato, foi muito difícil e ela quase desistiu. Sentiu o peso do olhar diferenciado, o peso que agora faz com que ela não faça questão que alguém saiba que ela é indígena.

O discurso colonialista dentro de diferentes espaços é engendrado com força, quando não, o silenciamento e a invisibilidade são forças contrárias à existência. Bourdieu (2009) busca explicar o processo de identificação por meio do reconhecimento, no qual ele diz que resulta da persistente “busca de sentido”, sem isso, há crise de existência. De acordo com, Carvalho e Lelis (2018, p.17):

As comunidades tradicionais possuem memórias impactantes que lhes permite transcender sem se degradar, bem como interagir com outras comunidades no seu entorno sem afastar-se dos seus significados coletivamente partilhados. Tais significados se apresentam por meio da ambiência, da relação com a natureza.

Notadamente, há certo constrangimento nas falas de Naiá, que relata ter poucos amigos na escola, diz que ‘não sente tanta falta de tê-los, pois sempre tem a impressão de que eles riem dela pelos cantos, mas pode ser coisa da cabeça dela’. Sim, fica a ideia de que a escola não trabalha a diversidade de forma efetiva e, talvez por isso, haja tanto desconforto desta aluna.

Conforme Freire (1982, p.142), “[...] A nossa escola só será válida na medida em que, pensando diferente, respeita o pensamento diferente. Fora disso, é uma invasão a mais, é uma violência sobre a outra cultura”. Há silenciamentos no espaço que por sua natureza

---

<sup>44</sup> Aqui, Naiá é nome fictício adotado pela pesquisadora para identificar um sujeito de sua pesquisa.

deveria ser fortalecido pela pluralidade, pela riqueza da diversidade, no entanto, a indiferença ocupa lugar entristecendo almas carentes de reconhecimento e de afeto.

Figura 9- O fascínio



Fonte: Rodrigo Rosas com adaptação da pesquisadora/2022.

Apesar de ser evidente o avanço nas políticas públicas de atendimento aos povos indígenas, notam-se ainda algumas contradições à realidade desses povos, que acabam saindo de suas escolas indígenas nas comunidades para as escolas “do branco” com currículo definido para uma cultura geral. Muitas literaturas levadas para estudo, trazem em seu bojo, informações distorcidas, onde os indígenas são apresentados como seres primitivos, desprovidos de cultura, cujas representações são negativas pela identificação de animalidade (estamos no século XXI).

A partir do princípio educacional da contextualização, o qual preconiza que todo processo educativo deve ser desenvolvido com base na realidade dos educandos ou de cada povo, fica a inquietação sobre o que mudou da “educação colonial” até aqui, com relação ao respeito e valorização da diferença que estes povos precisam ter para continuar existindo.

Aqui, nos referimos não a institucionalização, mas às questões mais práticas nos sistemas de ensino, como estratégias e métodos adotados na sala de aula, diálogos teóricos, entre outros. Existem caminhos e possibilidade, portanto, “[...] a escola pode ser concebida como um espaço de encontro entre diferentes formas de ser, de pensar e de sentir, de valorizar

e de viver, construídas em um marco de tempo e de espaço que dão pertinência e identidade a indivíduos e grupos sociais [...]”. (KREUTZ, 1999, p. 79)

A escola é um espaço de articulação de saberes, mas neste caso de Naiá especificamente, não há trocas, fala-se sobre os indígenas, conforme manda a “cartilha”, ela própria nunca sequer foi chamada para falar sobre si e seu povo. Ela lê sobre os povos indígenas, mas sua voz é de fato silenciada. De acordo com QUEIROZ (2018, p.2)

A educação escolar entre os povos indígenas, no Brasil, historicamente, foi configurada como representação fundamental à construção de “identidades colonizadas” (GRUZINSK, 2001), infelizmente, este modelo de escola tradicional, assimilado ainda hoje, por muitas comunidades indígenas é o de uma escola homogeneizadora e etnocentrista pautada pela falta de inclusão das culturas diferenciadas.

A construção da identidade não emerge de um centro interior no sujeito, é o que enfatiza Hall (2007). De outra forma, a identidade emerge da tensão entre os discursos da cultura e o desejo, muitas vezes, inconsciente, de responder aos seus significados e identificar-se na indianidade que nada mais é a que consciência étnica, histórica e cultural de um indivíduo ou grupo que está ligado aos povos ameríndios.

Considerando que há uma gama de outros atores sociais que dividem os mesmos espaços urbanos e se correlacionam entre si, numa efetiva busca de lutas e conquistas, esses povos terão que viver compartilhando a mesma cultura. Que ao mesmo tempo em que se homogeneíza a cultura dos outros, fragmenta a sua. O fragmento se dá por meio da aquisição de novos hábitos, absorvidos dos grupos sociais de contato, a diminuição da prática de seus símbolos culturais, costumes, assim como o aprendizado da fala diferente a sua e outro símbolos externos. (SOUZA, 2017, 21)

Em decorrência de processos de escolarização gradativamente conquistados nos últimos anos pelas sociedades indígenas no Brasil, o ensino público vem sendo discutido com mais frequência, estando entre uma das principais pautas de reivindicação do movimento indígena em nível nacional. A própria universidade, institucionalizada como espaço de produção e socialização

do conhecimento acadêmico-científico, torna-se alvo de direito e lugar a ser alcançado e ocupado pelos povos indígenas como sujeitos históricos e epistêmicos.

### 2.3 Naiá deseja ser estrela para brilhar no céu: a corrida por engajamento

Naiá utiliza várias redes sociais, com mais frequência o Instagram, WhatsApp e o Tik Tok onde já ensaiou postar algumas coreografias que estão na moda, mas ainda não teve coragem, apenas se diverte com as postagens de suas colegas. Ela se diz ‘tímida, apesar de achar interessante, ainda não conseguiu postar aquilo que gosta’.

Ao visitar o perfil de Naiá, observamos inúmeras fotos de seu rosto, são as selfies em diferentes ângulos, na verdade, não há fotos de paisagem ou com familiares, apenas selfies com utilização de filtros, dos mais variados. Perguntei o motivo de tantas selfies, ela respondeu que é ‘porque gosta de postar com diferentes filtros e que fica bonita assim, por isso que consegue muitas “curtidas”’.

Para muitos teóricos como Nejm (2016) as exposições de si têm um papel fundamental na busca por autonomia e na ampliação dos relacionamentos interpessoais, principalmente na fase da adolescência, pois os contextos digitais são vastos com conteúdo ilimitado, vale refletir sobre as condições nas quais os adolescentes se apropriam.

Ao mesmo tempo em que as tecnologias de comunicação mais recentes permitem a concepção de novos espaços interacionais, as singularidades das tecnologias digitais precisam ser analisadas diante de pressões culturais e expectativas sociais mais amplas que amparam as práticas de exposição de si dos adolescentes nas variadas plataformas disponíveis na atualidade. (NEJM, 2016, p.34)

As apropriações dos recursos tecnológicos digitais como “mediadores dos relacionamentos, e os contextos digitais como arenas para a exposição” em que crianças e adolescentes como Naiá utilizam para fazerem uma apresentação de si, são um cenário

comum e bem amplo das sociedades contemporâneas, supõe liberdade de escolha dos aspectos de si e que são apresentados e expostos nas interações virtuais.

As escolhas das formas para se expor e se apresentar nas redes virtuais geram ressonâncias sobre como percebem a si mesmos, como talvez gostem de serem vistos, no entanto, sem garantias de como são percebidos pelos outros. “[...]a interação nos contextos digitais parece representar um palco importante para as formações identitárias dos adolescentes”. (NEJM, 2016, p.1).

Em meio a tudo isto, a liberdade para ir e vir, para nos expressarmos, contrasta de certa forma, com as limitações, sentimento de impotência, descrédito, desesperança diante de paradoxos e desafios existenciais. “Em vez de alcançar a prometida redução do número de problemas que perturbam o controle da vida, a crescente sofisticação das técnicas especializadas redundam na multiplicação de problemas.” (BAUMAN, 1999, p. 226)

Algumas celebridades fazem parte de pessoas que Naiá segue, são artistas das mais variadas áreas, cantores, atores famosos de novela e filmes, blogueiros, ex Big Brothers (pessoas que participam de um reality de emissora de Tv), humoristas, entre outros, ligados ao mundo da moda.

Dentre estes perfis, os amigos da escola e alguns perfis de indígenas que trazem várias questões na área artística, que lutam pela preservação ambiental, que postam sobre sua cultura, mas ela não comenta nada a respeito para não criar confusão porque ela “não tem muita paciência para isso”.

#### 2.4 Naiá adoece: o vício

Ela conta que ‘já ficou de castigo por estar até de madrugada no celular e não foi só uma vez, mas o pior de tudo é que o castigo foi justamente, ficar sem o celular e, garante que foi a pior coisa e que não sabe se ver mais sem ele que mais parece um companheiro confiante, pois sempre tem muitas novidades e sua vida é um tédio, não tem graça não acessar a internet’. É um vício assumido sim, e não é só ela, pois na comunidade indígena São

Francisco do Guiribé muitos da sua idade têm celular, principalmente, os meninos que usam para jogar. “O smartphone funciona como um espelho digital [...]. Ele abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual eu me tranco. Por meio do smartphone o outro não fala”. (HAN, 2012, p.45)

Para alguns, ainda parece estranho conciliar a combinação do acesso das tecnologias digitais à luta pela tradição e ancestralidade, mas a internet se transformou em um veículo que tem auxiliado de alguma maneira, no diálogo que incita à resistência, a preservação da natureza, como também o território, o respeito à diversidade, o fortalecimento da cultura e da tradição. “É a resistência que defende o frágil, o perecível, o emergente, o belo, o verdadeiro, a alma. A resistência pode abrir um flano na indiferença”, assim nos diz Torres (2022, p.25) e segue, dialogando com Morin (2000, p.274) “para sorrir e consolar os prantos. Sorrir, rir, fazer piada, brincar, acariciar e abraçar, tudo isso é também resistir. Resistir em primeiro lugar a nós mesmos, à nossa indiferença [...], às vis pulsões e mesquinhas obsessões” (MORIN, 2000, p. 274).

Neste sentido, nas redes encontramos múltiplas personas que se apresentam e dialogam com o mundo, “vendem” suas ideias e transformam vidas. Para Bauman (1999) o contexto apresenta-se em processo de exaustão, de cansaço, de desordem presentes no modelo civilizatório ocidental contemporâneo “[...] representam a manifestação e as possibilidades apresentadas pela ambivalência, que se faz sentir em nosso contexto existencial. Neste sentido, a ambivalência caracteriza-se pela dificuldade que enfrentamos de nomear, ordenar, dar sentido ao mundo”.

## 2.5 Na constelação das águas, Naiá se transforma em estrela: O protagonismo nas redes

Como dito anteriormente, Naiá costuma postar muitas selfies, interessante relembrar que não diferente dos colegas de classe, ela costuma fazer usos dos filtros, os mais variados possíveis. Ao verificar a plataforma do Instagram nos damos conta da infinidade de alternativas que existe para que os usuários façam suas escolhas, dos mais engraçados, aos

mais inventivos na criação de expressões caricatas, além é claro, de outros que modificam a aparência.

Em seu relato, conta que existem, muitos adolescentes ficando milionários nas plataformas como o TIK TOK e Instagram, por exemplo. Eles são muito conhecidos e identificados por terem também milhões de seguidores, no fundo são referências para outros adolescentes que sonham com a possibilidade de serem “estrelas da internet”. Tudo gira em torno do capital, “ficar rico e famoso”, poder comprar o que quiser. Zuboff (2021) faz um alerta de que estamos sendo treinados para sermos consumidores, para atuar em busca de mais capital, os algoritmos direcionam para este caminho.

Desgraçados de nós e daqueles que virão depois se abrimos mão de um futuro humano entregando-o a companhias poderosas e a um capitalismo cruel que deixe de honrar nossas necessidades ou servir aos nossos interesses genuínos [...]. Se a presente geração, ou alguma outra, se dispõe a ser escrava, isso não diminui o direito da geração seguinte de ser livre. (ZUBOFF, 2021, p. 613)

Sobre referências, destacamos que há diversas personalidades que ganharam muitos seguidores por serem ativistas de causas bem importantes, podemos citar como exemplo na questão indígena e, participando ativamente nas redes sociais, Sonia Guajajara, líder indígena e política-ativista, especialista em Educação Especial; Ailton Alves Lacerda Krenak, líder indígena ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro, Wani Tuxá, fisioterapeuta e artesã e ativista ambiental; Wanda Witoto, profissional da saúde e ativista indígena, poderia enumerar milhares de indígenas que já utilizam a internet e por meio das conexões, ocupam seus lugares de fala se posicionando diante das coisas e do mundo.

De acordo com Marina Terena (2015), “É preciso que isso se torne claro para o não índio, para acabar com determinados preconceitos. A tecnologia já está disponível para todas as populações, indígenas ou não indígenas” precisa ser usada para um bem coletivo.

O ativista midiático age motivado pelos seus interesses e do grupo social ao qual pertence na formatação das práticas simbólicas e materiais das culturas tradicionais e modernas para o uso da vida cotidiana. É um narrador da cotidianidade, guardião da

memória e da identidade local, reconhecido como porta-voz do seu grupo social e transita entre as práticas tradicionais e modernas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais (Trigueiro, 2006, p.05).

Alice Pataxó (2022) é comunicadora e ativista indígena, uma jovem de 20 anos, que atua não só nas redes sociais digitais, mas em vários outros meios de comunicação. Em uma entrevista à Rádio CNN ela afirmou que a internet “Traz a possibilidade de entender a luta do outro e as diferentes reivindicações” no contexto das diferentes comunidades e povos. Segue ainda dizendo que os conteúdos indígenas, criados por quem vivência e compartilha a realidade, traz uma sensibilidade “queremos passar para quem nos acompanha, esse entendimento, são realidades distintas que podem ser aproximadas.” As falas de Alice trazem um contexto interessante e atual, ela tornou-se ativista por influência da mãe, que era professora:

As pessoas estão acostumadas com termos – como índios e tribos – que não sugerem quem somos, isso sempre incomodou, mas havia pouco espaço para discussões. Começa a surgir um movimento que a gente se entende enquanto comunidades, tirando estereótipos de povos tribais e trazendo comunidades à frente de tecnologias que agem a favor da própria cultura, sem perder quem nós somos. Falamos de muitas línguas, grupos, que têm suas diferenças e queremos mostrar isso, queremos que o brasileiro conheça quem nós somos. (CNN-20/04/2022)

Miranda (2013) em seu texto sobre Globalização e Modernidade, destaca que os movimentos sociais podem ser caminhos para resistência, para quebra de estereótipos e para posicionamentos necessários diante do mundo, onde emergem em todos os cantos movimentos identitários, que buscam seu reconhecimento por meio de lutas históricas e que por conta do contexto, ganham grande dimensão nos espaços midiáticos:

A atuação de movimentos sociais, como o ecológico e o feminista, dentre outros, demonstram que o caminho passa pela transnacionalização das vozes que foram excluídas dos períodos de sucesso da modernidade e que agora encontram pequenos espaços para a sua manifestação. (MIRANDA, 2013, p. 2)

O uso da tecnologia tem virado motivo para alimentar preconceitos contra muitos indígenas que estão utilizando essas ferramentas, pois há aqueles que acreditam que os que acessam as redes sociais, por exemplo, não são “índios de verdade”. “Índio Blogueiro? Ai, meu Deus, onde este mundo vai parar?” Diz um seguidor no Instagram de Tukumã Pataxó que apenas reflete que não adianta discutir, pois as pessoas não querem aprender, elas preferem perpetuar o ódio

Ser protagonista, creio que essa é a profundidade do Ser. Naiá protagoniza sua história do seu jeito, timidamente, mas já inserida no trato com a tecnologia, ela entende que a internet como um meio de comunicação individual e coletivo de informações, abre espaços para formação em redes infinitas de conhecimentos, alguns conflitantes com as referências anteriores à sua geração que já nasceu tendo que lidar com estes novos tempos, que permanece ainda marcado por estigmas ainda muito arraigados na sociedade.

Isto fica evidenciado nas falas, “Nós, povos indígenas, outrora considerados atrasados, fomos capazes de pensar nossa condição, ‘fagocitar’ as tecnologias do homem branco e revertê-las na luta pelos direitos de os povos indígenas serem culturalmente diferenciados e respeitados” (Shirley Djukurnã Krenak, 2004). Não diferente do tom Tukumã Pataxó (2021), que também utiliza diversas plataformas para interagir e defender seu ponto de vista, colabora no Mídia Índia, uma das maiores redes de comunicação indígena do Brasil. Ele diz:

As pessoas falam que a gente não é indígena por estarmos de roupa. Se estamos caracterizados, as pessoas dizem que é fantasia e falam: ‘você não é índio de verdade porque não está na mata’. Quando saí da aldeia e fui para a cidade, percebi que a gente passa por esse tipo de coisa todos os dias. (Tukumã Pataxó – 02/02/2021)

Logicamente, esta temática demandaria um debruçar profundo na literatura e nos resultados de pesquisas já realizadas e, revisitando o banco de teses e dissertações da Capes, para interesses posteriores, deixamos em registro referencial, o trabalho de Nicodéme de Renesse (2011), *Perspectivas Indígenas sobre a Internet: ensaio regressivo sobre o uso da comunicação em grupos Ameríndios no Brasil*.

O trabalho é resultado de um grande debate promovido com líderes indígenas em um seminário onde foram avaliados os impactos para as novas gerações e no significado para a própria história, a hibridação cultural e seus efeitos. E aí resgatamos, Bauman (2005) sobre a reação liquefeita das identidades, não sólidas como rochas, portanto, bastante “negociáveis e revogáveis”.

Corroborando com o que Hall (2002) vai nos dizer sobre esta constituição de novas identidades forjadas na “interação entre o eu e a sociedade”, cujo núcleo é ainda a essência interior que é o ‘eu real’, mas dialoga continuamente com “os mundos culturais exteriores”. Os campos estão abertos às diversificadas experiências, os indivíduos agem conforme sua consciência, de acordo com o seu mundo que é diferenciado, justamente, por contextos multifacetados e particulares.

São essas particularidades que ajudam a forjar comportamentos, atitudes diante da vida e do mundo, senão vejamos a seguir, imagens dos ativistas indígenas, ocupando espaços de lutas por meio das redes sociais virtuais:

Figura 10 - Perfis nas Redes Sociais de Ativistas Indígenas





Fonte: Pesquisa feita pela pesquisadora no Aplicativo do Instagram/ 04/2022.

Os escritos de Fraxe (2009) sobre *O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade*, nortearam estas reflexões de forma ímpar, justamente porque incitam um chamamento para “dentro de nós”, num processo de introspecção responsável com a formação do nosso povo da Amazônia. E digo mais, a não linearidade dos seres e sua historicidade os permite amplitude e não definição exata,

Não podemos pretender absolutamente que os seres humanos sejam retos, objetivos, exatos e universais em seus atos, ações, escolhas e sentimentos, ainda que o amor (puro sentimento e subjetividade) pareça exato aos olhos do poeta quando se eleva na metáfora de Djavan: “por ser exato o amor não cabe em si”. (TORRES, 2022, p.17)

Pesquisar as redes sociais é um desafio para a sociedade, justamente, quando identificamos o crescimento de seus usuários e do aperfeiçoamento de seus links, dando mobilidade e instigando a curiosidade pela dinâmica e ludicidade. Elas estão infiltradas em todos os segmentos da vida, como o espaço familiar, educacional, social, econômico e político.

## CONSIDERAÇÕES

*Saber e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, é dialogar com a incerteza.*

Edgar Morin

Ao finalizar estes escritos (e nem isso, posto que não é um fim), ser leve e dar asas à imaginação refletida é o que nos resta diante da complexidade da mente e seus devaneios, o partejamento de ideias é muito doloroso, inevitável, mas o resultado do aprimoramento pode se tornar um ápice prazeroso.

Caminhar tendo conhecimento de que tudo o que foi discutido até aqui é suscetível às novas descobertas é, de certo modo, deixar leve a caminhada que, embora tenha propiciado o transpor a outras dimensões, antes infecundas, nos fez protagonistas de exercícios necessários à condução da investigação por diferentes áreas do conhecimento como a antropologia, a filosofia, a psicologia, a sociologia, as artes, a história, entre outras, que de modo entrelaçado, permitiram transcender e dar visibilidade às vivências demarcadas pelo tempo presente em uma realidade tão complexa.

Assumir uma perspectiva interdisciplinar assentada na área de processos socioculturais na Amazônia, sugere, antes de tudo, um diálogo científico aberto com as vastas áreas do conhecimento, portanto, esse transitar nos permitiu construir a Tese imprimindo um alcance coletivo, considerando saberes compartilhados, como diria Pierre Lèvy e Michel Authier (2008) na grande *Árvore do Conhecimento*, cuja essência é revelar as técnicas e os diferentes saberes de cada indivíduo, grupo ou comunidade e, ao mesmo tempo, a identidade múltipla de cada um nesse espaço.

Antes de tudo, entender que nossas vivências em tempos de pandemia da Covid-19, nos tirou do “prumo”, não há como dissociar os resultados alcançados a tudo o que foi vivido e ao modo como a pesquisa foi realizada, cheia de altos e baixos, marcada por incertezas. Embora, grande parte do percurso, tenha sido desenvolvido por meio virtual, como fora proposto inicialmente, foi nítida que a questão comportamental, as falas, os anseios, as

experiências compartilhadas nas redes sociais, sofreram influências diretas e que, como pesquisa com rigor científico, precisou ser registrada para que os dados fossem fidedignos a realidade vivida.

Nos propusemos a identificar interesses e hábitos de navegação na internet, com foco em adolescentes entre a faixa etária de 13 a 17 anos, inseridos em espaços interativos das redes sociais virtuais, relacionando aspectos subjetivos que os predispuham ao uso intensivo nas plataformas. Identificamos que eles estão se relacionando de forma aberta, participando ativamente das plataformas para interação virtual, construindo diferentes tipos de relações consigo e com os outros.

Os celulares fazem parte do contexto sociocultural dos alunos e seus familiares, antes da pandemia, talvez o uso não fosse tão frequente como agora, visto que, a utilização para as aulas *on line* foi uma necessidade, principalmente, no período de isolamento social, (orientado pela Organização mundial de saúde), o que permitiu maior visualização neste campo, identificando que ainda precisamos avançar na questão educacional, principalmente, no acesso a equipamentos, conexão e formação de professores etc.

A escola tem dificuldades em lidar com esta realidade e, por meio de regimento, há proibição da utilização de celulares em sala de aula, talvez, após a pandemia, isto possa ser repensado de alguma maneira. Apesar dos professores utilizarem no dia a dia para diferentes fins como pagamentos de contas, compras pela internet, socialização com amigos e familiares, no que diz respeito às questões pedagógicas, há desconhecimento por grande maioria, de metodologias aplicáveis para efetivação do ensino em sala de aula, atuam com aquelas mais ligadas às orientações básicas de exercícios, o que coaduna para a constatação da falta de formação específica para utilização da internet como ferramenta pedagógica.

A realidade está escancarada, já são quase 25 milhões de crianças e adolescentes acessando a internet, segundo Relatório da União Internacional de Telecomunicações -2021 / Tics-2021. De celular na mão, quem tem acesso, tem diferentes aplicativos e ferramentas à sua disposição para interagir de muitas formas com os amigos virtuais, além de manterem-se informados sobre os acontecimentos diários, propagandas, fake News e outros que podem ser (re) produzidos, armazenados e compartilhados nas redes.

Esses contextos digitais se apresentam como ambientes relacionais híbridos, pois permitem múltiplas interações, simultâneas, que os permite vivenciarem experiências diversas, nas quais papéis são assumidos diante das telas, com “liberdade” e anuência dos pais e ou responsáveis. Os escolares investigados vivem uma vida *off line*, passam madrugadas acessando por meio de jogos virtuais ou plataformas de relacionamento, sendo bombardeados de informações “sem fronteiras”, ou seja, de diferentes cantos do mundo, desterritorializados.

A pesquisa torna-se importante, neste sentido, pois permitiu-nos refletir sobre a geração atual que nasce dentro de um momento histórico de grandes inovações tecnológicas no campo da informação e comunicação, estas abrindo vastos caminhos de influências globais, visto que, o mundo empresarial coaduna para absorção destes mecanismos para desenvolver-se economicamente e o social em muitos lugares, como o Brasil, vai a galope numa ré por conta de políticas ineficientes.

As contradições socioeconômicas são agravantes, pois de um lado alguns muito ricos beneficiam-se da mobilidade do capital, principalmente, com o crescimento do *e-commerce*, de outro lado, outros cada vez mais pobres, habitam as referidas periferias e o campo, sofrendo com a falta de acesso àquilo que lhes é mais básico, fato bem evidenciado na pandemia.

A intensidade com que se deu a pesquisa em dois campos, um na escola e o outro por meio das plataformas virtuais abriram um leque de oportunidades para averiguações e, por meio da Etnografia Virtual, fundamentada por Christine Hine, chegou-se a um princípio de que as interações sociais virtualizadas são indissociáveis dos contextos onde elas ocorrem, embora as realidades sejam paralelas, as escolhas são individuais e, portanto, não diferente, os papéis sociais são definidos de acordo com cada experiência e escolha para viver.

Nesta trilha, em âmbito escolar, conhecer a trajetória dos alunos fazendo um paralelo entre as mudanças na sociedade da informação e comunicação e o delineamento de como essas crianças e adolescentes se colocam diante dessas modificações céleres, do pertencimento, da construção de sua (s) identidade (s) e da resiliência diante dos problemas foi fundamental para compreensão da capacidade de transformação dos sujeitos.

As interações obtidas por meio das redes sociais virtuais exercem um poder direto de influência sobre a vida deles, são interferência poderosas que agem como força que emana

para direcionamentos disciplinares e meticulosamente pensados para atender demandas. Estas questões me levam a entender que estamos a passar por uma espécie de colonização digital, os indivíduos desde a mais tenra idade, já possuem acesso e utilizam com maestria os aplicativos e seus recursos.

Estamos, atualmente a caminho do *metaverso*<sup>45</sup> cuja realidade virtual tende a ser modificada por uma espécie de sofisticação, justamente para que os novos usuários possam sofrer uma espécie de reencantamento por meio de jogos *on-line* e experimentações multimídias que trazem em seu bojo o uso de avatares, que irão propiciar para que a identidade ou identidades se construam sobre personagens. Na verdade, muitos adolescentes privilegiados já avançam neste quesito, pois as experiências já estão sendo disponibilizadas por meio de equipamentos bem avançados.

O espaço virtual permite aos indivíduos a transformação em presenças soltas, fluídas nos jogos *on-line* ou salas de bate-papo, assim, transitam pelo ciberespaço praticamente sem serem notados, sem que haja identificação no site ou de forma marcante assumindo personas. Sendo assim, comportamentos são modificados, o tempo de quem acessa é ampliado no espaço virtual e aquilo que é visto nas redes passa a influenciar nas escolhas pessoais que, por consequência, mudam o coletivo.

A preocupação é sobre o aprisionamento de crianças e adolescentes a estes espaços que, evidentemente, não estão protegidos, sujeitam aos mais variados estímulos, podendo incorporar, inclusive, a cultura do cancelamento nas relações sociais virtuais, ampliando assim, noções de desrespeito e preconceitos, comumente vistos e espalhados em publicações nas redes, deixando aquém a decisão consciente, transformando decisivamente o comportamento, a percepção, o pensamento e, por fim, a vida em conjunto.

Apesar de tantas dificuldades, creio que assumimos nestas reflexões, uma postura responsável e ética, diante de nossos objetivos principais e, assim, conseguimos ao menos, trazer mais indagações para àqueles que ousam aventurar-se pelos caminhos desafiadores da complexidade, tão conversada com Edgar Morin, cujos estudos permitiram compreender que

---

<sup>45</sup> Pode ser definido como uma rede de mundos **virtuais**, que tenta replicar a realidade, com foco na conexão social. O metaverso utiliza as tecnologias de **realidade virtual** e **aumentada** para proporcionar a imersão do usuário. Elas podem ser acessadas por meio de acessórios como óculos e manoplas, que são conectados a computadores ou smartphones. (Época, 04/2022)

as possibilidades têm ponto de partida, mas a chegada também é princípio e, portanto, fecunda.

O desdobramento por diferentes vieses, ultrapassaram barreiras que compuseram os registros e buscaram religar saberes numa abordagem multidisciplinar e multirreferenciada o que permitiu, ou ao menos tentou-se por meio da investigação, romper com paradigmas fechados e simplificados na racionalização exacerbada, na fragmentação do conhecimento e na incompreensão da complexidade dos fenômenos.

Os indivíduos aqui foram pensados como parte de um sistema vivo, interdependente e flexível, entendemos que a racionalidade é maravilhosa, mas excede o espírito humano, portanto dar conta dos estudos, pressupõe autocompreensão, auto ética e autocrítica. Para se aproximar da compreensão do outro, isto por si é desafiador, a identidade humana não pode ser pensada com reducionismos, pois os indivíduos são seres inacabados, e constituídos ao longo de toda sua trajetória de vida.

As cidades na região Amazônica não são só natureza, elas são socialmente produzidas no tempo e no espaço, são realidades concretas, produzidas por relações sociais determinadas historicamente por gente que faz e se refaz a cada instante vivido, nos lugares próximos e nos mais longínquos destes beiradões onde os rios são ruas e interligam a cidade e a florestas, forjando sua gente que segue seu ritmo à luz do seu tempo, se adaptando, acomodando ou se inconformado com as coisas do mundo.

Os fios que nos tecem, estão soltos, experimentamos na maior parte do tempo, uma identidade ambivalente e, isto é genuíno, assim como os conflitos a que somos submetidos diariamente com os outros e conosco também o são. Essa é a riqueza de ser humano e de querer ser e de poder ser, dentro de um universo que se constitui e nos constitui continuamente, do nascimento até a morte. Morte? Afinal o que vem após a morte, bem esta é mais outra questão que fica para os inquietos, os transgressores, os que com ética sabem que o “mal é o desastre, o horror da condição humana”, sabendo isto, e por essa premissa que esta pesquisa se enveredou por um diálogo fecundo, cujo maior desafio foi fazer “ciência com consciência”.

## BIBLIOGRAFIA

- ACHKAR, Azor El. **A cultura do simulacro na sociedade do espetáculo e os novos mecanismos de simulação espetacular**. São Paulo-SP: Anais do XVIII Congresso Nacional do CONPEDI, 2009.
- AGAMBEM, Giórgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009.
- ALLCOTT, H., & Gentzkow, M. (2017). **Social media and fake news in the election** (No. w23089). National Bureau of Economic Research.2016.
- ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2ª edição – Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.
- ANDERSON, W. T. **O futuro do eu: um estudo da sociedade da pós-identidade**. São Paulo: Cultrix. 2002.
- ANTUNES, Celso. **Educar em um mundo interconectado**: um livro para pais e professores. Petrópolis- RJ: Vozes, 2016.
- ARAÚJO, Gilvan, C. C.; JUNIOR, Dante, F. C. R. **As representações simbólicas**: A pulsão imagética e sígnica na produção dos sentidos no espaço. *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia*, v.3, n.9, p. 93-106, abr. 2012.
- ARROYO, Danilo Wohnrath. **A criação de perfil falso nas redes sociais Facebook e Twitter**: motivações e tipos. Universidade de Santa Catarina – UFSCAR-Araranguá, 2019.
- BAIRON, S. (Orgs.). **Antropologia Visual e Hipermídia**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- \_\_\_\_\_. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.
- \_\_\_\_\_, **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- \_\_\_\_\_. **Identidade:** Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- \_\_\_\_\_. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.8, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada:** vidas contadas e histórias vividas / Zygmund Bauman; tradução José Gradei. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- \_\_\_\_\_. **Sobre educação e juventude:** conversas com Ricardo Mazzeo; tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** ed. 12. São Paulo: Papirus, 2005. p.67-132.
- BELLONI, M. L. **Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização.** *Perspectiva*, 25(1), 41-58.2007.
- BENETTI, Georgia Maria Ferro. **Discursos sobre menstruação em Comunidades do orkut:** gênero, corpos e materialidades no ciberespaço. 2010. 225f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- BOELLSTORFF, Tom. **Maioridade na Second Life:** um antropólogo explora o que é virtualmente humano. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2008.
- BOYD, D. **Why youth (heart) social network sites:** The role of networked publics in teenage social life. In: D. 2008.
- BRAGA, Adriana. **Etnografia segundo Christine Hine:** abordagem naturalista para ambientes digitais. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós*, Brasília, v.15, n.3, set./dez. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Técnica etnográfica aplicada à comunicação online:** uma discussão metodológica. *UNirevista*, Vol. 1, nº 3: (julho 2006). Disponível em [http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev\\_Braga.PDF](http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Braga.PDF). Acessado em Julho/2011.
- \_\_\_\_\_. **Netnografia:** compreendendo o sujeito nas redes sociais. In A. M. Nicolacida-Costa, & D. Romão-Dias (Orgs.), *Qualidade faz diferença: métodos qualitativos para a pesquisa em psicologia e áreas afins.* Rio de Janeiro, Edições Loyola, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa de saúde do adolescente:** bases programáticas (Prosad). 2ª ed. Brasília, 1996, p.32.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Cadernos de Atenção Básica:** Obesidade. Ministério da Saúde. 2006:110. Brasil.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Alimentação e Nutrição. 2005:48.

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. ONU – 1990a.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: CBIA, 1990b.

BRASIL. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

BRITO, G. S; PURIFICAÇÃO, I. **Educação e novas tecnologias: um repensar**. Curitiba: IBPEX, 2006.

BRUNO, Fernanda. **Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 19, n. 3, pp. 681-704, setembro/dezembro, 2012.

BRUNING, Camila. **O papel da gestão de pessoas na estratégia**: Um estudo de caso em uma empresa do setor automotivo do Paraná. Recape - Revista de Carreiras e Pessoas São Paulo. Volume V - Número 01 - Jan/Fev/Mar/Abr 2015.

BUCKINGHAM, D. **Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 35, n. 3, 2010.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo – RS: Editora Unisinos, 2010.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

Canclini, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. (4ª ed) São Paulo: Edusp, 2006.

CAPUCHU, Kaliny Magalhães. **Lendas Amazônicas: os vários prismas**. Relatório de Iniciação Científica/ PIB-SA/0021/2008. Universidade Federal do Amazonas – Manaus, 2009.

CAMPANELLA, Bruno. **Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios**. V.9 - Nº 2 jul./dez. 2015 São Paulo - Brasil CHRISTINE HINE p. 167-173

CARVALHO, Edgar Assis de. **Universidade e regeneração planetária**. São Paulo: PUCSP, agosto, 2004.

\_\_\_\_\_, E. A. **Saberes complexos e educação transdisciplinar**. Curitiba: Editora UFPR. n. 32, p. 17-27, 2008.

CARVALHO, Virgínia. **Interacionismo simbólico**: origens, pressupostos e contribuições aos estudos organizacionais. IV Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. Florianópolis-SC, 2010.

\_\_\_\_\_. **Interacionismo Simbólico**: origens, pressupostos e contribuições aos estudos organizacionais. Administração: Ensino e Pesquisa. Rio de Janeiro. v. 12, n. 4, p. 583-607. Out/Nov/Dez 2011.

CARVALHO, Fábria R.; LELIS, Acácia G. Santos. **Conhecimento tradicional**: saberes que transcendem o conhecimento científico. PUC- Paraná, 2018.

CEREJA, Willyam; COCHAR. **Português/Linguagens –9º ano**. Didáticos - Ensino Fundamental - 6º Ao 9º Ano - Português, Redação e Literatura. Editora Saraiva -SP, 2014.

CENATTI, Márcio José Homem – **Ser de Transcendência**. Editora Ixtlan. - São Paulo – 2013.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2). CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros** - TIC Domicílios 2019.

CASTELLS, M.; TUBELLA, I. Prólogo. In: DUART, J. et al. **La universidad en la sociedad red**: usos de internet en la educación superior. Barcelona: Ariel, 2008.

CASTRO, Fábio. **Sistemas de comunicação na Amazônia**. In: Revista Fronteiras- estudos midiáticos. São Leopoldo: Unisinos. Vol. 14, Nº 3, p. 179-191, 2012.

CIRIBELLI, j. P & Paiva, V. H. P. **Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado**. Revista Mediação, Belo Horizonte, v. 13, jan/jun 2011.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COSTA, Sandra de M. B.; MACHADO, Mônica, T. C. **O corpo e a imagem corporal em adolescentes**: perspectivas a partir do cuidado integral à saúde. Revista Oficial do Núcleo de Estudos de Saúde Adolescente. Vol.11 nº 2. UERJ - Abr/Jun- 2014.

DIAS, Vanina Costa. **Morando na rede**: novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais. Tese de Doutorado Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Belo Horizonte, 2015. 235 f. : il.

DINIZ, L. A. G. **Cibercultura, hipertexto e cidade**: a literatura e as artes no contexto das tecnologias digitais. São José do Rio Preto: [s.n.], 2008.

\_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sobre educação e juventude**: conversas com Ricardo Mazzeo; tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DONNA, Camila Uliana. **As redes sociais digitais no cotidiano das pessoas**: um estudo sobre a interpretação dos símbolos organizacionais. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

DYSON, Freeman. **O cientista como rebelde**, in *Revista Serrote*, nº3/ Instituto Moreira Sales-. São Paulo-SP. Julho, 2020.

DOWBOR, Ladislau. **O horizonte digital da Pedagogia do Oprimido**. Revista Digital Jacobin Brasil, 2021.

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. Editora: Instituto Jean Piaget, 1984.

\_\_\_\_\_. **Como se faz uma Tese em Ciências Sociais**. 13ª edição, Lisboa,

EISENSTEIN, Evelyn. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. Adolescência & Saúde. Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA), Centro de Estudos Integrados da Infância, Adolescência e Saúde (CEIIAS)-UERJ – RJ. Vol. 2/ junho 2005.

ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios**; 1: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ENNES, M. A. **Interacionismo simbólico**: contribuições para se pensar os processos identitários. Perspectivas, São Paulo, v.43, p.63-81, jan./jun. 2013.

FERNANDES, Elizabeth Cordeiro. **Saúde do Adolescente e do Jovem**: crescimento e desenvolvimento físico, desenvolvimento psicossocial, imunizações e violência. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2015.

FONTES, S. Rejane. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro - Mai /Jun /Jul /Ago 2005 Nº 29.

FRAXE, T. J. P. **O ser da Amazônia**: identidade e invisibilidade. Ciência Cultura, vol.61, nº 3 São Paulo, 2009.

FRIEDMANN, A. **O brincar na educação infantil**: Observação, adequação e inclusão. São Paulo, Ed. Moderna 2012.

- GAMBINI, Roberto. **Espelho índio: a formação da alma brasileira**. Coordenação Mary Lou Paris, Caio Kugelmás. - São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas Rio de Janeiro**: Guanabara Koogan, 1989.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas 1999.
- GODOI, Wolmer. **Rastros digitais: o que a internet sabe sobre você pode deixar marcas eternas**. <https://canaltech.com.br/seguranca/rastros-digitais-o-que-a-internet-sabe-sobre-voce-pode-deixar-marcas-eternas-104650/> Acessado: Jun-2021.
- GODOY, J.Diego. **O drama dos apps de espionagem digital que colocam o violador dentro do seu celular**. <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-03-09/o-drama-dos-apps-de-espionagem-digital-que-colocam-o-violador-dentro-do-seu-celular/> Acesso: Fev – 2022.
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana** – Petrópolis, Vozes: 2011.
- \_\_\_\_\_, Erving. **Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução Fabio R. Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOMES, R.R. Vinícius; CANIATO, Ângela. **Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos do (des)investimento no virtual**. Contextos Clínicos. vol.9 no.1 São Leopoldo - jun. 2016.
- GLETE, Gabriela. **Novas ilustrações do artista Pawel Kuczynski botam o dedo nas feridas da sociedade atual**. <https://www.hypeness.com.br/colecoes/> Acesso: 31/05/2021.
- HALL, S. (2001). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Loyola, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências - A questão da técnica**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Ed. Vozes, Petrópolis: 2001
- HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: SAGE - Publications, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Etnografia virtual**. Barcelona, Editorial UOC, 2004.
- HOLANDA, Yomarley Lopes. **O artista andarilho da Amazônia e o florescer de sua práxis poieses na festa popular**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazonia. Universidade Federal do Amazonas/UFAM, Manaus-Am, 2019.
- HUMOOD, A.; ALTOOQ, N.; ALTAMIMI, A.; ALMOOSAWI, H.; ALZA FI RI, M.; BRAGAZZI, N. L.; HUSNI, M. & JAHRAMI, H. **The Prevalence of Nomophobia by Population and by Ferramenta de pesquisa: uma revisão sistemática, meta-análise e metaregressão**. Psych. 3, 249–258. 2021.

- JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Atica, 2000.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Papirus Editora, 2014.
- KOZINETS, R. **On Netnography: Inicial Refletions on Costumer Research Investigatios of Cyberculture**. (1997). Disponível em: <http://research.bus.wisc.edu/rkozinets/printouts/kozinetsOnNetnography.pdf>
- LANIER, Jaron. **Dez rrgumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Tradução: Bruno Casotti. Intrínseca, Rio de Janeiro, 2018.
- LAUFER, Moscs. "**Psychopathologie de l'adolcscent**", **Adolescence**, vol. 1, n. 1. Paris, 1983.
- LEMOES, André; Cunha, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época**. In: \_\_\_\_.; CUNHA, P. (Org.) **Olhares sobre a cibercultura**. Sulina: Porto Alegre, 2003.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: ed.34, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O que é virtual?** São Paulo: Ed.34, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: ed.34, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- LIBÂNEO, J. C. (2006). **Adeus professor, adeus professora? - novas exigências educacionais e profissão docente**. 9 ed. São Paulo: Cortez.
- LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (Orgs.). **Educação à distância: o estado da arte**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009.
- MAFESSOLI, Michel. **Jeux de masques: postmodern tribalism**. Design Issue, vol VII (1-2), Special Issue, 1988.
- MAHEIRIE, Katia. **Constituição do sujeito, Subjetividade e identidade**. Interações. Vol VII. Nº13, PUC-São Paulo, 2002.
- MANNONI, M. **A criança, sua doença e os outros**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. Tradução de A. C. Vilaça, 1984.
- MARIN, Ericsson Santana. **Redes sociais: geração, visualização e buscas que maximizam a probabilidade de influência entre indivíduos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás - Instituto de Informática, 2013.

- MARTINS, Renata Soares. **Entre curtidas no Instagram: a exposição de crianças nas redes sociais e suas possíveis consequências ao desenvolvimento infantil**, 2019.
- MARTINS, Carlos B. **A contemporaneidade de Erving Goffman no contexto das ciências sociais** Michael Hvíid JACOBSEN (org). The contemporary Goffman. Londres, Routledge, Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 26 N° 77, 2010.
- MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco (1984). **A árvore do conhecimento - As bases biológicas do conhecimento humano**. Campinas: Ed. Psy, 1995. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2004.
- MEDEIROS, Rosana Fachel de **Os adolescentes e os aparelhos celulares: visualidades contemporâneas**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2018.
- MINAYO, M. C. S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciênc. saúde coletiva vol.17 no.3 Rio de Janeiro Mar. 2012.
- MIRANDA, S. In. MARTINS, B. Laís. **Como a ‘cultura do cancelamento’ se manifesta entre as crianças**. Portal Lunetas – São Paulo, 2021.
- MIRANDA, Sandro Ari Andrade de. **Globalização e modernidade: uma aventura no espaço e no tempo**. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 18, n. 3764, 21 out. 2013. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/25557>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- MITSUISHI, Y. Entre graphos e ethos: uma abordagem crítica a etnografia virtual. In: RIBEIRO, J.; BAIRON, S. (Orgs.). **Antropologia Visual e Hiperfídia**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.
- MORESCO, Marcielly; RIBEIRO, Regiane. **O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico**. Revista Interamericana Midiática. ISSN 2175- 4977- V.14, n.27, 2015. 168-183.
- MONDARDO, Leandro Marcos **Identidades territoriais e globalização: a relação entre espaço, política e cultura no processo de des-reterritorialização**. ISSN 1981-9021 - Geo UERJ - Ano 11, v.2, n.19, 1º semestre de 2009. P. 111-137.
- MONET, Nadja. **Flanâncias femininas e etnografia**. Redobra, Salvador, vol 11 (23). P. 218-234). Disponível em: [http://www.redobra.ufba.br/wpcontent/uploads/2013/06/redobra11\\_23.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wpcontent/uploads/2013/06/redobra11_23.pdf). Acesso: 07/06/2021.

- MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papirus, 2007.
- MORIN, Edgar. **Sociologia.** Tradução de Jaime Tortella. Madri: Tecnos, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento / Edgar Morin;** tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana.** São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O método 5: a humanidade da humanidade.** Trad. Juremir Machado de Assis. 5ª edição – Porto Alegre, 2015.
- \_\_\_\_\_. **O método 6: ética.** Tradução Juremir Machado da Silva. 4 ed.-Porto Alegre: Sulina,2011.
- \_\_\_\_\_. **É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus.** Col. Sabah Abquessalam. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- \_\_\_\_\_. **Meus demônios.** Tradução Leneide Duarte e Clarisse Meireles. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- NEJM, Rodrigo. **“Exposição de si e gerenciamento da privacidade de adolescentes nos contextos digitais.** Tese de Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia, 2016.
- NETO, Antônio Pedro da Silva, TAVARES, Kecya Nayane Lucena Brasil. **Identidade dos adolescentes e as redes sociais.** Revista Interdisciplinar Encontro Das Ciências V.2, N.3. 2019.
- NEWCOMBE N. **Desenvolvimento infantil.** Abordagem de Mussen. Artmed, São Paulo, 1999.
- NOGUEIRA, Wilson. **Festas amazônicas: boi-bumbá, ciranda e sairé.** Manaus: Valer, 2008.
- NUEMBERG, D. & GONÇALVES, B. G. **A dependência dos adolescentes ao mundo virtual.** Revista de Ciências Humanas, (2012). 46(1), 165-182.
- OOKITA, S. Y. & TOKUDA, H. (2001) **A virtual therapeutic environment with user projective agents.** Cyberpsychology & Behavior. 4, (1), 155-167, 2001.
- OLIVEIRA, Fernando. **A mídia, o campo, a ordem e o discurso: molduras do poder simbólico.** V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, 2009.
- OLIVO, Luis Carlos Cancellier de. **Reglobalização do Estado e da sociedade em rede na era do acesso.** – Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004.

- PAIVA, Geraldo José de. **Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea**. PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 1, pp. 77-84, jan./abr. 2007.
- PARISER, Eliser. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você?** Tradução: Diego Alfaro. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2012.
- PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Trad. Louis Lafuma. São Paulo: Martins. Fontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.
- \_\_\_\_\_, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- PEIXOTO, J. Tecnologia e mediação pedagógica: perspectivas investigativas. In: ASSAR, M. C. M.; SILVA, F. de C. T. (Org.). **Educação e pesquisa no Centro-Oeste: políticas públicas e formação humana**. 1ed. Campo Grande: UFMS, 2012, vol. 1, p. 283- 294.
- PETRAGLIA, I. C. Edgar Morin: **A educação e a complexidade do ser e do saber**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PILZ, Laercio. **Complexidade e pensamento vivo**. IHU On-Line, Edição 402, 2012.
- PIMENTEL, Luiz Otávio. **Direito industrial: as funções do direito de patentes**. Porto Alegre: Síntese, 1999.
- PINHEIRO, Harald (Org.). Educação, interculturalidade e saberes locais na Amazônia. In. **Educação e diversidade cultural** [livro eletrônico]: desafios amazônicos /Organizador Harald Sá Peixoto Pinheiro. – Tutóia, MA: Diálogos, 2021.
- POOLI, J.P. **Tecnologização e os novos processos de socialização dos Jovens na contemporaneidade**. XXVII Congreso de la Asociación Latino-americana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latino-americana de Sociologia, Buenos Aires, 2009.
- POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- ROBERT Schlesinger (14 de abril de 2017). «**Fake News in Reality**» (em inglês). U.S. News & World Report. Consultado em 25 de abril de 2021)
- RECUERO, Raquel. **Rede Social da internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano** Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 22 - dezembro 2003.
- SANTOS, G.L. (set.2008). **Tecnologia ao alcance de todos**. Revista Nova Escola, São Paulo, n. 195. / SOUZA, Renata Beduschi. (2014, novembro). Redes sociais e educação.

- SANTOS, Boaventura de Souza. **Reinventar a Democracia**: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In HELLER, Agnes (org.). *A Crise de Paradigmas em Ciências Sociais e os Desafios para o Século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999, pág. 33-75;
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 9.ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SERRES, Michel. **Polegarzinha** – Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. Instituto Moreira Salles, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SILVA, D. N. **Educação no Amazonas em Tempos de Pandemia**: Experiências, Tendências e Desafios. Recife: Even3 Publicações, 2021. DOI 10.29327/533795
- SILVA, Júlio Claudio da; TORRES, Iraildes Caldas; ROCHA, João Marinho da. (Orgs.) **Trabalho, cultura e poder: olhares interdisciplinares**. Manaus (AM): Editora UEA, 2022.
- SILVA, Adson Manoel Bulhões da. **A alma humana e os sentidos do feminino em Edith Stein: um olhar para a Amazônia**. Tese de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazonia - Universidade Federal do Amazonas, 2021.
- SOUZA, Márcio Vieira de. **Redes informatizadas de comunicação**: a teia da rede internacional DPH [livro eletrônico] / Márcio Vieira de Souza. – 2. ed. -- São Paulo: Blucher, 2016. 232 p.
- SOUZA, Pedro Herculano Guimarães Ferreira de. **A desigualdade vista do topo**: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013. 2016. 377 f., il. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- SCHNEIER, Bruce. **Data e Golias**: As batalhas ocultas para coletar seus dados e controlar seu mundo. W. W. Norton & Company. Nova York, 2015.
- SCHOEN, H. F. Teresa; FARIAS A. Maria; SILVARES, M. F. Edwiges. **A construção da identidade em adolescentes**: um estudo exploratório 1. Estudos de Psicologia. Universidade de São Paulo -USP. 8(1), 107-115, 2003.
- TANNER JM. **Growth at Adolescence**. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1962.
- TEDESCO, J. C. (Org.) **Educação e novas tecnologias**. Tradução de Cláudia Berliner, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2004.
- TOLLE, Eckhart. **O despertar de uma nova consciência**. Tradução Henrique Monteiro. Rio de Janeiro. Editora SEXTANTE, 2007.

TORRES, Iraíldes Caldas. O contemporâneo e os novos coletivos de mulheres. In: **Ser Social: Desigualdade, mundialização e políticas sociais contemporâneas**. Brasília, v. 22, n. 47, julho a dezembro de 2020.

TRIGUEIRO, O. M. **O ativista midiático da rede folkcomunicacional**. Ponta Grossa/PR, 2006.

VALENTE, José Armando. **O Professor no ambiente Logo: formatação e atuação** / Jose Armando, Valente organizador – Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1996.

VENTURA, Luís Henrique. **Comércio e Contratos Eletrônicos: Aspectos Jurídicos**. São Paulo: Editora Edipro, 2010.

VERASZTO, E. V. **Tecnologia e sociedade: relações de casualidade entre concepções e atitudes de graduandos do Estado de São Paulo**. 2009. 284 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Intrínseca Ltda. Edição digital, 2021.

#### **Acessos e Endereços Eletrônicos**

<https://www.agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso: Nov/2020.

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/ativismo-indigena-nas-redes-sociais-aproxima-realidades-distintas-diz-comunicadora/> Acesso: Abr/2022.

<https://hospitalsantamonica.com.br/filtros-do-instagram/>. Acesso: Jun/2021.

<https://www.correiocidadania.com.br/colunistas/frei-betto/9144-06-12-2013-meu-celular-minha-vida>. Acesso: Nov/2020.

<https://www.fronteiras.com/entrevistas/carlo-rovelli-e-preciso-ser-rebelde-para-se-ser-um-cientista-criativo>. Acesso: Nov/2020

<https://www.hypeness.com.br/2020/03/novas-ilustracoes-do-artista-pawel-kuczynski-botam-o-dedo-nas-feridas-da-sociedade-atual>. Acesso: Fev/2021

<https://laparola.com.br/a-critica-social-sarcastica-de-pawel-kuczynski> Acesso: nov/2021

<http://www.pawelkuczynski.com/> Acesso: Out/ 2022.

<https://www.unicef.org/brazil/media/2061/file/Bem-estar-e-privacoes-multiplas-na-infancia-e-na-adolescencia-no-Brasil.pdf>. Acesso: Mai/2021.

<https://marketingpordados.com/categoria/analise-de-dados/> Acesso: Jun/2021.

<https://www.migalhas.com.br/depeso/315065/o-surgimento-do-termo-fake-news-nas-eleicoes-brasileiras--comparando-a-campanha-de-2016-e-2018--e-o-que-esperar-para-a-campanha-de-2020>. Acesso: Out/2021.

<https://revistaensinosuperior.com.br/edgar-morin-e-o-pensamento-complexo/>Acesso: mar/2022.

[https://porvir.org/estudos-mostram-impacto-da-pandemia-na-educacao-e-no-mercado-de-trabalho-da-juventude-brasileira/?utm\\_campaign=cedaps\\_-\\_pesquisa\\_-\\_prof\\_escola\\_publica&utm\\_medium=email&utm\\_source=RD+Station](https://porvir.org/estudos-mostram-impacto-da-pandemia-na-educacao-e-no-mercado-de-trabalho-da-juventude-brasileira/?utm_campaign=cedaps_-_pesquisa_-_prof_escola_publica&utm_medium=email&utm_source=RD+Station). Acesso: Jun/2022.

**ANEXOS**

## Anexo 1 – Termo de anuência da Instituição de Ensino



Governo do Estado do Amazonas  
Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino  
Coordenadoria Regional de Ensino de Manacapuru



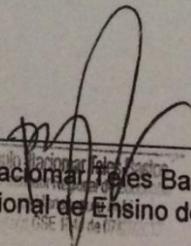
**SEDUC**  
Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino

---

**TERMO DE ANUÊNCIA**

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "Redes Sociais Virtuais: uso, potencialidades e fragilidades na construção subjetiva identitária de adolescentes", sob a coordenação e a responsabilidade da Prof<sup>a</sup> Joristela de Souza Queiroz, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas, o qual terá o apoio desta Instituição.

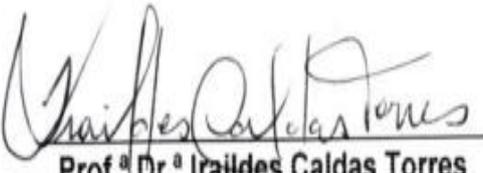
Manacapuru, 29 de novembro de 2018.



---

Paulo Itacomar Sales Bastos  
Coordenador Regional de Ensino de Manacapuru

## Anexo 2 - Folha de Rosto Plataforma Brasil

5. Nome: JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ			
6. CPF: 346.144.002-72		7. Endereço (Rua, n.º): BENJAMIM ROBERTO 1064/1606 SAO JOSE MANACAPURU AMAZONAS 69400731	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 92994202305	10. Outro Telefone:
		11. Email: joris70@icloud.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>13</u> / <u>12</u> / <u>2018</u>		 Assinatura	
<b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>			
12. Nome: Universidade Federal do Amazonas - UFAM		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
15. Telefone: (92) 3305-4581		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iraíldes Caldas Torres</u>		CPF: <u>230.481.312-72</u>	
Cargo/Função: <u>Coordenadora do PPGSCA</u>		 Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Iraíldes Caldas Torres Coordenadora do PPGSCA	
Data: <u>13</u> / <u>12</u> / <u>2018</u>			
<b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>			
Não se aplica.			

### Anexo 3 – Termo de Compromisso da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO



PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO E, SOCIEDADE E PESQUISA NA AMAZÔNIA

#### TERMO DE RESPONSABILIDADE E COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, **JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ**, pesquisadora responsável pelo projeto “Redes Sociais Virtuais: uso, potencialidades e fragilidades na construção subjetiva identitária de adolescentes escolares” declaro estar ciente e que cumprirei com os termos da Resolução 196 de 09/10/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde e declaro assumir o compromisso de zelar pela privacidade e sigilo das informações, bem como pelos quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

Sendo assim, tornar os resultados desta pesquisa públicos, sejam eles favoráveis ou não, e comunicar ao CEP – UFAM e a Secretaria de Estado da Saúde do Estado do Amazonas sobre qualquer alteração no projeto de pesquisa, ou através de comunicação protocolada, que me forem solicitadas.

Manaus, 20 de dezembro de 2018.

Assinatura do Pesquisador

## Anexo 4 – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** REDES SOCIAIS VIRTUAIS: USO, POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES NA CONSTRUÇÃO SUBJETIVA IDENTITÁRIA DE ADOLESCENTES ESCOLARES

**Pesquisador:** JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 07204918.0.0000.5020

**Instituição Proponente:** PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.364.486

Ausência				
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Pais_participantes_MODIFICAD O_parecer3278629.docx	20/05/2019 10:51:33	JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PROFESSORES_MODIFICADO _parecer3278629.docx	20/05/2019 10:51:16	JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento_menor_parece r3278629.doc	20/05/2019 10:50:59	JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_pesquisa_modificado_parecer32 78629.docx	20/05/2019 10:44:16	JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ	Aceito
Outros	carta_resposta_pendencias_parecer327 8629.docx	20/05/2019 10:40:28	JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ	Aceito
Outros	Curriculo_orientadora.doc	09/03/2019 18:12:24	JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_instituicao.jpg	26/12/2018 17:45:12	JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ	Aceito
Cronograma	Cronograma_Detalhado.docx	26/12/2018 17:24:19	JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ	Aceito

Continuação do Parecer: 3.364.486

Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	26/12/2018 17:02:20	JORISTELA DE SOUZA QUEIROZ	Aceito
----------------	--------------------	---------------------	----------------------------	--------

#### Situação do Parecer:

Aprovado

#### Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 03 de Junho de 2019